

Este arquivo, criado em 30 de outubro de 2007 contém os capítulos do livro O amor está no quarto ao lado, disponível no endereço www.noquartoalado.blogspot.com e é de autoria minha, Eliane de Mendonça Boquimpani, resguardado sob o pseudônimo Li Mendi.

Acesse: WWW.baixedetudo.net

Cap 1: Juramento de sangue (Ruan)

Jeni era a flor que nunca tive em casa, porque flores precisam ser amadas. Elas murcham sem explicação e necessitam de água em uma precisão saudável. Eu era tudo, menos preparado para ter uma flor. Ela, no entanto, me apareceu como uma encomenda dada por um entregador que não quer muito assunto, estende a mão e oferece o embrulho.

Ela tinha um jeito desde menina de me atear fogo aos olhos, quando eu os punha sobre as ondas de seu corpo protuberante, fruta carnuda que balança faceira no pé, prontinha para cair, mas de maldade não cai. E quem terá coragem de enfrentar a altura da árvore para roubá-la. Eu não podia, Jeni era um anjo e eu não queria ser remetido ao abismo por tê-la feito qualquer mal, por isso a coloquei em uma redoma de vidro, afastada das obsessões de meu coração. Talvez esse tenha sido meu erro, a fiz deusa e a amei com volúpia humana.

De um homem de trinta e poucos se espera menos que um casamento, um filho, uma casa, um carro. Mas quando conheci Jeni, quis virar-me de costas para o futuro, andar para frente do meu passado e só parar naquele ponto em que não seria pecado amá-la. Quem sabe roubar-lhe um beijo de seus lábios de pitanga e não ter medo de tal idéia. Quem sabe tocar em sua mão e levá-la pela minha. Quem sabe mais nada, devo guardar essas cenas repetidas em alguma parte bem escura dentro de mim.

Ela era Jeni, com toda ênfase no “ni”, quando eu gritava para que largasse o computador e viesse comer. Ou Jeni, com maior prolongação no “Je”, quando eu sentia que estava fazendo coisa errada. A pronúncia certa se encontrava fora do português (“Djeni”), como era fora do normal essas esquisitices de minha cabeça de estudá-la com primor de um matemático e não ter o que fazer com as fórmulas. Eu queria a matéria, fora dos planos, palpável, geometria espacial.

Eu dizia-lhe qualquer observação sobre a cor de leite de sua pele e ela não pensava duas vezes em me despertar a surpresa, quando aparecia tostada de sol. Só para me irritar, talvez. Eu apenas acompanhava suas transformações no rabo de olho, no canto, na brecha, na fresta imperceptível que abrem os bons observadores.

Eu pedia-lhe para abaixar o som, pois precisava ler e ela me explicava que sua música eletrônica não poderia ser ouvida na altura que eu queria, pois precisava vibrar em seu corpo. Eu corria dela, não querendo mais qualquer detalhe sobre aquilo, pois era no meu corpo que começavam os efeitos da imaginação de suas pernas e braços oscilando no espaço. Que ouvisse, então, como preferisse, eu podia me espichar na rede da varanda e ler ao ar livre, era muito mais seguro nós assim, àquela distância.

Mas para entenderem o meu grau de loucura por essa menina, que esperei crescer mulher pacientemente, como único público do desabrochar de cada sépala, preciso voltar no dia em que me deram-na por confiança.

_ Capitão, Capitão! _ ouvi à minha porta a voz desesperada do soldado. Assutei-me, naqueles últimos dias de calma, ouvir um sinal de pânico era preocupante.

_ Que houve? _ perguntei.

_ O sargento Souza! Ele levou um tiro.

_ O quê? _ não acreditei no que estava ouvindo.

Corremos até o pátio e encontrei o sargento ensangüentado no chão. No caminho, o soldado me explicara que fora um acidente que fizera a arma de um dos homens disparar. Algum inexperiente provocara aquela falha e isso me trouxe uma raiva que precisei conter, pois o mais importante agora era salvar aquela vida.

_Capitão, eu tenho uma filha. _ disse o sargento, se agarrando a minha mão e me sujando de sangue.

_Eu sei... Calma que...

_Capitão, eu tenho uma filha.

_Chamem um médico, rápido! _ ordenei.

_Capitão, a minha filha... _ ele repetiu aquilo pela terceira vez e eu olhei nos seus olhos e vi que não daria tempo do médico chegar. _ Ela é a coisa mais importante do mundo. Cuida dela.

..._ eu não tinha o que falar, só ouvir.

_Eu preciso morrer e saber que você vai cuidar dela, você vai cuidar dela...

_Vou, vou cuidar dela... _ disse o que ele queria ouvir.

_Tem que ser um juramento, você...

_Eu juro. _ prometi.

E ele se foi. Só deixando em minhas mãos o seu sangue e em meus lábios o juramento que mudaria a minha vida. Eu jurei cuidar de sua filha.

Autora: Li

Cap 2: Meninas boazinhas também matam aula (Jeni)

_Fred, sai! _ empurrei o focinho do meu cachorro para o lado, antes que ele lavasse o meu rosto com lambidas. _ Eu quero dormir mais um pouco... _ resmunguei.

Ele latiu e eu fechei os olhos para que percebesse que eu não estava lhe dando atenção. Quem sabe desistisse e me deixasse prolongar meu sono.

_ Fred, pára! _ gritei com ele, já irritada por ter perdido meu sono.

Fred abaixou a cabeça e se encolheu no tapete, ao pé da minha cama. Ele sempre me ganhava com aquela carinha de coitadinho.

_Eu não vou para a escola hoje! E se você me denunciar, eu não vou te dar água por uma semana! Nem comida, nem nada!

Ele subiu na minha cama e deitou ao meu lado.

_Tudo bem, se quiser ficar aí, fica, então. Mas não pode fazer barulho, eu quero dormir, entendeu?

Fred me obedeceu. Ele era bonzinho. É por isso que prefiro os cachorros, eles correm para seus donos quando estes chegam, ficam ao pé fazendo companhia. São bem bobões. Já os gatos, ao contrário, são mais traiçoeiros, não ficam babando por ninguém, têm sua beleza própria e sabem disso. Há pessoas gatos e cachorros também. Eu acho que desde pequena nasci um "cachorro", com este jeitinho de quem não vive só.

Talvez, por isso, Fred e eu nos entendêssemos tão bem. Eu o ganhei de meu padrasto há dois anos e, desde então, somos amigos. Nem gosto de pensar que os cachorros ficam velhos e morrem porque não conseguiria perdê-lo.

Já perdi tantas coisas em minha vida. Minha mãe foi embora quando eu tinha dez anos. Só deixou um breve bilhete e duas moedas de um real em cima, acho que para impedir que o papel voasse, mas até hoje, sinto-me como se ela achasse que podia partir e tudo em minha vida se resolveria com aquelas duas moedas de contorno dourado e fundo prata.

Meu padrasto foi quem mais sofreu, gostava dela. Sorte a minha que continuei a ter o que comer e não fiquei debaixo da ponte. A casa era dele, o que comprávamos era dele, mas minha mãe foi em busca de não sei mais o quê. Seu bilhete explicava que “não dava mais”.

Eu sinto falta de ter uma mãe, não dela especificamente. Porque a sociedade nos pede uma figura materna. A todo momento, entre os coleguinhas, você é perguntado sobre o que sua mãe fez para o jantar, se ela veio à reunião dos pais, ou à festinha...

Hoje, já tenho 17 anos, mas sinto que tenho bem menos. Vivi muito pouco ou quase nada porque a falta de referenciais sempre deixou-me um pouco perdida, andando em uma estrada sem placas. Essa insegurança fez-me quase muda, preferindo sempre os cantos das paredes, o fundo da sala, a multidão para anular-me. Assim, há menos exigências por decisões e posso ficar na minha.

Não tornei-me uma menina ruim por isso. Se tivesse um pai, acho que ele não teria do que reclamar. Mas hoje, não dava para fazer sacrifícios, a cólica era grande e eu não me sentia bem, mataria aula. Queria só dormir mais e relaxar.

A campanha tocou.

_Ah não! _ resmunguei com a voz abafada pelo travesseiro, onde eu enfiara a cara.

Levantei-me e abri a pequena janela da porta da sala, vendo através dela um homem fardado de bege e outro atrás, de farda camuflada.

_Oi, você é a...

_Jeniffer. _ respondi.

_Se for para falar com o meu padrasto, ele não está. Ele é do quartel também...

_Eu sei. Eu sou o capitão dele. _ respondeu o homem. Ele era alto, pele bronzeada e tinha um rosto quadrado. Seu nome de guerra indicado na placa era “Ruan”. _ Posso falar com você?

_Pode, já está falando. _ respondi.

Meu cachorro começou a latir pela entrada lateral da casa, estranhando a visita tanto quanto eu.

_Você poderia abrir a porta?

_Olha, o meu padrasto não autoriza que eu abra a porta para ninguém quando ele não está.

... _ ele olhou para o homem ao seu lado e depois para mim. Repensou melhor, mas não disse nada.

_Pode falar. _ pedi. _ Eu estou ouvindo.

Autora: Li

06/09/07

Cap 3: Insondável coração (Ruan)

Quando a conheci, o que primeiro vi foram seus olhos pela janela da porta, um par de escuro penetrante. Tive medo de que minhas palavras retirassem as colunas que sustentavam sua vida. Mas, ela me pedia que lhe contasse com facilidade o que para mim era um suplício.

Estranha essa sensação. Levei anos para aprender a matar, mas não conseguia comunicar a filha de uma pessoa que seu pai morrera por acidente. Como pode tirar a vida, mesmo que em legítima defesa, parecer estranhamente mais fácil?

_Jennifer, o seu pai...

_Ele não é o meu pai, é o meu padrasto. _ consertou.

Não sabia o quanto aquilo poderia melhorar sua compreensão sobre os fatos.

_Ele morreu. _ duas palavras foram o máximo que consegui para resumir de uma vez a situação.

_Quê? _ seus olhos, a única ponte entre nós, se fecharam e abriram novamente, lentamente, como se ela estivesse acordando, querendo acreditar que era mentira. _ Mas, ele saiu daqui não faz muito tempo...

Assim é a vida. Saímos de casa pensando no dinheiro do aluguel, na carne que temos que comprar no açougue na volta do trabalho, no futebol e, simplesmente, não voltamos.

_Foi um acidente, ele levou um tiro de uma arma que...

Ela simplesmente desmaiou.

_Droga! _ bati no peito do meu soldado para acordá-lo para a realidade. _ Vamos ter que entrar.

_Como? _ perguntou ele.

Olhei para o lado da casa, havia um corredor separado por um portão de ferro.

_Você escala uma montanha, um muro não é tão difícil. Ela pode ter batido a cabeça.

_E o cachorro? O que eu faço com o cachorro?

_Eu é que não tenho o que fazer com um cachorro. Mata ele e pula o muro. Tem que abrir a porta por dentro. A vida dela é mais importante, deve ter entrado em estado de choque. _ ele hesitou por um momento. _ Ora, vamos, você nunca matou uma galinha? _ Estendi a mão, fazendo sinal para ele esperar, quando mirou a arma. _ Não mata, depois isso vai me dar problema, só dá um jeito nele para poder entrar. _ mudei a ordem.

Ele atirou e o bicho se estrebuchou no chão. Não digo que não tive pena, mas ele precisava liberar a passagem. Em questão de segundos, o soldado abriu a porta.

Lá estava ela aos meus pés, recurvada e com as mãos tateando o nada.

_Calma, você deve ter tido uma queda de pressão... _ falei baixinho. _ Vou levar você comigo. _ peguei-a no colo. _ Feche a porta da casa. _ ordenei ao soldado.

Trouxe a menina comigo e, chegando ao hospital, ela ficou no soro. Permaneci ao seu lado na maca até que voltasse totalmente à realidade.

_Eu ouvi um tiro... quando estava acordando...? _ perguntou-me.

_É, tivemos que tirar o seu cachorro do caminho e...

_Quê? _ ela levantou a cabeça e seus olhos encheram-se de lágrimas.

_Mas... _ eu perdi a ação.

_Ele morreu?! Diz que ele não morreu! _ ela começou a chorar mais e mais. A enfermeira aproximou-se e falou que ela não poderia mais ter alterações.

_Jennifer, eu tinha que te tirar de lá. _ expliquei.

Ela virou o rosto para o outro lado. Respirei profundamente. Não poderia gritar, mandar fazer flexão, nada, só receber seu desprezo calado. Definitivamente, eu não sabia lidar com adolescentes.

_E agora? _ ela virou-se abruptamente e perguntou-me.

Era melhor que tivesse prolongado o desprezo. Aquela pergunta era difícil demais.

No enterro, ela pareceu-me mais triste pelo cachorro perdido que pelo padrasto, ou talvez fosse coisa da minha cabeça. Nunca cheguei a descobrir os mistérios insondáveis do coração de Jeni.

Ela ficou parada, sozinha, na frente do caixão. Eu não consegui deixá-la. Havia jurado que não faria isso.

_E agora? _ ela perguntou-me mais uma vez e olhou para mim, levemente erguendo a cabeça para cima.

_O que posso fazer para te ajudar? _ perguntei.

_Não vai embora... _ pediu.

Continuamos olhando para frente. Eu não podia levá-la para minha casa, o que iriam pensar, falar de mim?

_Jennifer. _ chamei-a pelo nome. _ Seu padrasto, antes de morrer, me fez jurar que cuidaria de você.

_Fez?

_É. Só que eu estou me transferindo, já está tudo pronto e... Como farei isso? Longe?

_Eu não tenho ninguém por mim mais...

_Tem a mim. _ disse-lhe. O juramento me perseguia.

_Por que? Vai me levar com você?

_Você disse que não tem ninguém aqui por você. _ dei de ombros.

Ela olhou pensativa mais uma vez para frente.

_E o que diremos? Que sou sua irmã?

_Podemos falar que sou seu pai.

_Eu com 17 e você com...?

_32.

_É... Você teria sido um pai adolescente. _ ponderou.

Ela fitou-me longamente.

_Você sabe o que está propondo? Ser pai?! _ fez uma careta.

_Já está criada mesmo. _ sorri de canto de boca.

Autora: Li

07/09/07

Cap 4: Fuga (Jeni)

Sentada no sofá de casa sozinha, senti-me sem opções, na encruzilhada. Respirei fundo e continuei olhando para a parede amarelada.

“Podemos falar que sou seu pai”, a voz de Ruan na minha cabeça lembrava-me que havia, sim, uma última opção.

Eu não teria dinheiro para quitar o restante das parcelas da casa do meu padrasto. Eu, nem ao menos, saberia por onde começar a procurar um trabalho muito bom que pudesse prover o suficiente para sustentar-me.

Olhei para o lado e vi que ainda estava na mesinha do abajur o papel com o número de telefone de Ruan.

O que ele queria de mim? Quanto me custaria a sua ajuda? Nada é de graça. Mas se eu ficasse aqui, sem apoio de ninguém, acabaria debaixo da ponte, à mercê da maldade ainda maior de homens asquerosos de rua, poderiam matar-me ou...

_Respira, Jeni, respira... _ falei para mim mesma, não deixaria que aqueles pensamentos se apoderassem de mim.

“Seu padrasto, antes de morrer, me fez jurar que cuidaria de você”, novamente a voz daquele homem ressoou dentro da minha cabeça. Parece que eu estava vendo-o do meu lado, calça social bege, blusa branca de riscas e óculos escuros.

Meu padrasto sabia que eu ficaria na pior, por isso intercedera ao meu favor.

Peguei o telefone para ligar para Ruan.

_Droga, cortaram o telefone... _ resmunguei baixinho.

Ouvi duas pancadas no portão com força. Assustei-me e corri para ver o que era.

_Almeida, Almeida! _ era voz de homens e pareciam furiosos.

Contive minha mão e não abri a janelinha da porta. Fui até o quarto do meu padrasto que tinha uma janela de frente para a entrada da casa e olhei através das frestas da persiana. Eram dois homens com cordões prateados no pescoço e blusas abertas. Fumavam cigarro e um deles, mais moreno, tinha tatuagem no pescoço.

_Ai, Meu Deus! _ senti um arrepio.

Eu já havia visto aqueles dois. Há duas semanas, mais precisamente numa quinta-feira, eu cheguei da casa de uma amiga e os encontrei na sala, discutindo com meu padrasto Almeida.

Eles pediam que lhes pagasse o que devia. Almeida mandou-me para o quarto aos berros e, antes de eu fechar a porta, eu ainda ouvi piadinhas dos homens de que eu serviria como parte do pagamento.

Não sabia em quê ele estava metido, talvez com agiotas. O fato é que as dívidas se multiplicavam e eles, agora, tentariam arrancar de mim.

_Está se escondendo, é?! _ eles gritaram.

_Mande-os embora, Deus... _ comecei a rezar, trêmula, encolhida no chão. _ Eu tenho que sair daqui. _ senti uma impulsão vir de dentro de mim.

Ouvi o primeiro disparo atingir a maçaneta da porta. Eles forçariam a entrada. Meu coração disparou. Corri para a cozinha, abri a porta que dava para o quintal dos fundos.

Eu teria que voltar para pegar uma cadeira, pois não conseguiria pular o muro sem ela. E depois, ainda precisaria domar o cachorro da minha vizinha, que poderia me denunciar com seus latidos.

Olhei ao meu redor e senti um pânico tomar conta dos meus sentidos. Foi quando reparei na caixa d'água retangular de amianto. Corri até ela, puxei a tampa pesada com uma certa dificuldade. Peguei um balde próximo ao tanque, emborqueei e subi com este apoio, entrando na caixa. Puxei novamente a tampa e fiquei ali, imersa na água gelada, apenas com o nariz próximo à saída de ar da tampa.

Os homens reviraram toda a casa à procura de dinheiro, levaram alguns objetos de valor e desistiram de esperar alguém chegar.

Mesmo assim, ainda fiquei ali por mais um bom tempo como um peixe, em estado de pânico. Eles sabiam que eu morava naquela casa e podiam querer voltar para armarem uma emboscada.

Quando o silêncio total se fez, saí de dentro da caixa e comecei a tremer de frio e medo. Não queria ficar ali nem mais um segundo. Abri a porta da rua e andei uns cinco quarteirões em linha reta. As pessoas me olhavam intrigadas, eu estava descalça, com a blusa semitransparente e o cabelo pingando.

Finalmente, vi as luzes do quartel acesas. Parei diante da guarda que estranhou a minha presença.

_Eu preciso falar com o capitão Ruan. _ eu disse, sem fôlego. Apoiei minhas mãos no joelho. _ É muito importante, é urgente! _ expliquei.

_Ele já saiu. _ avisou um dos soldados, segurando firmemente sua arma.

_Não, não diga isso. _ meus lábios começaram a tremer. _ Onde ele mora?

_Não podemos informar... _ eles estavam muito desconfiados.

_É um caso de vida ou morte, ele tem que me ajudar. _ expliquei. _ Meu padrasto era o Almeida, que morreu semana passada. _ disse-lhes para que vissem que eu não era uma completa estranha.

_Eu sei quem era. _ comentou o outro soldado.

_O capitão mora na vila a duas ruas daqui. _ apontou um deles discretamente, falando baixo para não chamar a atenção. _ É uma casa de esquina que fica na frente de um quartel vermelho.

_Obrigada. _ continuei andando, meus pulmões estavam doloridos de tanto respirar rapidamente.

Encontrei a casa, abri o pequeno portão que estava destrancado e bati na porta três vezes.

Ruan mesmo abriu, estava de calça jeans e com uma camiseta cavada branca. A primeira coisa que fez foi olhar-me de cima a baixo, surpreso ao ver-me daquela maneira, com pés sujos, molhada, nervosa e com uma clara expressão de apavorada.

_Eles querem me matar. _ minha voz saiu trêmula.

Autora: Li

08/09/07

Cap 5: Salva vidas (Ruan)

Jogar xadrez com o grande Lodovico era um instigante passeio mental pelos mais diversos assuntos que, de uma hora para outra, sempre desaguavam nas mulheres, seu tema predileto:

_Não se fazem mais amantes como antigamente. _ ele soltou a bafurada de seu charuto e moveu seu cavalo no tabuleiro. _ Podemos dizer que houve três fases. Na primeira, as mulheres sabiam que as amantes existiam e não falavam nada, então, elas serviam como um jantar fora, comer comida diferente...

Eu soltei uma risada e traguei o meu charuto, não acrescentei nenhuma observação, eram rituais sagrados àqueles ciclos de raciocínio do meu velho amigo. Qualquer quebra seria um sacrilégio.

_Depois... _ continuou ele, apoiando uma das mãos na sua bengala de madeira marrom escuro. _ As mulheres ficaram independentes e não toleraram mais isso... _ fez uma careta de desdém e coçou o queixo com a mão que empunhava o charuto. Deu mais uma tragada e olhou para o alto. _ Acho que essa foi a melhor fase, porque era muito mais excitante o proibido. _ riu sozinho ao pronunciar as últimas palavras. _ E agora estamos nessa última fase sem graça. _ voltou sua atenção para o jogo e moveu mais uma peça.

Não perguntei qual era, ele logo diria, bastava dar um tempo para que chegasse ao final dos seus estudos antropológicos sobre as mulheres, que não poderia ser dito a ninguém, exceto a mim, por perigo de linchamento. Ele sabia que eu não era um tipo com pudores, nem moralismos e era capaz de rir de todas as suas idéias subversivas.

_Agora, veja, meu rapaz, elas se unem! Pior! _ ergueu o dedo para o alto, enquanto os outros dois equilibravam seu charuto. _ Elas se unem... _ falou mais baixo. _ contra você!

_Por certo! _ ri novamente. _ Não se deve deixar que elas se conheçam, porque vão sentar e debater nossos defeitos, se bobear, terminam juntas. _ empurrei mais uma peça. _ Xequemate.

_Ahhh, seu vigarista, está aprendendo demais comigo! _ desdenhou. _ Quando chegou aqui, mal sabia a diferença entre um cavalo e um peão!

Ele falava como se tivesse passado uma década quando, na verdade, íamos completar dois anos de vizinhança. Lodovico era um militar da reserva já aposentado que conheci no churrasco do meu amigo. Como sou um dos poucos por aqui esquisitamente sozinho, ele vem me fazer companhia no fumo e no copo.

Era um homem alto, moreno, forte, por isso o chamávamos de "o grande". Tinha pouco cabelo e os que ainda se conservavam nas laterais da cabeça eram completamente brancos. Sempre polido, de calça social e camisa bem passada por sua habilidosa e dedicada nora.

_Mas acho que já entramos em uma fase nova. _ Busquei um pouco mais de uísque e ofereci-lhe. Voltei a sentar-me à pequena mesa redonda do canto da sala. _ Agora as amantes querem virar as oficiais e as de boa família andam dando uma de amante. Enfim, as putas não sabem mais o seu lugar... _ traguei o charuto e bebi um pouco.

_Não sabem mesmo... Andam abrindo as pernas para qualquer um na esquina, perdeu a graça. Não há mais pureza. E a televisão... _ apontou para o aparelho. _ é a grande culpada disso. _ balançou a cabeça para os lados. _ Mas agora, parando de falar das putas, faltam mulheres para

grandes amores. Não dá para ficar abalado por uma frangotinha dessas que beija quatro na mesma noite, pulando de puleiro em puleiro. Eu vejo isso nos bailes... _ apontou em direção a porta da rua.

_Nenhuma conseguiu roubar meu coração ainda, mas as putas continuam aqui, morando no lado esquerdo do bolso. _ ri alto e propus uma nova partida.

_Você é sábio, rapaz! _ deu uma gargalhada e tossiu. _ Esse fumo ainda me mata, mas está na hora mesmo. _ Deu de ombros. _ Agora me diga de verdade, nunca amou?

Eu fiquei olhando a fumaça saindo pela minha boca e se dissolvendo no ar. Aquela pergunta não era nada divertida.

_Já, já amei. Mas ela foi embora... _ falei com um tom grave que mudou o clima daquela conversa.

_Ah! O amor de minha Esmeralda. _ ele suspirou. _ Ela era belíssima. Cabelos loiros sempre bem arrumados e a boca pintada para quando eu chegasse. Seus olhos azuis, grandes, vivos, poderiam me pedir o que quisesse que eu lhe daria. Era uma [Ingrid Bergman](#). _ Ludovico podia falar com humor das muitas mulheres de sua juventude, mas nenhuma vez deixava de citar sua falecida, e única esposa, com lágrimas nos olhos. _ Filho, quando você encontrar uma grande mulher, se entregue a ela e abandone a farra das outras porque vai descobrir nela todas as mulheres do mundo.

_Será que ela anda por aí com uma placa: “Procura-se o Ruan”? _ perguntei, meio descrente, arrumando as peças do tabuleiro.

Ouvi três pancadas à porta.

_Deve ser ela com a placa! _ ele riu, movendo sua peça.

_Será? _ ri também e abri a porta.

Assustei-me com o que vi. Era Jeniffer, completamente molhada e descalça.

_Eles querem me matar... _ falou transtornada.

Fechei a porta da sala. Eu ainda não tinha falado de Jeniffer para Lodovico. Não queria enquadrá-la nas nossas conversas futuras. Só de olhar para ela, impedia-me de tal idéia.

_Eles quem? _ perguntei, observando seu estado enquanto esperava a resposta.

_Acho que são agiotas para quem meu padrasto devia. Eles entraram em casa atirando, invadiram e...

_Calma, calma. _ pedi-lhe e toquei no seu braço para que parasse de gesticular, ela estava completamente gelada, como um cadáver. _ Por que você está assim, toda molhada?

_Eu me escondi dentro de uma caixa d’água, quando eles entraram, não me viram, mas eles sabem que eu sou filha dele e vão querer me cobrar. Socorro, Ruan, me proteja. Eles levaram um monte de coisa e vão querer me levar, não posso voltar para lá...

_Calma, você está comigo agora. Vai pelos fundos, entra pela cozinha. Eu estou com visita, não quero que te vejam assim. Lá na área de serviço há roupas limpas minhas, veste uma coisa seca.

Ela fez que sim com a cabeça.

Entrei novamente. Minha mente começou a cruzar os dados.

“Eu preciso morrer e saber que você vai cuidar dela, você vai cuidar dela...”

A frase do padraço de Jeniffer fez sentido para mim agora, ele sabia que se morresse e a deixasse sozinha, podiam capturá-la para descontar nela suas dívidas. Por isso precisava de mim para protegê-la. Aqui na vila, ela estaria salva.

_Lodovico, surgiu um pequeno problema para resolver, vamos ter que deixar a sua próxima derrota para depois. _ brinqueei.

_Tudo bem, meu rapaz, os velhos como as crianças precisam ir para a cama cedo! _ ele levantou-se e o acompanhei até o portão de sua casa.

Voltei a passos largos e encontrei Jeniffer sentada na cozinha, vestida com uma camisa social de mangas compridas e um short de corrida.

_Você está muito gelada... _ peguei suas mãos e vi que suas unhas e lábios estavam azulados.
_ ... Vem comigo. _ puxei-a pela mão e a levei até o meu quarto. _ Precisa se aquecer, deita aqui.
_ ordenei.

Abri o guarda-roupa e tirei de dentro uma manta pesada. Enrolei-a e a fiz calçar um par de meias grossas.

_Eu fiquei muito tempo na água... _ disse trêmula.

_Acho que você chegou a um grau muito baixo e agora não está produzindo calor. _ falei mais para mim que para ela. Já havia comandando muitos campos, sabia bem das reações físicas dos meus pelotões às intempéries. Mas, Jeniffer me parecia ainda mais frágil.

Tirei a camisa e ela assustou-se.

_O que vai fazer? _ perguntou-me.

_Eu preciso aquecer você. _ respondi.

_Como assim?

_Jeniffer, olha nos meus olhos. Está olhando? _ agachei-me à sua frente na cama. _ Nenhuma pessoa que vai te fazer algum mal será capaz de te olhar nos olhos. _ expliquei-lhe. Só não acrescentei que apenas os psicopatas tinham essa peculiaridade. _ A porta vai ficar aberta. _ mostrei-lhe. Caminhei até a janela e fechei-a, não poderia deixar passar uma corrente de ar. _ Agora confia em mim. _ pedi.

Fui para o chão e fiz uma série de dez flexões. Eu precisava aquecer os meus músculos e fazê-los produzir o calor que ela necessitava.

_Jeniffer, olha para mim. Está olhando? _ pedi. _ Eu vou abraçar você para te aquecer, tudo bem? Se a sua temperatura permanecer baixa será muito ruim para você. _ deitei-me na cama ao seu lado e a abracei. _ Fique calma, tudo vai voltar ao normal. _ disse-lhe baixinho no ouvido.

O meu corpo começou a emanar calor e equilibrar a temperatura com o dela. Jeniffer se agarrou a mim e suas mãos geladas me provocaram um arrepio, mas eu me contive a não reclamar. Fiquei calado.

Ganhei sua confiança. E depois de vinte minutos, ela voltou à sua temperatura normal e começou a suar.

_Pronto. _ afastei seu cabelo para o lado e o tirei da bochecha. _ Já é a segunda vez que te salvo.
_ sorri, sentindo-me um herói.

_Eu acho que tenho sete vidas. _ ela sorriu, encolhida sob a minha manta.

_E gatos preferem leite? _ perguntei.

Ela fez que sim com a cabeça e eu ri da sua doçura. Fui até a cozinha e enchi a leiteira, deixei ferver e levei junto com alguns biscoitos para ela.

_O serviço de quarto é por fora. _ brinquei e ela sentou-se para receber a bandeja.

_Obrigada. _ bebeu o leite segurando a caneca com as duas mãos.

Pude perceber, no inclinar do rosto para dentro da caneca, que ela respirava o cheiro do leite, como se isso também fizesse parte do processo degustativo, e depois, lambia sem pudor o bigodinho branco que lhe marcava acima dos lábios. Aquele brinquinho de furar a orelha de criança azul claro acentuava seu lóbulo redondo. Um leve puxar dos seus olhos amendoados no canto não era defeito, mas um acento relevante em sua beleza. Mulher não pode ser perfeita, precisa de uma marca para se inscrever em nossa mente e olhar de quem suplica ajuda, que nos dá ímpeto de sentir-se um verdadeiro soldado de [Esparta](#).

Ela tinha esse jeito de quem pede, sem afetamento ou falsidade, mas por uma frágil indefesa do ser.

_Obrigada, mais uma vez... _ ela tocou meu braço, roçando seus dedos sobre meus pêlos e passeando sobre as veias altas. Será que ela intuiu que elevava minha pressão? Espero que tenha ido pelo caminho da conclusão de que tudo se explicava pelo afã do momento e não pela minha, já inicial, paixão arrebatadora por aquele anjo despencado do céu em minha vida.

Sua mão ainda sobre o meu braço, trouxe-me uma onda de calor. Agora era eu, no sentido inverso, que precisava de um bom copo de água gelada, com pedras de gelo de preferência.

Não quis que Ludovico a visse, pois ele saberia que ela era um das poucas mulheres que se podia amar para a vida toda. Certamente, iria me perseguir para saber o andamento das coisas. Mas com Jeni, eu não queria pressa. Ela teria todo tempo do mundo para perceber-me.

As mulheres, para os homens experientes, se conhecem pelos olhos. Os de Jeniffer não tinham medo, receios, nem sabiam o que esperar. As mulheres da vida olham como quem já sabe de tudo. Jeni não, olhava como se fosse a primeira vez e isso rompia, com ruidosas pancadas, o silêncio de um calabouço esquecido, no subterrâneo do meu coração, há muitos anos.

_Ruan, me leva com você? _ pediu-me.

Para onde? Para o infinito em um balão? Eu levo!

_Não me pede para ir embora porque eu não quero voltar para lá. _ explicou-me.

_Não vou pedir, Jeni. _ sorri e foi a primeira vez que chamei-a dessa forma.

_Estou com medo. Só consigo pensar neles invadindo a casa... Parece que estou vendo-os aqui... Não vou conseguir dormir. _ falou, já deitada em meu travesseiro. Seus olhos fecharam-se lentamente e ela adormeceu.

_Claro que vai, meu anjo. _ beijei-lhe a testa e recolhi a bandeja.

Peguei o vidro de calmante, ainda em cima da mesa da cozinha, e tirei mais um comprimido. Enquanto ela precisava daquilo só por uma noite, eu já era dependente por anos.

Ainda fiquei parado à porta do quarto, observando-a. Meu sono não chegava fácil como o seu. Percebi uma trilha de penugem na contramão em seu pescoço. Ele começava, delicadamente, na nuca e, de repente, sem mais explicação, mudava de direção. Sorri.

Deitei-me no chão da sala e, quando ela acordou na manhã seguinte, eu já estava à mesa, lendo o jornal.

_Dormi muito... _ ela balançou a cabeça para os lados e sentou-se. _ O leite daqui dá sono, hen? Nossa! Já são nove horas! _ olhou o relógio na parede.

_Bom, temos que resolver a sua vida. _ suspirei. _ Você não pode continuar vestindo minhas roupas. _ disse-lhe.

_É, elas não combinam comigo. _ riu e mostrou as mangas da blusa maiores que seu braço.

_Vamos até a sua casa. _ avisei-lhe.

_Ruan, eu tenho medo...

Abri o armário da cozinha e tirei uma caixa de dentro. Abria-a e saquei meu revólver. Conferi as balas.

_Para que isso? _ ela arregalou os olhos.

_Eu sou o seu salva vidas, se esqueceu? _ pisquei o olho para ela. _ Anda, não demore muito a tomar o café, tenho que dar um pulo no quartel. Nem aos sábados os guerreiros descansam.

Autora: Li

Cap 6: Será que você já anda entre meus amigos (Jeni)

Trilha sonora da cena (clique aqui)

_Por que vamos descer aqui? _ perguntei, ouvindo Ruan pedir ao taxista que parasse na esquina da minha rua, bem longe de casa.

_Se fosse para descer no seu portão, eu vinha com o meu próprio carro, mas como a situação está quente, é melhor não sermos identificados por nenhuma placa. _ explicou-me, sempre em voz baixa e olhando para os lados.

_Hum. _ Levantei as sobrancelhas.

_Você está com a chave? _ perguntou, segurando levemente o meu braço, apreensivo.

_Que chave? Eu deixei aberto e sai correndo.

_Genial você... _ riu.

_O que queria? Eles entraram atirando, eu estava em total estado de pânico, Ruan, e...

_Jeni, cala a boca, você fala demais. _ pediu. _ Disfarça.

Eu tinha essa mania de falar alto quando estava nervosa.

_Fique aqui, eu vou entrar na frente. _ ele pediu.

Eu cruzei os braços e fiquei no portão de casa.

Ruan abriu a porta e sacou o revólver. Eu sentia-me como num filme de ação, só que nem um pouco ansiosa para qualquer clímax. A noite de ontem tinha batido minha cota anual de aventuras. Mas, sentia-me absolutamente segura ao lado dele. Aqueles homens nem eram mais tão assustadores com Ruan por perto.

_Pode vir. _ ele fez sinal para eu segui-lo.

Entrei atrás dele e permaneci em sua retaguarda.

_Escuta. _ pediu silêncio com o dedo indicador. Ouvimos um barulho na cozinha.

Ruan virou-se e impôs a arma.

Ouvi um miado de gato e o contive:

_Não, Ruan! É o gato da minha vizinha! _ avisei-lhe.

_Esse bairro aqui deve ter sido uma savana antes de ser habitado. _ exclamou aliviado e também irritado.

_E você devia ser o motorista da carrocinha se não fosse militar! _ peguei o gatinho no colo. _ Não precisa ficar com medo, ele não vai te matar.. _ aponte para o Ruan. _ ... porque eu não vou deixar. Ele matou o meu cachorrinho friamente, mas eu vou te proteger. _ falei com o gatinho com voz de criança, esfreguei a minha bochecha em sua cabeça.

O gato miou e Ruan revirou os olhos, tentando manter a calma comigo. Coloquei o bichano no chão e ele correu para o quintal dos fundos.

_Jeni, você não vai esquecer isso nunca?!

_Era o meu melhor amigo! _ argumentei. _ Qual o nome do seu melhor amigo?

_Ai, Jeniii...

_Vamos, Ruan! O que diria se você soubesse que deram um tiro no seu melhor amigo, o melhor, o do coração, o maior...

_Jeni, eu não quis matá-lo, ok? _ Ruan se inclinou para frente e franziu a testa em uma careta. _ Eu precisava entrar para ver como você estava e tive que tirá-lo do caminho.

_Como pode ser tão frio? _ desdenhei.

_Jenizinha... _ ele respirou fundo. _ Eu falei para o soldado dar só um tirinho, só para aleijar e tal, não era para matar, mas o cara parece que nunca viu uma arma, desfilou tiro e pá pá...

_... _ meus olhos se encheram de lágrimas.

_Desculpe, desculpe! Jeni... Venha aqui... Aiii...

Bati a porta do meu quarto na cara dele. Aposto que bateu com o nariz e o achatou.

_Não faça mais isso! _ ele abriu novamente a porta e impôs o dedo na minha cara.

_Eu nunca vou poder te perdoar por ter matado o meu cachorro lindo.

_Tudo bem, eu vou levar anos para me recuperar disso. _ ironizou. _ Agora, arrume suas coisas rápido, joga tudo em uma mala e vamos sair daqui.

_Você não sabe o que é ter alguém que goste... _ peguei o porta-retrato com a minha foto abraçada ao Fred. _ Está vendo esse aqui? Você mandou assassinar ele! _ Enfiei na mala.

_Jeni, você não está entendendo, eu disse: Rápido! _ ele puxou de uma só vez todas as minhas roupas do cabideiro e jogou na cama. _ Anda! Eu não posso estar metido em nada errado, já estou me arriscando demais! Eu juro que vou fazer um zoológico particular na nossa futura casa, tá bom? Agora esquece esse negócio de cachorros e gatos e pega tudo que precisa.

_Ruan, a gente não vai levar os móveis? Vai deixar tudo aqui?

_E como eu vou levar? Pôr o sofá no bolso e a geladeira na cabeça?

_Mas, foi comprado com tanto sacrifício. _ reclamei.

_Tá, tá bom, Jeni, eu vou dar um jeito de buscar, agora você pegue o que é essencial. _ ele continuou olhando apreensivo pela janela.

_Acho que é isso. _ eu sentei em cima da mala e fechei-a com um certo esforço.

Voltamos para a casa de Ruan. Ele deixou-me sozinha e foi até o quartel resolver suas questões de trabalho.

Suspirei, sentada no sofá, totalmente entediada. Ruan tinha me proibido de sair, disse que não era bom eu dando o "ar da graça" por ali, não gostava de levantar fofocas. Segundo ele, os muros falam naquela vila.

Levantei-me e fui até o móvel da televisão, havia coleções inteiras de filmes.

_Nossa! Um cinéfilo. _ franzi a testa e não tirei nada do lugar, vai que aquilo ali tinha alguma ordem.

Enfiei as mãos no bolso e virei-me. Uma porta chamou a minha atenção ao lado da do quarto, no corredor. Não tive tempo de abri-la. Mordí a ponta do polegar.

Que mal tinha eu fuxicar um pouquinho? Ele não estava ali mesmo!
Girei a maçaneta e coloquei a cabeça para dentro.

_Uau! _ meus olhos passearam por todos os cantos e minha boca se entreabriu naturalmente. Senti-me a própria Lucy (do filme As Crônicas de Nárnia) descobrindo uma passagem secreta muito especial no guarda-roupa do velho professor, que dava acesso a um misterioso mundo.

Se eu tinha ficado admirada com a quantidade de filmes, agora sim, estava estupefata. Ruan enchera todo um quarto com fileiras de livros organizados nas prateleiras. Um modesto sofá forrado com uma capa amarela de dois lugares ficava abaixo da janela. No lado oposto, uma mesa de madeira com um laptop fechado. E no chão um tapete vinho, cobrindo o assoalho de madeira, que ajudava a manter o ambiente sempre aquecido e com pouca umidade.

Os quadros na parede eram referentes aos seus estudos e trabalho como militar. Medalhas, diplomas, condecorações e fotos com grupos de amigos.

Mas se tudo isso já havia mudado minha concepção sobre ele, vendo-o agora como um homem culto, maior foi minha surpresa com um objeto no canto do pequeno escritório.

_Não vai me dizer que você toca? _ ri baixinho e olhei de perto o violão de madeira, escorado em um apoio.

_Sim, eu toco. _ ouvi uma voz atrás de mim e tomei um susto tremendo, pega com a boca na botija.

_Ai! _ gritei e pus a mão no peito. _Quer me matar do coração, Ruan?!

_Posso saber o que a mocinha está fazendo aqui? _ perguntou.

_É que... eu... _ abaixei os olhos. _Desculpa... _ pus as duas mãos para trás e girei a ponta do pé no chão para os lados. _Eu estava sem nada para fazer...

_Tem uma visita para você na sala. _ ele apontou com o polegar para trás, vi que não estava mais interessado nas minhas explicações.

_Para mim? _ arregalei os olhos. _ Quem é?

Eu andei em direção a sala, sem esperar por sua resposta, eu era curiosa demais. Ora! Não tinha visto nada. Voltei para o escritório.

_Isso é alguma brincadeira comigo, Ruan? _ pus as mãos na cintura. _ Não tem ninguém lá!

Ele, que já estava abrindo seu laptop, virou-se para o lado e me olhou.

_Mas eu deixei ele ali. _ passou na minha frente e foi para o centro da sala, próximo a mesinha de centro.

Agachou-se, mas não pude entender o que fazia, pois o sofá tampava a minha visão.

Aproximei-me mais.

_Pronto, agora pode dar o nome que quiser para ele. _ mostrou-me um filhote de cachorro que tirara de uma caixa.

_Que isso?

_Um pequeno dinossauro, achei um ovo no meu quintal, ele deve ter eclodido ontem, depois de séculos... Dãã, um cachorro. O meu amigo me deu, na verdade, de tanto você me aporrinhar, eu pedi para ele um dos filhotes.

_Você acha que o meu Fred pode ser substituído?

_Jeni... _ ele levou a mão à testa, balançou a cabeça para o lado e suspirou. Eu senti que o tirava facilmente do sério. _... Eu acho que você está sendo muito ingrata. _ apontou para mim com a mão que segurava o bichinho, que de tão pequeno, parecia uma bolã de pêlo dentro do seu punho fechado.

Quase gritei para que ele parasse de girar o pobrezinho no ar, como se fosse um objeto de plástico, enquanto gesticulava. Mas não queria dar o braço a torcer.

_Ok, você não quer? Tudo bem, joga fora. _ abriu a porta da rua e colocou o bicho no chão e fechou a porta outra vez.

_O que você fez? _olhei-o horrorizada, quando passou por mim.

_Ora, você não quis?! Então, alguém vai passar e pegar, ou ele vai ser atropelado por um carro e... Não venha me culpar por essa morte também, a culpa será toda sua! _ levantou as mãos no ar, em estado de rendição e voltou para o escritório.

Abri a porta e peguei o bichinho.

_Posso dar mesmo o nome que eu quiser? _ perguntei, com a cabeça na porta do escritório.

_Pode, qualquer um. _ respondeu maquinalmente, enquanto digitava alguma coisa no teclado.

_Tá bom, ele vai se chamar Juanito.

_Quê? _virou-se para mim.

_Ora, você disse que podia ser o que eu quisesse.

_Não o meu nome no cachorro.

_Quem disse que é o seu nome? É com "J", não é com "R".

Ele ficou olhando para mim absorto, acho que meio perplexo com minha imaginação. Eu sorri me divertindo.

_Ruan, a gente tem que comprar uma casinha para ele, comprar comida, uma mamadeira, leite, remédios, e levar no veterinário. Ah! Temos também que comprar uma coleirinha para você

passar com ele.

_Que isso? É um cachorro ou uma madame?

_Você acha que é simples ter um bicho? Foram anos de amor e de razão para você mandar dar um tiro no meu Fred.

_Linda, linda. _ ele levantou-se e segurou o meu rosto com as duas mãos. _ Presta atenção, eu estou com uns probleminhas para resolver, você pega o cachorrinho, dá qualquer coisa para ele comer e...

_Ruan, não é qualquer coisa! Se cachorro comer comida de gente, ele pode ficar doente e... Fede para caramba as...

_Quer dinheiro? Deve ter algum pet shop por aqui.

_Você disse para eu não sair. _ lembrei-o.

_É. _ ele conteve a mão no bolso.

_Ruan, cachorro não é gente para comer comida.

_Mas você trata ele como se fosse gente.

_É diferente! Ruan, você não entende nada! _ balancei a cabeça para os lados, olha para quem eu estava falando isso, para o homem que já havia lido todos aqueles livros. Mas de cachorro eu entendia.

_Ok, eu me rendo. O que quer que eu faça?! _ perguntou.

_Nada, eu dou meu jeito.

_Ótimo. _ ele voltou ao trabalho.

Fui até a cozinha e procurei o leite. O Juanito era tudo que eu precisava. Sentiria muita falta do Fred, mas eu tinha um coração extremamente mole para bichos. Ajudou-me a esquecer das coisas que aconteceram nos últimos dias. Dessa maneira eu tinha companhia.

À noite, porém, Juanito não quis dormir, chorou sem parar.

_Onde é o botão que desliga esse bicho? _ Ruan apareceu na cozinha e viu que eu também estava ali, sentada no chão, junto à caixa do cachorrinho.

_Você não vai matar ele não, né?! _ perguntei, pegando-o no colo e abraçando-o.

_Não, minha querida, eu não sou um assassino da carrocinha. _ ele agachou-se.

_Olha, ele parou... _ falei.

Ruan ficou nos olhando abraçados e decifrou o segredo. Ele tinha essa maravilhosa capacidade de enxergar os códigos da vida em muito pouco tempo. Não sei como, mas era seu jeito.

_São as batidas do seu coração. Ele está lembrando das batidas do coração da mãe. Já vi isso em um filme. _ ele levantou-se e foi até seu quarto buscar um despertador.

_Que isso? _ perguntei, vendo-o colocar dentro da caixa.

_É para simular as batidas, o barulhinho do tic tac. _ ele colocou Juanito no seu lugar e fez um carinho na sua cabeça. _ Pronto! _ sorriu. _ Agora vamos dormir. Por que amanhã vamos nos mudar.

_Ruan... _chamei-o. Ele virou-se para mim e perguntou o que era. _Como vai ser? _ abaixei a cabeça. _ Eu parei de ir a escola, e lá?

Ele me sorriu complacente.

_Não se preocupe com o amanhã. Eu já não te arrumei um cachorrinho hoje?

Eu sorri e concordei. Ele estava se esforçando para me agradar.

_Você será o meu tutor.

Ele não disse nada, apenas se retirou para o escritório.

_Não vai dormir?

_Não consigo. _ entrou. _ Tenho insônia.

_Posso? _ perguntei, contendo a mão na porta.

_Claro. _ deixou eu entrar. Sentou-se no sofá e eu fiquei escorada na mesa, de frente para ele.

_Eu também sei tocar... _ contei-lhe timidamente.

_Sabe? _ parou de mexer no caderno de cifras e ofereceu o violão.

_Não! Eu não...

_Já era! Já disse, então... _ puxou-me pela mão e eu sentei no sofá apreensiva.

_Ruan eu não toco as coisas que você gosta, não é nada erudito...

_Toca. _ ordenou e se escorou na mesa, mudando de posto comigo.

_Você gosta da Vanessa Camargo?

_Vanessa Camargo? _ ele riu.

_Tá vendo? _ ameacei levantar, mas ele fez sinal para eu não me mexer. _ Só toca.

_Vou cantar também, ta?

... _ ele encolheu os ombros.

Respirei fundo e ri nervosa. Cruzei as pernas, ajeitei a saia jeans e bati com a bota no chão para marcar o compasso.

_ Uhhuuuu... _ fiz o som com o biquinho nos lábios.

Fechei os olhos para me concentrar.

_Para começar um beijo... _ cantei com a voz bem doce e sussurrante. _ E ele vai pra sempre me amar / É assim que vai ser / Sei que ele está por aí / Esperando eu aparecer/ Louco pra me conhecer(iê,iê,iê)

O seu nome eu não sei/ Eu me lembro que eu sonhei/ E acordei pensando em você/ Eu nem sei o que é paixão/ Perguntei pro coração/ E ele disse que é pra eu ter calma/ Um dia virá meu primeiro amor.

Abri os olhos mais confiante e cantei olhando para ele. Inclinei o rosto para o lado e sorri, sentindo que ele estava admirado com minha voz:

_Escrevi no meu diário/ Meus segredos só pra você/ Só você pode ler/ Será que você já anda/ Entre os meus amigos e eu nem vi/ Que você já está aqui(lê,iê,iê)

O seu nome eu não sei/ Eu me lembro que eu sonhei/ E acordei pensando em você/ Eu nem sei o que é paixão/ Perguntei pro coração/ E ele disse que é pra eu ter calma/ Um dia virá meu primeiro amor.

(Ohh...) Sei que você está aí em algum lugar
(Ohh...) Estarei bem aqui pra quando você chegar

O seu nome eu não sei/ Eu me lembro que eu sonhei/ E acordei pensando em você/ Eu nem sei o que é paixão/ Perguntei pro coração/ E ele disse que é pra eu ter calma/ Um dia virá meu primeiro amor.

Um dia virá.../Para começar um beijo...

Terminei de cantar e parei com os dedos nas cordas.

_Viu? Não é linda?

Ruan não disse nada, estava sério, absolutamente compenetrado em mim.

_Desculpe... Acho que tomei o seu lugar. O seu tempo... _ levantei-me e me precipitei para sair, ele segurou o meu braço, não ameacei olhá-lo.

Posso te ensinar mais amanhã, se quiser... ofereceu. _ Afinal, você me intitulou como seu tutor.

Abaixei a cabeça e fui direto para o quarto, sem nada dizer, estava envergonhada, mas com o coração estranhamente batendo forte. Não entendi por quê. Eu fiquei muito ansiosa para demonstrar que era boa, que mexeu com minhas emoções... É, é isso...

Chega de emoção! Cama!

Autora: Li

11/09/07

Cap 7: Uma nova vida para nós... dois (Ruan)

Subi os quatro degraus da minha casa e antes de abrir a porta, o carregador abriu-a do outro lado.

_E aí? _ fiz sinal de cumprimento e dei passagem para os dois homens passarem com o sofá.

Encontrei Jeni sentada no chão da cozinha, colocando as louças dentro de uma caixa de papelão. Juanito ao seu lado brincava com a barra da sua saia.

_Como estamos aqui? _ perguntei.

_Bem. _ respondeu. _ O que é isso? _ perguntou e se levantou. Juanito, que se prendera no pano da sua saia, a uma dada altura caiu e deu um latido.

_É um peixe. _ olhei para o pequeno aquário em minhas mãos.

Jura, pensei que fosse um dinossauro! ironizou ela.

_Rá-rá-rá! _ forcei uma risada e cerrei os olhos. _ Muito engraçadinha.

_É para fazer companhia com o meu dinossauro? Ele saiu do ovo recentemente..._ela não perdia a chance de brincar comigo. Tomou o aquário da minha mão. _ Qual é o nome dele?

_Nunca dei um nome para ele. Estava lá na minha sala do quartel. Ele foi esquecido pelo comandante anterior.

_Você nem tem nome e foi esquecido... _ela conversou com o peixe laranja do aquário._ E ainda vive aí solitário...

Eu imaginei que ela estivesse se projetando no pobre animal.

_Vamos levá-lo no carro conosco. _ eu disse-lhe. _ Agora preciso tirar essa farda e comer. Sobrou algo aqui que não foi empacotado ainda.

_Tem a ração do Juanito.

_Você hoje está tão cheia de gracinhas... _ encostei o polegar no seu nariz pequeno e pontudo.

_Estou feliz... _ela colocou o cabelo atrás da orelha e encolheu os ombros.

_Que bom. Será uma vida nova para nós dois. _ eu disse e percebi que havia uma dupla possibilidade de interpretação do que eu falara. Tanto poderia ser “os dois felizes separadamente” ou “os dois juntos”.

_Me dá um frio na barriga, um certo medo... _ela riu, agitando a cabeça e as mãos. Sempre fazia isso, quando estava muito ansiosa com algo.

_Isso é bom, é o que dá sentido a vida... Quando as nossas primeiras vezes começam com um friozinho. _ sorri-lhe. _ Imagino que nunca deve ter se mudado.

_Nunca fiz tantas coisas... _ confessou sem pensar e, de vergonha, se abaixou para voltar à arrumação.

_Fala para o Juanito deixar um pouco de ração para mim! _ pedi, enquanto caminhava para o banheiro.

A viagem foi longa e Jeni me deu um bom trabalho. Ficou enjoada, não conseguia dormir, enfim, se eu tivesse viajado sozinho teria me fadigado menos.

Mas um fato marcou o nosso trajeto: a morte do peixe sem nome. Jeni carregou o bicho em seu colo todo o tempo. Quando paramos para almoçar, eu disse que era melhor trazê-lo, pois poderia cozinhar dentro do carro fechado e quente. Ao sair, ela pisou em falso no paralelepípedo e o aquário se espatifou no chão. Dava um cardume inteiro em suas mãos para que ela repetisse inúmeras vezes à cara de desolação que fez misturada com medo de eu brigar com ela.

_Tudo bem... Eu não gostava dele tanto quanto você gostava do Fred. _ eu falei-lhe, vendo o peixe se debater a última vez no chão quente.

_Não foi com intenção, Ruan. _ela defendeu-se.

_Eu sei que não. _ sorri-lhe.

_Você está tão sério. _ comentou, quando já estávamos sentados comendo. _ Foi por causa do peixe?

_Não. Também. _ enrolei o macarrão no garfo. _ Eu fiquei pensando em como na vida há pessoas significativas, que quando perdemos é ruim... _ continuei girando o garfo em torno do macarrão em um processo sem fim. _ E outras não significam nada e podemos deixá-las para trás.

_Eu sei que o Fred não era uma pessoa, mas foi bem assim. _ falou-me. Sabia que uma hora acabaria fazendo aquela comparação. _ Doeu perdê-lo. Mas a quem você se refere, Ruan? _ perguntou-me.

_Deixa para lá. _ enfiei finalmente o macarrão na boca.

_Quando eu estava colocando os livros na caixa... Eu vi um porta-retrato de uma senhora na sua mesa... É sua mãe?

_Sim. _ ri.

_Por que você riu?

_Ela é uma mulher... Hum... Supermoderna. Moderninha demais. _ disse-lhe. _Ainda bem que está lá e eu cá. Ela iria me fazer eu tirar a cueca aqui para ver se está limpa, não tem pudores.

_Ia ser divertido.

_Tirar a cueca aqui?

_Não... _ riu. _ Conhecer sua mãe!

_Você vai se arrepender do que está dizendo, mocinha! _ avisei-lhe apontando o dedo indicador que segurava o garfo.

Jeni sorriu e seus lábios rosados esticaram até o máximo que a elasticidade de sua boca permitia, emoldurados pelas bochechas rosadas. Suas sobrancelhas grossas e negras se uniam, quando não entendiam o que eu dizia.

Assim eu ia escrevendo mentalmente um livro sobre os códigos de Jeniffer.

Assim que chegamos, só tínhamos caixas espalhadas por toda parte da casa espaçosa. Fazia um intenso calor na cidade do Rio de Janeiro e nem a chuva que começou a cair melhorou a sensação térmica, pelo contrário, só fez ficar mais abafado.

Forramos os dois colchões e deitamos, cansados.

_Ruan...

_Hum. _ virei-me de lado e olhei-a. O vento que entrou pela janela arremessou um facho de fios do seu cabelo negro para frente.

_E nossa aula de violão, esqueceu? _ perguntou, indo procurar onde estava o instrumento.

_Agora?! _ perguntei, virando o rosto para o outro lado, para segui-la com os olhos.

_Tudo bem, eu vou deixar você faltar à aula, mas saiba que isso não é muito bom para a imagem de um professor. _ ela falou sério, para dramatizar suas brincadeiras comigo.

Sentou-se no colchão novamente e suas pernas cruzadas ficaram na altura dos meus olhos. Os finos pêlos eram dourados e se perdiam na pele branca, perfeitamente ajustado a sua delicadeza. Será que ela os descolorava ou era da ordem da sua própria natureza?

_Você não vai tocar Vanessa Camargo para eu dormir não, né? _ perguntei, com a voz meio abafada pelo travesseiro.

Ela parou uns segundos o dedo nas cordas e só levantou os olhos para mim. Não me respondeu.

_Por que você toma remédio para dormir? _ perguntou sem rodeios.

_Porque um dia... Uma menina como você jogou um feitiço perverso que tirou o meu sono para sempre... _ falei-lhe em tom de conto de fadas para deixar em aberto a veracidade daquela versão.

_E o que se faz para quebrar o feitiço?

..._ dei de ombros. _Tomar um bom sonífero?

...Você toma remédios para depressão. _ ela fez uma leve careta.

_Como sabe?

_Meu padrasto tinha depressão.

_E você anda revirando as minhas coisas!

_Alguém tinha que colocar aquilo em uma caixa!

_Nem todas as pessoas são perfeitamente sãs.

_Eu sou.

_Tem certeza? _ perguntei.

_Como você faz isso?

_Isso o quê?

_Consegue sempre armar uma armadilha na sua argumentação para eu ficar presa pelo pé, de cabeça para baixo.

Eu ri da idéia, imaginei-a de cabeça para baixo.

_São os anos. Mas, às vezes, eles não servem para nada.

_Como, por exemplo...? _apoiou o cotovelo no joelho direito flexionado.

Quando você me olha desse jeito e eu tenho vontade de te beijar, mesmo sabendo com minha experiência que não devo me encantar por garotinhas como você, porque já passei da idade, e nem assim aprendo.

_Você não disse que ia tocar.

_Eu não disse. _ corrigiu.

_Quem te ensinou a tocar? _ perguntei.

_Fiz um cursinho, na igreja. _ respondeu.

_Legal. Eu aprendi com um sargento da banda do quartel que me deu umas aulas.

_Eu tinha um violão, mas fui assaltada e me levaram ele. Não sei se o ladrão gostou muito, porque não era um dos melhores.

Rimos juntos.

_O que você gosta de cantar? _ usei o verbo “cantar”, porque achei que era mais apropriado para o que ela realmente gostava de fazer. O violão para mim era o fim maior, gostava de ouvir as notas. Jeni ia além delas, era o próprio corpo da música.

_Como é aquela música? “I can’t take my eyes of you”. Como começa?... _ pôs a mão na testa.

_Deixa eu ver se lembro. _ sentei-me ao seu lado, no seu colchão de solteiro e peguei o violão. *And so it is/ Just like you said it would be/ Life goes easy on me/ Most of the time/ And so it is/ The shorter story/ No love, no glory/No hero in her sky/ I can't take my eyes off of you/ I can't take my eyes off you..."*

_Não era essa. _ ela falou baixinho.

_Não? _ parei. _ É daquele filme Closer, The Blowers Daughter, quem canta é o Damien Rice.

_Ãnh-ãnh. _ balançou a cabeça para os lados, sorrindo, percebi que tínhamos entrado na zona do desafio.

_Que tal essa... *"You're just too good to be true / Can't take my eyes off of you/ You'd be like heaven to touch/ I wanna hold you so much/ At long last love has arrived/ And I thank God I'm alive/ You're just too good to be true/ Can't take my eyes off of you..."*

Jeni balançou a cabeça em negativa outra vez e jogou-a para trás, rindo.

Como não? É daquele filme "As dez coisas que eu odeio em você", se eu não me engano a música é do Andy Williams. expliquei-lhe.

_Você não vai saber, Ruan, desiste!

_Ok! _ devolvi o violão, meio frustrado, eu jurava que era aquela, poxa, vinha de um filme adolescente!

É assim... ela mordeu o lábio faceira.

Cruzei os braços e esperei que ela me surpreendesse.

"Ya never know what you're gonna feel, oh/ Ya never see it comin' suddenly it's real / Oh, never even crossed my mind, no/ That I would ever end up here tonight/ All things change/ When you don't expect them to/ No one knows / What the future's gonna do/ I never even noticed /That you've been there all along /I can't take my eyes off of you / I know you feel the same way too, yeah /I can't take my eyes off of you / All it took . . . Was one look /For a dream come true"...

Eu levantei as sobrancelhas e meus braços se descruzaram lentamente. Os som das notas rápidas alegam todo o ambiente. Ela tinha um desembaraço surpreendente para cantar, cheia de expressão corporal.

_Que música é essa?! _ perguntei.

_É de um filme...

_De um filme?! Qual?! _ insisti.

_Ruan, você não conhece, já disse. _ ela deixou o violão de lado, no chão e suspirou. A luz que entrava pela janela iluminou a lateral do seu rosto.

_Como não?...

_Não faz o seu tipo. _ ela deitou de bruços. _ Desiste.

_Ok, eu vou dormir curioso?

_Ruan... desiste.

_Jeniii... _ voltei para meu colchão e deitei também.

_High School Musical. _ disse, quando eu já havia desistido de insistir. Jeni sempre me dava de bom agrado o que eu queria, quando eu já não mostrava mais interesse.

Claro! Como não pude pensar nisso? Óbvio que era um filme fora do meu repertório. Mas não do de Jeni. Seu quarto mostrava que aquele realmente era seu território. As paredes repletas de pôsteres de artistas do mundo teen e revistas de adolescentes empilhavam uma prateleira inteira do armário.

Ela dormiu e eu fiquei com as últimas frases daquela música na cabeça:

“Você nunca sabe o que vai sentir, oh/ Você nunca vê chegando e de repente é real/ Oh, nem passou pela minha cabeça, não/ Que eu estaria aqui esta noite/ Todas as coisas mudam/ Quando você menos espera/ ninguém sabe/ que o futuro vai fazer/ Eu nunca nem reparei/ Que você esteve este tempo todo aqui”

Autora: Li

12/09/07

Cap 8: Fora da Grande Família (Jeni)

Ruan era sábio para algumas coisas e para outras eu me sentia à sua frente. Talvez, no fundo, nenhum dos dois estava certo ou errado, só tínhamos lógicas diferentes de enfrentar a vida. O fato é que passávamos um bom tempo para convencer-nos de quem era o melhor ângulo.

Após a arrumação de toda a mudança, fomos convidados para um churrasco na casa de um amigo de Ruan que foi seu colega de turma. Estávamos justamente no caminho quando começamos a discutir sobre qual explicação dar a respeito dos nossos laços de ligação.

_Jeni, você não parece nenhum pouco preocupada! _ chamou-me a atenção. Acho que meus fones de ouvido o irritavam. Tirei-os.

_Ruan, eu não me preocupo tanto com o que as pessoas pensam quanto você.

_Jeni, você não entende. Eu sou uma pessoa pública, não gosto que fiquem fazendo fofoquinha nas minhas costas.

_Esse é um tipo de preocupação de mulher, nunca vi homem se ligar nisso...

_Você ainda sabe pouco da vida. _ ele balançou a cabeça para os lados e continuou dirigindo. Já que ele sabia tudo, eu podia colocar meus fones no ouvido outra vez. _ Com o tempo vai perceber que a maior atingida pelas fofocas será você.

_Ruan, eu não estou nem aí para o que pensarem de mim. Eu tenho plena consciência de que somos só amigos. Eu fiquei sem ninguém no mundo e você tentou me ajudar. Puxa, te agradeço muito por isso, o que mais quer de mim? _ perguntei, já sem humor para aquele assunto.

Eu não estava sendo ingrata, só não entendia que grande preocupação era essa a dele. Por mim, ele poderia falar a verdade e foi isso que lhe aconselhei.

_Então, eu devo dizer para todos que sou o seu tutor? Eles vão ficar me perguntando qual o meu interesse Ninguém vai acreditar que eu quis te ajudar por nada.

_E ninguém precisa acreditar em uma mentira.

Ruan virou o rosto para mim e franziu a testa, havíamos acabado de parar no nosso destino e ainda não tínhamos colocado um ponto final naquela divergência.

_O que acha que eu quero de você?

_Ruan, ninguém faz nada de graça nessa vida. Você quer justamente ter alguém do seu lado para mostrar para a sociedade. Eu não sou bem o padrão para isso, mas quem sabe cumpra o papel em forma de reconhecimento pelo apoio que me deu.

Ele continuou a me olhar sem reação.

_Eu sei que você sempre se sentiu sozinho e por isso precisa de uma companhia. _ disse-lhe. _ Eu também estava sozinha, claro que por outras circunstâncias. Daí, você pensou: "opa, porque não somar duas solidões para ver se dá em uma vida menos vazia para ambos?" _ como ele não concordou nem discordou de nada, prossegui. _ É que você faz mil rodeios, filosofa demais para enxergar o que para mim é óbvio. Eu não fico me debatendo contra a realidade. Se ela é assim, bom, vamos em frente. Ruan, não precisamos mentir, podemos dizer a verdade, mas sei que isso é pedir muito para você. Bom, depois de tudo que me fez, só me resta, então, ser sua cúmplice.

_É você mesmo nesse corpo ou seu alter ego acordou e...

_Ruan, eu só tenho carinha de anjo.

Acho que o assustei e, pela primeira vez, ele repensou se tinha feito a escolha certa. Já que sua cabeça funcionava como um rolo de filmes e seus olhos eram as lâmpadas de um projetor, aposto que agora via em mim a imagem daquelas garotinhas ingênuas que seduzem o mocinho e depois correm atrás dele para assassiná-lo e destruir sua vida.

Mas, eu sabia que não estava saindo de nenhum filme de terror, só que Ruan não tinha ainda essa visão do meu lado maduro. Eu não lhe mostrara tudo que posso ser, pois sempre estive ali para fazer o que era preciso para me proteger. Desse modo, eu estive livre para só ser a menina.

_Isso tudo quer dizer o quê? _ perguntou.

_Se para você é melhor que pareçamos um casal, pouco me importa, eu sei que não somos e nem vamos ser e pronto. Fica mais fácil assim? Ninguém te fará pergunta alguma e ficamos em paz. _ encolhi os ombros.

_E a diferença de idade?

_Ah! Ruan! _ abri a porta.

_Jeni, eu... _ ele deu a volta no carro correndo e me segurou pelos braços. _ Sei que você está vendo tudo isso com uma facilidade quase assustadora, mas esse joguinho de disfarce é perigoso.

_Ruan, você está com medo de quê, melhor, de quem? Não vai mudar nada entre nós, nada mesmo. Continuamos assim, bons amigos e pronto. Relaxa.

_Ruan! _ouvimos uma voz feminina atrás de nós, virei-me e vi que uma mulher se aproximava. Parecia ter trinta anos, tinha o cabelo loiro preso em um coque e era gordinha. _ O que vocês estão fazendo aqui fora?

_Oi, Sarita. _ Ruan cumprimentou-a. _ Essa é a Jeniffer.

_Prazer, Jeniffer. _ ela deu-me dois beijinhos na bochecha e nos convidou para entrar.

_Prazer. _ sorri e respondi.

Ruan colocou a mão esquerda nas minhas costas para que eu passasse na sua frente pelo portão de madeira.

A casa era pequena, pintada de azul e com um estilo muito antigo. Tinha um jardim na frente. Entramos pela lateral e chegamos na área dos fundos, onde estava acontecendo o churrasco.

Vários homens se levantaram e vieram cumprimentar Ruan. Neste momento, percebi tudo o que ele quis dizer com o temor dos seus olhos e de suas palavras, há alguns minutos atrás.

Todos olhavam para mim como se eu fosse uma aberração da natureza. As mulheres me analisavam de cima abaixo. Senti-me envergonhada dentro do vestido florido e dos sapatos de boneca. Será que eu estava feia? Os amigos de Ruan, após cumprimentá-lo com ruidosos apertos de mão e tapinhas nas costas, olhavam-me, depois voltavam a olhar para Ruan, inquirindo silenciosamente uma explicação para ele estar comigo.

Senti um estado de pânico instalando-se em mim. Minhas mãos suavam e um calor estranho começou a elevar a temperatura do meu corpo.

_Ruan. _segurei o seu braço. _ Eu não estou me sentindo bem... _ falei baixinho, disfarçadamente.

_Eu não devia ter te trazido... _ ele fez-me sentar. _ As suas palavras são muito bonitas, mas eu sei o que é a prática. _ falou, meio irritado, não comigo, mas com a situação. _ Sarita, pega para mim uma carne com um pouco mais de sal? _ pediu, falando um pouco mais baixo para não chamar atenção.

_Que foi? Ela está se sentindo mal? _ Sarita percebeu pela minha cara que eu não parecia bem.

_Nada demais. _ ele fez pouco caso.

Ela foi até algumas mulheres próximas à mesa de comida e senti mais uma vez que elas olhavam-me.

_Ótimo! Ela deve ter falado que eu estou grávida, tive uma queda de pressão e você ficou comigo para assumir o filho que tivemos por acidente... _ disse-lhe.

_Jeni, olha para mim. _ ele pediu, colocando a mão em volta do encosto da minha cadeira. _ Esquece essas mulheres, elas não importam. Não se misture com elas...

_Por que está dizendo isso? _ franzi a testa.

_É melhor você não saber. _ ele afastou o cabelo do meu rosto e beijou minha bochecha.

_Aqui está. _ ela deixou o prato na mesa.

Eu olhei para a carne sangrando e senti enjôo. Não queria comer nada daquilo.

Os homens tomaram completamente a atenção de Ruan. Eles só falavam sobre as atividades militares e cada um contou um pouco do que fizera nos períodos de transferências.

Eu continuei ali, parada, em silêncio. Foi o meu primeiro contato com o microcosmo da "Grande Família Militar".

Levantei-me para pegar um pouco de refrigerante. Queria respirar.

_Jeniffer seu nome, não é? _ Sarita perguntou.

_É. _ fiz sinal com a cabeça e bebi um gole do guaraná.

_Venha ficar com a gente. _ convidou-me.

Sentei-me no círculo das mulheres e dei um leve sorriso para todas.

_Você está bem agora? _ uma delas me perguntou. _ A Sarita me falou que você não estava bem.

_Estou. _ respondi com mais um sorriso.

Ali não havia nada que uma não contava para as outras. Era um grupo fechado tão cheio de regras e normas quanto o lado oposto masculino. Eu não estava dentro do perfil delas. Isso transformava-me numa alegoria atrativa.

_Você parece ser nova, quantos anos tem? _ perguntou Sarita, tomando a frente da conversa.

_17, vou fazer 18 mês que vem. _ respondi.

Elas ficaram caladas e entreolharam-se.

_Você estuda? _ perguntou uma delas com um filho no colo.

_É, vou tentar vestibular esse ano.

_Você tem 17 anos e... está com Ruan há quanto tempo?

_É o tribunal da inquisição? _ ouvi a voz de Ruan atrás de mim. Senti um alívio.

Elas riram e saíram da posição de ataque.

Ruan abraçou-me por trás e beijo-me o rosto.

_Está tudo bem? _ perguntou.

_Está sim. _ respondi, segurando sua mão para que não me soltasse.

Se eu soubesse que seria aquele massacre, teria pedido para Ruan dar meia volta e me deixado em casa. Nada fora tão simples como eu lhe dissera que seria, agora entendia sobre o que Ruan tentara advertir-me. Eu não era bem vinda naquele mundo, nem seria entendida por aquelas pessoas, nunca.

Chegando em casa, fui para o meu quarto. Sentei no sofá de dois lugares que Ruan colocara ali abaixo da janela e fiquei olhando através do vidro a rua vazia. Um soldado ao longe varria a rua e recolhia as folhas das árvores. Parou, fumou, voltou a varrer.

Abracei minhas pernas e encostei meu queixo nos joelhos. Eu estava longe de tudo que me era seguro: minha casa, meus poucos amigos, o colégio, meu Fred. Ao mesmo tempo, estranhamente nunca me senti tão pertencente a um lar. Ali, eu tinha meu lugar e não sentia que o perderia. Sempre tive medo de que meu padrasto, um dia, me expulsasse de casa, por mais que gostasse de mim, eu não era sua filha. Ruan não, ele cuidava de mim com um carinho paternal que me aquecia o coração.

Deitei e coloquei uma almofada abaixo da minha cabeça. Fechei os olhos. O que seria de mim de agora em diante? A namorada de mentira de Ruan? Mas, eu precisava achar meu grande amor logo, não atravessaria o muro dos 20 sem ter tido história para contar.

Suspirei. Eu queria sentir um frio na barriga, ganhar um beijo de arrebatador o coração, como naqueles dos filmes. Para isso, eu precisaria ir além da fortaleza dessa vila e ver o que o mundo lá fora reserva. Aprender a aliar a prática à teoria.

Na vida, passamos por três processos. Primeiro, não sabemos o que fazer. Depois, sabemos o que fazer. E, por último, fazemos. Eu agora estava exatamente estacionada na etapa dois: conhecia tudo na teoria, queria logo colocar em prática. Batia uma agonia ver que o tempo passava e eu ficava para trás.

Eu não queria continuar achatada dentro da casca, precisava arrebatá-la e sair. Só que como a tartaruginha sem força para sair do buraco da areia, eu tinha que ter uma mão para puxar-me e mostrar-me o oceano no horizonte. Minha mãe nunca fora essa mão, muito menos meu padrasto. Ruan fizera isso por mim.

Agora eu tinha que caminhar aos tropeços pela longa orla de areia e atirar-me na água, que é o meu destino, a vida adulta. Se eu continuar no buraco, vou morrer. Preciso ganhar a liberdade.

Sentei-me à frente do meu computador já montado e liguei-o.

Eu precisava sair um pouco da realidade. Conectei a internet e entrei no site do uol, atraída pelo resultado da votação que decidiria o mandato do presidente do senado, já que esse fora o assunto quente de todo o churrasco.

_ “Renan escapa de cassação por 40 a 35”. _ li a manchete. _ Tudo acaba em pizza no Brasil. _ ri irônica e balancei a cabeça para os lados, decepcionada.

Olhei para os links no menu do lado esquerdo e vi a opção “bate-papo”. Depois escolhi a sala por “idade” e, finalmente, entrei como “Jeni” logo na primeira sala, que era de pessoas de 15 a 20 anos.

_Que está fazendo, mocinha? _ Ruan apareceu atrás de mim, assustando-me.

_Nada de mais, de bobeira. _ respondi.

_Tá bom, então, só queria saber se está bem. Eu vou para o escritório fazer meus trabalhos. Depois temos que conversar sobre seu colégio, hen?

_Claro. _ consenti com a cabeça e ele fechou a porta para o barulho do som não atrapalhá-lo.

Autora: Li

Cap 9: Entre cordas invisíveis (Ruan)

Olhei através da janela do escritório a noite quieta lá fora. Mãos no bolso e cabeça no vidro. Tantas lembranças de um passado morto ainda teimavam reviver na minha mente. O tempo não apaga, apenas guarda o que não queremos que seja presente.

Meu coração adormeceu por tantos anos em uma era glacial que se findou ao encontrar Jeniffer. O calor desse sentimento novo derreteu a dureza da alma cristalizada. Novamente voltou a germinar a vida dentro de mim.

Fechei os olhos e senti medo da força motriz daquele amor. Eu não podia amar essa garota. Meu corpo, porém, não continha minha alma, que se precipitava à frente para segui-la.

Meu amigo Ferreira perguntou-me no churrasco onde eu queria chegar com aquele romance impossível. Não tive resposta exata para lhe dar, mas disse-lhe que já a algumas noites não preciso de remédios para dormir. Ferreira dimensionou aí as proporções do meu amor por essa criatura de olhos de mel.

Meu amigo fez-me ver que eu estava em uma corda bamba entre dois arranha céus, qualquer queda seria fatal.

Queria poder fazer o meu coração parar de pulsar tão forte por ela quando está perto de mim. Mas, eu não tinha como abandoná-la agora. Jeni precisava de mim.

Minha única saída era tentar enganar-me.

Foi assim que, hoje, reencontrei Virgínia, uma antiga amiga de quando eu viera pela primeira vez para essa cidade.

Nos conhecemos em um bar, dali fomos para cama e nunca passamos disso. Minha relação com ela sempre fora extra corpo.

Virgínia me amou algumas dezenas de reais e eu contentava-me com isso, com alguém que não precisasse demandar nada além de umas notas.

Encontrei-a trabalhando no mesmo bar, nessa tarde. Quando me viu, deu um gritinho e um beijo rápido na minha boca, sem rodeios, sem cerimônias.

_Meu Deus, como você está bem! _ sentou-se à mesa comigo.

Conversamos no tempo de duas rodadas e fomos para seu apartamento na rua de trás. Matamos a saudade e ela, todo o dinheiro do fim de semana que eu havia sacado do caixa eletrônico.

Depois do prazer saciado, Virgínia ficou roendo o esmalte vermelho de sua unha e eu sentei-me em uma cadeira próximo à janela.

_Você continua o mesmo de quando te conheci! É só acabar para correr para a janela e ficar calado. Quem, dessa vez, é a dona da sua tristeza?

_Ninguém. _ respondi-lhe.

Ela disse “dessa vez” porque Virgínia conhecera-me quando eu acabara um namoro de quatro anos.

_Então, vem para cá, gostosão. _ bateu no colchão e sorriu com sua boca carnuda. Mostrou-me provocativa suas pernas mulatas para fora do lençol.

Levantei-me da cadeira e voltei para a cama. Ela sabia fazer bem o que se propunha, mas não deixava-me nenhum elo de ligação. Ao contrário de Jeniffer, que parecia unida a mim por cordas invisíveis.

Meu corpo naquela noite estava calmo, já bem servido por Virgínia, mas minha alma debatia-se inquieta com a idéia de querer Jeni.

Olhei para o meu violão e sentei no sofá para tocá-lo. Meu coração se expressava melhor através das notas musicais.

Folhee minha pasta com as cifras que eu imprimira da Internet.

Afinei o instrumento e comecei a tocar:

I can't believe this moment's come / It's so incredible that we're alone / There's so much to be said and done / It's impossible not to be overcome/ Will you forgive me if I feel this way/ Cuz we've just met - tell me that's OK/ So take this feeling'n make it grow/ Never let it - never let it go(Don't let go of the things you believe in)/ You give me something that I can believe in / (Don't let go of this moment in time)/ Go of this moment in time / (Don't let go of things that you're feeling)/ I can't explain the things that I'm feeling/(Don't let go)

Jeniffer deu uma leve batidinha na porta para chamar a minha atenção e eu parei de tocar.

_Posso entrar? _ perguntou.

_Claro, entra. _ respondi.

Ela sorriu. Estava com o cabelo molhado, cheirando a xampu de frutas. Jeni caminhou na minha direção e chegando bem perto, inclinou-se para pegar a pasta que estava do meu lado esquerdo. Seu cabelo, levemente, roçou as minhas bochechas e eu pude ver o seu seio por um reflexo de segundos no decote do seu vestido verde, ou talvez tenha sido a força do meu pensamento. Depois de provocar aquela abrupta erupção no centro do meu corpo, ela deixou-se jogar no sofá, sentada sobre uma das pernas. Eu ainda abraçado ao violão, observei-a.

_Continue, não quis atrapalhar... _ ela pediu. _ Ah! A cifra, desculpe! Você estava tocando essa aqui... Você é fan do Bryan Adams, hen?! _ fez um beicinho e o engoliu para dentro da boca com uma breve mordida. _ Anda, Ruan! _ empurrou meu braço.

Eu olhei para frente, sorri e balancei a cabeça para os lados, voltei à cifra.

No, I won't let go now would you mind if I bared my soul/If I came right out and said you're beautiful/ Cuz there's something here I can't explain/I feel I'm diving into driving rain/ You get my senses running wild/I can 't resist your sweet, sweet smile/So take this feeling 'n make it grow/Never let it - never let it go/ I've been waiting all my life/To make this moment feel so right/ The feel of you just fills the night/So c'mon -just hold on tight.

_Não conhecia essa. _ ela encostou a cabeça em uma das mãos. Seu braço estava apoiado no encosto do sofá e seu rosto muito perto do meu.

_Eu posso te ensinar essas, tem outras também...

_Eu sei que vou aprender muitas coisas com você. _ disse-me. _ Mas, você vai fazer comigo o que faz com seus alunos?

_Como assim...?

_Pro chão! _ gritou e imitou minha voz, com caretas. _ Agora, flexão, vamos lá... _ ordenou para uma pessoa imaginária a nossa frente. _ Mais rápido, com uma mão só!

_Pior! _ deixei o violão no chão, apoiado no pé de ferro. _ Eu vou usar métodos de tortura.

_É?!

_É. _ peguei seus punhos e os segurei. _ Cada vez que você não acertar... Eu vou te amarrar e... _ fiz cócegas em sua barriga e ela riu até perder a voz e jogou a cabeça para trás. Meu corpo se precipitou sobre o dela. _ Pára, Ruan... Por favor...

Eu parei e nossas respirações estavam ofegantes. Nossos olhos seguiam as pupilas um do outro. A veia do seu pescoço pulsava, indicando que seu coração estava tão disparado quanto o meu.

Na medida em que ela se levantou, eu lentamente me afastei para trás. Jeni tirou o cabelo que estava em sua boca e deu uma leve tossidinha.

_Você disse que queria falar comigo sobre o colégio.

_É. Eu conheço um ótimo colégio aqui. Pensei em pedirmos sua transferência para lá. É o ano do seu vestibular...

_Ruan... eu não tenho...

_Eu vou pagar.

_Não quero que...

_Eu ganhei dinheiro com a minha transferência...

_Ruan, não...

_Jeni. _ toquei nos seus lábios. _ Eu quero.

Ela engoliu em seco.

_Se pensar bem, será uma economia de dinheiro. É melhor pagar de uma vez do que você passar anos fazendo cursinho e depois ter que pagar uma faculdade particular. Acabará saindo em

conta.

_É, não tinha pensado nisso. Você tem uma visão mais concreta da vida que eu.

_E o que vai querer fazer na faculdade?

_Eu? Não sei! _ ela riu e franziu a testa. _ Eu tenho que saber agora?

_Tem porque precisará dirigir seus estudos para as provas específicas e não específicas.

_Hum. Mas eu não sei, Ruan...

_Olha, tenta pensar nas matérias que você tem mais afinidades. Só que tem que focar no futuro também, o que vai te dar dinheiro, independência...

Aquela idéia de liberdade que estava passando me fez parar para pensar na possibilidade dela bater asas e voar para longe um dia. Eu estava dando a chave da sua libertação de mim.

_É estranho porque ninguém me perguntou isso a vida toda.

_Eu entendo. _ sorri. _ Já reparou que quando somos crianças nos perguntam “O que você quer ser quando crescer?” O verbo usado é “ser”, como se a criança não “fosse” algo de fato, enquanto criança, só quando chegasse a idade adulta. A criança nada mais é que a narração dos seus pais. Só quando ela cresce que se torna a dona da própria história.

_Você devia ter sido psicólogo. _ ela comentou.

_Há muitas coisas que você “deveria” ser... mas você vai descobrir aquela que “quer” ser.

_Onde eu morava, não tínhamos essa chance, Ruan. Minhas amigas e eu estudávamos para acabar o segundo grau e sabíamos que só nos restaria uma vaga como vendedora ou garçonete. Porque não teríamos dinheiro para estudar mais.

_Agora você tem. Eu quero te dar isso.

_Não sei o que dizer.

_Não diz. _ coloquei minha mão sobre a sua e seu polegar roçou os meus dedos.

Olhamo-nos.

Autora: Li

Cap 10: Um anjo da guarda (Jeni)

Eu não tinha mais idade para jardim de infância, mas quando desci do ônibus e olhei a escola onde iria estudar, tive vontade de voltar para casa chorando de medo.

Respirei fundo. Um frio na barriga e um pavor de todas aquelas pessoas me levaram a um estado de pânico. Eu tinha o telefone de Ruan no celular que ele me emprestara, mas eu não iria ligar. Ele não sairia do quartel só para me ajudar a entrar na escola.

Eu estava acostumada com minha pequena escola municipal a duas quadras de casa, onde meus amigos se reuniam todos os recreios para dividir os biscoitos e falar dos seriados de televisão, dos filmes e da pouca vida social daquela cidade.

Ali não, era uma torre de babel em que cada tribo falava sua língua. As meninas roqueiras desfilando com seus *piercings* e cabelos vermelhos; as patricinhas cheias de pulseiras e bolsas

rosas e os garotos, de calça jeans baixa e tênis de skatista.

Abracei forte o meu fichário e olhei mais uma vez para a fachada da escola, toda amarela e de portões brancos. Um bosque gramado ficava ao lado do ginásio e um grande refeitório, na parte inferior do prédio de sete andares.

Ao entrar na sala de cinquenta alunos, eu senti os olhos de todos sobre mim, procurei a última cadeira do canto esquerdo e ali me escondi.

A professora entrou e colocou seu material na mesa. Aliás, sua mesa ficava em cima de um tablado, o que lhe permitia nos olhar do alto.

Ela não se apresentou para os novos, menos ainda comentou como havia sido suas férias. Era o mínimo que eu esperaria dos professores da minha antiga escola. Simplesmente, informou-nos que nossas apostilas não haviam chegado, o que não nos limitaria a estudar, pois faria uma breve revisão. E lá foi ela lotando o quadro com cadeias de DNA e suas bases.

Suspirei e copiei maquinalmente. Minha mente fez-me lembrar do meu amigo virtual que conheci semana passada na Internet, na sala de bate-papo do Uol, era para ser apenas uma conversa com um desconhecido, mas resultou até na troca dos nossos msn's.

Seu nome é Daniel e ele é cadete da academia militar do Exército. Daniel tinha o cabelo preto raspado e a pele morena na sua foto de exibição. Coloquei uma minha em que estou com uma blusa vermelha, sorrindo.

Eu acabei dizendo-lhe que tinha um pai militar. Prefiri mentir (eu sei que é feio e não se deve fazer, mas achei mais fácil por fins didáticos) dizer que Ruan era meu pai.

Contei que ele colocou-me contra a parede para eu decidir para o que escolher para o vestibular e isso deixou-me com muita ansiedade, pois eu não conseguia pensar na minha vida de maneira tão racional. Por sua vez, Daniel disse-me que tinha uma namorada, muito mais velha, estava grávida. Enfim, cada um com seu problema e os dois precisando de um ouvido para desabafar.

Daniel diz:

Fica tranks, ele só quer o seu bem e tals. Vc tem q pensar em uma coisa q goste de fazer...

Jeni diz:

É complicado... eu tenho pouca experiência, Daniel. Sou uma menininha... A propósito, sua namorada ta melhor? Já te ligou?

Daniel diz:

Jah, ela liga toda hora me sufoca um pouco. Eu n sei como dizer isso p ela, ela fala comigo pela Internet, depois me liga, me manda carta, me quer 24 h. eu tento dar atenção, só q tipo cara eu to mortao de cansado e quero dormir as vezes só q se eu não falo ela começa a chorar e dizer q não amo ela

Jeni diz:

Eu n sei como é isso de namorar cad mas acho q é natural ela querer sua atenção ainda mais grávida, dizem q as mulheres grávidas são carentes.

Daniel diz:

Eu n sei o q vai ser, pq eu n to preparado

Jeni diz:

Vc a ama?

Daniel diz:

Muito, ela é tudo p mim, já estamos de casamento marcado e tudo. Num é fácil, pq po ela é mais velha, tem 25 anos e tals... ai ela quer de mim uma maturidade q tipo num tenho nem preciso ter sacou?

Jeni diz:

Humhum. Eu tb to tendo q ter mais maturidade agora, isso me apavora, pq eu n fiz um monte de coisas ainda e...

Daniel diz:

Q tipo de coisas vc tanto fala?

Jeni diz:

Deixa p lá.

Daniel diz:

Fala po, a gente naum se conhece mesmo, to te contando as minhas paradas tb num to?

Jeni diz:

Tipo, eu nunca bjei, nem nada mais...

Daniel diz:

Ah, normal, daqui a pouco vc vai encontrar um cara maneiro.

Jeni diz:

Eu espero. E vc tb vai se acertar com sua namo. Ela deve ta enfrentando maior barra sozinha e ainda preocupada contigo

Daniel diz:

Ela tem a vida dela já, eu sinto q ela não gosta de mim.

Jeni diz:

Mas ela n liga p vc toda hora?

Daniel diz:

Liga, mas ela é possessiva, n sente o q sinto, um amor livre, ela me sufoca, tem ciúme de tudo, é capaz de me matar se descobrir q to falando c uma estranha

Jeni diz:

Ah, se eu fosse sua namo tb num ia gostar.

Daniel diz:

Vlw, me senti mais trunk agora.

Jeni diz:

LOL

Daniel diz:

Me diz como é ai, teu pai é capitão.

Jeni diz:

É. Ele é exigente comigo. Eu to tentando parecer mais madura p ele, sei lá, acho q to decepcionando ele c minhas criancices

Daniel diz:

Ele gosta de vc como vc é. Todo pai é assim. N tem como vc dá uma de gente grande de uma h p outra pq tu vai acabar fazendo merda e dando uma de adolescente, normal. O problema é q se fazer de grande cansa, parece q n somos a gente. Tipo minha namo fica querendo q eu seja um cara de vinte cinco e num sou, isso ta me fazendo mal.

Jeni diz:

Falou tudo, pq vc n diz isso a ela?

Daniel diz:

Pq n fala isso p seu pai, q ainda é uma garotinha e q n ta pronta p ser a responsável como ele quer.

Jeni diz:
Eu n tenho coragem de decepcionar ele.

Daniel diz:
Respondeu por mim agora.

Jeni diz:
Como foi seu dia aí?

Daniel diz:
Cansativo, torei na sala e tomei esporro, ai depois eu fiz exercício e agora to aki no pc p relaxar a cabeça. To c saudade de casa da comida da minha mãe...

Jeni diz:
Engraçado tu n fala q sente saudade dela...e diz q a ama... q amor é esse? Eu n entendo, eu n tive ainda um grande amor

Daniel diz:
É q n tamos bem... eu precisava de um tempo p respirar melhor. Vou ter q sair.

Jeni diz:
Tudo bem.

Daniel saiu e eu percebi que ele estava certo, eu fui uma idiota completa tentando dar uma de "A MULHER MAIS VELHA", antes do churrasco. De onde eu tirei aquela idéia maluca de bancar a namorada do Ruan? Eu fiz tudo errado, eu devia ter feito o que queria realmente, pedir para ele falar toda a verdade.

Chegando em casa, a chuva apertou e eu não tinha levado guarda-chuva. Joguei minha mochila na sala e fui para a varanda dos fundos tirar o meu tênis. Já era cinco e meia e a noite ia começar a cair.

Caminhei descalça pelo gramado e fiquei debaixo da chuva, ainda de uniforme. Levantei o rosto para sentir a água cair. Queria diluir junto com a água quente que caia do céu.

_Jeni? _ ouvi a voz de Ruan. _ O que está fazendo aí? _ perguntou. Ele havia acabado de chegar e estava de farda.

_Nada, me deixa, estou pensando. _ pedi.

_Jeni, sai daí já! _ ordenou.

_Não quero!

_Eu estou mandando! _ insistiu.

_Ruan, me deixa, já falei. _ deitei no chão e fiquei sentindo a água cair.

_Jeni! _ Ruan não parava de gritar, mas uma hora parece que cansou, pois entrou. _ O que está acontecendo com você? _ ouvi-o agora mais perto de mim, estava sem farda, só de short. Ajoelhou-se ao meu lado. _ Vamos entrar, vem?

_Ruan, eu estou bem. Nunca tomou banho de chuva? _ levantei-me e fui em direção a um velho balanço que havia no quintal, pendurado em uma árvore.

Comecei a me balançar para frente e para trás, para frente e para trás.

Ruan não se deu por vencido e, em um dado momento, segurou as duas cordas que prendiam o balanço e eu fiquei suspensa no ar, na sua frente.

_Me deixa! _ gritei com ele.

_Não posso fazer isso com você! Eu não vou te deixar!

_Ruan, vai embora! _ gritei mais alto.

Ele soltou o balanço e virou as costas para sair. Eu comecei a chorar e ele engoliu o próprio orgulho e voltou a se preocupar comigo.

_Jenizinha, olha para mim. _ Ruan se agachou na minha frente e segurou meu rosto, afastando meu cabelo. _Você está infeliz aqui comigo?

Fiz que não com a cabeça.

_Então...?

_Ruan, você não entende quando eu digo que quero ficar sozinha?

_Não! _ ele me segurou pelos dois braços quando tentei me afastar dele. _ Não entendo.

_Então, ao menos respeite! _ gritei com ele.

_Jeni, Jeni... _ não me soltou.

Eu esperneei e dei soquinhos em seu peito, até que cansei e ele abraçou-me e beijou minha cabeça.

_Está tudo bem, linda. _ beijou todo o meu rosto. _ Eu estou aqui contigo sempre.

Era tão bom ouvir aquilo, sentir o carinho do seu abraço apertado, suas mãos passeando pelas minhas costas, seus lábios quentes beijando todo o meu rosto.

_Vem, antes que eu pegue um resfriado, você não vai querer me aturar em casa, vai?

_Não! _ ri e ele puxou-me pela mão.

Entramos. Ruan trouxe uma toalha para mim e eu fui para o quarto trocar de roupa. Penteei o cabelo e calcei o chinelo.

Ouvi uma pancadinha na porta. Ruan colocou a cabeça para dentro.

_O Juanito e eu estávamos lá na sala... e eu pensei se não queria um pouco de chocolate quente...

Eu sorri e levantei-me.

Fomos para o sofá da sala, aceitei sua xícara de chocolate quente e ele terminou de beber a que tinha na mão.

Ruan estava com uma camisa branca e uma bermuda azul marinho até o joelho. Seu desodorante seco trazia-me para perto com seu cheiro familiar.

_Desculpe por ter gritado com você. _ balancei a cabeça para os lados. _ Eu sou muito criança mesmo. _ ri e deixei minha xícara vazia em cima da mesinha de centro.

_Jeni, se quisermos conviver bem temos que dividir o que sentimos. Você chorou e ninguém chora à toa. O que houve?

_Eu não quero tocar nesse assunto. _ mexi na franja da almofada apoiada nas minhas pernas em posição de lótus.

_Mas se não tocar, nunca vai resolver. Eu não quero você entrando em uma depressão, eu sei o que é isso.

_É que... _senti meu queixo tremer e minha voz embargar. _ Viu? Já estou chorando de novo, eu sou uma boba...

_Você não quer cumprir com o que falou naquele dia, não é isso? Não quer bancar minha namorada?

_Como sabe?

_Jeni, eu sou mais velho, eu tenho facilidade para ver algumas coisas. Eu estranhei muito sua mudança totalmente repentina. Nem parecia a Jeni, parecia uma outra pessoa ali no meu carro falando comigo. Eu é que não devia ter embarcado nessa maluquice...

_Eu não quero ocupar a posição daquelas mulheres, eu só quero ser uma garota, ter meu primeiro amor, passar no vestibular, aprender a dirigir... Eu quero subir um degrau de cada vez. Não quero alpinismo social.

_Jeni, olha para mim. _ele segurou o meu rosto. _Você pode fazer tudo isso, ok? Tudo. Somos só... amigos. Pronto. Você é livre! E eu também! Já estou até saindo com uma pessoa.

_É? _franzi a testa.

_Mas só temos que não dar bandeira por aqui, combinado?

_Tá. _aceitei. _ Não sabe o peso que tirou das minhas costas. _suspirei aliviada.

_Ai, garotaaaa! _ele puxou-me e eu deitei na sua coxa.

_Ruan... _dei uma puxadela na sua camisa.

_Hum. _ele abaixou o rosto para me olhar.

_Eu já sei o que você é.

_O quê? _sorriu.

_O meu anjo da guarda.

_De tutor elevado a anjo da guarda. Será que um dia chego a santo?

_Quem sabe? _ri e Ruan ficou a me olhar por um tempo e eu também não consegui parar de olhá-lo. _Ruan, outra coisa está me agoniando. E eu não te disse ainda.

_Fala... _fez carinho no meu cabelo e passou o dedo no contorno da minha sobrancelha.

_Eu não queria que ficasse me cobrando a respeito do que vou prestar vestibular, isso está me deixando muito angustiada.

_Desculpe.

_Tudo bem. Você podia ser meu irmão.

_Você cisma em querer me arrumar um posto.

_Eu ainda consigo.

Autora: Li

14/09/07

Cap 11: "Não está mais sozinho" (Ruan)

Abri a porta de casa, apenas Juanito veio me receber com muitos latidos. Apertei o botão da secretária eletrônica. Essa era minha rotina, ouvir os recados sempre que chegava. Deixei a boina em cima da mesa, ao lado da minha pasta e das chaves do carro.

_ "Ruan, eu vou à casa de uma colega para fazer o trabalho da escola, tá? Eu chego para a janta, beijos da Jenizinha". _ a voz dela ecoou por toda a casa.

Fechei a porta da geladeira e bebi um pouco do suco de laranja que havia colocado no copo.

_ "Ruan, é a nora do Lodovico..." _ ao ouvir aquela voz, parei no meio do corredor. _ "... Eu estou tentando te ligar, mas não consegui..."

Senti um aperto no coração e um mau pressentimento. Fechei os olhos em uma prece.

_ "Meu sogro faleceu. Sei que vocês eram amigos, então, te liguei para dizer, desculpe ter sido assim. O enterro foi ontem".

A secretária fez um sinal de mensagens encerradas.

Não há palavras certas para dizer que perdemos um amigo. É sempre um golpe. Uma perda inexprimível. Engoli em seco e fui para a varanda dos fundos, perdido, sem direção.

Abri os botões da farda. Estava com uma raiva enorme do que aconteceu. Levantei-me, peguei o facão que usava para podar as árvores. Olhei para o pequeno arbusto que crescia e cortei alguns galhos com um golpe certo, outro e outro. Descontei com toda a força nos galhos secos.

_ Ruan? Você já chegou. _ ouvi a voz de Jeni, que acabara de apontar a cabeça na porta da cozinha.

_ Já, está tudo bem. _ falei-lhe.

Continuei podando a árvore. Até que, em um certo momento, o facão pegou na minha mão e fez um corte profundo.

_ Ai...

_ Ruan? _ Jeni ouviu meu gemido e veio correndo em minha direção preocupada.

_ Não me toque. _ levantei a mão e o sangue sujou meu braço.

Ela se afastou e seus olhos estavam amedrontados. Jeni ficava assim quando eu era rude com ela.

Abri a torneira do tanque e tingi a água de vermelho.

_ Deixa eu cuidar de você... _ colocou a mão no meu ombro.

_ Foi só um corte.

_Ruan, por favor... _ fez-me virar. _ Onde colocou a caixa de curativos?

_No armário do banheiro. _ respondi.

Ela foi pegá-la e abriu a caixa em cima da mesa velha de madeira que havia na varanda. Sentei em cima da mesa.

_Você ainda está de coturno e farda... _ ela observou, tentando desviar minha atenção do ferimento que pingava no chão e formava uma poça.

_... _ suspirei, estava sem força até para falar.

Jeni posicionou-se entre minhas pernas entreabertas, pegou delicadamente minha mão e limpou com uma gase. Depois, cortou finas tiras de esparadrapo, cerca de dois centímetros cada, que usou como se fossem pontos, unindo um lado ao outro da pele cortada. Limpou mais uma vez a área e colocou gases em cima. Por fim, envolveu minha mão toda.

Enquanto fazia os seus procedimentos, não vi nenhum medo do sangue, nem do corte, em seu rosto. Estava tranqüila, como se sempre tivesse feito isso. Comentou que tinha visto na televisão, mas não se ensina na TV esse grau de controle.

Jeni estava tão perto de mim que eu podia sentir o barulho da sua respiração saindo pelas narinas. Seu cabelo preso em um rabo de cavalo deixavam alguns fios caírem no rosto. Vestia uma blusa branca de mangas compridas.

Eu podia puxar seu rosto para mim e beijá-la, mas era uma idéia sem mãos, sem coragem, só idéia fixa na cabeça. Um toque e ela poderia considerar-me um monstro, um interesseiro por seu corpo. Não poderia me aproveitar de Jeni, nem tocá-la, nem tê-la. Precisava conter-me só com aquela presença quase limite.

_Sujou sua farda. _ ela comentou e puxou a blusa camuflada de mangas comprida para trás. _Deixa eu te ajudar.. _ aproximou-se mais e eu deixei que tirasse.

Puxei para fora da manga um dos braços, depois o outro. Minha mão enfaixada roçou sua cintura. Os olhos de Jeni se encontraram com os meus, ela engoliu em seco. Será que em nenhum momento ela quis como eu, puxar, sentir, respirar junto, sôfregos, lábios nos lábios?

_O que está havendo? _ perguntou.

_Perdi meu amigo, ele morreu. _ respondi, voltando a lembrar-me da notícia.

Jeni acariciou meu rosto com o polegar da mão direita e, em seguida, com a outra puxou-me pela nuca para abraçá-la. Fechei os olhos e senti seu corpo envolver-me, ou era eu envolvendo-a. Ficamos assim unidos por um bom tempo que eu queria eterno.

_Lamento. _ disse-me baixinho. _ Vou prepara alguma coisa para você comer, tá? _ voltou a olhar-me alma na alma.

_Obrigado. _ agradecei pelo afeto, pelo abraço, pelo toque, mesmo que tudo isso só tenha se passado em minha cabeça.

Fui até o banheiro, abri a porta do armário e procurei meu vidro de remédios. Não estava lá. Antes que pudesse ir a cozinha perguntar a Jeni, a vi na porta do banheiro.

_Você não precisa mais disso.

_Preciso. _ irritei-me. _ Onde está?

Ela aproximou-se e chegou tão perto que sua testa encostou na minha:

_Não precisa. _ segurou meu rosto com as duas mãos. _ Toma um banho quente, tudo bem?

Respirei fundo e ela fechou a porta. Foi o que fiz, esqueci-me debaixo da água esfumacante e depois comi o que Jeni havia preparado, não por fome, mas em agradecimento ao seu trabalho.

_Jeni, eu quero dormir. Me dá...

_Não. _ ela segurou delicadamente a minha mão e puxou-me para levantar.

Caminhou comigo até o quarto e pediu para eu deitar. Cai de bruços no travesseiro. Ela fez um carinho na minha cabeça e agachou-se à minha frente.

_Você vai fechar os olhos e deixar o sono vir, ok? Eu vou pegar o meu livro e sentar ali na cadeira para estudar. Vou estar aqui o tempo todo.

Eu sabia que aquela Jeni era a Jeni do carro antes do churrasco, a Jeni que inexplicavelmente deixava de ser menina por alguns minutos. Eu não sei qual das duas amei mais. Amei a primeira sem exigências, menina, infantil, ingênua. E quis da segunda, firme, fria, forte, que fosse sempre assim: por fora mulher e por dentro completamente menina. Mas não tinha como estabelecer uma ordem, uma dentro da outra. Jeni era híbrida, ao sabor do seu humor, ou quem sabe ao rigor das circunstâncias.

Meu único medo era que nenhuma viesse a ser capaz de me amar. Mas, meu amor por aquele anjo-mulher não pedia muito, só que ela precisasse de mim porque, enquanto fosse unida pela necessidade, eu teria um compromisso de vida. Não se pode viver em prol de ninguém, não se tem o mesmo impulso e paixão. Jeni era um sopro dentro dos meus pulmões adormecidos.

_Você podia ser enfermeira. _ disse-lhe, vendo-a agora de lado, por causa da minha posição deitado.

_Eu sei, é o que vou ser. _ sorriu-me e aquele sorriso me transmitiu toda a paz de que eu precisava. _ Descubri isso. _ contou-me. _ Você não precisa mais de remédio porque não está mais sozinho.

Fechei os olhos e o sono chegou devagar e pesado, escuro, profundo, silencioso e tinha o cheiro do perfume de Jeni.

Autora: Li
15/09/07

Cap 12: Pensamentos proibidos (Jeni)

_Por que você acordou tão cedo? _ Ruan perguntou-me quando entrei na cozinha, às cinco e meia da manhã.

_Eu vim ver como está sua mão. _ respondi e peguei uma xícara em cima do escorredor de pratos. Servi-me de café.

_A mão não caiu ainda. _ ele sorriu e mostrou-a.

_Dormiu bem? _ perguntei.

_Um pouco. _ disse-me e levantou-se para sair.

_Espera. _ segurei seu braço e ele olhou para baixo. _ Quero ver o ferimento, não acordei à toa.

_Não precisa.

_Ruan!

_Tudo bem, Jeni, mas não posso me atrasar. _ aceitou, só para fazer minha vontade.

Fomos para o banheiro, retirei os curativos e ele lavou o ferimento.

_Isso arde! _ reclamou.

_Que fraquinho você é, nem parece um capitão! _ ironizei e ele continuou a lavar a mão, mas olhando diretamente para mim.

_ Você tem o prazer de me ver sofrer, né? Não conhecia esse seu lado masoquista!

_... _ sorri e balancei a cabeça para o lado. _ Vamos para a sala, lá tem a claridade da janela.

_Jeni, eu não posso me atrasar!

_Ruan, você quer, então, vai embora...

_Vem cá! _ puxou-me pelo braço. _ Não faz pirraça!

_Ah! Eu... _ apontei para o meu peito. _ ... é que estou fazendo pirraça?! _ franzi a testa e cruzei os braços.

_Jeni, anda... _ ele sentou-se na cadeira e estendeu a mão. _ Agora ajeita isso aí para eu poder trabalhar.

_Ok. Já que você precisa de mim... _ peguei uma gases.

_Você adora que eu me ajoelhe e me humilhe, né?

_Que isso... Como pode pensar isso de mim?

_Aiêêêê! _ resmungou.

_Ué, pensei que já estivesse bom.

_Tá, mas não precisa derrubar o vidro de álcool em cima! _ pediu.

_Desculpe, manhosinho.

Ele revirou os olhos. Ruan ficava tão bonito irritado, eu não podia negar que sentia um prazer em implicar com ele. Por que eu tinha essa necessidade?

Terminei de fazer o curativo e ele ficou de pé em um pulo.

_Com essa droga de mão assim, eu não consigo me arrumar... _ irritou-se com a blusa que não estava direito para dentro da calça.

_Ruan, calma, espera, eu te ajudo.

_Olha o que você fez? Tirou mais ainda! _ brigou comigo e afastou-me, dei dois passos atrás.

_Desculpe, eu só queria ajudar.

_Jeni, eu falo sério! Não posso me atrasar! _ disse em voz alta e foi para o quarto.

_Ele é bravo! _ falei para o Juanito, que estava ao pé da mesa.

(Trilha sonora da cena: clique aqui agora!)

Caminhei para o meu quarto e passando pelo de Ruan, vi que a porta estava entreaberta. Ele estava de frente para o espelho da porta do guarda-roupa. Respirei fundo e engoli em seco.

Eu não podia ficar ali espiando, mas... ele estava tão nervoso que nem perceberia que...

Ruan abriu a calça verde e abaixou-a até um pouco acima dos joelhos. Suas coxas se contraíram e os músculos fortes e definidos se projetaram sob curvas quase obscenas de tão másculas!

Era hora de eu sair dali e ir para o meu quarto, mas...

Ele abaixou a cueca e eu subitamente levei as duas mãos ao rosto e ri baixinho muito nervosa. A curiosidade era muito mais forte que minha vergonha, abri um dos dedos, depois os dois.

Será que ele podia ver que eu estava vendo-o pela fresta? Não, não estava. Até porque o sol que entrava pela janela era muito forte e deixava ainda mais na zona de penumbra o corredor. Segundo a lei física dos espelhos, eu teria que me ver no espelho para ele poder me ver, mas como eu não me via...

Ruan colocou a blusa por dentro da cueca e fechou novamente a calça, depois o cinto. Esticou os braços para o alto e por fim se contentou com o resultado. Era hora de eu sair dali. Corri para o quarto e dei de cara na porta, estava escuro e eu não tinha me dado conta que a fechara.

_Putaquepariu! _ sussurrei, esfregando a palma da mão na cara.

_Jeni?

_Ãnh? _ virei-me e fingi que nada estava acontecendo.

_Desculpe, tá? Mas hoje eu tenho compromissos muito sérios, melhor nem explicar porque você não vai entender... _ aproximou-se de mim e senti o cheiro do seu desodorante seco, com uma fragrância emadeirada.

_Eu entendo... _ abaixei-me e peguei Juanito no colo.

_Se cuida e boa aula!

_Tá. _ balancei a cabeça afirmativamente.

Ele colocou a boina, pegou a maleta e as chaves do carro. Nesse momento, o celular tocou e Ruan deu um leve grunhido.

Eu soltei uma risadinha baixa, divertindo-me. Fiquei ali parada, em pé no corredor, observando-o.

Ruan, que estava de costas para mim, firmou-se em uma das pernas e a outra deixou levemente flexionada, o que contraiu a sua bunda sob o tecido da calça. Nossa, ele tinha uma bunda tão... Inclinei meu rosto para o lado para pegar um melhor ângulo. Era tão redonda, anatomicamente grega, como aquelas estátuas...

Juanito latiu e chamou a atenção de Ruan, que virou-se para trás e olhou-nos, eu abaixei a cabeça envergonhada e entrei para o quarto.

_Você não pode ficar quieto?! _ reclamei com Juanito e o coloquei no chão. _ Eu acho que não posso tomar café de manhã, está me fazendo ver coisas... _ abanei as mãos no ar para me trazer um ventinho e abaixar aquele repentino calor.

A imagem de Ruan ajeitando a blusa, o caminho de pêlos que descia pelo seu umbigo e...

_Não! Jeni, não! Nãaaaaa! _ dei um leve tapinha no meu rosto. _ O que está acontecendo com você? _ balancei minha cabeça para os lados e respirei profundamente. _ É só uma crise de... Identidade... Isso, identidade masculina, na falta de referências, eu... Céus, o que eu estou falando?!

Olhei para o relógio, estava um pouco cedo. Mas eu precisava me ocupar e afastar aqueles pensamentos. Vesti o uniforme e verifiquei se tudo estava dentro da mochila. Por fim, na falta de coisa melhor para fazer, liguei um pouquinho o computador. Encontrei um e-mail de Daniel na minha caixa de mensagens.

_“Oi, Jeni. Adorei conversar contigo aquele dia. Senti muita falta disso, de poder falar abertamente com alguém sobre minha vida. Ah! Já contou para o seu pai que você decidiu que quer ser enfermeira? Espero que ele fique satisfeito com sua escolha. Eu acho que ficará bonita de branco, caminhando pelo corredor dos hospitais, cuidando das pessoas. Todo filme de guerra tem uma enfermeira... Bem, por que estou falando disso?

Eu hoje estou quebrado. A rotina aqui é a seguinte. Bom... Acho que já deve conhecer isso de cor, seu pai é militar. Mas, vou falar. Não sei por que sinto vontade de te contar as minhas coisas.

Eu peço para um plantão anotar a hora para me acordar. (Plantão é um cara que fica de guarda), bom, aí toca o sinal e a gente já está pronto. Depois, entra em forma, aí tem o café da manhã e começam as aulas. Depois vem exercícios, almoço, janta e tals. Enfim, são tantas coisas que acontecem sucessivamente e com horas programadas que eu não tenho muito tempo de pensar em nada. Te confesso que no meio da adrenalina de não fazer nada errado, nem esquecer um material na mochila, ou cometer alguma falta, eu esqueço de ligar para minha mãe...

Não é que eu não a ame, nem ame minha noiva, mas é que estou tão pilhado, louco para tudo sair certo que, quando dou por mim, caio na cama e desmaio. Sabe o que me deixa mais triste, quando eu fico sendo cobrado por elas de que não dou atenção suficiente. Eu amo essas duas mulheres, mas elas têm que entender a minha rotina e pararem de me sugarem. Por que mulher não entende que sim é sim e não é não. Quando eu digo, “eu te amo” é “eu te amo”. Por isso, se eu não ligar, não significa “eu não te amo”. Deu para sacar? Aqui nem sempre é possível ficar de namorico. Putz, cara, tu não imagina a fila que é no orelhão, cartão caro para kct, ainda tem que vestir a farda, tudo que eu quero é dormir e não ficar duelando por um fone.

Eita, sua rotina aí deve ser muito diferente da minha. E falando em rotina, ainda tem as mudanças do ano que vem, vou me formar, estagiar e... cuidar de filho. Isso está me tirando o sono. Mas vai dar tudo certo, amo minha namorada, quero dizer, noiva, ainda não me acostumei com esses termos. Rs.

Jeni, está sendo bom para mim contar com você como amiga. Me manda um e-mail, sei lá, me fale mais sobre você, fiquei com nossa conversa na cabeça durante o dia.

Abraço. Cad. Daniel.”

Eu suspirei e sorri. Era bom ler as palavras de Daniel. Para ele, a vida ainda era uma lacuna aberta como a minha. Um dia, ele chegaria a ser como Ruan, decidido, seguro, completo, adulto. Mas, por enquanto, tudo ainda era um mar de dúvidas e incertezas. O melhor é que contava com meu apoio para tomar decisões. Eu me sentia importante e gostava dessa sensação.

Pensei até em respondê-lo, mas não dava mais tempo. Esperaria, à noite, ele entrar no msn.

Peguei meu fichário e joguei a mochila nas costas. Tinha que correr para pegar um ônibus vazio.

Se demorasse demais, enfrentaria o maior trânsito.

_Posso segurar sua mochila?! _ alguém tocou no meu braço, quando eu tinha acabado de arrumar um lugar para ficar em pé.

_Oi! _ sorri ao reconhecer a Priscila, uma das colegas de turma. _ Obrigada. _ passei-lhe minhas coisas.

_Eu reparei que pegamos o mesmo ônibus ontem, mas você se sentou lá na frente e não me viu.

_Desculpe, eu venho sempre com muito sono.

O homem ao lado de Priscila se levantou para descer e eu sentei perto da janela. Conversamos durante o trajeto sobre a escola, os professores, temas frios e que eram em comum.

_Parece que gostaram muito do trabalho que fizemos. A professora fez uma cara de quem aprovou.

_Espero!

_Jeni, você mora na vila militar?

_Sim.

_Seu pai é militar? _ perguntou.

_... É... _ respondi sem muita ênfase.

_É... ou não é?

_Bem, ele não é meu pai, mas é militar. _ respondi.

_Ah! Sim, ele deve ser oficial. _ concluiu.

_É, ele é capitão.

_Hum, que legal, o meu é sargento.

_Que ótimo! _ falei-lhe.

_É, mas os praças e os oficiais vivem de lados diferentes da ponte. Principalmente as mulheres.

_Ãnh?

_A minha mãe não foi bem tratada uma vez em uma festa. As mulheres parecem que assumem a patente dos maridos... Detesto isso.

_Hum, eu não conheço muito bem esse lado, Pri. Na verdade, eu sou meio nova nesse meio. Não tenho como dar opiniões.

_Como nova? Sua mãe casou-se com ele faz pouco tempo?

_Não, eu não tenho mãe.

_Lamento.

_Não, ela não morreu. _ ri da confusão que provoquei na cabeça dela. _ Apenas não mora comigo. Meu pai, quero dizer, meu padrasto morreu... Ai, é complexo explicar. Assim, eu não conheci meu pai, minha mãe não falava sobre ele... Bom, meu padrasto morreu e eu fiquei com um amigo dele, que é meu tutor...

_O capitão?! _ ela franziu a testa, se esforçando para acompanhar o meu raciocínio.

_Isso!

_Que ótimo que ele e a esposa te acolheram.

_Ele não é casado... _ fiz uma pequena careta.

_Não?

_Eu disse que era complicado. Mas, o Ruan é para mim como um irmão mais velho.

_Você disse Ruan, o capitão?

_É! Conhece?

_Ohhh, meu deus, claro! Quem não conhece?

Quê? Ruan era algum astro do Rock internacional? Como assim "quem não o conhecia"? Eu não sabia da sua popularidade...

_Ñnh? _ eu franzi a testa, era minha vez de estar confusa.

_Você não sabe?

_Do quê, Pri?! _ balancei as mãos no ar, nervosa.

_Não sabe da fama dele?

_Fama?!

_Ai, eu odeio fofoca de vila, mas...

_Pode falando tudo agora que eu quero saber!

_Tudo bem. O Ruan veio para cá uma vez.

_É, ele me disse que essa é a segunda transferência para cá.

_Bom, ele foi apelidado de Don Juan. Diz as más línguas que ninguém passou imune por...

_Ruan?! _ ri da idéia.

Não que ele não fosse bonito e tal... (Lembrei-me da cena da calça, da blusa, da sua barriga e, esquece isso, Jeni!)... Mas daí pegador? Ele pareceu-me tão preocupado com sua imagem.

_Dizem que quando ele foi embora, a vila ficou muito triste e suspirando. _ Pri deu uma risada.

_Isso é linda! Mito!

_Bom, que seja, mas que muita gente deve ter dado uma arrumadinha no visual quando soube que estava de volta o famoso Don... _ ela parou. _ Desculpe, Jeni, por estar falando assim... Mas eu sempre achei ele tão atraente, com todo o respeito, claro.

_Mas você era uma garotinha!

_E daí? Ele era bonitão! Dizem que ele em uma festa, feita só pelas mulheres, fez até um *striptease* só com a calça da farda, rebolando... Aiiii. E você vive na casa com ele?! Aiiii. Mas tudo bem, eu deixo ele para você! _ riu alto. _ As mulheres devem estar fazendo bonequinhos suas para ficar espetando com agulhas.

_Que horror!

Eu balancei a cabeça para os lados. Ruan me parecia tão reservado. Ele rebolando? Isso era fantasia total, coisa de mulheres desocupadas que inventam histórias! Até me disse que estava com uma mulher... Será que era uma só? Ai, Priscila não devia ter enchido minha cabeça com essas mitologias! Caramba! Que droga! Ela não estava me ajudando a manter minha visão de "irmão" dele. Mas agora já era, esse seria o seu assunto preferido comigo.

Na sala de aula, Ruan não saía da minha cabeça. Fiquei imaginando-o dançando só de calça camuflada, sem a camisa, com os músculos bronzeados totalmente à mostra. As mulheres em volta eufóricas e sem ar. Ele rebolando bem devagar, movendo a cintura, como aqueles caras do clube das mulheres. Depois abrindo a calça e mostrando o seu caminho para...

Alguém me cutucou. Peguei o bilhete que me passaram. Li:

"_A aula é ali na frente, tá? Ass: Pri"

Procurei Priscila com os olhos e a encontrei duas fileiras à minha direita. Ela levantou o caderno onde estava escrito em letras garrafais de vermelho em uma folha: "**O RUAN NÃO CAI NO VESTIBULAR**" e apontou para o quadro, onde a professora explicava a lei do Empuxo. Esperei a professora se virar e taquei a bolinha de papel do bilhete na cabeça de Pri.

Sorri, vermelha e com as orelhas queimando, podiam acender um cigarro nelas.

Pensei com toda força: "Não é certo! Não vou pensar nisso nunca mais! Nunquinha, never, jamás! Ruan para mim era um assexuado, isso, um andrógeno, um ET, um... padre! Proibido, pronto!

Autora: Li

Cap 13: O professor e a aluna (Ruan)

_Eu sou um fracasso. _Jeni entrou no escritório falando alto e com passos firmes, caiu no sofá à minha frente.

_E posso saber por quê? _perguntei, suspeitando que não passava de um exagero seu.

_Eu queria muito participar da liga estudantil e jogar na equipe de handebol.

_E o que te impede?

_A treinadora disse que eu não tenho fôlego para agüentar nem o início do jogo.

Eu sorri ao ver sua cara de irritação.

_Ruan, isso não é uma brincadeira!

_Tudo bem. _ fiquei sério outra vez e continuei a escrever no computador o relatório que precisava entregar no dia seguinte.

_Poxa, você não pode fazer nada por mim?

_Eu? Bom, quer que eu vá na escola e...?

_Não, né?!

_Então?

_Você não treinava lá os seus soldados?

_Hum, que tem o pelotão?

_E se eu fosse o pelotão de uma pessoa só?

_Eu te treinar?

_Ruan, ou é isso ou nada!!!

_Jeni, você está encarando isso como uma questão de honra.

_Mas é “uma questão de honra”. _ela levantou-se e veio até minha mesa, onde apoiou-se com as duas mãos, inclinou o rosto mais para perto do meu. _ Eu quero provar para aquela professora que eu posso, sim! Me ajuda?

Com seus olhos brilhantes tão fixos e esperançosos em mim, eu estava disposto a ensinar-lhe qualquer coisa. Escalar o Everest, mergulhar em algum fosso abissal, o que quisesse!

_Quando quer começar?

_Agora?!

Fomos para a rua que havia na frente da nossa casa. Era bem larga e muito extensa. As pessoas se exercitavam ali todos os dias. Era o lugar que dispúnhamos.

_Jeni, correr é uma arte... _comecei a explicar-lhe com a mão direita apoiada em seu ombro. Ela revirou os olhos, entediada. Mas, eu não me deixaria vencer por sua impaciência. Se tinha uma coisa que eu entendia era de exercícios físicos. _ Você não vai só movimentar as pernas e sair feito uma maluca porque não vai ter o melhor resultado. Bom, primeiro de tudo, olhe para o meu pé e veja. _ mostrei-lhe, apontando para o meu tênis. _ O calcanhar que deve ser a primeira parte do pé a tocar o chão, depois encoste a planta do pé e, só aí, os dedos. Entendeu? _ perguntei e após sua afirmação de cabeça, coloquei minha mão na sua coluna. _ Quando correr, mantenha as costas e o abdômen firmes e contraídos. Já os braços também têm uma forma de se posicionar. Assim: dobre o cotovelo em 90 graus e faz o movimento a partir dos seus ombros, que têm que ficar em linha reta e não deixe o corpo girar na cintura, não faz aquele vai e vem dos quadris, tudo bem?

_Tá, é para correr igual um robzinho, entendi. _ ironizou e começou a correr, antes mesmo que eu terminasse de lhe dizer a parte mais importante.

Depois de alguns metros ela parou, apoiou as mãos no joelho e sentou no meio fio. Não agüentei e comecei a rir. Corri até ela e me agachei:

_Jeni, tudo bem com você?

_Morri. Morri.

_... _eu controlei minha risada. _ Você não acha que vai começar disputando a Meia Maratona do Rio, né? _ brinquei.

_... Eu não tenho tempo a perder, Ruan! O campeonato está aí!

_Preste atenção, Jeni! Você tem o seu ritmo e deve ensinar o corpo a progredir. Não por violentar os seus músculos. Vamos estabelecer um cronograma para você, essa semana vai correr trinta minutos três dias. Depois na outra semana, 40 minutos 3 vezes aí na outra aumenta para 45, mas agora 4 vezes e por fim você chegará há 50 minutos, cinco vezes. Tudo bem?

_Ruan, eu não vou conseguir... _ela teatralizou um choro.

_Jeni, se você fosse um soldado, eu gritaria com você! _ perdi a paciência.

_Desculpe. _ela arregalou os olhos. _ Mas como eu sou uma menina tão boazinha e bonitinha, você vai ser bem paciente, né? _ela fez voz de criança de desenho animado e conseguiu me provocar um riso. Aquela garota tinha um jeito próprio de me comandar, ela estava no controle.

Fizemos um alongamento e eu vigiei seu primeiro dia de exercícios, depois partimos para o supermercado, era dia de fazer compras.

_Se você quer mesmo potencializar os seus resultados, não adianta trabalhar só nos músculos, é preciso cuidar do seu interior. _ expliquei-lhe e pegamos um carrinho.

_Sim, explique-me, professor. _ disse em tom de brincadeira, caminhando sempre ao meu lado.

_O tomate, por exemplo. _ peguei um bem vermelho, joguei para o alto e depois agarrei-o no ar. _ Eles não são o enfeite da salada. São super ricos de antioxidantes. Sabe o que isso significa? Ele combate os radicais livres e retarda o envelhecimento! Vamos levar.

Escolhemos alguns e colocamos no carrinho.

_Agora minha preferida! _ peguei um cacho de bananas. _ Elas são carregadas de potássio, vitamina C e amido e isso é ótimo para quem faz exercícios físicos. Anota aí!

Assim fomos passeando pelas gôndolas e escolhendo os alimentos mais apropriados. Aos poucos, Jeni olhava para mim com respeito e atenção. Senti-me importante e feliz por ela estar me admirando. Tudo que eu sempre pesquisei para mim mesmo a vida inteira poderia dividir com ela e isso me alegrava e elevava a moral.

_Ruan, nunca entendi bem a diferença entre Light e Diet. _Jeni perguntou.

_Ah, essa é uma coisa que os comerciais de televisão nunca explicam mesmo na hora de falar dos grandes milagres dos produtos light e diet. Bom, pelo que sei é assim. O Diet não quer dizer que você não vai engordar, não. Eles eliminam algum ingrediente da fórmula do produto original. Tipo, pode ser que não tenha gorduras, ou açúcares, ou sódio, ou proteínas. Por exemplo, um chocolate diet, sem açúcar, tem praticamente a mesma quantidade de calorias do chocolate normal, sabe por quê? Porque possuem mais gorduras. Tudo que é diet, em geral, é recomendado para quem tem alergia, ou não pode mesmo comer algum tipo de substância. O exemplo bem clássico é dos diabéticos, hipertensos que não podem comer sal e tal.

_E o light?

_ Os alimentos diet tiram um ingrediente e os light reduzem 25%. Isso não quer dizer que o light emagrece mais que o diet, porque vai depender de que substância foi reduzida. Para isso é preciso reduzir algum ingrediente calórico como carboidrato, gordura ou proteína e não substâncias como o sódio, que é o sal light. _ expliquei-lhe.

_Ah! Saquei. _Jeni suspendeu as sobrancelhas.

Tentei guiá-la pelo melhor caminho do treinamento físico. Ela até que foi uma boa aluna e no cabo de três semanas já havia ganhando músculos e perdido gordura. Nossa rotina de treinos chamou a atenção do meu amigo Fonseca, que também corria por ali no fim do expediente. Ele parou ao meu lado.

_Eu ainda não acredito em tudo que me contou. É maluco demais! _ ele comentou e sabia que se referia a história toda do meu encontro com a Jeni e como ela viera parar na minha vida. _ Você não acha que as coisas não acontecem por acaso?

_Pode ser... _olhei o relógio. _ É isso aí, garota! Melhorou seu tempo! _ gritei para Jeni que diminuiu o ritmo e veio até nós, ofegante.

_Já conhece? Meu amigo Fonseca, estudou comigo na academia. _ apresentei-lhe.

_Oi. _ela sorriu e pegou mais ar. O suor escorria por seu pescoço e escorregava por entre seus

seios escondidos sob a blusa e lá estavam dois marmanjos fixados nos seus mamilos eriçados, meu Deus, aquela garota era o caminho para o pecado. _ Vou tomar um banho, Ruan, por hoje chega. _ riu.

_Tá, vai lá. _ disse-lhe e ela afastou-se, caminhando para nossa casa.

_Vocês já...? _ Fonseca insinuou.

_Não! _ franzi a testa. _ Eu estou gostando dela, mas olha, é só uma garota de quase dezoito anos! _ confessei-lhe o que nos afastava. Fonseca era um grande amigo, com ele podia me abrir. _ Mas não me falta vontade.

_Eu já vi de tudo nessa vida, cara, e acho que se é para você finalmente ser feliz, vai lá e conquista ela!

_Eu tenho medo de atropelar tudo e assustar porque me acho um tiozinho, sabe?

_É, vai ter que esperar mesmo o tempo dela, não dá para se afobar. Mas enquanto isso...?

_Ah! Eu vejo a Virgínia de vez em quando, mas não sinto nada por ela, é só tesão mesmo. Ela também não exige nada em troca, fica a combinação perfeita.

_... O corpo de uma e o coração de outra? _ ele completou.

_Mais ou menos isso. _ cruzei os braços. _ Cara, eu tenho que ir. _ apertei sua mão e voltei para casa.

Passando pelo corredor, percebi que Jeni havia se esquecido de trancar direito a porta que estava meio empenada. O vento empurrou-a e eu pude ver a silhueta de seu corpo atrás do vidro fosco do box. Senti meu corpo em combustão com aquela imagem que ganhava todos os detalhes em minha cabeça. Olhei o relógio e não pensei muito. Peguei a chave do carro em cima da mesa e fui procurar Virgínia. Se eu não conseguia ser completo, que ao menos pudesse ser metade.

Mas não apenas uma das metades era suficiente, então, eu sempre voltava para casa em busca da presença de Jeni, mesmo que só para senti-la por perto, em algum cômodo ouvindo música ou estudando. Passei por seu quarto e ela estava no computador.

Bati na porta três vezes e disse que eu podia entrar.

_Jeni, preciso te dizer uma coisa.

_Fala. _ virou-se para mim.

_Eu te prometi que iria assistir o seu jogo, mas... não vai dar, eu vou estar em missão.

_Ah! Não! Ruan... Eu...!

_Desculpe, mas é a minha profissão.

_Tudo bem. _ fez um semblante triste.

_Jeni, lamento mesmo. Mas eu vou chegar do campo no sábado.

_O jogo é no sábado!

_Difícilmente dará tempo.

_Eu queria que alguém estivesse lá torcendo por mim.

_Eu também queria, você sabe disso. Por isso te ajudei.

_Entendo, você foi demais, nem sei o que seria de mim sem suas aulinhas.

Sorri.

_Eu queria que você não fosse militar.

_Jeni!

_Só por um dia, Ruan, só por um dia! _ explicou-me.

_Lamento mesmo... _ fiz um afago no seu cabelo e sai do quarto.

Jeni me fez sentir culpado, não queria faltar por nada ao seu jogo porque eu era parte do processo, acompanhei tudo de perto. Agora eu não vivia apenas em função do meu trabalho, tinha uma outra pessoa a quem eu deveria corresponder às expectativas. Isso não era fácil, mas também dava mais valor à minha vida.

Eu fiquei com aquela idéia fixa na minha cabeça e não teve um dia que não lembrei de Jeni no acampamento. Fiz de tudo para correr e alcançar o final do seu jogo. Joguei a mochila no chão da sala, corri para o quarto, me enfiei no primeiro jeans e camisa que encontrei no armário e peguei as chaves do carro.

Queria lhe fazer a surpresa de me ver. Quando cheguei no ginásio do seu colégio, faltava cinco minutos para o fim do jogo. Sentei na arquibancada e a procurei com os olhos. Ela estava com as mãos levantadas fazendo barreira para aos adversários. Seu time vencia com uma vantagem de seis pontos.

Pensei em todas as emoções que perdi, mas não me condenei por isso, eu tinha conseguido estar ali contra todas as dificuldades. O árbitro apitou e elas começaram a pular e se abraçarem.

_Jeni! _ gritei-lhe e ela virou o rosto para o lado.

_Ruan! _ li meu nome nos seus lábios.

Ela correu até mim e chegou perto da grade onde eu estava.

_Você veio, não posso acreditar!

_Eu fiz o impossível.

_Eu imagino! _ ela riu e me puxou para abraçá-la. _ Obrigada.

_Eu pensei em a gente sair para comemorar.

_Claro!

Duas amigas de Jeni aproximaram-se:

_Jeni, vamos no carro do Fernando? A gente achou melhor ir para um rodízio mesmo.

_Tá... _ Jeni voltou a olhar para mim.

_Tudo bem, não sabia que vocês tinham planos antes.

_Não... _ Jeni interrompeu-me e virou-se para elas. _ Eu não vou poder ir, desculpe, mas estou feliz por termos ganho.

_Por quê? _ elas não se conformaram.

_Porque eu prometi ao meu amigo que a gente sairia.

Elas olharam para mim e depois para a Jeni e aceitaram a desculpa.

_Tudo bem. _ foram embora.

_Jeni, não precisava...

_Ruan, eu sei dar o devido valor às pessoas. Você passou uma semana cansativa e correu para vir me ver jogar. Podemos pedir pizza em casa e você me conta como foi seu campo.

_Que bom que pense assim...

_Mas tem que ser com muito queijo gorduroso, muita borda recheada, muito refrigerante calórico e, se quiser, pode ter um pouco daquele tomate com antioxidantes.

Sorrimos um para o outro.

Autora: Li

Cap 14: As terríveis (Jeni)

Penso que Priscila era um pouco a minha frente. Suas idéias e ações insensatas, talvez, atiradas, posso assim dizer, me davam medo e ao mesmo tempo admiração pela minha amiga. Em muito, minhas atitudes também mudaram em convivência com esta maluquinha.

Seu lema de vida era diversão mesmo e, principalmente, se estas envolvessem algum grau de risco. Por isso, me meti em algumas enrascadas com ela que valeram pelo prazer da diversão. Quem não gostou muito foi Ruan.

Em um dia de sol quente, moscas sobre as frutas da mesa e necas de pitibiriba para se fazer, ela me apareceu aqui em casa com uma mochila cheia nas costas e na ponta da língua uma proposta para ocuparmos nosso tempo como verdadeiras *stars*.

_Do que está falando? _ fechei a porta.

_Eu vi uma máquina digital lá no escritório do seu irmão, pai, amigo, sabe-se lá o quê...

_Ruan?

_Isso, lá na sala dele, daí pensei: que tal a gente tirar uma fotos nossas, colocar no orkut, sei lá, brincar um pouquinho.

_Hum... _ continuei de braços cruzados, tentando acompanhar o seu raciocínio. Ainda estava abismada com seus olhos de águia, que descobriam coisas que eu nem me dera conta. Qualquer dia desses, ela vai achar aqui uma passagem secreta para o elo perdido atrás de alguma parede que gira em torno do próprio eixo.

_Que tal? Eu pensei em entramos em alguns sites de filme e sei lá... nos fantasiarmos iguais as personagens...

Como vê, leitoras, o céu era o limite para a criatividade mental de Priscila.

_Não é uma grande idéia? _ abriu a mochila e mostrou seu arsenal de maquiagem, bijuterias ousadas e panos, blusas, toda uma bagagem de quinquilharias.

Depois dela ter saído de casa, vindo a pé até aqui nesse sol com aquele *kit Hollywood*, o que eu poderia dizer?

_Vamos nessa! Eu só não sei usar a máquina. E temos que ter muito cuidado para Ruan não

descobrir.

_Pode ficar tranqüila. Nós somos da geração *High Tech*, entendemos os comandos por intuição. _ foi até o escritório de Ruan pegar a máquina e eu sentei no sofá para olhar o que mais tinha trazido.

_Eu já até sei por onde vamos começar. Pensei em você tirar uma foto... _ ela caiu sentada do meu lado. _ Igual aquela do filme "Memórias de uma Gueixa". Vamos abrir o site para eu te mostrar.

_Podemos usar o computador do meu quarto. _ disse-lhe e levamos tudo para lá.

_Quem é esse gatinho aqui? _ Pri perguntou quando sentou-se diante do pc e viu a janela aberta de conversa do Daniel.

_Ué, o que ele está fazendo aí a essa hora? _ franzi a testa.

Pedi licença a Pri e me inclinei para escrever no msn para ele. Disse que eu estava ocupada. Senti uma leve pontada de peso na consciência, mas não ia deixar minha amiga de lado para conversar com "Dan". Eu já até sabia o roteiro daquilo, depois de alguns minutos, ele teria que sair do nada, era sempre assim.

_Ele é lá do colégio? _ perguntou. _ Como não vi ainda essa coisa fofa por lá?

Priscila era uma caça-homens-bonitos. Isso não significava que fosse uma garota oferecida, eu chamaria de antenada. Estava em todas as festas e *points* com a turma, era alguém que cultuava o valor da interação social.

_Eu o conheci em uma sala de bate-bapo, ele é cadete, mas nem dá para me empolgar, ele tem namorada e é um poço de complicação. A garota acabou de descobrir que está grávida e ontem ele me revelou mais uma coisa, ela tem outra filha maior, que vive com a avó, mas não é filha dele.

_Shiii, que complexo, não se mete com gente assim, não.

_Eu sei, mas ele é um fofinho e adoro conversar com ele. Me divirto e sinto que posso ajudá-lo também. Mas vamos ver a tal foto lá da Gueixa.

Pri procurou no google o [site oficial do filme](#) e depois mostrou-me a bendita da imagem.

_Mas perai, ela é uma oriental e tem olho azul, daí eu só vejo semelhança no cabelo.

_Você tem que trabalhar melhor sua imaginação, Jeni! _ ela levantou-se e foi buscar as maquiagens. _ Eu vou fazer com lápis de olho você virar uma gueixa.

_Ai, você é doida, olha lá hen... _ aceitei e sentei na cama para oferecer-lhe o rosto. Ela começou a pintar de preto uma linha sobre os meus cílios que iam até um pouco depois do contorno dos olhos. _ Agora vamos escovar seu cabelo.

_E o olho azul? _ perguntei.

_Para que existe Photoshop?

Ela tirou algumas fotos e comparamos com a do computador.

_Ficou um máximo! _ eu dei um gritinho.

_E você? O que vai ser? _ empolguei-me e pela primeira vez dei crédito à sua brincadeira.

_Eu pensei em ser a garota do "[Legalmente loira](#)" ! _ ela puxou uma blusa rosa da mochila e alguns acessórios da mesma cor. _ Só que vou precisar do seu cachorrinho.

_Vai enfeitar ele de rosa?!

_Ah! Deixa, ele vai ficar bem estilo cachorro de patricinha.

Olhei para o Juanito e suspirei.

_Tudo bem, mas não exagera hen! Ele não é *gay*!

_Tá. _ela começou a pentear sua cabeleira loira e, enquanto isso, eu deitei na cama, com a cabeça apoiada na almofada em formato de coração. _ Pri, você não sabe o que eu vi ontem.

_O quê? _ela olhou-me através do espelho.

_Eu estava em cima da árvore ali do quintal...

_O que você fazia em cima da árvore?!

_Fotossíntese! _ respondi.

Ela riu e eu prossegui.

_Eu estava tentando ajudar um filhote de sabiá que tinha caído do ninho. Enfim, o fato é que eu vi por cima do muro a esposa do Moraes com um soldado.

_Mentira! A esposa do Moraes, aquela lambisgóia metidona? _ela gritou.

_Isso, grita mesmo! Pega um megafone.

_Desculpe.

_Eles estavam aos beijos, só que ela entrou e eu não vi mais.

_Que bomba! Eu estou passada com essa ridícula. Sabe o que ela fez? A filhinha ridícula dela foi encher a cabeça da mãe, dizendo que eu pego todos os caras das festas. Tudo bem, eu não sou freira, mas passou uma imagem ridícula de mim...

_Como sabe?

_Porque ela entrou em algumas comunidades referentes a namoradas e noivas de milico e saiu falando mal de mim.

_Hum, e daí, o que você fez?

_Bom, eu tive que usar meu requinte de crueldade.

_Ñnh?!

_Eu dei *print screen* na tela de todas as comunidades e fiz um pequeno relatório que chegou nas mãos do marido dela por carta. A casa deve ter caído. _riu. _Agora veja, ela é que é uma qualquer...

_As aparências enganam...

_E é por isso que vamos tirar fotos. Estou bem paty?

_Muito. _ peguei a máquina e tiramos mais fotos.

Assim fomos brincando durante toda a tarde, passeando por vários ícones do cinema e montamos um lindo *book*. Nunca me vi tão bonita. Só quem não gostou nada disso foi Ruan que invadiu o meu quarto na noite do dia seguinte, furioso até a última gota de sangue que irrigava

seu rosto vermelho.

_Você mexeu na minha máquina?

Eu, lentamente, levantei meu rosto da revista que lia sentada no chão. Tirei os fones do ouvido. Que droga, tinha deixado no lugar de sempre para descarregar, mas havia esquecido de fazer isso.

_Desculpe, eu só tirei umas fotos e não estraguei nada...

_Tudo bem... _ ele passou a mão na testa, ainda estava fardado. _ ... Se todos os meus amigos não tivessem visto.

_Como assim? _ franzi a testa e senti uma pontada no coração.

_Eu levei a máquina hoje de manhã, a gente ia tirar fotos de uma instrução para registro histórico. Quando fomos descarregar a máquina com a equipe vimos... _ ele nem conseguiu pronunciar. _ ... isso!

_Ruan, fala como se eu estivesse em poses para a *Playboy*. Qual é o problema? Eu não tenho culpa... _ levantei-me e fui possuída por um instinto de defesa que brotou não sei bem de onde. _ ... que eles tenham aquelas barangas horrorosas em casa e precisem se divertir com a beleza e a graça das mulheres dos outros.

_Ãnh? _ ele fez uma careta, acho que dei um nó na cabeça dele.

_É isso aí! Eles me acharam lindérrima e é por isso, que você está aí todo mordido.

Ruan não conseguiu pronunciar palavra alguma, ficou paralisado.

_Não aconteceu nada demais. Só passar para um CD, depois você me dá e pronto, acabou. Simples assim. _ resumi e sentei no chão para voltar à minha revista.

Ruan ficou de boca aberta, me olhando, e não disse mais nada. Quando ele saiu do quarto, me desarmeí de toda segurança e xinguei Priscila até o mais baixo escalão.

Peguei o telefone.

_Mentira! Que sucesso, hen, que vamos fazer?! _ foi assim que ela se expressou quando lhe contei a repercussão da nossa brincadeira. _ Jeni, eu não nasci para o anonimato. Eles não têm fotos de mulheres pançudas pós-terceiro-filho carregando criancinhas no colo? Ótimo, o Ruan tem fotos de uma garota linda na câmara, qual o mal nisso? Você estava vestida.

_Foi mais ou menos isso que eu disse para me safar.

_Viu como está aprendendo comigo?! _ ri.

_Priscila, você é terrível! _ balancei a cabeça para os lados.

_Sabe o que vamos fazer hoje à noite?

_Dançar rumba peladas na rua com um carro de som do lado? _ ironizei.

_Seria engraçado, mas não. Eu tenho convites para a gente ir a um baile lá no clube. Não me pergunte como, nem com quem consegui, é segredo. Mas você está proibida de dizer não.

_Eu não tenho roupa.

_Eu disse que estava proibida de dizer não. _ repetiu. _ Eu apareço aí com a solução.

Priscila tocou a campainha e Ruan foi atender. Nós nos trancamos no quarto e, em questão de

vinte minutos, ela me enfiou dentro de um maravilhoso vestido e me colocou atrás de uma maquiagem perfeita.

_Agora você está pronta para a diversão. _ falou no meu ouvido e eu continuei me olhando no espelho, senti um frio na barriga.

Enquanto ela terminava de se arrumar, fui até o escritório de Ruan. Tinha que comunicar-lhe que sairia. Abri a porta com o máximo de cuidado para não fazer barulho. Ele não quis me olhar, estava emburrado com a história da máquina. Fiquei na frente da sua mesa parada em pé.

Ele, lentamente, levantou os olhos e ao me contemplar naquele *look* de baile, sua boca se entreabriu de admiração. Segurei o sorriso no canto da boca.

_Eu vou a uma festa com a Priscila e...

_Festa? Eu deixei?

... _ eu fiquei sem palavras, como assim deixar?

_Você não pode sair por aí assim.

_Ruan, por favor.

Ele levantou-se e veio em minha direção. Meus olhos já estavam cheios de lágrimas.

_Por que eu não posso ir?

_Eu não disse que não pode ir.

_Bom, então, não entendi.

_Eu disse que não pode ir... sem mim.

Voltei para o quarto e bati a porta. Estava confusa, sem saber o que fazer.

_Temos um problema. O Ruan quer ir.

_Você vai levá-lo? _ Priscila fez uma careta e depois mudou de expressão, mostrando que tinha sido puro fingimento sua primeira reação. _ Pode deixar que pago o seu lanche por um mês.

_Você gostou da idéia?

_Querida, eu quero ir a uma festa cheia de homens interessantes e bonitos. Não vou desfilhar no meio de velhos gagás, de mão trêmula e bengala.

_É que tem uma coisa que não te contei ainda...

Sentamos na cama.

_O Ruan e eu fizemos uma besteira.

_Incesto?

_Não! Eu já falei que ele não é meu pai! _ revirei os olhos.

_Brincadeira!

_Alguns amigos acham que nós somos namorados. Não dá para a gente sair por aí separados, entende?

_Vocês ainda vão ficar juntos!

_Que isso!

_Jeni, o fato é que hoje só vamos pensar em dançar muito. _ ela bateu palmas.

Ruan avisou-nos que demoraria, pois precisava terminar um trabalho. Fomos, assim, na frente para depois nos encontrarmos lá. Chamamos um táxi.

A festa estava muito animada e Priscila logo arrumou companhia. Extrovertida, conseguiu chamar a atenção dos meninos que sentaram-se em uma mesa com a gente.

Uma banda tocava em um palco. Havia uma linda decoração de flores de papel e enfeites, me senti em um baile dos anos 60. O meio militar tinha esse estilo de manter o que é romântico. Mas eu me sentia sozinha no meio daquelas pessoas. Precisava de segurança e o único a me inspirar isso era Ruan.

_Calma, bobinha, ele já vai chegar. _ Pri sempre conseguia ler meus pensamentos. _ Por falar nisso, olha ele ali... _ apontou com o dedo da mão que segurava a taça e eu virei meu rosto para onde ela indicava.

(Trilha Sonora da cena, clique aqui agora!)

Lá estava Ruan, procurando-me. Meu coração deu um salto. Eu abri um sorriso espontâneo, sem tentar fugir da alegria de encontrá-lo, mas Ruan escondeu o seu no canto da boca. Estava vestido com a farda cinza.

_Pede para ele me adotar também? _ Priscila riu.

Afastei-me do grupo e caminhei em sua direção. Passei por entre as pessoas do meio da pista de dança. Ruan veio na outra direção ao meu encontro.

Olhamo-nos frente a frente.

Senti-me nervosa, nem parecia que vivíamos juntos.

_Te deixei muito tempo sozinha? _ perguntou com aquela voz grave.

Aspirei seu perfume seco e achei que a fórmula daquela fragância tinha algum agente alucinógeno, pois minhas reações se tornaram mais lentas.

_O suficiente para eu sentir falta. _ confessei e abaixei a cabeça envergonhada pelo que tinha dito.

Ruan pegou a minha mão direita e girou-me em torno do eixo do meu corpo, supostamente para me contemplar em todos os ângulos. Ri, sentindo-me leve no ar, rodopiando sobre os saltos, no movimento de 360°. Ele trouxe-me para perto e encostamos nossos corpos. Descansou a mão esquerda nas minhas costas. Levantei o rosto bem lentamente. Quando dei por mim, estávamos presos pelo olhar. Era isso que as mulheres procuravam em Ruan? Porque se fosse esse magnetismo, eu já me considerava inteiramente hipnotizada.

Vi imagens em flash na minha cabeça. Ruan me pegando no colo, depois de eu ter desmaiado em casa. Acordando na maca do hospital e ele ao meu lado. Eu toda molhada, em pé, à sua porta. Ruan me abraçando para eu não ter uma crise de hipotermia. Eu empurrando-o na chuva e ele me abraçando. Ruan com a mão ferida e eu fazendo seu curativo. E agora nós ali, dançando juntos, ao som da música lenta.

Eu, que estava com a cabeça apoiada em seu peito, afastei-a e ele segurou meu rosto com sua mão. Respirei fundo e meus seios pareciam não caber no vestido tomara que caia, movimentando-se com o levantar do diafragma.

Meus lábios se entreabriram automaticamente e os dele também, vermelhos e úmidos.

_Você por aqui? Disse que não vinha. _ um homem deu um tapinha nas costas de Ruan.

Ele afastou-se de mim, quebrando a magia que nos envolvia como uma parede de vidro que se parte, arremessando os estilhaços pelo ar.

Ruan cumprimentou o amigo e eu soltei sua mão.

Voltei para o grupo da Priscila à passos rápidos e firmes.

_Pri, preciso falar com você. _ puxei-a pela mão para um canto.

_Que foi? _ ela fez uma cara de preocupada.

_O que acontece, quando a gente sente um calor, um frio, um arrepio...?

_Ãnh? Quando se está apaixonada? _ sorriu, se divertindo com a situação.

... _ olhei para Ruan do outro lado do salão.

_Você está esperando o quê? _ Pri levantou as sobrancelhas.

_Mas eu sou só uma garota. _ encolhi os ombros.

_E quem disse que seu coração tem idade? _ perguntou-me.

_Ele iria se interessar por...?

_Jeni, ele saiu de casa para vir aqui não deixar ninguém se aproximar de você.

_Não sei... _ suspirei insegura e mordi meu lábio inferior.

Autora: Li

17/09/07

Cap 15: Um ato de amor pode ser um processo lento e gradual (Ruan)

Fonseca me chamou para sentar junto dos outros amigos. Mantive Jeni ao alcance dos meus olhos. Procurei uma cadeira que estivesse posicionada para um bom ângulo em que eu mantivesse seu grupo sobre minha vigilância.

_Você disse que não vinha por nada, mudou de idéia? _ Fonseca bateu no meu braço.

_É, estava meio chato lá em casa... _ falei, sem interesse pelo assunto, quando observei que Jeni e sua amiga saíram para fora do salão, na área descoberta.

_Você não alugou uns filmes de ação?

_Ãnh? Ah! É... É verdade...

_Ruan, vamos até ali que eu quero te apresentar uma pessoa. _ pediu e nos levantamos.

_Quem vai me apresentar? _ perguntei.

_Ninguém... _ ele falou baixo, quando atravessamos o salão. _ Eu só queria ter uma desculpa para sair de lá. _ Cara, você é meu amigo, pode se abrir comigo, você está esquisito.

_Muito? _ fiz uma careta.

_Bastante. _ afirmou com a cabeça.

_Eu estou apaixonado.

_Ruan apaixonado?

_Fala baixo!

_Desculpe. _ ele conteve o riso.

_Pois é, eu pensei que não diria isso tão cedo. _ confessei.

_Você quis dizer tão tarde né? Desde aquela...

_Não fala no nome dela! _ interrompi.

_Tudo bem. Mas Ruan, você realmente conseguiu tirar aquela mulher da cabeça?

_Fonseca, meu coração é grande, cara. _ ri. _ Mas agora meu coração, minha cabeça e meu corpo todo pensam naquela garota. Eu fico me punindo, porque no fundo não é certo, olha para mim, olha para ela!

_Sinceramente?

_Fala! _ incentivei-o.

_Eu acho que vocês têm que ser felizes. Mas... ela é muito garota, Ruan, e talvez precise passar por muitas coisas ainda. Será que você não estará fazendo ela pular etapas da vida?

_Pois é. Eu penso nisso a cada vez que olho para a boca da Jeni e tenho vontade de beijá-la.

_Claro que não impede dela passar pelas primeiras experiências contigo... Só que, Ruan, ela sempre ficará com a pulga atrás da orelha: "Como teria sido se fosse com outros caras?".

_Desde quando você ficou tão profundo?

_Casei com uma psicóloga. _ ele abriu os braços e olhou para a mesa onde sua esposa estava sentada com as amigas. Ela acariciava uma barriga já saliente de grávida.

_Eu devo aconselhá-la se jogar nos braços de um desses carinhas babacas que vão fazê-la sofrer?

_Ruan, escuta. _ ele caminhou para um lugar onde o som estava mais baixo. _ Tem coisas que ela vai aprender sozinha, outras você pode até ajudar, só não pode cometer um erro: ser bonzinho! Porque pai não é bonzinho.

_Porra, eu não sou pai! _ irritei-me.

_Ruan, Ruan... _ ele interrompeu-me. _ Ela te vê assim inconscientemente, cara, como a figura castradora!

_Ah! Que ótimo! _ revirei os olhos.

_Se você der tudo na mão dela, só vai atrapalhar. Você tem que ser firme "Não" é "Não", "Sim" é "Sim" e mostrar com seu exemplo exatamente isso. Não pode dizer: "Jeni, seja independente e ir buscar tudo que ela quiser e dar na mão dela".

_Cara, você está lendo muitos guias para pais, não?! _ bati no seu ombro e dei um gole na minha

bebida.

_É, pode ser. Mas talvez te ajude, hen?!

_Não, obrigada, eu não quero ser pai dela, eu quero mesmo...

Ruaaaannn! cortou-me.

Putz, meu, eu tenho hormônios! explodi.

Que bom! Só que contenha-os. Espere. aconselhou.

_Ñnh-hã. Esperar até eu precisar de viagra? Olha a diferença de idade entre mim e ela?

_Ruan, você precisar fazê-la crescer se quiser uma mulher, porque se quiser só uma garota, vai quebrar a cara.

Suspirei.

_Capitão... _ senti uma mão nas minhas costas.

Virei-me.

_Sua... _ o rapaz pareceu não saber como definir.

_Filha?! _ Fonseca tentou ajudar de brincadeira.

Olhei para ele com cara de raiva e me virei para o rapaz.

_Ñnh, a Jeni? O que tem?

_Ela está lá fora, está tendo uma confusão...

_A Jeni? Ela é tão calma.

_Então ela está incorporada. _ o garoto ironizou.

_Depois você queria ficar em casa, vendo filmes de ação. _ Fonseca balançou a cabeça para os lados.

Caminhei a passos firmes, mas discretos, até o pequeno grupo que se formava ao redor de Jeni e da esposa do Moraes. Que motivo elas tinham para brigar?

_Por que está defendendo a sua amiguinha? _ Dona Monique perguntou aos gritos para Jeniffer.
_Olha bem o que você anda espalhando por aí. _ Jeni apontou o dedo na cara da mulher.

_O quê? Que ela é a mulher caçadora de militares?

_Acho melhor você retirar o que falou. _ Jeni pediu.

Monique deu um empurrão em Jeni.

_Pelo menos ela não fica com os soldados na casa do marido. _ Jeni disse e todas as mulheres em volta deram gritinhos e risos.

_Deixa vai! _ Fonseca segurou o meu braço, quando precipitei-me para acabar com aquela confusão. _ Adoro mulheres brigando! Finalmente alguma coisa para agitar isso aqui.

_Sua... _ Monique partiu para cima de Jeni que girou o corpo para o lado mais rápido e a mulher foi ao chão.

_Eu acho que é você que tem que tomar vergonha na cara e cuidar da própria reputação. É muito feio que as mulheres de militar ainda tenham esse rótulo horrível de fofoqueiras. Você mantém isso. _Jeni apontou para ela.

Entrei no meio do círculo de mulheres e Jeni viu que eu chegara para por fim naquela guerra.

_Jeni. _ falei ao seu ouvido. _ Vamos embora.

(Trilha Sonora da Cena. Clique aqui agora!)

Ela caminhou lado a lado comigo para o estacionamento, enquanto eu a puxava discretamente pelo braço. Nossa noite tinha acabado. Abri a porta do carro e ela puxou o vestido para sentar-se. Sua amiga sabia que tinha sido o agente explosivo daquela confusão toda e ficou muda, sentada no banco de trás. Olhamo-nos por alguns segundos, mas nada dissemos. Liguei o carro e os pneus cantaram. Pus o meu braço na janela e no sinal cocei meu queixo, mordi o dedão. Olhei-a rapidamente e ela estava de braços cruzados. Voltei a olhar para frente, pisei no acelerador. Estava chateado.

Antes deixamos sua amiga em casa e, no trajeto de volta para a nossa, eu não pronunciei uma só palavra.

_Ela que me provocou, Ruan. _Jeni defendeu-se.

_Você não devia ter feito aquilo. _ falei com voz de decepção.

_Eu também acho. Eu não devia ter feito aquilo, devia ter feito pior, enchido a cara dela de porrada, que ódio! _ ela fechou os punhos no ar.

Estacionei o carro e, quando entramos na sala, ela disparou para o quarto. Fonseca estava certo. Jeni precisava de um referencial. Se eu não tinha alguém para ensiná-la e prepará-la para mim, então, que eu mesmo fizesse esse trabalho.

_Eu quero conversar com você. Volte aqui.

Jeni fingiu não me dar atenção.

_Volte aqui. _ ordenei em voz alta. Agora! _ falei firme e forte e apontei para onde eu estava.

Ela virou-se e obedeceu.

_Senta. _ mandei.

Ela o fez e ficou de braços cruzados e com um bico de contra vontade.

_Você nunca vai me defender, não é, Ruan?! _ disparou, antes que eu começasse.

_Eu vou defender o que é certo! _ usei uma voz mais calma.

Ela não era um recruta, ela não era um homem, ela era só uma garota. Eu tinha que ter isso em mente para não fazer injustiças. Para cada pessoa temos uma maneira de falar e se eu queria ter o respeito e atenção de Jeniffer, tinha que ser amável com ela, sem deixar de ser firme:

_Eu entendo que você tenha sentido raiva. _ Disse-lhe. Não quis passar a Jeni uma imagem de homem imparcial aos estímulos sociais. _Eu também ficaria no seu lugar se tivessem falado mal de um amigo. Mas você não soube controlar as suas emoções. Não pode simplesmente explodir sem mais nem menos. Se fizer isso, poderá fechar muitas possibilidades em sua vida. Veja só, o marido dessa mulher me ajudou muito, quando cheguei aqui e agora? Como eu vou ter seu apoio? O que você fez me atingir! _ expliquei-lhe, mas sem mostrar raiva.

_Desculpe...

_Te desculpar, Jeni, não apagará o que fez. Porque não se apagam atitudes. Elas ficam cravadas na cabeça das pessoas como tatuagens mentais. Alguns civis dizem que nós militares somos frios, mas aprendemos a agir mais com a razão... _ aponte para minha testa. _... que com o coração. Você tem uma força dentro de você que existe em potência, precisa respirar bem fundo, segurar ela dentro de você e pensar por um segundo antes de agir, caso contrário, poderá canalizar essa energia para o mal e pior, o mal pode te atingir e atingir a quem você gosta, no caso, eu!

_Ruan, eu não sou tão controlada como você!

_Mas vai precisar ser, se quiser ficar comigo, morando comigo... _ ponderei esse detalhe, já que nossa relação... bem eu nem sabia como qualificar o que havia entre nós. _... Jeni, quando uma mulher aceita estar ao lado de um militar, ela entra no mundo e nas regras desse mundo, entende?

_Eu não sou sua mulher.

_É duro te dizer isso, Jeni, mas você tem uma escolha sim: ou fica comigo seguindo essa postura, ou então, não poderá ficar...

O meu amor por Jeni não podia permitir que ela fizesse o que quisesse e eu aplaudisse. Se eu gostava dela de verdade, deveria fazê-la sofrer para aprender o que era certo. Isso sim era a verdadeira força do sentimento. Porque quem quer apenas passar a mão na cabeça não quer conquistar um coração, mas possuir um corpo.

_Quando eu estudava na academia, era constantemente punido por coisas que pareceriam bobas para um civil. O sapato desamarrado, ou um armário aberto, o cabelo grande. Eu sentia muita raiva, claro, na hora, só que hoje entendo para que aquilo tudo servia. As coisas em si não eram terrivelmente prejudiciais e sim as conseqüências futuras do meu processo de desatenção. Eu deveria criar dentro de mim o hábito de estar sempre alerta. Sabe por que, querida? _ puxei seu queixo para que me olhasse. _ Porque ao menor erro meu, eu perco muitos homens que estão sob o meu comando. Eu perco vidas. É isso que ensino a eles: vigiem! Disso depende o seu companheiro.

_Eu não sabia que era tão difícil... estar ao seu lado.

_Pois é, ser mulher de militar, ou representar uma, como é o seu caso, é ter uma conduta, uma postura. Você tentou mostrar isso para aquelas pessoas com palavras, mas fez o contrário do que disse. Se as palavras movem, Jeniffer, os exemplos arrastam. É o seu exemplo que ficou marcado ali. E pior, eu também fiquei mal visto. Afinal, você será sempre uma extensão dos meus atos. O que você fizer, refletirá em mim como espelho.

_Eu gosto de aprender as coisas com você, mas ao mesmo tempo odeio. _ seus olhos estavam marejados de lágrimas. _ Você consegue me fazer eu me sentir uma completa idiota! _ riu de si mesma com ironia. _ E fico com uma sensação horrível de não saber fazer nada direito, de meter os pés pelas mãos...

_Claro, claro, eu te entendo... _ Levantei e agachei-me na sua frente, peguei suas duas mãos e a olhei de baixo. Eu sabia que o meu posicionamento físico implicaria e muito em sua interpretação. Não podia estar em pé, acima dela, isso lhe faria se sentir ainda mais inferior. _ Jenizinha, você é só uma garota. Não te peço que seja a Mulher exemplar, mas fique longe do foco, me entende? Seja livre para fazer suas burradas, mas fora desse meio... Eu vou ser duro contigo, pode me odiar por isso... _ parei um instante e prossegui. _ Mas eu quero que não vá as festas por um bom tempo.

_Você quer me esconder? _ ela olhou-me horrorizada.

_Eu quero que você tenha tempo de ser menina e aprender aos tropeços, mas sem que os outros riam do seu processo de aprendizagem, que armem um palco para comerem pipoca, enquanto falam da sua postura.

_Eu... _ ela olhou para o alto para não deixar a lágrima cair. _... Nunca tive pais que sentassem comigo e me ensinassem essas coisas.

Droga, não era para ela me olhar como um pai também!

_Em nossas vidas nem sempre são os nossos pais a fonte dos nossos valores. Às vezes, são os amigos. Ou quem sabe, um professor, um mestre espiritual, um escritor, um... namorado. _ encolhi os ombros. _... Ou você mesma, errando e aprendendo. Só que não queria que fosse esse último o seu caso. Porque dói, sabe, a gente só viver metendo a cara na parede. Eu não fui sempre assim, Jeni, mas eu mudei e queria te ajudar a crescer também. Se você deixar, claro... _ passei o dedão nas suas lágrimas e beijei sua testa.

Sentei-me mais uma vez no sofá e ela virou o rosto de lado para continuar a me ouvir.

_Ai, Jeni... _ mexi no seu cabelo. _ Nem todos aqui são felizes. Você acha que ela ficou com o soldado por puro prazer? Já imaginou quanta infelicidade está por trás disso? Só que aqui as pessoas vivem um pouco de aparência. As mulheres estão sempre lindas, unhas feitas, cabelos bem arrumados, vestidos brilhantes... porque... lembra? Elas devem ser a extensão de seus maridos... E elas procuram não mostrar sua realidade. Cada muro desses que envolve essas casas guarda uma história. Uma história secreta.

_Por isso que no período militar havia tanta censura.

Sorri.

_Você está confundindo tudo. Aquele período, que não chamo de militar... Ok, não vamos entrar em debates políticos, eu não estou com cabeça para explicar que quem fazia aquilo eram os... Ai ai... _ parei e respirei fundo, Jeni ainda tinha muita imaturidade para acompanhar discussões maiores. Com ela, o processo deveria ser lento e gradual. Foquei no tema da nossa conversa._ Elas apenas se preservam. A maioria é feliz, pelo menos acredito, ninguém carrega uma algema para estar casada com um militar, mas sempre há as insatisfeitas, como em qualquer outro ciclo social.

_Eu quero dormir... _ disse-me, cansada.

_Vai... _ falei e ela levantou-se.

Encostei a cabeça para trás no sofá e desarrochei o nó da gravata. Tinha que respirar melhor.

Por isso que era mais fácil ter só o contato físico de Virgínia. Bastava um telefonema, entrar pelo seu quarto adentro, atravessar seu corpo e ficar longe de sua alma. E mesmo que ainda a quisesse, a alma de Virgínia não era compatível com a minha. Tínhamos uma pura relação de diversão, sem cobranças. Só que ficava um tremendo vazio. Na medida em que eu cobrava de Jeni eu também poderia receber em troca coisas boas, porque a melhor recompensa para mim seria vê-la amadurecer. Ela era ainda uma célula em estágio não especializado e, eu, seu estímulo.

Amar aquela garota seria escrever a duras penas um livro de como se viver, mas segurando sua mão e a guiando, letra por letra. Até onde iria minha paciência e minha perseverança? Meu amor me responderia.

Autora: Li

Cap 16: Surpresa (Jeni)

Trilha Sonora da Cena

Quando cheguei à casa da Priscila, pensei que iríamos apenas comer pipoca, ver uns vídeos e nos divertimos. Nada de livros, nem estudo por um dia.

Era meu aniversário e eu só queria ficar de bobeira com minha amiga. Mas qual não foi a minha surpresa! Quando chegamos no fundo da casa e vi os meus amigos do colégio ali, na casa da Pri.

_Parabéns para você... Nessa data querida...! _ eles começaram a cantar e eu fiquei paralisada.

Eu nunca tive uma festa surpresa. Há dois dias havia confessado isso a Pri, claro que ela não perdera a oportunidade de tornar realidade meu sonho.

_Ai, vocês não existem! _ levei as mãos ao rosto de emoção e apaguei as velinhas.

O bolo era de chocolate, escrito com glacê branco: "Parabéns, Jeni". Ao lado docinhos, salgadinhos, torta salgada.

_Vocês conseguiram esconder isso direitinho de mim! _ ri e bati palmas, feliz, radiante por ser tão querida.

Priscila colocou o aparelho de som na varanda e todos se acomodaram para comer, beber, conversar e dançar!

_Obrigada! Que máximo! _ abracei Priscila.

_E sabe quem quer te dar os parabéns de maneira especial?

_Quem? _ franzi a testa.

_O Henrique! _ ela fez um ar de "Não é um máximo"?

_O que ele ia querer comigo? _ assustei-me.

Vamos abrir o histórico de Henrique. Ele era "o cara- pode- tudo" do 3º ano. Se aparecesse de cabelo azul e saia de escocês, ninguém acharia nada de errado. Sua beleza lhe dava o passe para a glória. Qualquer coisa que partia da sua boca era "Ohhhh, que legal". Achava até meio ridículo aquela idolatria, mas eu tinha dois olhos para enxergar o que era indiscutível: ele possuía todos os créditos no "cartão gostoso card". Podia sacá-lo para adquirir qualquer que fosse seu desejo. Mas, eu não sabia que isso incluiria um beijo meu.

_Ele quer o quê? Ficar comigo? _ certifiquei-me que tinha entendido certo.

_É. Só que pediu para eu te sondar antes.

_Nossa, isso que eu chamo de surpresa.

_Ah! Vai, não quer sentir aquele "Tudo" te dando um beijão?

_Bom, eu...

_Jeni, viva mais a vida. Já estou vendo teias na sua boca pela falta de uso.

_É... _ dei um sorriso, tímida. _ O que eu faço?

_Nada, deixa comigo. Posso?

_Ai... _ fiquei uma pilha de nervos.

Priscila foi até Henrique conversar com ele e eu permaneci atrás da pilastra, escondida de vergonha.

Adolescente pode não saber nada na prática, mas tem base de sobra na teoria. Já tinha folheado todos os artigos de revista sobre beijo. Porque a gente quer que seja perfeito, emocionante, que de fato os batimentos de 60 subam para o pico de 150.

Eu particularmente confesso que esperei por um beijo que me fizesse a perna levantar, como no [filme](#) Diário de uma Princesa. Aquela cena era exatamente o que eu queria, ouvir sininhos, sentir borboletas voando na minha barriga. Eu tinha visto, revisto e rererevisto os vídeos dos melhores [beijos](#) da premiação da MTV. Sempre que me lembro, suspiro de emoção.

Assim, esperei ansiosa pelo meu. Tinha as regrinhas decoradas: "Não se apresse, deixe que o momento chegue; Faça movimentos suaves; Mova devagar a língua; Controle a saliva; Esteja com bom hálito; Não abra muito a boca; Cuidado com as mordidinhas'... e mais outros 189 mandamentos que eu jurava ser capaz de pôr em prática na primeira vez.

Eu era tão estudiosa no tema que sabia a quantidade de músculos da face que se movimentam em um beijo (29! Sendo que 17 só da língua). Imagina que queima 12 calorias!

Mas todo esse Phd em beijo não me serviu de nada, quando Henrique veio para perto de mim.

_Oi. _ disse.

_Oi. _ respondi.

Que coisa tola! Como assim?

Ele não pediu licença, nada. O sinal verde já havia sido dado por Priscila. Henrique colocou a mão debaixo da minha nuca e me olhou com cara de “Você não me escapa”.

Ainda afastei a cabeça para trás, querendo ganhar tempo e recordar o que precisava fazer. Henrique colocou a língua na minha boca e ficou saliva para lá, para cá. Para piorar, bati o dente duas vezes. Isso era um beijo? O diretor da minha história tinha que imediatamente dar um grito no megafone e dizer “Corta, está horrível!”, só que a vida é real, não há script a ser gravado.

Parece que ficou bem claro na minha cara o resultado daquela primeira experiência catastrófica, porque Priscila foi a primeira a perceber. Que ótimo, agora ele poderia dizer para toda a escola o quanto eu beijava mal.

_E aí? _ ela perguntou, quando Henrique e eu nos separamos e voltamos para o centro da festa.

_Foi estranho. _ respondi, com uma leve careta. Priscila e eu ficamos em um canto da varanda para as pessoas não nos ouvirem.

_Como assim? _ ela franziu a testa. _ Ele é o maior gato e dizem que beija muito bem.

_Então, o erro foi meu mesmo. _ senti-me muito mal e envergonhada pela minha falta de habilidade.

_Hei, beijo é assim mesmo, bom com um cara, ruim com outro... _ ela tentou me tranquilizar.

_Faltou emoção. _ tentei achar o motivo.

_Mas Jeni, não tem como ter emoção, porque foi só uma ficada. Quando a gente fica, é só pelo carinho, pelo toque, beijo por beijo, não tem nenhuma explosão química.

_É, pode ser, eu estava esperando ver estrelinhas, me esquecer do mundo...

_Isso só vai conseguir com um amor de verdade. E enquanto não chega, você pode se divertir! _ piscou o olho. _ Olha, as primeiras vezes são assim, é igual perder a virgindade, mas também, quando melhora é “Uhuuu”.

Eu ri, ela estava certa, não iria ficar me cobrando. Só que o pior de tudo é que eu fiquei com medo de beijar de novo, de ser tão ruim quanto.

_Para te animar, eu tenho um presente que uma pessoa mandou te dar.

Ela me puxou pelo braço e me levou até a cozinha da casa.

Nunca ninguém deve ter te dado uma coisa tão... Diferente! ela riu e mostrou o aquário em cima do armário.

_Para mim?! _ apontei para o meu peito. _ Como sabe que eu ia gostar! _ sorri e fiz um carinho com o dedo no vidro para chamar atenção do peixe amarelo.

_Eu não, ele. _ entregou-me um cartão.

Franzi a testa e abriu o envelope. Era a letra de Ruan, fina, inclinada e de uns rabiscos quase artísticos: *“Não podemos substituir pessoas, nem animais que perdemos. Mas podemos ceder-lhes lugar no espaço que ficou vazio. Por isso, já que ficou tão triste com a perda do peixe sem nome, achei que ia gostar de ter um para você batizar. Obs= “Dessa vez, pode todos os nomes, exceto as variantes de Ruan. Beijos do seu “não sei o quê”.”*

Eu ri e meus olhos estavam brilhando, senti um frio na barriga.

_Ele é doido! _ beijei o papel. _ Quando Ruan deixou isso aqui?! _ perguntei.

_Quando veio me trazer o dinheiro para a festa. _ contou.

_Como assim? Não foram vocês que fizeram a festa surpresa? _ perguntei.

_Bom, cada um trouxe um prato de comida. Mas o bolo e o refrigerante foram por conta dele. Eu perguntei se ele podia ajudar e prontamente disse que sim.

_Não acredito! E por que ele não está aqui?

_Ruan disse que se você perguntasse isso... _ela achou graça dele ter adivinhado minha reação.

_... Era para eu explicar que ficaria em reunião o dia todo no trabalho e não poderia vir.

_Ah! Que pena. _ continuei olhando o bilhete, como se fosse a primeira vez que o lia.

Ao chegar em casa, senti que precisava da minha cama absurdamente. Cai de costas e fiquei olhando o teto. Eu estava feliz pela festa, mas frustrada com a falta de êxtase do meu primeiro beijo. Essas coisas de revista *teen* supostamente eram escritas por estagiários que comiam pizza em cima do teclado e não tinham nada mais profundo para escrever que inventar falsas expectativas a respeito do beijo.

Sentei-me diante do pc e conectei-me ao msn. Uma mensagem offline do Daniel me avisava que havia mandado um e-mail por causa do meu aniversário.

“Oi, Jeni! Feliz Niver! É muito bom conversar com você. Senti sua falta esses dias. Acredita que sonhei contigo?! É, foi um sonho meio doido, mas te conto depois. Eu li seu último e-mail. Você disse-me que não entendeu nada do que eu tinha lhe dito no e-mail anterior... Bom, então vou reenviá-lo agora com tradução. Saudade de você, garota!”

Eu sorri. Dan era um garoto muito legal. Quando a gente conhece alguma pessoa pela Internet, é semelhante a escrever um livro. Fazemos literatura com a pessoa, moldamos na nossa cabeça alguém que queremos que seja.

Dan e eu nos falávamos regularmente, mas dependia de quando sua namorada entrava no msn também, aí o tempo para mim se reduzia. Porque aí o monopólio era dela. Eu sentia um friozinho, quando ele ficava online e esperava que viesse falar comigo. Era um delicioso joguinho a troca de frases de duplo sentido, as zoações. Eu deixava o pudor de lado. Contava tudo para Dan. Afinal, não tinha expectativa em conhecê-lo, ele era noivo. Mas, com o tempo, eu percebi que estava me deixando envolver demais e ele, também.

Dan gostava de abrir o seu mundo para mim, mesmo que em certos momentos precisasse de legenda para entendê-lo, como no último e-mail criptografado que acabava de me reenviar:

“Oi, Jeni. Foi mal ter saído tão rápido da net, ontem. Já deve ter se acostumado, eu sempre correndo. O Bizu (dica) é entrar mais cedo, porque o sono bate legal lá pelas nove e meia, senão eu toro (durmo).

Continuando nosso assunto... Tu me perguntou o que eu estava achando da idéia de casar. Vou dizer no pau da goiaba (a coisa como ela é). Estou feliz, ta? Só que cheio de medo. Vou sair daqui e fazer vários cursos, no início, praticamente não ficarei em casa. Tenho que acompanhar o recrutas que vão se alistar e sair de lá do quartel tarde. Se ela estiver pensando que vou dar toda atenção, só porque sai da academia, barro (ferrou). Eu não tenho muita escolha, ficarei no sanhaço (situação preocupante). Ela de um lado com nosso filho precisando de mim e de outro o trabalho me sugando. Sem contar que não sou safo (tenho habilidade) com crianças, é mais fácil eu pagar uma babá que trocar fraldas. Minha noiva esperou três anos e acha que tudo vai virar um mar de rosas depois. Pelo contrário, tudo que eu não vou fazer é acochambar (ficar de corpo mole), tenho que mostrar serviço mesmo, aspirante é para isso.

Ai, Jeni, queria voltar no tempo e namorar, só namorar, não ter compromisso rígido com uma mulher madura, nem com um filho que demande tudo de mim. Eu é que quero colo. Não digo isso para ninguém, só para você porque confio em você! Tá osso, gata. (Tá difícil).

É hora de papirar (estudar) e largar esse msn. Amanhã não posso cartear (enrolar) na prova, senão minha classificação vai lá embaixo e eu não vou poder escolher uma unidade legal ano que vem, para mim qualquer uma seria boa, mas para ela e o bebê

é outra história! Com esses dois, que agora dependem de mim, eu não posso cagar o pau (fazer algo errado).

Vou te contar meus planos. Era assim: me formar, fazer cursos, sair, namorar e ajeitar minha vida. Última forma (esquece, desconsidere)! Agora será casar, cuidar de um filho e bancar uma casa.

Eu acho que você está certa, te apóio na idéia que teve: vá arrumar um emprego sim. Gaivota (ponto certo) para você! Pensa só? Você terá sua grana, seu pai vai se orgulhar de você. Só que tipo, ele também pode não gostar, gata, tu vai ser mais independente dele.

Aproveita mais sua vida de jovem, sai fazendo tudo que quer. Não pensa demais não, porque de uma hora para outra você é cruzetada (fica em uma situação indesejável). Beijo, gata."

Balancei a cabeça para os lados. Ele era doido. Como podia amar a namorada e me chamar de "gata" toda hora? Que sentimentos ele estava nutrindo por mim? Era certo ficar com "gata" para lá, "gata" para cá, tendo compromisso com alguém? Ou o relacionamento dele já nem estava tão bom assim que ele se deixava ser tão permissivo. Perai, ou eu queria enxergar tudo isso?!

Pááára, Jeni, de se questionar! Briguei comigo mesma.

Cliquei no botão "Responder" do e-mail:

"Fala, cadete?! Bom, valeu pelo niver e pela tradução do email. Então, hoje meus amigos fizeram um niver para mim. Meu papi foi o máximo, pagou boa parte da surpresa. Acabou que ganhei um beijo... Ta, não foi o melhor que..."

Subiu a plaquinha avisando que Dan entrou no msn, antes que eu tivesse terminado de enviar o e-mail.

Daniel diz:
Oi, aniversariante!

Jeni diz:
Oi.

Dan diz:
Tenho que estudar, só passei para te dizer que estou com saudade.

Jani diz:
Mentira, me esqueceu!

Dan diz:
Difícil é não pensar em vc

Jeni diz:
Tem uma música que diz isso.

Dan diz:
Viu que mudei meu nick p Dan? De tanto vc me chamar assim.

Jeni diz:
Vi.

Dan diz:
Opa, ela entrou. Depois nos falamos.

Jeni diz:
Aaaaah. Ta bom. T+

Dan diz:
T+, gata.

Achei melhor continuar o e-mail e enviar, porque hoje Dan não teria mais tempo.

Contei-lhe rapidamente tudo e sai do msn. Esperei Ruan para o jantar, mas nada. Eu já estava dormindo quando ele entrou no meu quarto.

_Que horas são? _ liguei a luz do abajur.
_Ainda não é meia-noite e posso te dar parabéns. _ sentou na minha cama, ainda fardado.
_Foi perfeita a festa, foi perfeito o seu presente... _ só não acrescentei que não tinha sido perfeito o meu primeiro beijo. _ ... Já até dei um nome para nosso peixe, Ruan.
_É? _ ele afastou o meu cabelo do rosto e levantou as sobrancelhas.
_Sentei-me na cama.
_Hum-hum. Adivinha? _ perguntei e tirei sua boina.
_Não faz isso, eu fico com o cabelo arrepiado.
_Que cabelo? Você só tem uns pelinhos na cabeça! Vive raspado. _ ri.
_Que nome deu para o peixe? _ pegou a boina de volta.
_Nemo.
_Olha, quanta criatividade!
_Ah! Ruan, não zoa!
_O Nemo não era azul? _perguntou.
_Ah! Ruan, você não entende nada né? O Nemo era laranja e a Dori, azul.
Ele balançou a cabeça para os lados, aposto que me achou uma criança com aquela voz de desenho animado.
_Eu gostaria de estar mais presente... Lamento, meu trabalho precisa de mim e...
_Ruan, eu entendo. _ interrompi-o.
_Eu fico feliz que estejamos bem. _ disse-me. _ Desde o baile...
_Esquece isso.
_Eu enfrento tantas guerras, Jeni, que, quando chego em casa, só quero paz. Não quero encontrar ninguém para lutar contra.
_Eu sei. _ sorri e escorreguei para debaixo do lençol. _Qual será o meu presente no ano que vem?
_Hum. Acho que um elefante branco que vou trazer pela tromba sala à dentro e te dar.
_É, você irá se superar.
_Mas dessa vez eu vou dar um nome criativo. _ ele levantou-se para sair.
_Qual?
_Jenifante!
_Aaaahhh! _ peguei uma almofada e arremessei na cabeça dele. _Ridículo! _ Ruan se abaixou e a almofada de coração bateu na parede.
Ele riu e fechou a porta.
É, agora eu já tinha 18 anos, um beijo computado, um peixe e Ruan, meu "não sei o quê".

Autora: Li

19/09/07

Cap 17: Ciúme (Ruan)

Eu peguei o telefone e caminhei pela sala até onde o longo fio alcançava. Ninguém atendia lá em casa.

_Droga! _ desliguei e suspirei.

Liguei mais uma vez, movido pela esperança de que, da última vez, Jeni tivesse corrido para atender e ele parara de chamar. Quantas vezes isso não acontecera comigo? Mas, nada.

Bati com o sapato no chão, pensei mais um pouco. Estava aflito.

Hoje de manhã disse a ela que iria levar um casal de amigos para jantar conosco e pedi que organizasse tudo. Ela disse “deixa comigo”, enfiou uma maçã na mochila e foi para o colégio.

Não sabia o quanto tinha levado à sério o meu pedido. Por isso, eu agora ligava incessantemente, a fim de ratificar a importância daquele encontro. Não queria que servisse miojo. Fonseca era um grande amigo, merecia ser tão bem acolhido quanto eu sempre fui em sua casa.

_Alô? _ ouvi a voz totalmente descomprometida daquela criaturinha do outro lado da linha.

_Onde se meteu, Jeni?! _ perguntei. _ Estou te...

Alguém batia na porta da minha sala.

_Só um momento. _ pedi-lhe para esperar na linha.

O soldado me deu os papéis que eu havia solicitado.

_Jeni, te liguei o dia todo. _ falei, enquanto equilibrava o fone no ouvido e folheava aqueles arquivos. _Você não se esqueceu que hoje é o jantar...

_Não, Ru-an, eu, não esqueci. _ interrompeu-me.

_Hum. Tudo bem. _ fiz uma leitura dinâmica no texto que estava em minhas mãos enquanto falava com ela. _ Fiquei preocupado, afinal...

_Ruan, você sempre pede para eu confiar em você, certo? Hoje, eu posso pedir para você confiar em mim?

Eu suspirei.

_Pode.

_Ai, que ótimo! _ ela parecia andar pela casa com o telefone sem fio enquanto falava, pois sua voz oscilava e saía um pouco ofegante.

_Jeni, eu não vou poder chegar cedo como prometi... _ sentei-me diante do computador e abri uma apresentação de *PowerPoint* que estava preparando para uma palestra.

_Jura? Eu pensei que ia me dizer que descobriram a cura para o câncer... _ ela brincou, adorava misturar ironia no meio de uma conversa em que eu estava claramente preocupado. _ Você nunca consegue cumprir esse tipo de promessa, liga quatro ou cinco vezes para dizer que vai se atrasar mais uma hora.

_Desculpe, eu sei que nos últimos dias eu estou mergulhado em...

_Ruan, faz o seu serviço aí tranquilamente e confia em mim. Isso não é confiar, hen?!

_Claro.

Ela conseguia fazer sentir um pateta ginásial.

_Eu vou desligar porque estou ocupada. _ disse. _ À noite, nos vemos.

_Tem certeza que consegue? O dinheiro que deixei deu?

_Ruan, isso não é confiar! _repetiu.

_Tudo bem, tudo bem. Eu já entendi.

_Eles são o quê, afinal, para você estar assim tão preocupado:o presidente e a primeira dama ?

_São amigos apenas.

Eu não tinha certeza se Jeni estava me levando à sério. O processo de adquirir confiança em uma pessoa é semelhante a uma criança que está em cima de uma árvore e seu pai lhe estica os braços e diz: “Pula”. A criança confia e se atira de qualquer altura, porque sabe que ele não vai deixá-la cair. Uma hora, somos a criança que fecha os olhos e se atira e, em outra, somos o pai que transmite a confiança. Eu, hoje, era a criança.

Confiança é um dos valores que mais está perdido no mundo. Exatamente por isso tanto se fala sobre ela. É o tênis de confiança, o carro de confiança, o aspirador de pó de confiança, o biscoito de confiança, o refrigerante... Tudo leva o valor agregado “confiança” pelas campanhas publicitárias. Isso é um reflexo da própria *desconfiança* na sociedade. Pais e filhos, amigos, esposa e marido, patrões e empregados precisam de provas para tudo, porque as palavras já não bastam, estão esvaziadas pelas possibilidades de lesão, falcatriuas e trapaças. Impossível não ser contaminado por essa onda também.

Só que eu não tinha escolha. Se eu quisesse ter tempo para finalizar a elaboração daquele trabalho, precisaria ficar mais um pouco no quartel. Quando acabei, meu relógio de pulso marcava nove horas e eu estava exausto.

Coloquei meu *laptop* dentro da pasta, recolhi alguns papéis importantes, peguei a chave do carro e de casa... Acho que não esqueci nada. Apaguei a luz da sala e tranquei a porta. Os soldados prestaram continência por onde eu passava e dei boa noite aos que ficaram.

Era gostosa aquela sensação de saber que pessoas me esperavam em casa. Sem dúvida, essa está sendo a melhor fase da minha vida. Jeni fora um vagalume vindo iluminar a noite. Um pequeno ponto de luz clareando a rotina de trabalho, campos e viagens.

Estacionei o carro, andei até a varanda dos fundos, fiz um carinho na cabeça de Juanito, que brincava com sua bola vermelha de borracha na varanda, e abri a porta da cozinha.

Jeni havia acabado de chegar ali e assustou-se. Levou a mão ao peito e respirou fundo.

_Pensei que ia dormir no sofá da sua sala. _ sorriu e colocou os dois polegares no bolso de trás da calça jeans.

_Não é muito confortável.

Ouvi o som de música vindo da sala. Era um dos meus cds que ela colocara para tocar.

_Eles já chegaram? _ perguntei.

_Sim, há meia hora. Eu expliquei que você ia demorar. Ficamos conversando.

_Vocês?

_É, nós. Falamos, incrivelmente, a mesma língua.

É que eu não conseguia ver tantos assuntos em comum entre eles.

_A esposa dele é muito divertida e falamos bastante sobre o bebê.

_Ah! Imagino. O Fonseca já mencionou o guia de pais?

_Parou no primeiro volume quando eu saí de lá. _ Jeni riu. _ Com fome?

_Muita! Comeria um mamute!!!

[\(Trilha Sonora da cena, clique aqui agora!\)](#)

_Uau, que guloso! _ ela se aproximou-se para abrir a porta do forno e eu fiquei na sua frente. Tentei ir para o outro lado, mas ela fez o mesmo e ficamos assim, esbarrando-nos.

Jeni me pegou pelos dois braços e girou-me. Assim, eu fiquei na frente da porta do corredor e ela, próxima ao fogão. Rimos e, por alguns segundos a mais, ela não soltou meus braços e eu, com as minhas mãos, segurei os seus também.

Ela estava diferente: sandália alta, blusa branca e um delicioso perfume. Podia sentir o cheiro de xampu do seu cabelo ainda úmido. Agora, eu tinha plenamente confiança nela e ela, em mim.

_Deixa eu ver! _ estiquei o pescoço para olhar o que estava preparando.

_É uma lasanha.

_Amo lasanha! _ senti minha boca salivar só com o cheiro. _ Não sabia que fazia isso...

_Bom... _ ela fechou o forno novamente e me comunicou que demoraria mais alguns minutos. _... Eu entrei na Internet e pesquisei uma boa [receita](#) de lasanha. Também aproveitei a época de morangos e comprei alguns para uma [sobremesa](#) e servi um [drink](#)...

_Que também achou na Internet? _ completei.

_É, eu precisava me virar e buscar o [Know How](#) desses encontros. _ ela explicou-se.

_Você é incrível! _ elogiei.

_É, mas os “incríveis” não podem ficar aqui na cozinha. Vamos para lá. _ chamou-me.

_Olha só, agora o casal está completo! _ Tatiana, a esposa de Fonseca, cumprimentou-me animadamente. Pelo visto, meu amigo não lhe contara o que havia de fato entre Jeni e eu.

Jeniffer sentou-se ao meu lado no sofá e perguntou-me baixinho se eu não iria tirar a farda e tomar banho.

_Eu vou, deixa só o corpo esfriar. Estou suado. _ falei-lhe e ficamos naquela conversinha íntima até que Tatiana intrometeu-se e elogiou a recepção de Jeni. _ É, ela aprendeu comigo. _ pisquei o olho.

_Ãn-hãn. _ Jeni colocou sua mão sobre a minha perna. _ Se dependesse dele, vocês comeriam pipoca de microondas. _ falou.

_Ela não quer revelar os segredos, prefere ficar com a coroa de louros só para ela! Egoísta... _ entrei na brincadeira e todos rimos mais uma vez. _Vocês me dão licença, então, que eu vou tomar um banho e acho que a lasanha já está quase pronta, né, Jeni?

_É sim. _ ela levantou-se comigo.

Ao voltar para a mesa, encontrei-os já sentados. Os [pratos](#) estavam organizados e muito bem dispostos. Onde ela aprendera aquilo? Ah! Já sei onde: na Internet!

_Agora que o chefe da casa chegou, podemos nos servir. _ Jeni ofereceu-me o primeiro pedaço. _ Ruan, comprei o queijo ralado que você gosta. _ ela mostrou o pote. _ Ele detesta aquele queijo ralado convencional. _ explicou agora para todos. _ É igual criança, a gente tem que fazer as vontades, só come desse, ralado na hora. _ balançou a cabeça para os lados.

_Ela está fazendo um estudo sobre mim. Depois, os cientistas vão colocar o meu cérebro no formol e pesquisar como eu aturei essa mulher... _ acrescentei maionese e mais molho de tomate ao meu prato.

_ Vocês dois são muito divertidos. _ Tatiana comentou e serviu-se.

_ Ele brinca assim, Tatiana, mas não vive sem mim, sabe? Uma noite dessas, estava euzinha dormindo, bem tranqüila, quando ouvi aquele xipchisxichi... Um murmurinho esquisito... Aí eu abri o olho para ver o que era... _ Jeniffer fez uma voz de suspense e até eu me interessei para saber onde ela queria chegar. _ ... Eis que olho para esse aqui... _ apontou para mim. _ ... ajoelhado em um punhado de milho, rezando: “Senhor, obrigado, por esta mulher fenomenal, que eu não mereço”...

Todos rimos e Fonseca deu uma gargalhada sonora que ecoou pela sala. Até Juanito latiu.

O clima familiar estava delicioso e a presença de Jeniffer ao meu lado trazia-me uma grande alegria ao coração. A lasanha, nem preciso dizer, divina. O cheiro da carne, o queijo derretido esticando em fios... Eu salivava a cada garfada.

O telefone tocou na mesa de canto, próxima ao sofá.

_ Deixa que eu atendo. _ adiantei-me.

_ Deve ser do quartel... _ Jeni disse.

_ Ah! Eu sei como são essas coisas, menina... _ Tatiana indentificou-se.

Peguei o fone e falei em um tom mais baixo que a conversa deles.

_ Alô? _ atendi.

_ Alô, é da casa da Jeniffer? _ perguntou uma voz masculina.

_ Quem fala?

_ Eu gostaria de falar com ela...

_ Quem está falando? _ disse pausadamente.

_ Ah, é o Henrique. Fala para ela que eu estava no aniversário dela, ela vai saber... O senhor é o pai dela?

Eu quase mandei ele enfiar o “senhor é o pai” onde ele quisesse, mas me controlei.

_ Não, sou o... _ contive minha raiva. Eu não tinha esse direito de estender aquela farsa para a vida pessoal de Jeni. E se ela estivesse começando alguma coisa com aquele garoto? _ Espere um momento, vou ver se ela está.

_ Tudo bem, eu espero.

_ Jeni, é o Henrique. _ comuniquei-lhe.

Ela parou de conversar com Tatiana e virou o rosto para mim. Pensou por alguns segundos e decidiu levantar-se para atender. Como podia ter o descaramento, a ousadia, a cara lavada, a...

_ Obrigada. _ pegou o fone da minha mão e eu ainda fiquei ali parado ao seu lado. _ Ruan, busca para mim o suco de maracujá na geladeira? A Tatiana não bebe refrigerante. _ pediu-me, abafando a voz com a mão no fone.

Eu agradei por ter que ir até a cozinha, não queria que eles percebessem o quanto eu estava afetado por aquele telefonema.

Abri a porta da geladeira, olhei para a travessa de sobremesa e me esqueci do que tinha vindo buscar. A fumaça branca e fria começou a congelar as minhas pernas e eu fiquei ali, estático.

Quando a gente ama alguém, quer o bem dessa pessoa acima de tudo. Mas, a força desse sentimento pode elevar o zelo ao exagero e não aceitar que outras solicitem sua atenção. Interessante como a origem da palavra ciúme remete ao “zelo”. Ciúme em latim, zelum e em grego, zelus.

Marcel Proust já dizia que: “para aquela que é objeto do ciúme, ele passa a ser considerado como desconfiança injuriosa e, por isso, uma autorização a enganar o ciumento”.

Todas as promessas de confianças, hoje à tarde, estavam manchadas por aquele telefonema. Os dois juntos fizeram o quê nas minhas costas? Se beijaram sob algum pé de árvore? Comprimiram-se no muro do colégio? Ou procuraram alguma sala vazia para livrarem-se da impulsão de seus corpos? Agora ali, sobre o meu nariz, na minha casa, trocavam risos ao telefone!

O ciúme, quando nos turva a vista, cria fantasmas, vozes, dois corpos físicos agarrando-se bem ali, no espaço da loucura. Muitas vezes, são só isso: delírios que nunca virão a ser mais que alucinações em nossas mentes.

Eu não podia confiar em Jeni, pois nosso laço de amor não existia concretamente. Se havia, era manifesto em potencial, na virtualidade. Escondido e incluso em um olhar, um afago, um arfar incontrolado de seus seios. Todos esses sinais ainda incógnitos.

_Ruan? _ ouvi a voz de Jeni atrás de mim. _ Não encontrou o suco? _ ela afastou meu corpo para o lado para pegar a jarra. _ Tudo bem?

_Claro. _ respondi secamente e segui atrás dela.

Sentamos novamente à mesa e eu olhei para a minha lasanha e depois, para Jeni. Como ela conseguia comer? Disfarçava muito bem, pudera...

Depois daquele telefonema, eu era um homem embrulhado no medo.

Autora: Li

20/09/07

Cap 18: Paralisa com seu olhar (Jeni)



Priscila e Flávio, Henrique e eu fomos aproveitar o finzinho de tarde no bar, próximo ao colégio. Enquanto eles jogavam sinuca, nós duas dividíamos um refrigerante de 600 ml.

_E aí, está gostando dele? _ perguntei para ela.

_Ele é bem divertido, estou curtindo. _ girou o canudo no seu copo e depois bebeu mais um gole.
_ Hum... _ pareceu lembrar-se de algo. _ Agora o beijo de vocês dois melhorou?

_Acho que 90 %! _ pisquei o olho e ri.

Olhei para Henrique inclinado sobre a mesa, concentrado na próxima tacada. Seu cabelo liso caía na testa, o que lhe obrigava a jogar a cabeça para trás e sacudi-la, assim, não atrapalhava sua visão. Como podia ser dono de olhos azuis tão bonitos?!

_Hei, meninas, vamos pagar mais uma rodada. _ Flávio avisou.

_Ah! Não... _ Priscila fez um charme. _ Eu tenho uma proposta melhor. Por que não vamos lá para casa? Eu queria te mostrar aqueles CDs, Flávio. E vocês dois... _ olhou para Henrique e eu. _ Podem vir com a gente.

_Demorou. Bora, cara. _ Flávio bateu com as costas da mão no peito de Henrique para incentivá-lo.

_Por mim tudo bem. _ ele deu de ombros.

_Eu vou pagar o refrigerante de vocês e os sanduíches. _ Flávio dirigiu-se ao balcão.

Enquanto isso, Henrique sentou-se ao meu lado e colocou o braço em cima dos meus ombros. Beijei-o de leve nos lábios.

Era bom sua companhia. Não podia negar que minha popularidade subira vertiginosamente após as fofoqueiras de plantão da escola espalharem que eu era a nova ficante de Henrique Garcia. Eu não me importava tanto com isso, queria apenas descobrir novas sensações e experiências. Mas, se pudesse ser com um cara tão bonito quanto ele, ótimo.

Quando virei o rosto para o lado, meu coração quase parou, a batida estancou no peito. Ruan acabara de entrar e passara por nós sem me reconhecer. Será que o óculos escuros lhe dificultaram a percepção?

Senti uma mistura de vários sentimentos que se alternaram em uma fagulha de segundos. Primeiro, culpada por estar ali de bobeira, quando deveria estar em casa aproveitando meu tempo com os estudos que ele bancava. Depois, envergonhada por estar beijando Henrique. Não queria que ele nos visse. Terceiro, curiosa para saber o que ele fazia ali.

Virei disfarçadamente o rosto para trás e vi que Ruan falava com a garçonete. Os dois foram mais para o canto e a parede impediu-me ver o que faziam. A única coisa que estava ao alcance das minhas vistas era metade das costas de Ruan.

_Que foi?! _ Henrique me perguntou.

_Ñnh? Não, nada. Estava vendo se o Flávio já tinha pagado. Eu quero ir logo para a casa da Pri porque... porque, ah, preciso ir ao banheiro.

_Tem banheiro aqui. _ apontou e, eu, mais uma vez, olhei para trás.

Agora a mão da mulher apertava a bunda de Ruan com suas unhas grandes e vermelhas. Aaaaahhhh! Minha boca se entreabriu e eu segurei o ar nos meus pulmões. Safada, tira essa mão da bunda dele! Cerrei os olhos. Minha temperatura subiu, eu estava queimando de raiva!

_Não vai? _ Henrique perguntou perto do meu ouvido.

Eu não podia ir ao banheiro, eles dois me veriam!

_Não, não... Esses banheiros nunca têm papel, não sei se são limpos... Eu ainda prefiro ir à casa da Pri. _ dei essa desculpa.

_Bom, então, vamos. _ Henrique levantou-se e assobiou para o amigo, que ainda estava de papo com o dono do bar.

O som agudo que Henrique produziu chamou a atenção de Ruan. Ele virou o rosto para trás e me viu.

Ai, ferrou tudo agora!

_Bora, mané, anda com isso. _ Henrique chamou o amigo em voz alta. Seu braço ainda estava no meu ombro.

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Os olhos de Ruan sustentaram os meus ainda por alguns segundos fixos nele, mas não agüentei e abaixei levemente a cabeça. Não queria encará-lo. Mas, ao mesmo tempo, estava tão surpresa que levantei novamente o rosto. Agora, a mulher falava-lhe ao ouvido e eu senti meu estômago se mover de enjôo.

_Vamos embora? Eu estou apertada. _ mostrei irritação para Henrique e sai na frente.

_Isso é para você ver, quando eu digo que tem que curtir sua vida... _ Priscila disse-me baixinho. Ela tinha captado o motivo da minha alteração de humor tão repentina.

Mas eu estava curtindo! Ruan com aquela mulher e eu, com Henrique! Quites. Cada um seguindo sua própria vida, sendo donos das suas escolhas.

Só que eu não conseguia digerir a cena que acabara de ver. Como ele, um cara tão inteligente e sensível, podia se deixar levar por uma garçonete peituda, sem pudores?! Ruan nunca tem tempo para estar em casa. Será que, exclusivamente hoje, saíra mais cedo, ou era esse o verdadeiro motivo para chegar tão tarde todos os dias?

_Você não queria ir ao banheiro? _ Henrique perguntou-me, ao chegarmos na casa da Priscila.

Eu tinha vindo todo o caminho tão compenetrada, refletindo sobre a desqualificada que Ruan escolhera para ter um relacionamento, que nem me lembrava de ter reclamado de querer ir ao banheiro.

_Ah! Claro.

Na volta, só encontrei Henrique na sala. Ele me disse que Flávio e Priscila foram ver os Cds no quarto e demorariam. Eu sentei-me ao seu lado no sofá e suspirei, soltando o ar aos poucos.

Priscila estava certa, eu tinha que curtir. Aceitei o beijo que Henrique começou e tentei desligar minha cabeça. Mas era impossível, a mão daquela mulher na bunda de Ruan atravessou o meu pensamento.

Henrique beijou o meu queixo e o meu pescoço. Seu corpo, pendendo para frente, me obrigou-me a reclinar mais o meu.

Fixei com toda força a minha atenção em curtir Henrique, puxei-lhe a camisa e ele fez o mesmo com a minha.

Droga, Ruan mais uma vez desfilando na minha memória só de calça. Jeni, o beijo, se mantenha atenta ao beijo, eu falava comigo mesma.

Senti a boca quente de Henrique descendo mais, como um bicho afoito.

Ruan teimou em sorrir para mim em pensamento e aquilo já começava a me dar raiva. Eu era dona dos meus sentimentos e mandava neles! Poderia dominar tudo que quisesse.

Beijei mais e mais Henrique, era com ele que eu devia estar.

Enquanto o meu duelo mental seguia dois a um para ele, Henrique se desfez de qualquer impedimento para o que queria.

_Aieee. _ grunhi de dor. _ Pára! _ empurrei-o para longe ele me olhou assustado, sem entender nada.

Jeniffer, o que você está fazendo com você? Era meu superego agora apitando a partida final do ringue de luta. Eu não podia deixar que Henrique fosse o primeiro.

_Desculpe, não dá...

_Você ainda é...? _ ele riu e eu me senti um lixo.

_Eu quero ir embora.

_Putz, não vai não! Pô, mina, como você faz isso comigo e...

_Não dá. _ falei duramente e vesti minha blusa o mais rápido que pude.

_Sacanagem, tá?! Que ridículo da sua parte... _ ele começou a reclamar e eu, agora sim, fiquei com repulsa de Henrique.

Ele não era nada compreensivo, nem atencioso! Como é que eu ia começar as minhas experiências, no sofá da casa de uma amiga e com um garoto mimado e convencido daqueles? Eu ainda tenho uma última gota de bom senso e foi com ela que eu me preparei para sair.

Se os homens eram iguais, Ruan com aquela sem classe e Henrique sendo um troglodita, então, que eles se unissem e morressem todos juntos! Eu só queria sumir e ficar sozinha.

_Qual é o teu problema, hein, garota? _ Henrique mudou completamente de atitude. Fora doce até chegar aonde queria e, no meu menor sinal de recuo, ele estava partindo para a grosseria.

_O meu mal? _ Respirei bem fundo. Ele tinha provocado aquela Jeni impiedosa que se esconde em mim. Coloquei as mãos na cintura e levantei as sobrancelhas. _ O meu mal é que eu não me empolgo com uma caneta Bic.

_Quê?! _ ele fez uma careta e antes de partir para cima de mim, eu bati a porta.

Ri de nervoso, atravessando o sinal da esquina da casa de Priscila. Eu tinha acabado de dizer para, nada mais, nada menos que, "Henrique Garcia" que ele tinha uma caneta Bic?

_Nossa, hein, princesa, bonita você... _ ouvi o assobio de um motorista.

É isso, os homens só querem o corpo! Eles têm duas cabeças e, invariavelmente, só raciocinam com a de baixo. Para que eu insistia em ver estrelas, se eles não estão preocupados com isso? Eu devia ter nascido torta, com defeito. Não, já sei, eu vim parar no mundo errado. Quando me criaram deviam ter me enfiado em um livro de conto de fadas infantis. Cá estou eu nessa realidade cruel e fria.

A minha revolta toda era porque eu ainda estava aprendendo a dura lição de que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus. Cada um tem sua maneira de amar e sentir prazer. Veja só os nossos corpos: o dos homens são brutos, rígidos, protuberantes, secos; enquanto o das mulheres são curvos, úmidos, delicados. A fisiologia deixa isso claro: o pênis se projeta, enquanto a vagina é interior, escondida. Contudo, o ideal da força faz alguns homens, como Henrique, sentirem que podem sustentar o mundo girando em cima de seus membros rígidos, como fazem os jogadores de basquete com a bola, rodopiando sobre a ponta do dedo.

Eu, ainda tão nova e inexperiente, buscava o meu primeiro amor, que pelo que estou vendo, está nascendo esbarrando nos espinhos. Ele brota a cada dia do mundo irreal e cheio de fantasias do meu inconsciente e, terrivelmente, não se concretiza, saciando todos os meus desejos primitivos. É desesperador quando nos damos conta de que tudo pode dar errado, fora dos nossos scripts.

Ao chegar em casa, Ruan já estava lá. Passei por ele na sala e o ignorei. Abri a porta do meu quarto e tranquei com a chave atrás de mim. Deixei a mochila cair dos meus ombros e sentei no chão. Abaixei a cabeça e apoiei meus braços nos joelhos.

_Jeni? _ Ruan bateu na porta.

_Que é?

_Posso entrar? _ pediu com uma voz amável.

_Não. _ falei seca.

_Tá tudo bem?

_Não. _ respondi sem pensar. _ Quero dizer, tá.

_Olha... Se está assim por hoje a tarde...

Levantei-me em um pulo e abri a porta, aquilo eu precisava ouvir, olhando dentro do seu olho.

_Oi... _ ele se assustou.

..._ fiz uma cara de "pode continuar, estou ouvindo".

...Eu não te cumprimentei porque...

_ Ruan, você não precisava me cumprimentar porque eu também não te cumprimentei.

A minha resposta saiu tão ácida que ele engoliu em seco e pareceu ofendido.

Droga, a Jeni impiedosa ainda estava desperta pela raiva que Henrique movera em mim. Não tinha que descontar isso em Ruan. Ele é legal.

_Ok. _ ele atravessou o corredor e virou para entrar no seu escritório.

_Ruan? _ ainda o chamei, arrependida.

Ele fingiu não ouvir e bateu a porta. Fiz o mesmo.

_Droga! _ sentei na minha cama.

Ouvi o telefone tocar. Só me faltava ser Henrique, querendo o número de alguma psicóloga para se tratar do trauma que eu lhe provocara por causa do seu problema de calibre. Mas também podia ser Priscila preocupada. Eu fui embora sem falar com ela.

_Oi, Pri. _ atendi.

_Que houve? O Henrique saiu daqui injuriado, falando horrores de você.

_É que não rolou e ele ficou ofendido.

_Nossa, que chato. Poxa, me senti mal, eu não devia ter trazido vocês... É que pensei que seria melhor aqui. Teria mais privacidade para os casais se curtirem.

_Não, Pri, não se culpe. Você não sabe "o bem que esse mal me fez". _ deitei-me de bruços.

_Ãnh? _ ela não entendeu nada.

_É, eu descobri que não quero ver nenhum um homem nos próximos anos.

_Você quis dizer meses, melhor, semanas?

_Pri, não estou brincando. Pode anotar aí agora: "Jeni não vai fazer nada além de estudar para o vestibular até o fim do ano."

_Tudo bem, estou anotando... "Jeni acha que... vai conseguir... _ fez voz de quem está escrevendo. _ Tirar... o Ruan... da Cabeça.

_Priscila, não me confunde mais?!

_Jeni, você só ficou assim porque viu o Ruan com aquela mistura de Tomb Raider com Passista de escola de samba. Você é muito melhor que ela. Quer saber?! Investe logo de uma vez nesse cara!

_Pri, vou tomar um banho e depois a gente se fala na Internet.

_Tudo bem. Beijos.

_Beijos. Tchau. _ desliguei.

Eu não queria dividir esse meu sentimento de insatisfação e infelicidade com Ruan. Se eu deixasse ele se aproximar de mim, acabaria chorando em seu colo. Era melhor fingir que estava tudo bem. Mas, para uma outra pessoa, eu poderia desabafar.

Abri um e-mail para o Dan e desabei, disse tudo que pensava. Só excluí a parte do Ruan, porque ele achava que este era meu pai. Então, não caberia dizer que fiquei afetada porque "*meu pai*" estava com outra mulher.

Uma janela do msn se abriu e eu sorri, limpei as lágrimas dos olhos:

Dan diz:

_Desse jeito q falou dos homens, me senti um verme.

Jeni diz:

_Já leu o e-mail? Rápido vc!

Dan diz:

_Eu tava off. To falando com a minha noiva. Mas vi qnd chegou seu e-mail.

Jeni diz:

_Estou me sentindo em um rodadoiro de emoções.

Dan diz:

_Vai passar. Acho q ta certa. Dê um tempo, põe a cabeça no lugar. Vc ta dando a chance ao cara errado.

Jeni diz:

_E como vou saber qual é o cara certo? Só tem propaganda enganosa por aí.

Dan diz:

_Hei, eu me salvo!

Jeni diz:

_Eu nunca provei...

Dan diz:

_Jeni, não faz isso, não me provoca, sou um homem comprometido.

Jeni diz:

_Foi mal, tava só recuperando meu humor.

Dan diz:

_Vou falar aqui com ela, senão meu pc trava de tanto me pedir atenção no msn.

Jeni diz:

_Tá.

Senti ciúme da noiva dele. Eu queria atenção também. Que droga! Que porcaria de carência!

Cliquei no relógio do computador e verifiquei o calendário.

_Hum, TPM, deve ser esse o mal que me assola.

Suspirei.

Eu não podia ser indelicada com Ruan. Ele tinha sua vida pessoal e podia fazer o que quiser com ela sem me dar satisfação alguma. Levantei-me e fui até seu escritório, torcendo para que não estivesse trabalhando. Abri a porta.

Posso? perguntei e ele levantou os olhos do violão e depois abaixou.

Dói, dói demais o homem que me desejara com os olhos, no baile, agora me negar um sorriso. Eu precisava da atenção de Ruan. Sua indiferença era a pior exclusão, porque significava estar do lado de fora do seu mundo.

Sim, ele me desejava, porque do contrário não se afetaria com minhas pirraças. Sentei-me no pequeno sofá ao seu lado.

_Ruan? _ toquei na sua mão para ele parar de procurar cifra na pasta.

_Que foi? Veio pedir desculpa? Está desculpada, pode ir embora.

... ri e balancei a cabeça para os lados. Voltei a olhá-lo.

_Qual é a graça?

_Você fica... _ procurei uma palavra cabível. _ ... divertido emburrado. Parece um garotinho de quem roubaram a bola.

Não pensa nos sentimentos das pessoas que querem te ajudar? ele perguntou, muito bravo, com a testa franzida. _ Sai sapateando no coração dos outros e...

_Ruan! _ cortei-o. _ Eu vim aqui porque estou arrependida, agora, se não quer me ouvir, então, desculpe, continue com a sua musiquinha aí, que eu vou embora! _ levantei-me, perdendo a paciência, não ia ficar me humilhando.

_Senta. _ segurou minha mão._ Eu também não estou legal e acho que vai precisar me desculpar também! _ ele respirou fundo.

_Teve um dia ruim? Porque se for para competir com o meu, será difícil de ganhar!

_Não vamos falar do nosso dia... _ pediu. _ Não gosto de remoer o passado. Prefiro chegar em casa, esquecer de tudo que houve lá fora e me restaurar.

_Isso é o que mais preciso. _ confessei. _ Por favor, não me pergunte sobre hoje a tarde... ok?

_Como quiser... _ achou uma cifra que gostou.

_Ruan, posso te fazer uma pergunta?

_Hei! Você pediu para não fazer perguntas sobre você...

_Não! É sobre outra coisa, não vou perguntar sobre ela.

_Jeni...

_Desculpe! Sério. Se não quiser responder, tudo bem.

_Anda, porque agora eu estou curioso para saber o que se passa nessa cabecinha. _ ele tocou com o dedo indicador na minha testa.

_Eu vejo seus amigos todos casados, com filho e...

_Por que eu também não sou assim? A vida não quis.

_Mas quem manda na sua vida é você.

_Eu mando 50% na minha vida e as circunstâncias da minha história se encarregam do outros 50%. Pense no seu dia de hoje. Você realmente era capaz de controlar tudo?

Como controlar minha cabeça só pensando em você, quando eu devia estar gostando de ficar com o cara mais gato do meu colégio?

_Ruan, você já amou alguém? Amar de verdade?

_Por que está perguntando isso agora?

_Eu perguntei primeiro!

_... _ ele suspirou. _ Já, tive uma namorada, mas ela não topou muito essa vida e pulou fora.

_Onde ela está?

_Não estou entendendo sua curiosidade.

_Sei lá... Você me parece tão fechado.

_Hum. Ela se casou, teve filhos, seguiu com a vida dela e pronto.

_Que pena, você devia gostar dela.

_Gostei sim. Só que eu tento enxergar a vida de maneira diferente, Jeni. _ Ruan olhou-me nos olhos e eu me pus em posição de discípula, com ouvidos bem atentos. _ Essa pessoa foi uma ponte que me levou de um estágio a outro, me permitindo atravessar o vale da inexperiência. Algumas pessoas tornam a nossa travessia dolorosa, outras deixam maravilhosas lembranças, mas ninguém não nos leva a lugar nenhum, nem nos deixa parados. Até aqueles que te fizeram um mal são capazes de impregnar a sua alma com mudanças.

Pensei em Henrique com sua falta de paciência e grosseria. Eu aprendi, da pior forma, que esse não era o tipo de pessoa que buscava para amar.

_O mais difícil é se soltar da pessoa que gostamos. Ela vai embora com seu corpo, mas a alma está acorrentada a nós. É preciso abrir o cadeado e libertá-la. Caso contrário, não amaremos nunca mais.

_Gosto de ouvir suas experiências.

_Não sou tão experiente assim.

_É sim!

_Existem dois tipos de experiência: a da razão e a do coração. Você pode ter trinta anos, mas se a última vez que teve um relacionamento foi aos 20, então, você vai agir como se tivesse 20. O coração demanda outro tipo muito específico de maturidade.

Se Ruan dizia que não era tão experiente assim, então, estive muitos anos parado no tempo, sem conseguir se libertar dessa mulher.

_Tem gente que diz que acha que a felicidade está em nós. Para mim a felicidade não está só em nós, mas ela não está em qualquer lugar. _ disse ele.

Eu entendia aquilo na prática. Não podia continuar buscando a felicidade em qualquer garoto. Mas, por que Ruan procurava a sua naquela mulher? Talvez estivéssemos perdendo nosso tempo?

_Quer ouvir a música? _ perguntou e apontou para o livro de cifra.

_Claro. _ apoiei a cabeça na mão, como adorava fazer, para admirá-lo tocar violão.

Ruan estava com uma camisa branca e calça jeans clara. Ficava lindo descalço, com o cabelo molhado. Adorava o cheiro bom de perfume e o calor da sua presença:

"É incrível/ Nada desvia o destino/ Hoje tudo faz sentido /E ainda há tanto a aprender/E a vida tão generosa comigo/Veio de amigo a amigo/Me apresentar a você/Paralisa com seu olhar"...

Ruan olhou diretamente nos meus olhos e sorriu levemente enquanto cantava:

"Monalisa/Seu quase rir ilumina/Tudo ao redor minha vida/Ai de mim me conduza/Junto a você ou me usa/Pro seu prazer me fascina/ Deusa com ar de menina/Não se prenda/A sentimentos antigos/Tudo que se foi vivido/Me preparou pra você/Não se ofenda/Com meus amores de antes/Todos tornaram-se pontes/Pra que eu chegasse a você/Paralisa com seu olhar/Monalisa/Seu quase rir ilumina/Tudo ao redor minha vida/Ai de mim me conduza/Junto a você ou me usa/Pro seu prazer me fascina/ Deusa com ar de menina..."

Quando Ruan terminou de cantar, senti vontade de dar um impulso e beijá-lo, mas antes que eu tomasse esse ímpeto, o telefone tocou. Ainda nos olhamos por alguns segundos, movidos pela a emoção da canção.

_Pode ser do quartel. _ disse-lhe para ver se levantava ou ficava.

Ele levantou e atendeu o telefone, mas sem tirar o olho de mim.

_Alô? Oi. Sim, é o capitão Ruan.

Levantei-me também e caminhei em sua direção. Parei na sua frente, bem perto do seu rosto. Apoiei uma mão em seu peito e fiquei um pouco na ponta do pé para beijá-lo na bochecha esquerda delicadamente, perto da sua boca.

Virei-me para sair e segurei o riso com aquela pequena travessura.

_Sim, estou ouvindo...Pode falar. _Ruan parecia paralisado ao telefone.

Ele virou-se e eu, discretamente, olhei para trás para vê-lo abrir um sorriso enorme.

Fechei a porta do meu quarto e coloquei as duas mãos sobre o coração. Olhei para o alto e ri, feliz.

Autora: Li

21/09/07

Cap 19: Eclipse de mulher (Ruan)

Eu estava revisando um texto que precisava enviar por e-mail, quando Jeni entrou no escritório. Fingi que não percebi sua presença. Se desse corda para ela, não conseguiria me concentrar no meu trabalho.

_Ruan?

_Hum. _ continuei digitando no teclado, com os olhos bem fixos no monitor.

_Eu já vim aqui quatro vezes e você estava ocupado. _ reclamou. _ É que eu preciso mesmo falar contigo.

_Jeni, agora não.

Ouvi o ar saindo das suas narinas com a força de quem se irrita. Ela não aceitou mais aquele não. Subiu em cima da cadeira e, depois, na mesa.

Pronto. Consequira o que queria, quebrar o meu raciocínio. Eu estava perdendo a cabeça. Bati com as duas palmas das mãos e as uni, entrelaçando os dedos. Encostei minha testa nelas e respirei profundamente, buscando aquele restinho de calma.

Recostei-me na cadeira e a olhei de baixo para cima. Do seu salto, subindo pelas pernas, passando pelas curvas do babado de sua saia vermelha e parando na sua boca entreaberta e úmida.

_Agora você pode me dar um minuto do seu tempo precioso? _ ela pôs as mãos na cintura.

_Eu tenho escolha?

_Ótimo.

_Agora desce daí!

_Ah! Claro! _ ela agachou-se e sentou bem no meio da mesa.

Afastei a cadeira de rodinhas para trás para dar-lhe espaço. Jeni apoiou as mãos entre as pernas e sorriu para mim, encantadoramente.

_Você trabalha muito. _ comentou.

Percebem, leitores, como ela gosta desse joguinho? Não vai direto ao assunto, se deleita em, antes, testar minha resistência e os limites do meu auto-controle.

Jeni não é aquele anjozinho deitado em nuvens que eu imaginava. Eu é que queria enxergá-la assim. Aquela menina, na verdade, era uma criaturinha atenta e muito esperta. Porque é preciso ser inteligente para se passar por ingênua. Já não duvidava, Jeni era mais mulher que menina, só o corpo me enganava.

_Em que posso ajudá-la, senhorita? _ perguntei, com um tom de voz polido e formal.

_Querida a sua instrução, senhor capitão! _ ela pôs a mão direita na cabeça, caricaturando a cena.
_Eu tenho que bater continência antes?

_Bom, bater... você bate ovo, bate a porta, bate com o carro, bate bolo, bate no bife, bate até... _ parei e contive o que ia dizer. _... Esquece. Agora para mim, você “Pres-ta” continência.

_...Que nada, eu sou especial.

Estão vendo, né? Olha só o que eu estava falando sobre seu charme! Estão de olhos bem abertos para esse ser terrível?!

_...Mas, se prefere *pres-tar* continência, ok. Eu preeesto... _ alongou o “e” para ironizar minha fala. _... continência para você.

_Jeni, já acabou seu um minuto.

_Eu disse que era um minuto, mas um minuto vezes dez.

_Ah, sim, acho que deixou de fora esse outro fator da conta. Você me dizia que queria minha instrução, posso saber para quê?

_Para acampar.

_Acampar? Você? Mas logo você, que mata todas as formigas da pia com uma cara de Freddy Kruger? Jeni, onde está pensando em acampar? Porque se for no meio da praça de alimentação de um shopping, tudo bem eu...

_Ruan! Me leva à sério uma vez na vida?! Eu digo acampar com barraquinha e tudo, no meio do mato, com passarinhos cantando, água do riacho para tomar banho. Preciso de contato com a natureza.

_Você e mais quem precisa de “*contato com a natureza*”?

Eu já sentia de longe o cheiro de fumaça. Aquilo não brotaria sozinho da sua cabeça. Tinha a participação de seus amigos.

_A turma lá da escola se juntou e pensou em acampar. Só que assim... muitos pais estão encrencando, então, eu falei que ia ver..

_Se o seu pai... deixa eu adivinhar, eu, iria para fazer a segurança, melhor, a instrução?

_Ruan, você não é burro não, hen?! _riu. _ Mas eu não disse que você é meu pai. Na verdade, só falei que tinha alguém experiente que poderia ir junto. Daí, eu pensei... _ ela pegou uma madeixa do seu cabelo e começou a alisá-lo. _... Posso convidar o Ruan...

_Caramba, e a que devo essa honra?

_Ruan, você quer ou não quer?

Ela estava pintando o passeio como o mais imperdível do ano, aquele que mudaria a minha vida, quase um "Caminho São Tiago de Compostela", que me faria encontrar o meu eu interior.

_Jeni, eu acabei de voltar de um campo de instrução...

_Ruan, é diferente, completamente diferente!

Havia mato, barraca, passarinhos e riacho. contei-lhe.

Mas era trabalho, não era diversão. corrigiu.

_Jeni o que você quer de mim?

_Já disse! Que vá comigo. Anda, por favor... _ inclinou a cabeça para o lado e suas pernas ficaram oscilando no ar, como pêndulos.

Quando isso? perguntei.

_No próximo feriadão. Quinta é feriado, aí emenda com sexta e...

_Não posso.

_Por que não, Ruan? Você nem pensou com carinho.

_Jeni, eu tenho coisas a resolver.

Coisas, que coisas? irritou-se. _Ok, só para você ficar mais tranquilo, a gente pensou em ir sexta de manhã e voltar domingo bem cedo. Tá bom assim para você? Dá tempo para resolver suas coisas?

_... _ não respondi.

A alça da blusa preta de Jeni escorregou do seu ombro e a luz que entrava pela janela reluziu sobre o contorno do seu corpo, fazendo sua pele cintilar. Um eclipse de mulher.

Os fios caídos no seu rosto e seus olhos de mel emolduravam o mais belo quadro produzido pela natureza, sem qualquer interferência artificial humana.

Os braços pequenos, finos e frágeis comprimiam os seus seios e terminavam em duas mãos de finos dedos compridos, que se agarravam à beirada da mesa.

Eu não queria atendê-la por isso, porque não teria outra coisa a pensar no resto do dia, a não ser em sua beleza viva, brilhante, como a maçã madura que estala no dente na primeira mordida e deixa escorrer, no canto da boca, seu caldo doce.

_Se você precisa tanto de mim, eu vou.

Ai, Ruan! ela gritou o meu nome e esticou os braços para puxar o meu rosto._ É por isso que eu te amo! _ beijou minha testa e pulou por todo o escritório. _Oba!

Eu balancei a cabeça para os lados e vi que ela beijou o cachorro também.

Quando abriu para mim, não disse qualquer palavra. Beijei-lhe a boca e bati a porta atrás de mim. Caminhamos juntos, eu avançando e ela dando passos atrás. Livrei-me da camisa e derrubei-a sobre o sofá.

_Jeni, eu sou louco por você... _ beije o pescoço, senti-lhe o lóbulo da orelha.

Meu corpo era uma descarga elétrica que precisava encontrar o solo e neutralizar-se.

_Nunca te vi tão vivo assim... _ Virgínia comentou minutos depois e acendeu um cigarro.

Ofereceu-me.

Traguei e devolvi-lhe.

Quem é Jeni? perguntou.

Desculpe... passei a mão na testa. _ Acho que estou adoecendo da cabeça de novo...

_Ruan, eu em outros tempos não me importaria que me chamasse com outro nome. Acharia divertido, mas...

_Desculpe, desculpe... _ levantei-me e peguei minha camisa. _ Eu fui um idiota. Eu sei!

_Ruan, eu estou apaixonada por você.

_Quê?

_Não é difícil se apaixonar por você. _ explicou-se. _Você é bonito, você é... _ ela levantou-se e fez carinho no meu peito. _... É sexy e...

_Não, não pode. _ tirei suas mãos de cima de mim.

_Por que não?

_Porque eu... _ parei. Não era certo dizer-lhe que amava agora Jeniffer. _Eu não te amo, tenho um carinho por você, mas... Amar, amar, não amo.

_Não estou pedindo isso, Ruan. Só disse que estou gostando de você.

_Virgínia, desculpe, mais uma vez desculpe, mas eu sempre deixei claro...

_Eu sei, você sempre deixou claro que era só curtição. Eu sei, eu tenho consciência disso...

_Lamento, mas desse jeito não podemos seguir porque eu não quero te magoar.

_Não quer ao menos tentar...?

Não quero. respondi, antes que terminasse. _ Não posso.

... _ ela sentou-se no sofá e continuou fumando seu cigarro. _Pode ir, então. Deve estar atrasado para o jantar.

_Desculpe. _ pedi, antes de abrir a porta.

Ao chegar em casa, Jeni recebeu-me com euforia. Tinha impresso os mapas de onde seria o acampamento, verificou a previsão do tempo e queria mostrar-me tudo.

_Jeni, não estou com cabeça para isso... _ afastei-a da minha frente.

_Ruan, está tudo bem? Aconteceu alguma coisa? _ ela veio atrás de mim no corredor.

_Aconteceu, Jeniffer! _ virei-me para ela e segurei com força os seus braços. _ Aconteceu o que não podia acontecer. Aconteceu que...

_Ruan, você está me machucando.

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

_Jeni, faz um favor e não contesta. Me deixa sozinho, sai daqui. Eu não estou bem.

Soltei-a.

_Você vai sair de novo? _ ela perguntou-me, vendo que eu calçava o tênis.

_Vou. _ respondi.

Corri por horas até que meu corpo, encharcado de suor, não suportou a carga e eu sentei no meio fio. Apoiei a cabeça nas mãos. Era hora de voltar para casa.

Abri a porta da sala e lá estava Jeni adormecida no sofá, deitada de bruços. Recolhi o livro aberto no chão e contemplei-a. Os seios comprimidos pelo peso do corpo, os cílios compridos repousando em seus olhos fechados.

Pus-me a conversar mentalmente comigo mesmo.

Chega de tentar dissimular, enganar, mentir, matar o que não dá mais para ocultar. Eu tento disfarçar e sufocar, mas o meu coração foi meu traidor e se deu, sem tentar conter. Eu não posso mais continuar a temer, sofrer, se o que procurei em outras encontrei em você. Eu quero mais é sentir, chorar e desvirginar o nosso amor.

Eu sou um homem sofrendo, adorando, feito louco e criança, te desejando inteira. Eu sei que está nascendo, rasgando, brotando em você também. Posso te sentir em suas palavras se derramando, não adianta mais fugir de mim, porque você me deseja. Eu vejo no teu olhar fortuito, quando passo, me adorando, querendo, pedindo. Me puxa, me tenha, me possua, porque eu já não quero mais te ver assim, brincando com meu coração.

Eu posso me abrir, me dar, oferecer à outra, mas eu termino voltando para esse suplício. Já pedi, roguei, implorei para que meu sacrifício ficasse oculto, mas não contendo a minha própria alma. Ela pulsa, se atira e te quer. Ponha meu coração sob o sol e o ilumine com um simples sinal. Permita-me com um único gesto ou olhar e eu me dou inteiro a você.

Chega de lembrar, viver o que se passou e não volta mais. Eu me perdi e quero encontrar o jovem impulsivo e disposto a lutar, brigar e disputar para te ter. Desculpe se te procuro em outra, o mal também mora em mim e me domina, confunde, entorpe, machuca e eu faço o que não devo para te esquecer. Me salva, me tira desse naufrágio de anos, porque eu não posso mais me suprimir. Vou ficar, não vou partir, pode rir, fugir, que eu não vou desistir de te amar.

Autora: Li

Cap 20: Só vivo pensando em você (Jeni)

[\(Trilha sonora do capítulo, clique aqui!\)](#)

Quando cheguei na sala para ajudar Ruan, me assustei com a quantidade de material no chão.

_Que isso? _ franzi a testa, nós estávamos nos preparando para uma viagem de volta ao mundo?

_Ora, não vamos acampar?

_Nossa, não sabia que precisava de tanta coisa. _ levantei as sobrancelhas.

_Eu estou organizando só o básico.

Ruan conferia tudo na lista que tinha em mãos.

_Para que servem essas coisas? _ perguntei, apontando para as ferramentas.

_Uma lanterna para usarmos à noite. _ apontou para o objeto. _ Lampião que vai dar uma luz mais intensa. Uma cavadeira. _ mostrou uma ferramenta que consistia em uma lâmina de ferro, parecida com uma pequena pá reta. _ Ela é usada para cavar buracos. Um facão. _ indicou a faca de cerca de 20 polegadas. _ Para cortar galhos, ou qualquer outra coisa, com facilidade. _ Uma machadinha para cortar lenha. Uma faca menor. Canivete. Aquele isopor ali é para conservar os alimentos. E essa pedra cinza, vamos usar para amolar e afiar as facas.

_Puxa, você pensou em tudo.

_É o meu trabalho, Jeni.

_Claro. Eu não entendo nadinha, que bom que posso ter você para pensar em tudo por mim. E a barraca?

_Não é tão difícil. Eu posso te explicar. Tudo vai depender de uma série de fatores. Não devemos levar nada a mais, porque será um peso desnecessário, nem a menos, para não ficarmos na mão em momentos difíceis. _ explicou. _ A barraca é um exemplo disso. Há vários tipos, de vários tamanhos. Na hora de escolher, devemos pensar em quantas pessoas irão usá-la e como vamos carregá-la, se nas costas ou em um carro. A que todo mundo conhece é aquela barraca do tipo canadense de formato triangular. Ela é mais fácil de montar e tem uma armação de metal, só que ela é pesada para carregar a pé.

_Eu acho que é essa que eles vão levar.

_Algumas são feitas de lona e por isso são mais quentes. As de nylon são melhores para essa época do ano, aquecem menos. Eu gosto das barracas do tipo "bangalô", que é feita de lona pesada e dá para umas cinco pessoas. É espaçosa e mais confortável. Ah! Me lembrei agora de um terceiro tipo. São as barracas "iglu". Elas parecem aqueles iglus de gelo. Também há algumas com formato de casulo.

_Se tem uma coisa que as meninas estavam preocupadas era onde dormir porque não queremos acordar morrendo de dor nas costas. Assim nem vamos nos divertir.

_Vocês são engraçadas, querem acampar, mas querem conforto?

_Ah, Ruan! Pelo menos, o mínimo de conforto.

_E elas estão pensando em levar o quê?

_A Priscila e a Lurdinha vão levar sacos de dormir.

_É, eles são muito usados. São forrados de nylon e com material isolante de espuma. Isso no calor esquenta para caramba! Como eu não quero ver você resmungando de dor, vou levar um colchonete fino. Vai ser mais confortável.

_Mas vai caber na barraca?

_Onde vou colocá-lo, você confia no capitão Ruan aqui.

_Sim, Senhor! _ prestei continência.

_Eu comprei vários materiais para curativo e repelente. Coloquei em cima da minha cama. Arruma dentro da caixa para mim. Coloca um vidro de álcool também, está no armário do banheiro.

_Eu espero que ninguém se machuque.

_Mas, se acontecer, eu quero estar prevenido.

Depois de todas aquelas demonstrações de que era um profundo conhecedor de acampamento, eu estava tranqüila e feliz para curtir meu passeio do fim de semana.

Ruan comprou sopas prontas de saco, alguns enlatados, biscoitos e fez um quite alimentação para enchermos uma bolsa. Levamos tudo para a caminhonete que Fonseca nos emprestara. Enquanto levávamos seu carro, Ruan deixou o dele. A troca fora a das melhores porque tínhamos, agora, espaço suficiente para levarmos tudo que precisávamos.

Nosso ponto de encontro era a casa da Priscila. Quando chegamos lá, já havia quatro carros estacionados. Apresentei Ruan ao grupo dos meus sete amigos: Pri, que ele já conhecia, Flávio, Lurdinha, seu irmão Carlos, Henrique, Rodrigo e Michele.

Eu senti uma leve pontada de vaidade quando disse a eles que Ruan era meu amigo e entendia tudo de *camping*. Nesse momento, Henrique olhou-o de cima a baixo e riu de desdém. Ótimo, estava mordido. Problema dele, esperava que ficasse bem longe de mim.

No caminho, Ruan sintonizou o rádio e ficamos ouvindo música. Recostei minha cabeça no banco e senti o delicioso vento vindo da janela. Cantarolei baixinho:

*_ Estava satisfeito só em ser teu amigo / Mas o que será, que aconteceu comigo?
Aonde foi que eu errei? / Às vezes me pergunto se eu não entendi errado
Grande amizade com estar apaixonado / Se for só isso logo vai passar
Mas quando toca o telefone será você? / O que eu estiver fazendo eu paro de fazer
E se fica muito tempo sem me ligar / Arranjo uma desculpa pra te procurar
Que tolo, mas eu não consigo evitar / Porque eu só vivo pensando em você
É sem querer, você não sai da minha cabeça mais / Eu só vivo acordado a sonhar
Imaginar nós dois / Às vezes penso ser um sonho impossível
Uma ilusão terrível será? / Eu já pedi tanto em oração
Que as portas do seu coração / Se abrissem pr'eu te conquistar
Mas que seja feita a vontade de Deus / Se ele quiser então, não importa quando, onde
Como eu vou ter seu coração. / Faço tudo pra chamar tua atenção
Vez em quando eu meto os pés pelas mãos / Engulo a seco um ciúme
Quando outro apaixonado quer tomar de mim tua atenção / Coração apaixonado é bobo
Um sorriso teu e eu me derreto todo / O seu charme, teu olhar
Tua fala mansa me faz delirar / Mas quanta coisa aconteceu e foi dita
Qualquer mínimo detalhe era pista / Coisas que ficaram para trás
Coisas que você nem lembra mais / Mas eu guardo tudo aqui no meu peito
Tanto tempo estudando seu jeito / Tanto tempo esperando uma chance
Sonhei tanto com esse romance / Que tolo mais eu não consigo evitar.*

A primeira coisa que queríamos fazer quando encontramos nosso lugar na mata, era armar as barracas e começar a diversão. Mas, para Ruan, não era tão simples assim.

_Esse não é um bom lugar. _ alertou-nos.

_Por quê? _ Henrique perguntou. _ Tem espaço suficiente para todo mundo.

_Eu sei, mas o solo é inclinado e, se chover, vai escorrer toda a lama e levar a barraca junto.

_Chover? _ Henrique riu.

_É, chover. _ Ruan colocou a mão no solo. _ A terra está ligeiramente úmida, choveu recentemente. Acho melhor prevenir. Mais ali na frente tem árvores.

Seguimos o conselho de Ruan e caminhamos um pouco mais adiante. Ele pensava em tudo, mas isso começou a irritar alguns, que não queriam se preocupar com os detalhes.

_Priscila, eu se fosse você, não armava aí, mas um pouco para cá. O sol da tarde é mais forte e vai superaquecer a sua barraca. _ Ruan apontou para onde vinham os fachos de luz.

Ela não contestou, mas pela sua cara, não gostou da sugestão. Simplesmente não queria parecer burra.

_Lurdinha, o seu nome, né? _ Ruan perguntou-lhe. _ Olha, eu trouxe uma lona que talvez seja útil para você colocar debaixo da sua barraca porque os gravetos e as pedras podem rasgar o nylon.

_Ah! Obrigada. _ ela agradeceu. _ Que bom que temos alguém experiente aqui. _ ela sorriu para Ruan. _ Essa barraca não é minha, tenho que devolvê-la do jeito que peguei, intacta. _ riu, oferecida demais para o meu gosto.

Ruan explicou-me como deveríamos montar a nossa. Posicionamos as estacas metálicas das extremidades da barraca, deixando o toldo da parte de fora, que formava uma espécie de varanda externa, bem esticado. Ruan disse-me que, caso chovesse, o toldo formaria um bolsão de água e esta passaria para o interior da barraca. Para isso, colocamos um pedaço de cabo de nylon entre a estaca e o tirante da barraca, como uma extensão. Dessa forma, a estaca mantinha o toldo ainda mais afastado.

_Agora, vamos fazer uma canaleta em volta da barraca toda. Se chover, não quero a barraca inundada.

_Ai, Ruan, tem certeza que vai chover? Eu estou cansada... _ reclamei.

Ele, que estava agachado, olhou para trás e viu que meus amigos já tinham ido tomar banho no rio.

_Vai lá se divertir com eles.

_E você ficará aqui sozinho?

_Tudo bem, Jeni. Já estou acostumado. Pode ir.

_Mesmo? _ perguntei, sentindo-me culpada.

_Já estou terminando.

_Depois vai para lá também.

_Tá. _ ele disse.

Cheguei à beira do rio, tirei o short jeans, a camiseta branca e fiquei só de biquíni. Entrei na água quente e deliciosa.

_Esse lugar não é demais? _ eu perguntei para eles.

_O capitão não vem dar instrução para a gente, Jeni? _ Carlos gritou e os meninos o acompanharam em uma ruidosa gargalhada. _ O grande comandante vai mandar a gente nadar carregando os fuzis na cabeça? _ ele pegou um galho na margem do rio e teatralizou a cena.

_Eu acho que você perdeu uma boa oportunidade de ficar calado! _ Lurdinha ridicularizou o irmão e saiu da água.

_Onde você vai? _ ele perguntou. _ Vai correr atrás dos fracos e oprimidos? Essa garota não é do meu sangue!

Lurdinha seguiu a trilha que dava para a clareira, onde estavam nossas barracas.

_Não ligue para eles... _ Priscila falou baixinho para mim. _ E aí, pessoal? Vamos jogar bola? _ propôs.

Eu saí da água.

_Você não vem, Jeni?

_Eu já volto. _ disse-lhe. _ Podem começar.

Coloquei a bermuda jeans e calcei o chinelo. Andei pelo meio da mata e, antes de chegar na pequena clareira, ouvi os risos de Ruan e da minha amiga.

Lurdinha, com seu cabelo ruivo e molhado, tinha uma toalha nas costas e estava sentada de frente para Ruan em uma cadeira de praia. Eu não podia acreditar no que meus olhos presenciavam. Era isso mesmo? Ele estava tocando violão para ela ouvir?!

_Já acabou de armar a barraca? _ perguntei secamente, com as mãos na cintura.

_Há muito tempo. _ ele respondeu e continuou olhando para Lurdinha. _ Vê se lembra dessa aqui... _ Ele começou a tocar.

_Não vem tomar banho?

_Não, estou limpo. _ respondeu.

_Jeni, quer sentar? _ Lurdinha perguntou.

_Não, obrigada. _ cruzei os braços e fiquei balançando levemente a ponta do meu pé no chão, irritada.

Ruan olhou-me e seus olhos desceram até o meu pé. Ele sorriu um sorriso pequeno e orgulhoso de si. Que grande! Agora ele se gabava por eu estar com ciúme.

_Estou com fome. _ ouvi Henrique atrás de mim.

Ele caminhou até a sua mochila e retirou um sanduíche enrolado em papel alumínio.

_Hum, legal. Seria interessante a gente fazer uma roda de música, à noite. _ comentou, vendo Ruan tocar. _ Só falta a fogueira. _ disse e voltou para o rio. _ Você não vem? _ ouvi sua voz atrás de mim. Olhei para Ruan para me certificar de que ele tinha ouvido também. Ele me encarou e eu sabia que podia usar aquilo a meu favor e provocar seu ciúme.

_Vou. _ virei-me de costas e segui Henrique.

Logo depois, Lurdinha apareceu no rio. Será que Ruan havia expulsado ela de lá? Bom, muito bom, ele a colocara no seu lugar.

Priscila sentou-se ao meu lado na pedra onde eu estava.

_Sabe o que eu acho? _ perguntou-me. _ Que você devia se desarmar dos seus medos e das inseguranças para ser mais feliz.

_... _ continuei olhando para a frente e observando os garotos jogarem bola.

_Por que não vai lá e mostra que também quer ficar com ele?

_Tenho medo da sua reação.

_Não vai saber se não tentar. E pelo que eu estou percebendo aqui, menina, se você não for na

frente, a fila vai andar rapidinho...

Eu abaixei a cabeça e sorri.

Você está certa. disse-lhe.

_Ruan? _ chamei-o pelo nome.

_Oi. _ ouvi-o.

Segui a direção de onde vinha sua voz. Subi em uma pequena elevação de terra. Caminhei por uma trilha de pedras e folhas que chiavam sob a sola do meu chinelo. O barulho da água do riacho arrebatando nas pedras ainda podia ser ouvido dali, mas com menor intensidade. Alguns passarinhos cantavam na copa das árvores altas de verdes folhas. Galhos se entrelaçavam e se uniam, dificultando a passagem dos raios de sol.

Encontrei Ruan. Estava com um facão na mão e cortava alguns galhos para fazer a fogueira que Henrique sugerira. Sua camisa estava pendurada na parte de trás da bermuda verde. Para aliviar o calor, exibia o peito nu. A cada movimento, seus músculos tomavam formatos rígidos e curvos.

_Você está aqui sozinho? _ parei na sua frente e coloquei as mãos no bolso de trás da minha bermuda jeans, como costumava fazer.

_Eu estou bem. _ ele respondeu e parou de cortar os galhos. _ O contato com a natureza me emociona. _ brincou.

Eu sorri, adorava seu senso de humor, mesmo que fosse para usar alguma ironia.

_Eu até fui alvo de um passarinho. _ Ruan virou o ombro e mostrou nas costas um arranhão vermelho.

_Quê? _ eu me aproximei e passei o dedo, delicadamente, sobre o local. _ Como assim?

_Está vendo ali... _ ele apontou e me fez olhar na direção que indicava. _ ... no topo daquela árvore, olhe bem no meio daquele galho em forma de “v”.

_Um filhote de passarinho! _ exclamei.

_Pois é, só que, alguns minutos atrás, ele estava aqui no chão. Caiu tentando voar. E veja como eu sou bonzinho com os animais, eu escalei a árvore e o coloquei de volta no lugar.

_Você?

_Depois diz que eu sou um assassino de animais.

Eu dei uma risada e continuei olhando para o ninho.

_Só não contava que iria encontrar a mãe dele lá em cima. Ela cravou as garras em mim.

_Nossa, Ruan, fala como se tivesse rolado no chão com um tigre.

_Não diminui meu ato de heroísmo, por favor?!

_Tudo bem, vou te dar uma medalha de honra ao mérito pelo serviço prestado à espécie de passarinhos.

_Os animais são assim... _ ele também continuava com sua atenção na ave em cima da árvore. _ ... Eles defendem seus filhotes até a morte.

_ Alguns seres humanos deveriam ser mais animais. _ eu disse.

Ruan olhou-me e entendeu a quem eu me referia. Sentia falta de ter pais como aqueles passarinhos para me defender.

_ Não reclame do seu destino... _ ele aconselhou com uma voz doce e calma. _ ... Por mais que pareça ruim, acaba te levando para a felicidade.

Isso eu não poderia negar. Deus não me deixara sozinha no mundo, me colocara nas mãos daquele homem que cuidava de mim como um anjo bom.

_ Vou te contar uma estória! _ Ruan sempre tentava me animar, quando eu ficava triste com as lembranças do passado. _ Quer ouvir?

_ Hum-hum. _ fiz um sinal afirmativo com a cabeça e sorri.

_ Um homem era muito rico, milionário. Quando ele morreu, deixou muitas fazendas para os seus filhos. Todos receberam terras muito férteis, menos o mais novo, que acabou com um charco inútil para a agricultura. Seus amigos ficaram muito triste por ele e o visitaram. Foram lamentar por aquela injustiça. Mas, ele olhou para os amigos e disse: “O futuro vai dizer se foi uma coisa boa ou uma coisa má.”

... Dois anos depois, o país sofreu uma inversão de temperatura e uma grande seca acabou com os pastos e plantações. O gado morreu de sede e de fome. As terras dos irmãos agora não serviam para nada. E esse irmão, que tinha um charco, ficou rico porque sua terra era um oásis fértil. Seus amigos vieram comemorar e ele disse: “O futuro vai dizer se foi uma coisa boa ou uma coisa má”.

... O homem, então, comprou um lindo cavalo de raça, mas o bicho fugiu e todos ficaram tristes. Seus amigos vieram chorar com ele. Mas o homem repetiu a sua frase de sempre: “O futuro vai dizer se foi uma coisa boa ou uma coisa má”.

... Depois de uns dias, o cavalo voltou e, com ele, vieram outros cinco cavalos selvagens. Os amigos apareceram para comemorar, mas o homem falou: “O futuro vai dizer se foi uma coisa boa ou uma coisa má”.

... O seu filho mais novo tentou domar um desses cavalos selvagens e quebrou a perna. Mais uma vez, lá estavam os amigos para lamentar. “O futuro vai dizer se foi uma coisa boa ou uma coisa má”, repetiu o homem.

... Passados uns dias, o soldado do rei veio levar os jovens para a guerra. O pai já muito velho ficou aflito porque só tinha aquele filho e queria sua companhia para não ficar sozinho. Mas, o rapaz não precisou partir por causa da sua perna quebrada. Os amigos se alegraram e fizeram uma festa. O homem falou “O futuro vai dizer se foi uma coisa boa ou uma coisa má”.

_ E a estória não acaba nunca? _ perguntei.

_ É igual na nossa vida...

Eu sorri. Ruan estava certo, não fora completamente mal a morte do meu padrasto, pois agora eu tinha alguém que me amava. E eu também gostava muito de Ruan. Aquele sentimento aquecia meu coração e me trazia paz.

_ Eu já tive situações que achei que seria o fim da minha vida... _ disse-me.

Olhei Ruan nos olhos e já não prestava mais atenção no que dizia. Descruzei os braços e dei dois passos à frente. Neste instante, ele percebeu que eu estava olhando fixamente para sua boca e suas palavras foram tornando-se confusas, como se eu representasse um campo magnético que interferia em suas reações.

_ Eu... descobri... então... _ ele continuava a falar.

Segurei o rosto de Ruan com as duas mãos.

_Eu... _ ele já não sabia o que dizer.

Fechei os olhos e encostei minha boca na sua. Nossos lábios se encontraram, quentes e úmidos. Afastei o meu rosto, depois daquele rápido e delicado contato.

Dei dois passos atrás. Mordi meu lábio por dentro. O que eu acabara de fazer? Tinha beijado Ruan! E se ele me dissesse agora que fora um erro porque gostava daquela mulher do bar? Como eu iria me desculpar?

Dei outro passo atrás. Ruan continuava parado, acho que esperando para ver se eu fugia ou ficava, mas eu também dependia da sua reação.

Lá estava ele sem camisa, bermuda caindo da cintura, deixando suas entradas, firmemente, visíveis. Tinha a boca entreaberta e o peito respirando mais forte, alterado pelo que acabara de acontecer.

_Desculpe... Eu não... _ comecei a desfazer os efeitos daquele ato impulsivo, antes que ele começasse a me explicar que eu fizera uma besteira. _ Esquece. Não precisa dizer nada...

Virei de costas para sair, mas o barulho das folhagens do chão sendo pisadas atrás de mim indicava que ele saía do lugar e vinha na minha direção. Agora eu estava com um frio na barriga e meu corpo inteiro recebeu uma descarga de adrenalina.

Senti a mão de Ruan no meu braço. Ele me virou e, em uma fração de segundos, estávamos olhos nos olhos. Foi sua vez de segurar meu rosto com as duas mãos. Afastou o meu cabelo e olhou diretamente para meus lábios já entreabertos.

Eu fiquei com as mãos perdidas no ar, sem saber onde tocá-lo. Ruan inclinou a cabeça para a esquerda e lentamente se aproximou. O ar quente que saía de suas narinas sobre os meus lábios indicava que faltava muito pouco para a grande explosão. Éramos uma bomba relógio em contagem regressiva, 3, 2, 1. Ruan beijou-me. Seus lábios úmidos deslizaram entre os meus. Senti sua língua e ele, a minha. Ondas elétricas percorriam o meu corpo. Seus dedos, entre os meus cabelos, seguravam minha nuca e guiavam minha cabeça. Abracei sua cintura. Era delicioso beijá-lo, nada mais existia além de nós dois e nossas bocas se misturando.

Alguns minutos depois ele afastou um pouco seu rosto e nos olhamos. Eu fui a primeira a rir com vergonha, mas maravilhada com a intensidade daquele beijo.

_Se isso é bom ou mal, eu não sei... _ ele sorriu, sem parar de olhar para minha boca. _ ... Eu só sei que não quero parar.

Nem eu... falei baixinho.

Ruan beijou-me novamente e eu retribui com a mesma vontade.

Autora: Li

Cap 20: Em apuros (Ruan)

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Eu tinha esperado tanto tempo para sentir a felicidade outra vez. E agora, era com uma intensidade maior. Sorri, olhando de tão perto a menina de meus sonhos constantes nos últimos 6 meses.

_Eu tenho uma coisa para te mostrar. _ falei-lhe.

_O quê? _ seus olhos brilharam.

_Assim não será surpresa! _ ri e levei-a comigo.

Jeni entrelaçou sua mão na minha. Paramos diante da gruta que eu havia achado de manhã.

_Olha o milagre da natureza. _ mostrei-lhe, assim que entramos na galeria de pedra, o lindo lago azul de água cristalina e fundo branco. A luz entrava por fendas no teto e iluminava o lugar com fachos prateados.

_Meu Deus! _ ela levou as duas mãos a boca e ficou abismada. _ É... Incrível! _ precipitou-se, soltando minha mão.

_Eu sabia que esse lugar... _ abracei Jeni por trás com carinho. _... iria ficar ainda mais lindo com a sua presença.

Ela sorriu e virou o rosto para o lado.

_Podemos entrar? _ perguntou.

_Na água?!

_É. Vem... _ puxou-me o braço.

_Você é um peixe, hen, garota! _ ri e tirei a bermuda.

_E você um sapo!

_Ah, é?! _ corri atrás dela e fizemos ondas na água.

Jeni mergulhou na região mais funda e apareceu depois na superfície aos risos.

_Quer dizer... _ puxei-a e ficamos em um lugar onde a água batia na nossa cintura. _ ... que eu sou um sapo?

_É, mas não é o dia todo...

_A não?! _ abracei-a e ela envolveu meu pescoço.

_Não... porque, à noite, você vira um príncipe.

_... _ levantei as sobrancelhas e não disse nada para não atrapalhar sua imaginação.

_E aí você usa aquela roupa de gala... _ Jeni contornou minha sobrancelha com a ponta do indicador. Depois olhou-me contemplativa. _... e tem até espada, sabia? Um liiiiindo, príncipe.

_E quando eu viro sapo?

_Quando... _ ela abaixou o rosto e não quis me olhar ao confessar aquilo. _... eu descobro que você não é para mim. E vejo você com outra.

_Jeni.

_Ruan, desculpe, eu não quero estragar esse momento lindo, esse lugar lindo...

_Jeni.

_Eu sei que você não vai querer... _ seus olhos estavam lacrimejando.

_Jeni, isso é real. _ beijei-lhe.

Encostei-a junto à rocha e senti uma verdadeira combustão em todo o meu corpo. Minhas mãos queriam sentir a delicadesa da sua pele. Deixei-a absolutamente sem ar.

_Ruan... _ ela segurou meu rosto e me olhou com medo.

_...

_ Você sente o que por mim? _ perguntou.

_O suficiente para enfrentar o que vier. E você?

_Eu... já estou enfrentando a algum tempo. Desde que descobri isso dentro de mim.

_Isso o quê? _ perguntei.

_Não sei, eu sinto sua falta. Eu tenho raiva de você quando olha para outra garota. Mas também te adoro, quando cuida de mim, aí mistura tudo... aaii, não sei explicar.

_Não precisa dizer mais nada. Você já explicou o que eu precisava saber. _ sorri.

_E você? _ perguntou.

_Eu?

_É, sapinho. _ riu.

_Não era príncipe?

_Ruan, o que eu faço com seu coração?

_Mais do que qualquer uma já fez.

_Mais até quanto?

_Jeni, eu não sou bom com as palavras, eu prefiro mostrar. Me deixe te mostrar...

_E ela?

_Não tem mais ela. _ respondi. Virgínia não representava nada para mim em comparação com Jeniffer.

_Não? _Jeni ainda duvidou.

_ Só você agora. E você? _ perguntei.

_Só você também.

Rimos e encostamos nossas testas uma na outra. Beijei-a no rosto todo e no pescoço.

_Eu estou faminta!

_Bom, se eu sou um sapo, só vou poder te trazer umas moscas do brejo.

_Não, você é meu príncipe e, por isso, vai preparar uma comidinha para mim.

_Ah! Mas, o nome disso é escravo! _ vesti minha bermuda.

Jeni ofereceu sua mão quando saímos da gruta. Aquele era um sinal simbólico de que agora, para o mundo, assumiríamos aquela quebra dos padrões.

Agora podem entender, leitores, o que quis dizer quando comecei a contar minha história. Jeni era a flor que nunca tive em casa porque flores precisam ser amadas. Elas murcham sem explicação e necessitam de água em uma precisão saudável. Eu era tudo, menos preparado para ter uma flor. Ela, no entanto, apareceu-me como uma encomenda dada por um entregador que não quer muito assunto, estende a mão e oferece o embrulho. Eu ia aprender a cuidar daquela menina e não lhe deixaria nada de mal acontecer. Não queria nem imaginar o que seria perdê-la. Não suportaria. Seria seu guardião.

Entrelacei os meus dedos entre os seus e caminhamos até as barracas. Já anoitecia e, quando chegamos, estava escuro.

_Onde se meteram? _ Priscila perguntou preocupada.

_A gente foi explorar melhor o lugar. _Jeni respondeu rapidamente.

_Hum.

Eu caminhei até a minha barraca para buscar a sacola de comida e deixei Jeni conversando com a amiga. Mulheres, elas sempre dividem tudo.

_Ruan!!? _ ouvi um grito de Jeniffer.

Meu coração quase parou, aquilo representava perigo.

_Me solta! _ Jeniffer gritou mais uma vez quando eu já saía da barraca.

_Paradinha! _ um rapaz jovem impunha um revólver contra a cabeça de Jeni. Ele tinha o braço em volta do seu pescoço.

_Ruan... _ Jeni quase não conseguia falar quando chamou por mim.

_Cala a boca senão eu vou estourar seus miolos! _ ele gritou.

Engoli em seco e olhei nos olhos de Jeni.

Autora: Li

23/09/07

Cap 21: Eu posso tentar (Jeni)

Olhei para Ruan em desespero. Eu estava sendo sufocada por aquele homem que surgira atrás de mim enquanto eu conversava com Priscila.

_Isso é um assalto! _ ele anunciou.

Todos saíram de suas barracas para verem o que estava acontecendo.

Meus amigos ficaram atônitos e em pânico. Porém, vi nos olhos de Ruan que estava sob controle. Ele analisava os gestos do bandido. Tinha certeza que seu cérebro engendrava uma maneira de me tirar daquela emboscada.

_O que você quer em troca dela? _ Ruan perguntou, com as mãos levantadas para o alto.

_Rui! _ ele berrou e tirou a arma da minha cabeça para fazer um gesto, chamando seu comparsa.
_ Pega tudo o que esses mauricinhos têm!

_Ok, pessoal. Fiquem calmos! _ Ruan disse, sem abaixar as mãos. _ Façam o que ele disse,

entrem na barraca de vocês e tirem tudo de valor. Não reajam! _ coordenou a ação.

_Estão ouvindo o papai aí? _ o homem ironizou.

Eu não podia ver seu rosto, mas pelo corpo magro e a voz pouco grave, me parecia jovem, cerca de 25 anos.

_Eu vou pegar o dinheiro que trouxe na minha bolsa. _ Ruan anunciou.

Suspeitei que estivesse planejando alguma coisa com aquela armadilha. Seu dinheiro ficava sempre no carro em um compartimento falso. Ruan não o levava para dentro da barraca.

_Peça para o seu amigo me acompanhar. Depois, você me devolve a garota. _ ele negociou.

_Essa aqui você quer? _ o bandido apertou o meu seio e eu quis gritar de raiva e nojo.

Ruan engoliu em seco, sua veia da testa estava pulsando de tensão.

_Rui, fica de olho nesse cara aí. _ o homem ordenou.

O garoto baixo e vestido de camisa de time de futebol largou a mochila de Priscila e entrou na barraca com Ruan. Ele segurava um canivete e parecia um pouco apreensivo. Aquela deveria ser sua iniciação no crime.

Ouvimos alguns gemidos de dentro da barraca. Alguém lá dentro estava apanhando. Senti um frio na barriga. Comecei a chorar. Era torturante ouvir os gemidos. As meninas se abraçaram.

_Tá com pena do seu amiguinho? _ ele lambeu minha orelha e eu senti áscio.

_Solte ela! _ Ruan saiu de dentro da barraca com um revólver apontado para a cabeça do bandido que me sufocava.

Então, era Ruan que tinha batido no bandido?! Hei, ele não me contara que havia trazido o revólver! Por que Ruan achara que iria precisar da sua arma no acampamento? Seja lá qual fosse a explicação, estava certo!

_Rui! _ o homem gritou e o companheiro não respondeu. _O que você fez com ele?

_Solte a garota ou farei bem pior com você. _Ruan manteve o braço esticado em nossa direção.

_Ruan, ele vai me matar, abaixa a arma por favor. _ pedi.

_É, seu babaca! _Carlos, o irmão da Lurdinha, gritou. _ Ele também está armado.

_Solte a garota. _ Ruan mandou mais uma vez, calmamente.

O homem soltou-me e eu cai de joelhos no chão com seu empurrão. Minhas mãos ficaram raladas com as pedras. Tossi, ainda sufocada.

Olhei para cima. Agora era um apontando o revólver para o outro. Corri para perto dos meus amigos e Priscila me abraçou. Lurdinha não parava de chorar, em uma crise de nervos.

_Onde o idiota do seu amigo que chegar? _ Carlinhos virou-se contra Ruan e acabou incitando meus amigos a se rebelarem. Mas nenhum deles tinha coragem de pronunciar qualquer palavra ou dar um passo.

Ruan e o bandido ficaram assim por cerca de trinta segundos. O silêncio da noite só era rompido pelo soluço de algumas garotas. Ruan surpreendeu-nos, quando girou o seu corpo, levantou a perna e com um golpe acertou o rosto do bandido, que foi ao chão. A arma caiu e foi para longe.

Demos um grito de susto e mais um passo atrás, com medo de alguma bala perdida. O bandido

balançou a cabeça para os lados, tonto. Ruan pegou a arma dele e colocou na cintura.

_Mãos na cabeça. Agora! _ gritou e continuou impondo a arma.

_Merda. _ o homem pôs as mãos na nuca.

Meu coração pulou de alegria e agora eu estava chorado de felicidade. Levei minhas mãos trêmulas à boca. Como Ruan tinha feito aquilo? Ele dominara a situação!

Neste instante, o outro bandido mais novo saiu de dentro da barraca cambaleante. Tinha o rosto inchado e o nariz sangrando.

_Para lá, senta aí com seu amiguinho. _ Ruan apontou com o revólver. _ Quem tem um telefone de câmera? _ Ruan olhou para nós.

Priscila deu um passo a frente.

_Tire uma foto de cada um. _ Ruan ordenou.

Minha amiga, mesmo tremendo, tentou seguir as ordens de Ruan.

_Olhem para lá e digam "x" _ Ruan puxou o cabelo de um deles e levantou o seu rosto.

_Preciso de quatro cadarços grandes. Rápido. _ Ruan pediu e os meninos começaram a desamarrar seus tênis.

_Você escolheu o acampamento errado. _ Ruan continuou segurando o bandido pelo cabelo. _ E você mexeu com a minha mulher!

O homem fez uma careta de dor, sua boca sangrava e ele perdera o controle da situação. Flávio aproximou-se com os cadarços.

_Tirem a roupa! _ Ruan mandou e eles obedeceram, ficando só de cuecas. _Mãos para trás! _ gritou. _ Agora amarra as mãos deles. _ pediu à Flávio.

Ruan verificou se os nós estava bem apertados.

_Venham comigo, agora! _ mandou e os bandidos seguiram-no.

Ruan colocou-os na caminhonete e, com ajuda de Flávio, amarrou os pés dos bandidos.

_Onde você vai?! _ perguntei a Ruan.

_Terminar esse serviço. _ respondeu-me.

_Você vai matá-los? _ Priscila perguntou.

_Eu bem que gostaria, mas não é esse o meu trabalho. _ Ruan abriu a porta do carro e percebi que colocou a mão no lado esquerdo, abaixo das suas costelas. Estava sangrando. _ Eu não vou demorar. _ ele ligou o carro.

Ficamos atônitos em volta da fogueira, ainda sob o efeito daquele recente perigo. Podíamos estar mortos, feridos e sem nenhum objeto de valor. Ninguém conseguiu dormir ou parar de falar no assunto. Cada um recontou a parte que mais lhe chamara a atenção. Seguimos assim madrugada à dentro até Ruan voltar.

_ Ele deu uma de fortão, mas foi sorte! Porque podia ter matado a Jeni. O cara estava armado. Qual é a dele, quer ser super herói?! _ Carlinhos era o único do contra.

_ E o que você faria se a arma estivesse apontada para sua irmã? _ Ruan apareceu atrás de Carlinhos e colocou a arma na sua cabeça.

Respirei fundo. Que bom que ele voltara!

_Ouuuuuuuuou, cara! Não brinque com isso! _Carlinhos assustou-se.

_Eu não estou brincando! Ou você acha que eu estava brincando? _Ruan perguntou.

Eu só disse que você se arriscou. Carlinhos manteve sua opinião.

_É?! E como você enfrenta o perigo sem riscos?! _ Ruan ficou na sua frente.

_Você podia ter matado a Jeni.

_O que você faz da vida, grande gênio? Sai com a turma com o dinheiro dos seus pais, com o carro dos seus pais e toca uma com a playboy no banheiro, na falta de uma mulher? Porque, pela sua cara, você não pega ninguém.

_Quem você pensa que é? _ Carlinhos empurrou Ruan.

_Gente, vamos parar?! _ Flávio pediu.

_Sabe quem eu sou, seu babaca? _ Ruan pegou-o pela gola da camisa e o jogou no chão. _ Sabe quem eu sou?! _ berrou e Carlinhos ficou com as mãos para cima, vendo que Ruan apontava a arma para a sua testa. _ Eu sou treinado para saber matar! _Ruan sentou em cima da barriga dele e o imobilizou._ Quantos tiros por minuto dá uma AK 47? _ perguntou. _ Responde! _ berrou. _ Não sabe? 600 tiros com alcance de 400 metros. Quantos tiros dá uma FN FAL? 650! Agora sabe o que eu faço com um cinturão e uma FN MAG? _ Ruan estava completamente irado. Ninguém respirava ao vê-lo segurar a gola da camisa de Carlos. _ Eu dou mil tiros por minuto nessa tua fuça de mauricinho, *playbozinho*, filho da puta!

Ruan levantou-se de cima do corpo de Carlinhos e esse nem moveu-se.

_Agora eu quero ver se você responde essa. É fácil. Quantos tiros se dá com uma arma de brinquedo?!

Carlinhos franziu a testa.

_Aquela arma era de brinquedo? Como você sabia?

_Esse é o meu trabalho! _ Ruan colocou sua arma na cintura.

_Então, por isso... _ Carlinhos levantou-se.

_Sabe qual é a diferença entre nós dois, *play*? _ Ruan enconstou com força o dedo no peito de Carlinhos e esse se desequilibrou para trás. _ Eu não ponho em risco a mulher que eu amo. Eu dou a minha vida por ela.

Senti os olhos de todos se voltarem para mim e meu coração acelerou.

Ruan respirou fundo e usou agora uma voz amigável para mostrar sua fragilidade:

_Preciso de água para limpar o que aquele bandido de merda fez em mim. _ Ruan tinha um corte de canivete na sua barriga.

As meninas se apressaram para ver quem lhe dava primeiro a sua garrafa de água.

Eu ainda estava sem ação. Ele me salvara, dera uma lição de moral em Carlinhos e... Não tenho palavras. Meu Deus!

Podem dormir que a emoção acabou por hoje. Amanhã cedo vamos partir, estou cheio desse parquinho de vocês. Ruan ordenou e afastou-se do grupo.

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Ele entrou na nossa barraca e eu o segui.

_Você é forte o suficiente para fazer tudo sozinho ou precisa de mim? _ sentei-me à sua frente.

Ruan deu-me a bolsa com os curativos e deitou-se no colchonete. Passou a mão na cabeça, aliviando as tensões.

_Você poderia tirar isso da cintura? _ pedi.

_Está travada. _ ele puxou o revólver e o colocou ao lado do colchão. _Eu fiquei maluco quando vi aquele cara com as mãos em você. _ disse-me e riu de nervosismo.

_Deu para perceber. _ limpei a região com uma gase. _ Acho que você vai até ganhar um fã clube, virou o herói por aqui. Não ouviu os suspiros?

_Eu senti um ciúme no ar? _ ele tocou na ponta dos fios do meu cabelo.

_... _ sorri e não lhe respondi.

Enquanto eu fazia o curativo, Ruan me olhava. A luz do lampião iluminava seu rosto com um brilho amarelado. Eu agradeci em silêncio a Deus por estar salvo. Tive tanto medo de perdê-lo. Ele era a coisa mais importante agora na minha vida.

As cenas não me saíam da cabeça. Parece que eu podia ouvi-lo mandar o homem me soltar. A sua voz ainda ressoava aqui dentro: "Você mexeu com a minha mulher", "Sabe qual é a diferença entre nós dois, *play*? Eu não ponho em risco a mulher que eu amo. Eu dou a minha vida por ela."

Contou-me que entregou os bandidos à polícia e descobriu que por ali era comum haver assalto a turistas. Nem sei o que seria de nós sem Ruan.

Acabei de fazer o curativo e ele se sentou. Ficamos com o rosto muito perto um do outro.

_Eu tive muito medo. _ disse-lhe.

_Não mais que eu. _ falou baixinho e nos olhamos nos olhos, depois um para a boca do outro.

_Você me pareceu tão forte, com controle de tudo.

_É só treinamento. _ respondeu. _ Mas não é possível treinar o coração para suportar alguém ameaçar a vida...

_Você disse ao Carlos "a mulher que eu amo"... _ interrompi-o com aquela lembrança.

_E não retiro o que disse. Eu perdi a cabeça com aquele garoto mimado.

_Eu vim para você... _ toquei seu rosto triangular, sentindo os ossos, a pele, a barba rala. _ ... E vim para ficar.

_Eu sei. _ Ruan beijou-me e eu acariciei o cabelo espetado da sua nuca.

Deitamos lado a lado e ele me envolveu com seus braços. Ficamos com nossos narizes quase colados.

_Você é a pessoa que mais me amou. _ falei-lhe. _ Arriscou sua vida por mim.

_Eu espero que um dia você me ama da mesma forma.

_Me deixa tentar? _ repeti o que ele tinha me dito na gruta. Eu queria mostrar-lhe que podia

amá-lo, mas não só em palavras, e sim, em atos.

Ele sorriu e me beijou levemente nos lábios.

Autora: Li

Cap 22: Vítima dos seus rituais (Ruan)

_Pronto, mocinha! _ deixei sua mochila ao lado da cama. _ Está de volta sã e salva.

Aiii... Jeni deixou-se cair de costas na cama e se espreguiçou inteira, como uma lagarta que se contorce ao menor toque.

Foi tão emocionante quanto você esperava? perguntei, sentando-me ao seu lado.

_Humm. Deixa eu pensar. _ colocou o dedo indicador no queixo e olhou para o alto. _Foi bem mais! _ exclamou.

_É bom saber que está agora aqui, sob minha proteção.

_Nossa! _ chegou mais perto e sentou-se também. _Mais que homem possessivo, meu Deus! _ apertou minhas bochechas e meus lábios ficaram comprimidos como “bico de peixe”.

_Por que você faz assim? _ tirei sua mão do meu rosto.

_Assim como? _ sua ingenuidade era pura ou só mais uma encenação?

_Me trata como seu eu fosse o seu boneco Ken, namorado da sua barbie.

_Ruan, você para mim não é o capitão. _ ela disse séria. _ Você é só um homem comum, que... _ começou a contar nos dedos. _ Toca violão, gosta de filmes, lê bastante, matou o meu cachorro.

_Ah! Sim, não seria você, se não lembrasse do cachorro.

_Eu sinto falta dele.

_Eu imagino. Desculpe... Não tem idéia de como gostaria de voltar no tempo e retirar a ordem de matá-lo.

_Você me ensinou que não podemos trazer algumas coisas de volta, mas podemos dar espaço para outras...

Meu celular começou a tocar. Retirei-o do bolso e o abri. Jeni esticou o pescoço para ver quem era e deu um grunhido de insatisfação, quando leu junto comigo: “Virgínia”.

_Alô? Hum. Não, não vai dar. Não posso. Agora estou ocupado. Tá. Hum-hum. Tchau. _ desliguei.

Eu não podia negar que, fisicamente, estava precisando de Virgínia, mas meu coração estava tão feliz com Jeni, que achava injusto aceitar o seu convite de ir vê-la.

_O que ela queria? _ perguntou-me de braços cruzados.

Por que as mulheres se fazem de desentendidas, quando sabem muito bem de todos os truques e artimanhas das de mesma espécie?

_Me ver.

_Quando você vai deixar claro para ela que agora está comigo?

_Eu vou resolver isso. _ prometi.

_Acho bom. Que tal começar pelo seu celular? _ ela pegou da minha mão.

_Não, Jeniffer! _ tomei de volta.

_Hei! Você agora é o meu... _ ela puxou da minha mão o aparelho.

_Eu sou o quê?

_Desculpe... Você não fez o pedido ainda.

_Pedido? _ senti que a coisa começava a se oficializar. Não era como Virgínia, qualquer contato boca a boca era de verdade.

_É. Aquelas palavrinhas mágicas...

_Jeni, você quer namorar comigo?

_Quero! _ sorriu e abriu o meu celular com cara de travessura. _ Pronto, acabo de ganhar esse direito. Vamos ver sua agenda de telefone. Quem é Rebeca, Joisse, Rafaela, Daniela?...

_São esposas de oficiais.

_Ah, Ruan! Conta outra, vai? Você tem o telefone das esposas dos oficiais? Olha bem aqui na cabeça se tem o capuz da chapeuzinho vermelho?

Eu precisava melhorar meus dotes como mentiroso porque Jeni já entrara na fase em que as mulheres se tornam aprendizes de feiticeiras. Podem sentir pelo cheiro do suor do homem sua dissimulação.

_Vai dizer que você não tem o telefone da namorada de algum amigo seu para caso precise falar com ele e não o encontre em seu celular? _argumentei, frajutamente.

_Apaga o telefone da Virgínia. _ devolveu-me de bom agrado a o que fizera tanto esforço para roubar.

_Por quê? Isso não impediria que ela me ligasse. _ lembrei-a.

_Não, Ruan! É um ritual!

Vejam bem, leitores, o que eu ia dizendo sobre as mulheres serem feiticeiras!

_Apagar o telefone dela? _ levantei as sobrancelhas.

_Ruan, o professor explicou na escola que somos seres simbólicos. Lembra os índios que exibiam colares de ossos e penas de animais? Eles chamam isso de *totens*. Então, nós também temos nossos rituais, eles dão significado às coisas...

Então, Virgínia era o meu *toten* "pendurado" no meu celular?

_E onde entra sua aula de história na minha agenda?

_Você tem que apagar o telefone dela como se estivesse apagando ela em carne e osso, um ritual...

Respirei fundo. Só podia estar brincando comigo. Mas, se esse tal ritual era tão importante para que Jeni ficasse tranqüila e pudéssemos mudar de assunto, então, eu apagava.

_Me busca na escola amanhã? _ pediu.

_Eu? Mas vou sair do quartel bem na hora em que você vai sair da escola.

_O ritual, Ruan, lembra do ritual?

_Ah! O ritual. Claro...

_Vai fardado.

Aquela foi uma imposição e não um questionamento. Onde ela queria chegar com sua idéia de ritual.

_Ah! É? E para quê?

_Você fica lindo de farda.

_Hum... E elas vão achar também. _ provoquei.

_Ah! Então, não vai de roupa nenhuma.

_Assim é pior. Experiência! Quando você chegar lá do lado de fora da escola vai ver um montinho de mulheres empilhadas e o pobre Ruan lá embaixo.

_Deixa de se gabar! _ bateu com a almofada na minha cabeça.

_Você não me provoca! _ tomei a almofada e bati também.

_Ah! Você não me pega! _ ela levantou-se e correu para sala.

Segui-a e não foi muito difícil segurá-la pela cintura. Mas acho que, na verdade, ela deixou-se agarrar e me puxou para cair por cima dela no tapete da sala.

_ Você é treinado, assim fico em desvantagem. _ ri.

_Me senti o seu cachorrinho agora. _ ri também.

Jeniffer fez um carinho no meu rosto e me puxou para um beijo. Mantive a mão ainda apoiada no chão, para que meu corpo não pesasse sobre do dela. Não conseguíamos parar de nos beijar, mas, em um dado momento, Jeni tirou sua boca da minha e desviou os lábios.

_Ruan, eu não quero que seja assim... _ ela falou baixinho, no meu ouvido.

... _ procurei seus olhos.

_Você entende o que quero dizer?

_Acho que sim. _ fiz um sinal com a cabeça e sentei-me. _Tem que ser um ritual? _ perguntei.

..._ foi sua vez de balançar a cabeça afirmativamente.

Quando sai do meu carro, na porta do colégio de Jeni, senti-me uma baiana da escola de samba, ou algum boneco de carnaval de Recife parado no meio do formigueiro de alunos. Não havia um olhar que passasse por mim sem antes fazer uma inspeção. Aquilo era pior que a minha época como cadete, quando tinha que passar pela revista.

Qual era o objetivo de Jeniffer com isso? A sua demora me fez montar uma lista de teorias:

a) Me achava lindo de farda e queria me exhibir como troféu.

- b) Me colocou no meio de adolescentes espinhentos para me sentir parte deles também.
- c) Testar minha resistência em não entrar em pânico com tantas pessoas me olhando como se eu fosse um ET.
- d) Todas as alternativas anteriores e mais algum ritual macabro desconhecido.

Ela surgiu no portão, abraçada ao seu fichário rosa e com duas amigas à tira colo. Despediu-se delas e caminhou em minha direção. Seu primeiro impulso, e também meu desejo, foi nos beijarmos. Mas, fiz um sinal com as mãos para que se contivesse.

_Que foi? Está com vergonha? _ ressentiu-se.

_Não. Estou vestido assim. Tenho que assumir uma posição de respeito. _ expliquei-lhe.

Assim que fechamos a porta de casa disparou:

_Tem alguém aqui?



_Não.

_Alguém olhando?

_Não.

Jeni puxou-me pela cintura e beijou-me.

_Posso trocar de roupa?

Ela revirou os olhos impaciente.

_É um ritual. _ expliquei-lhe, implicando com aquela palavrinha.

_Ok. Quando voltar, eu nem vou estar mais com vontade de te beijar. _ desdenhou e foi para o

seu quarto emburrada.

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Entrei no escritório e liguei o meu computador.

_Atrapalho o seu ritual? _Jeni abriu a porta.

_Não. Você ficou chateada?

_Que isso, nem lembro mais. _deitou-se no sofá e esticou as pernas, deixando-as levemente repousadas sobre um dos braços da poltrona. _ Pode continuar trabalhando, preciso ler esse livro paradidático aqui. _ ignorou-me.

Olhei para a tela do computador e depois para suas pernas. Engoli em seco. Concentrei-me no que estava escrevendo. Apertei a tampa da caneta em um tique nervoso. Meus olhos mais uma vez escanearam cada centímetro daquela longitude. Eu conseguia, eu conseguia... Foquei minha atenção no ponteiro do mouse piscando no monitor.

Tudo bem, eu deveria tê-la beijado mais! Só que precisava me punir daquele modo? As fêmeas têm dessas coisas e, me desculpe se aqui há alguma leitora, mas sou homem e tenho que confessar: é pura perversidade aquelas pernas curvas e macias deslizando umas sobre as outras. Não sabem o requinte de crueldade que significam as mãos alisando o cabelo displicentemente e parando entre os seios, com a ponta dos dedos quase entrando no sutiã, como quem coça não sei o quê que não posso ver.

Será que, enquanto demorasse o nosso “ritual de acasalamento” (ou seja lá qual fosse o outro nome que dava a sua noite de amor), Jeni não poderia usar uma *burca* preta para cobrir todo o seu corpo, em vez de exibir sua beleza em uma saia torturante?!

_Jeni, tem como você ler no seu quarto? _cocei a cabeça.

_Eu estou fazendo algum barulho?

_Está, na minha cabeça, precisamente. _ respondi.

Ela sorriu e não duvidei que tudo tinha sido previamente arquitetado em sua cabecinha, pois não se fez de desentendida.

_ Desculpe. _ levantou-se, deu-me um beijo rápido nos lábios e saiu.

Responda rápido, Ruan, falei comigo mesmo.

- a) Ela quer te dar certeza que você não deseja entrar para o seminário e ser padre.
- b) Está te provocando para agarrá-la e dar o ponta-pé inicial.
- c) Você está em abstinência total e paranóica de mulher.
- d) Todas as alternativas anteriores.

Sim, d, d, d, d, d!

Autora: Li

24/09/07

Cap 23: Olhe nos meus olhos (Jeni)

(Trilha Sonora, clique aqui agora!)

Larguei o livro em cima da cabeceira da cama e liguei o computador. Já tinha usado demais meu cérebro por hoje. Abri meu e-mail para ver se estava lotado. Bom, algumas ofertas de aparelhos para o alongamento peniano, não preciso disso... mais receitas milagrosas para emagrecer comendo de tudo... alguns vírus e... Daniel?!

Assunto do e-mail: “.” Puxa, aquilo foi feito por ele ou era só um erro? Quem sabe apenas pôs qualquer coisa por preguiça...

Respirei fundo e abri. Provavelmente, seria algum e-mail sobre seu dia-a-dia na AMAN. Como Ruan era naquele período? Fiquei divagando, até que a janela se abriu.

“Jeni, estou muito mal...”

Meu coração deu um descompasso. O que houve com Dan? Eu estava tão feliz que queria ver todas as pessoas na mesma sintonia.

“Terminei com a minha namorada...”

Quê?! Ele a largou grávida?!

“Na verdade, foi uma bomba na minha cabeça. Fiquei na casa dela esse feriadão. Ela teve um aborto. Cheguei e a encontrei no hospital. Mas isso eu sei que posso me abrir com você... Jeni, ela provocou o aborto e tentou parecer que foi espontâneo... A mãe dela me contou tudo e mais, disse que era para eu deixar de ser bobo e não ficar com aquela víbora...”

Meu Deus! Aquilo era uma bomba, mas perai, como é que ele acreditou na sogra tão rápido? E que sogra é essa que se vira contra a filha?

“Jeni, ela fez isso porque o filho não era meu...”

Putz! Isso era a própria bomba de Hiroshima!

“Ela acabou me contando que ficou desesperada... Ela tinha me traído e não queria que eu descobrisse... Ela matou a criança. Eu fiquei tão chocado, Jeni.”

Eu é que estava chocada! Mas não era para estar. Com uma mãe que me abandonou, sabia o que era alguém sem alma.

“Eu terminei com ela. Só que fiquei sem chão e cometi uma besteira... Eu tomei todos os comprimidos da minha mãe para depressão”

Não! Quase gritei. Daniel tentou se matar?!

“Minha mãe chegou em casa e me viu no chão do quarto. Fui levado para o hospital e agora estou sob observação de uma psicóloga, porque eu trabalho perto de armas de fogo...”

Eu estava congelada na cadeira. Como alguém pode abortar um filho? Que monstro é esse? Um filho que não veio de estupro, que foge de todas aquelas discussões filosóficas e religiosas. Era uma criança feita com todo amor. Ela matou!

“Estou em depressão profunda. Minha psicóloga me aconselhou falar com alguém que eu confie”.

No caso, eu. Puxa, queria estar perto dele para ajudá-lo. Sentia como se fosse meu amigo de anos!

_Jeni? _ Ruan apareceu na porta.

_Ai! _ dei um grito de susto.

Estava tão compenetrada que não o ouvi abrir a porta.

_Te assustei? Desculpe... É que estou vendo um filme e queria te chamar para assistir comigo.

_Ah! Claro... _olhei desesperada para a tela do computador e vi que esta travou. Droga, ele veria o e-mail do Daniel.

Céus! Ruan se aproximou e eu quis gritar para ficar parado onde estava. Passei o pé no estabilizador, tentando achar o botão de desligar.

_Qual o tema do filme? _ perguntei, com as mãos suando frio.

_ [Casa no Lago](#).

_Hum...

Achei o botão com o dedão e o apertei. O computador desligou e eu fiquei aliviada.

_Ué? Acabou a luz?

_Deve ter sido... Vamos assistir. _ puxei-o pelo braço e sai o mais rápido que pude do quarto.

_Sobre o que é o filme? _ perguntei.

_É uma mulher que vive em uma casa que um cara também vive. Só que eles estão separados por 2 anos de distância. E se comunicam por cartas. É louco. Gostei da sinopse e aluguei.

_Ótimo! _ sentei-me ao seu lado e Ruan me puxou mais para perto.

Aninhei-me em seus braços. O filme realmente foi maravilhoso.

_ Nós somos quase assim... Temos uma distância de tempo na idade, mas vivemos no mesmo ano. Entendeu o que quis dizer?

_Sim... _ ele ficou brincando com os fios do meu cabelo. _Jeni... Eu queria poder te fazer carinhos e não ter medo de estar passando do ponto.

_... _ engoli em seco e nada disse.

_Eu penso que se você não deixa é por que não confia em mim.

_E você confia em mim, Ruan?

_Confio. Mas eu tenho medo.

_Você, com medo?

_Sei lá, me largar por dois de 15...

_Eu não trocaria dois similares por um original.

_Um beijo pela rapidez da resposta. _ ele beijou meus lábios.

_Obrigada. _ sorri.

_Jeni, eu não quero que riam de mim, me achando o cara babaca, que é traído pelas costas.

_Tira essas coisas da cabeça. _ pedi.

_Desculpe. É que me sinto inseguro.

_Ruan, olhe nos meus olhos, dentro dos meus olhos. _ pedi. _ Você é quem importa.

Ele não esperou eu terminar e me beijou com vontade. Abracei-o e fiquei ali quietinha, recebendo o carinho na minha cabeça. Nosso momento chegaria. Ruan estava certo. Precisávamos ter mais segurança. Quando a gente sente que é a hora certa? Eu vou sentir.

Autora: Li

25/09/07

Cap 24: Um guerreiro descansa (Ruan)

[\(Trilha Sonora do capítulo, clique aqui agora!\)](#)

Quando um homem civil volta do trabalho, ele pode contar sobre os jantares de negócio que participou, as palestras que assistiu, as lojas e bares que conheceu nas horas vagas, o conforto do hotel onde se hospedou e etc. Mas, quando um militar volta de uma missão, ele só quer ver o rosto da mulher que ama e sentir, da porta, o cheiro da sua comida. Ele volta de uma guerra consigo mesmo.

_Jeni? _ chamei-a, ainda na porta da cozinha.

Ouvi seus passos apressados no corredor e depois seus olhos brilhantes se encontraram com os meus. Ela abraçou-me com força e beijou-me com muita sede.

_Eu estava morrendo de saudade, Ruan! _ afastou meu rosto com suas mãos para me analisar. _ Nossa, você está magro!

_É, foi puxado. _ sorri-lhe com esforço, pois o cansaço físico quase não me mantinha em pé. _ Mas valeu a pena, foi muito bom.

_Só você mesmo, Ruan! _ ela balançou a cabeça para os lados. _ Você parece uma máquina que estão testando o quanto podem aumentar a resistência.

_Quase isso... _ segurei suas mãos, beijei-as com devoção e aspirei todo o seu perfume.

_Vem, vou cuidar de você. _ puxou-me para o quarto. _ Toma um banho caprichado, que eu vou pegar uma roupa para você. _ tratou-me como um filho.

Enquanto Jeni abria a porta do guarda-roupa para escolher uma roupa para mim, eu tirei o coturno e desabotoei a farda. Joguei-a sobre uma cadeira e abri o cinto da calça. Puxei-a pelas pernas, tentando me equilibrar em um pé só.

Jeni, que estava de costas para mim, cheirou uma camisa para ver se estava limpa. Ela tinha essa mania de verificação. Virou-se e olhou para mim de cima abaixo, mas o sorriso no seu rosto não pude ver por causa da blusa que segurava ainda na altura do nariz, mas posso jurar que sorriu, por causa das rugas de expressão em torno do seu rosto.

Caminhei em sua direção e ela ficou tão nervosa que deixou a camisa cair no chão. Puxei-a pela cintura e me inclinei para beijá-la. Dedilhei seus cabelos, acariciando sua nuca para ativar seus nervos do pescoço e relaxá-la. Dei dois passos à frente e ela, atrás. Empurrei-a com jeito sobre a cama e puxei as alças da sua blusa, antes que ela esboçasse qualquer gesto de recusa. Jeni jogou a cabeça para trás, ecoando seu riso pelo quarto, ao sentir a minha boca quente em seu colo. Afaguei-lhe as pernas e senti-lhe a pele macia.

_Vou tomar banho. _ levantei-me, subitamente, e ela ficou com a mais maravilhosa cara de "como assim?", parada na mesma posição, sem ar.

Sorri da minha vingança por todas as vezes que me atentou o juízo. Agora estávamos quites.

Tomei um banho quente para abaixar os ânimos... e também me restaurar. Depois, devorei o jantar que Jeni serviu.

_Nossa, Ruan, quanta caspa. _ observou, passando a mão na minha cabeça raspada.

_Eu sei. _ tomei um gole da Coca-Cola. _ Fiquei sem lavar alguns dias. Mas, daqui a pouco, sai tudo. Já estou acostumado.

_E o que são esses pelinhos verdes em volta do seu nariz?! Parece grama.

_Camuflagem. _ respondi, me sentindo o ratinho de laboratório estudado por ela. _ Esfreguei tanto! Não saiu?

_Vira para mim. _ ela puxou meu rosto e espremeu com a ajuda dos dois polegares.

_Aiêee! _ reclamei.

_Saiu já. _ riu. _E essas unhas de Zé do Caixão pretas? Minha nossa! Você tem muitos calos!

Jeni foi até o quarto buscar sua bolsa de esmaltes. Em alguns minutos, fez em mim o trabalho de manicure com ajuda do palito de laranjeira, tesourinha e lixa.

Deixei-a cuidar de mim enquanto contava-lhe sobre o que fizera nesses dias fora.

_Prontinho, agora sim!

_Obrigado, você não precisava...

_Claro que eu precisava. _ Jeni acariciou o meu rosto. _ Amor é isso também. Não é só pedir atenção, é dar atenção, é cuidar dos menores detalhes...

_Onde leu isso?

_Eu não li. _ ela ofendeu-se. _ Eu estou crescendo, Ruan, e estou aprendendo com você. A gente aprende com a experiência.

_Desculpe, é que fiquei surpreso com o que disse. Eu adorei, eu...

_Tudo bem... _ tocou com os dedos nos meus lábios. _... Eu sei que você está cansado, não vamos brigar, vem comigo... Levanta.

_Eu estou com muito sono mesmo. E olha que isso não é uma coisa de que eu costume reclamar. _ ri e levantei. _ Estou quebrado. _ senti os músculos do meu corpo fadigados. _ Já sei como vou estar aos noventa anos.

_Vem, meu velhinho. _ levou-me até o quarto.

Eu desabei na cama. Plaft! Só tinha dormido algumas horas, estava quase dopado de sono.

_O que são todos esse pontos vermelhos nas suas pernas, Ruan?

_Picadas de formiga, carrapatos... _ respondi com a voz já arrastada. _Jeni...

_...Estou aqui.

_Me desculpe por não...

_Psiuuuu... Dorme, guerreiro. _ Beijou-me a cabeça. _ Vou ficar aqui do seu lado.

_Eu te amo... _ foi a última coisa que lembro ter dito.

_Eu também...

Autora: Li

26/09/07

Cap 25: Entre o amor e a paixão (Jeni)

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Abri o meu e-mail à procura de alguma mensagem do Dan. Queria saber se estava bem, fazia tempo que ele sumira. Lá estava, enfim, uma notícia sua:

“Oi, Jeni. Vi seus e-mails. Obrigado por se preocupar comigo. Eu estou melhor agora. Na verdade, buscando minha paz de volta. Conversamos várias vezes, por longas horas, sobre minha fase de “não aceitação” de ser pai. Me senti culpado demais depois, como se eu tivesse contribuído, em pensamento, pelo que minha noiva fez com o bebê.

Ainda penso sem parar: como pude ter tentado me matar? E tudo que eu gostaria de fazer?!

Jeni, tomei coragem e agora quero fazer tudo (tudo mesmo!) que der na telha. E para começar, quero te conhecer. Eu gosto de você, gosto muito! Olha, nesse fim de semana, vou estar no Rio de Janeiro. Vamos nos encontrar? Já pensei em tudo. Lá no [CCBB](#) (Centro Cultural Banco do Brasil), no Centro da Cidade, está em cartaz uma exposição sobre as raízes do povo brasileiro. Estou vendo aqui na Internet, o nome da Amostra é LUSA.

Estarei lá às 2 horas em ponto, sentado naqueles bancos que ficam bem ao lado da porta de entrada. (Me refiro à porta localizada de frente para Igreja da Candelária). Estarei de camisa vermelha e levarei uma rosa na mão. Impossível não nos encontrarmos desse jeito.

Te espero. Se não for, vou entender. Eu já sei que vai me dizer que está namorando agora. Li seu e-mail. Eu sei, eu sei. Jeni, me dê só uma chance de te conhecer, por favor. Pense que eu poderia ter morrido e você não ter me conhecido.

Até sábado.

Dan”

Fiquei olhando para a tela do computador com um friozinho no estômago. Eu queria muito conhecer o Dan, mas seria errado fazer isso? Isso representaria uma efetiva traição? Haveria risco do Ruan descobrir? Eu deveria contar para ele?

Eu estava emotiva demais para julgar minhas conclusões, então, era melhor perguntar para uma pessoa de fora da situação. Peguei o telefone e liguei para Priscila.

_Olha, amiga, eu acho que ele está certo, temos que viver tudo que nos dá vontade... _ foi o seu primeiro conselho, depois de eu ler o e-mail pelo telefone. _ ... Mas já pensou o que seria se fosse o reverso? Se descobrisse que o Ruan teve um encontro como amiguinho com a Virgínia? Eu não acredito muito nessas amizades coloridas. Você sabe muito bem que quer ir para sentir o que seria ficar perto do Dan, um cara da mesma idade que você, que tem tantos descompromissos quanto você.

_Você não está me ajudando muito não. Mas, não posso negar que sinto assim mesmo. Eu tenho

curiosidade em vê-lo, em olhar para ele. Nós conversamos tanto tempo que... Aiii, Priscila. Eu tenho muito medo de estar de fato apaixonada por Daniel. Ou será que estou confundindo carinho e pena por gostar dele? Meus sentimentos não têm código de barras que indicam as suas características!

_Já pensou se essa curiosidade custasse o amor que está vivendo com Ruan? Amor é diferente de paixão. Paixão é esse fogo de palha todo, agora amor demora mais para construir.

_Eu sei, por isso não aceitei de primeira. Eu me sinto, às vezes, confusa se estou gostando do Ruan porque é conveniente, já que moro na casa dele e vivo como esposa dele ou se realmente era para ser assim, mesmo que eu ainda morasse com meu padrasto.

_Jeni, essa resposta você terá que encontrar por dois caminhos: pelo amor ou pela dor. E pela dor, você pode machucar os dois.

_E se eu contasse para o Ruan? Não é certo eu esconder dele.

_Seria como se pedisse para o seu pai grana para encontrar com o paquera. Jeni, não tem lógica. Ele vai ficar muito magoado. Se é para ir, então, que vá sem contar, porque o que os olhos não vêem, o coração não sente.

_Hunf. Só que aí eu fico com sentimento de culpa.

_E se você gostar mesmo? Porque você tem consciência que, da parte do Daniel, rola interesse, não é? Isso é óbvio. Ele não está mais namorando e não vai querer perder essa parada por nada. É a guerra pelas fêmeas do reino animal.

_Priscila, será que podemos manter isso ao nível da civilização?

_Tudo bem. Eu não queria estar na sua pele...

_Mas se tivesse? _perguntei.

_Eu seguiria o que o coração mandasse.

_Obrigada. _suspirei.

Desliguei o telefone e roí toda a unha do dedão de nervosismo. Continuei olhando para a tela do computador. Ele vai estar de camisa vermelha e flor na mão. Já sofreu uma perda e se tivesse mais essa decepção de esperar e eu não aparecer?

Comi o pacote de Traquinas inteiro pensando e remoendo aquela dúvida. Eu não queria estar sentindo toda essa vontade de ver Daniel. Mas eu sentia. Limpei minhas pernas dos farelos do biscoito de chocolate e suspirei.

Abri um arquivo de Word para escrever o rascunho do e-mail de resposta para Daniel, já que o Yahoo agora estava cheio de "gracinha", atualizando a página bem na hora em que a gente está escrevendo um e-mail. Não queria perder o que digitaria.

_O que eu faço, meu Deus? _passei as mãos no rosto e pensei mais um pouco.

Autora: Li

Cap 25: Entorpecimento (Ruan)

Sou dos que concordam com Cesare Cantú, "Apenas pensar em trair já é uma traição consumada". Tinha esse aprendizado comigo de uma experiência enterrada no passado. Mas, eis que a vida me trouxe uma nova chance para amar e, outra vez, ser decepcionado.

Podia agarra-lhe pela garganta até cravar minhas unhas e ver o sangue vertendo. Ou sufocá-la com um travesseiro e lhe tirar a alma do corpo. Mas, não podia, porque esta traidora tinha comigo todo meu amor e, por isso, eu só sentia decepção. Uma inércia diante da realidade.

Tão entorpecido pelos meus pensamentos, eis que me esqueço de contar-lhes, leitores, o que se sucedera, nesta manhã de sábado.

_Ruan, você acha que vai dar tempo de fechar aquela pauta para a reunião? _ a voz do outro lado da linha era preocupada na mesma proporção em que eu estava seguro.

_Claro que vou! _ garanti e me levantei para ir até o quarto de Jeni.

Trouxe comigo o CD regravável na mão e, entre o ombro e o ouvido, equilibrava o telefone.

_Eu vou imprimir agora e já vou aí entregar. Pode ser? _ perguntei, sentando-me na cadeira diante do computador de Jeni.

_Pode, eu vou estar aqui até às oito horas hoje. _ disse-me.

_Ótimo.

Desliguei o telefone e coloquei o cd no drive. Abri um documento novo de Word, depois cliquei em "Arquivo", mas antes de acionar o comando "abrir", observei os últimos arquivos salvos abaixo.

_"Daniel.doc".

Abri.

A hora do computador marcava: 12: 32 PM.

_Telles?

Oi. ele atendeu do outro lado da linha.

_Não vou poder passar agora. Mas, à noite, eu vou aí, está tudo pronto, mas surgiu um imprevisto. Faz o seguinte, vou te mandar por e-mail compactado. Qualquer coisa, já está aí contigo.

_Bom... Tudo bem, então.

Enviei o arquivo.

Levantei-me.

Peguei as chaves do carro.

Autora: Li

27/09/07

Cap 26: Encontros e desencontros (Jeni)

Eu não podia ir sozinha. Precisava de um apoio moral e também de uma pessoa que me desse cobertura. Por isso, escalei Priscila para aquela que seria a mais arriscada aventura: conhecer Daniel, sem que Ruan ficasse sabendo.

_Não quero ficar de vela! _ ela resmungou logo que lhe pedi por telefone, mas cedeu depois que

implorei.

Chegamos ao Centro da Cidade um pouco antes do horário estipulado. Uma hora da tarde.

_Acho que vou comprar pipoca. _ ela disse, assim que viu a carrocinha na porta do Centro Cultural Banco do Brasil. _ Quer?

_Não, estou removendo meu estômago. _ passei as mãos no rosto, eu suava de ansiedade e medo.

_Jeni, o que vai dizer para ele?

_Eu vou dizer que quero conversar e só. Bem longe de mim. Logo de cara deixarei claro que tenho um namorado, que eu o amo muito e que jamais o trairia.

_É o melhor que tem a fazer.

_O Ruan não vai ficar sabendo e eu espero ser esse um encontro puramente de amigos.

_E o que eu faço?

_Ora, vê a exposição. Pri, preciso ter alguém por perto.

_Claro, caso vocês se agarrem e os seguranças queiram levar os dois presos.

_Falo sério. Eu não vou fazer nada além de estender a mão. O Daniel precisa se conciliar consigo mesmo. Não vou ser seu bote salva-vidas.

_Isso você chegou à conclusão agora? Que maravilha!

_Ok. Eu precisei arrumar meus sentimentos primeiro. Mas agora eu estou convicta que o que sinto pelo Daniel é curiosidade, carinho, admiração. Pelo Ruan é amor. Meu Deus, ele fez tudo por mim e estou apaixonada!

_Viu? Tudo tranqüilo, agora come a pipoca. _ ofereceu o saco.

_Não, estou nervosa mesmo assim.

Priscila e eu demos uma volta no térreo do centro cultural e sentamos em um banco abaixo da cúpula redonda de vidro.

_Acho que você está levando à vida muito a sério. _ ela mastigou sua pipoca. _ Ele é só um amigo, todo mundo tem amigo. Você namora o Ruan. Quem namora pode ter amigo.

_Só que... e se o namorado não sabe do amigo?

_Isso é um pequeno detalhe.

_Mas um cisco no olho também é um pequeno detalhe e pode cegar.

_Que comparação horrível, hen? Nossa, nem quero pensar no papo de vocês...

_Priscila, vamos combinar tudo, ok?

_Lá vem... _ revirou os olhos.

_Eu vou sentar ali no banco onde o Daniel falou e ficar com o celular na mão.

_Para caso ele te ligue?

_Não! Você me ligue!

_Eu? Para perguntar o quê? O beijo tá bom? Me poupe.

_Que beijo?! Já falei que o Daniel é só amigo e não vou trair o Ruan por nada nesse mundo! Então... Se estiver alguma coisa errada, eu vou ao banheiro, que fica ali ao lado do banco, e te ligo. Você, então, espera eu voltar e me liga.

_Ãnh?

_Ai eu finjo que alguém está me dando uma notícia ruim e falo que preciso voltar para casa.

_Você vai conseguir encenar isso?

_Não atrapalha, Priscila! Sua tarefa é me dar incentivo.

_Tudo bem, sua atuação será digna do Oscar de melhor roteiro e atriz coadjuvante!

_E se tudo der certo e eu não te ligar, você pode ver a exposição e no fim a gente se esbarra e volta juntas.

_Eu estou começando a ficar nervosa também...

_Priscila!

_Está bem, estou tão calma quanto você!

Suspirei e apertei minhas mãos uma na outra.

_Eu vou! _decidi e depois de dar dez passos me virei de novo para ela e fiz uma careta de medo. _Vai!!! _ela abanou as mãos no ar e depois deu um tapinha na testa de impaciência.

Eu me senti atravessando um campo de futebol sem fim, parecia que eu nunca ia chegar no banco.

Sentei. Não consegui. Levantei. Dei uns passos em círculo. Mordi o dedão.

Rezei para Deus e agradei por ter me enviado o Ruan. Eu não seria ingrata estragando tudo. Só pediria aquela forcinha em me fazer explicar pessoalmente ao Daniel que agora sou uma garota comprometida. Ora, se eu era firme do que sentia pelo Ruan, não precisava me privar de nada!

Meu telefone começou a vibrar e meu coração disparou. Muita adrenalina correndo nas veias.

_Ai, Priscila! _ apertei o botão e atendi, olhando-a de longe.

_Você quer cavar um buraco aí de tanto dar voltas?! O segurança está te olhando já. E eu estou me sentindo uma bandida, falando desse jeito.

_Tá! _ desliguei.

O telefone tocou novamente.

_Que é?! _ atendi aborrecida.

_Sai daí agora!

_Ãnh? _ franzi a testa.

_Droga, o Ruan acaba de entrar pelo portão lateral.

_Quem?

_Sai daí! _ ouvi ela gritar.

_Mas o Daniel...

_Droga, já era! Jeni, vira devagar para trás. _ aconselhou.

Eu engoli em seco e fechei o celular. Meu coração pareceu parar. O cheiro do perfume do Ruan era simplesmente inconfundível. Virei-me muito lentamente e o olhei, bem na minha frente agora.

Não consegui dizer nada. Seu rosto nunca esteve tão grave. Soltei o ar muito devagarinho. Se tentasse me esbofetear ou dar um tiro ou... ou...

Ele não fez nenhum movimento. Talvez estivesse esperando por mim. Como ele soubera? Será que invadira meu computador e lera alguma coisa na lixeira?!

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Pensei em começar a me desculpar, mas me desculpar pelo quê? Eu não fiz nada, efetivamente!

Droga, devia ser 2 horas, o Daniel chegaria e seria o completo desastre.

_Era isso que você queria buscar no corpo de outro? _ ele perguntou.

Eu fiquei congelada, só meus olhos se moviam.

Ruan aproximou-se devagar e me beijou os lábios.

Eu não consegui nem fechar os olhos, aquilo estava me dando pânico.

_Ruan, eu posso explicar... _ senti que estava prestes a chorar...

Ele colocou a mão por dentro da jaqueta. Senti medo.

_Acho que isso aqui era o que esperava... _ ele tirou uma rosa vermelha com um pequeno caule e puxou minha mão para abri-la e me entregou o botão.

_O que...? _ franzi a testa.

_Você procurou o que estava no quarto ao lado.

Olhei para a blusa do Ruan: **vermelha**. Meu coração parou!! As lágrimas brotaram dos seus olhos...

_Você não é o... _ não consegui dizer.

_Eu não devia ter feito isso... _ a voz dele embargou. _... Mas pensei que eu te bastasse e você não precisaria dele, da mentira... Você me traiu!

_... _ eu cá sentada e ele deu dois passos atrás e saiu.

Eu não tinha forças, estava congelada.

_Jeniffer... _ Priscila se aproximou de mim, às pressas. Pegou o meu rosto. _Jeni!

_Ele é o Daniel.

Levei às mãos ao rosto.

Autora: Li

Cap 27: Tão próximos e tão distantes (Ruan)

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Quando Jeni entrou no escritório, estava com um olhar nunca antes visto em seu rosto. Ela parou em minha frente e pôs as mãos na cintura. Esperei que falasse, eu já não tinha mais o que dizer, tudo dentro de mim havia se partido.

_Eu ainda fiquei lá sentada por um bom tempo... _ sua voz estava sufocando um choro quase irrompido. _...porque eu precisava acreditar que era mentira, que você não fez isso comigo. Mas não era. Era você!

Ela amassou a rosa na mão e atirou as pétalas em mim. Eu fechei os olhos, ainda mudo.

_Você não tinha esse direito! _ gritou comigo.

_Eu também estou machucado.

_Ah! Está?! Pois eu vou te dizer o que não disse no e-mail. Eu ia falar para você, seu Daniel, que eu não posso ficar com você, porque eu amo o meu namorado e só quero ele. Que no máximo posso ser sua amiga e mesmo assim com uma distância segura!

Olhei para o lado.

_Só que você não existe, você é uma mentira! Uma grande men-ti-ra! Sabe o que significa ter inventado aquela história toda de noiva, Ruan? Que eu fiquei igual a uma babaca preocupada. E agora eu não me culpo mais porque qualquer um no meu lugar teria se compadecido. Era tudo mentira, não era?

_Era. _ respondi. _ Tudo mentira.

_... Você é um... um idiota!

Eu levantei e fui até a janela. Fiquei de costas para Jeni.

_Não! Eu sou uma grande idiota. Por que eu não levei pela lógica? Só um militar poderia montar um personagem militar. E como você sabia que eu estava naquela sala de bate-papo da uol?

_Quando entrei no seu quarto, você estava lá... e eu vi no seu computador. Li seu nick e procurei em todas as salas. Pensei que eu pudesse te ajudar como um estranho.

_Eu fui ridícula. Não sabe o quanto estou me sentindo traída.

_Você me traiu, Jeni. Porque eu amava só você. E você amava a mim e a ele.

_E agora eu não amo nenhum.

Aquilo doía.

_Eu te amei tanto, Jeni, que quis te ajudar a enfrentar esta nova fase. Era uma maneira de me aproximar. Eu não podia chegar tão perto, mas o Daniel podia.

_Eu te contei... _ ela levou as mãos à cabeça e dedilhou os cabelos para trás, quase enlouquecendo com as próprias conclusões. _... sobre o Henrique, sobre o beijo, sobre a casa da Priscila, nossa, me sinto nua agora...

_É, não tem idéia do que foi ouvir aquilo. Ouvir que eu sou para você um “pai” que te cobra. Mas eu tentei mudar, eu tentei te ouvir...

_Agora tudo está tão claro como um cristal! O Daniel não estava no msn porque não podia, mas porque você estava no campo... E eu pensando que sua noiva era um monstro e você o

coitadinho. De onde tirou tudo aquilo? De um filme?

_É. _ engoli em seco.

_Ruan, você brincou com meus sentimentos.

_E você matou os meus.

_Quem começou foi você! _ acusou-me.

_E você terminou da pior maneira possível.

_Eu vou embora.

_Não pode. Para onde? Com quem? Como?

_É, eu não tenho ninguém... Ah! _ ela lembrou-se de uma coisa. _ ... Por isso que não aconteceu entre a gente... _ Jeni engoliu em seco. _... Você já sabia quando voltou do campo que eu não te perdoaria... Por isso não fez amor comigo?

_Eu não tinha esse direito.

_Que bom que alguma coisa na sua cabeça doente tem coerência. Realmente, eu não tenho para onde ir, mas estamos longe como nunca agora. Você conseguiu exatamente o reverso.

Eu ia chamá-la pelo nome, mas, antes disso, ouvi o estrondo da porta que batera.

O meu telefone tocou. Atendi.

_Ruan, e o documento? Temos que discutir a pauta.

_Claro, vou fazer isso agora. _ disse-lhe e desliguei.

Fui até o quarto de Jeni, pois meu Cd ficara no drive. Bati na porta. Entrei. Ela estava na cama, de bruços.

Eu sentei-me na frente do computador e comecei a imprimir o arquivo de 200 páginas. O monitor entrou na tela de proteção com um relógio digital piscando. Pelo reflexo, eu podia ver Jeni. Levei a mão à boca e bati meu pé, em tique nervoso, de baixo da mesa. Engoli uma, duas vezes em seco, mas as ondas de emoção arrebentavam contra meu peito. As lágrimas começaram a descer.

A campainha da porta da sala tocou. Verifiquei se tinha papel suficiente na bandeja de impressão antes de levantar.

Abri.

Meu coração quase parou.

O que fazia ali, na minha casa?!

Autora: Li

28/09/07

Cap 28: Guerra declarada (Jeni)

Eu estava tão triste. É doloroso quando nossos heróis morrem. Até ontem eu tinha o Ruan como o cara perfeito e agora, só o que me restava lembrar era sua "versão Daniel". Por sua vez, aquele amigo para quem eu contava tudo morrera, na verdade nunca existira.

Ouvi o barulho da impressora engasgada com papel. Levantei da cama e tentei arrancar o papel preso entre os rolos que moviam as folhas. Será que Ruan nunca aprendera que não se deve imprimir mais que 10 páginas por vez para não danificar a máquina?

_Jeni... _ ele entrou no quarto e veio rápido em minha direção.

_Vê aí onde seu trabalho parou de imprimir que entalou na impr...

_Depois eu vejo isso... _ ele cortou-me. _ Vou te apresentar a uma pessoa, por isso, toma um banho, coloca uma boa roupa e... te espero lá na sala! _ deu dois passos de costas e depois saiu com a mesma pressa que entrou.

Eu nem tive tempo de lhe dizer que não estava disposta a conhecer ninguém, só queria continuar deitada na minha cama. Ele que se virasse com qualquer desculpa, sei lá, que eu estava com uma doença infecto-contagiosa. Mas, pensando bem...

Sentei-me. Cerrei os olhos, arquitetei. Se ele estava tão preocupado assim com a minha aparência, é porque considerava importante. Logo, se eu aparecesse bem bagunçada, ele ficaria irritado. Quem estaria lá? Algum dos seus amiguinhos poderosos?

Pus as mãos na cintura e parei na frente do espelho. Espalhei bem o cabelo para parecer que eu não o penteava por anos. Abaixei a alça da blusa, tirei os brincos e o cordão.

_Nossa, Jeni, parece que você acordou agora! _ dei um risinho.

Caminhei em direção a sala. A nossa guerra estava prestes a começar.

_Oi! _ disse e Ruan, que estava em pé, abriu a boca em desespero.

A mulher sentada no sofá virou a cabeça para trás e me olhou dos pés a cabeça.

_Então, você é a tão falada Jeni? _ ela levantou-se e veio em minha direção.

Ela me pareceu ter cinqüenta anos, mas era uma senhora bem cuidada. Tinha o rosto maquiado com blush, batom vermelho e sobrancelhas pintadas com lápis de olho. Vestia uma calça lilás colada ao corpo, o que lhe acentuava os largos quadris. Os brincos, o colar e as pulseiras da mesma cor da calça, tão espalhafatosos, quanto sua sandália alta brilhante.

_E você é...? _ apertei sua mão.

_Sua sogra. Ivone.

Eu olhei para Ruan, imediatamente. Como ele não me avisara que ela viria nos visitar?

_Acho que peguei vocês dois de surpresa. Isso porque o besta do meu filho não atende a pobre mãe! _ ela reclamou e Ruan atrás dela revirou os olhos e levou a mão ao rosto.

_A senhora vai ficar aqui com a gente? Oh, que ótimo!

_O Ruan disse que vocês têm um quarto a mais, espero não atrapalhar.

_Não! Que isso, imagina...

_Eu estou com sede.

_Eu vou buscar água para a senhora. _ disse-lhe e já no corredor pude ouvir um "Que gracinha sua namorada".

Ruan entrou na cozinha enquanto eu despejava água no copo.

_Ela também me pegou de surpresa. _ ele tomou o copo para si e engoliu tudo de uma vez.

_Eu tenho uma so-gra? Então, deixa eu ver se eu entendi. Você falou para ela que estamos juntos e felizes? A gente vai fazer teatrinho para ela também?

_Olha, Jeni, nós estamos brigados, ok? Mas se você guarda qualquer restinho de consideração e agradecimento...

_Isso é golpe baixo!

_Por que você não se arrumou?

_Ruan?! Se enxerga!

_Jeni... _ ele me pegou pelos dois braços. _ Não sabe o que estou fazendo com o meu próprio orgulho para ter que te implorar, por favor, por favor, Jeni, eu não quero que minha mãe pense...

_Que eu te faço infeliz?

_Só por uns dias!

_E como vai ser a história do quarto? _ cruzei os braços.

_Bom, não posso colocá-la no sofá.

_Eu é que não posso dormir na cama com você.

_Ah! Claro, então, eu durmo com a minha mãe e você no seu quarto?

_Lógico!

_Mas aí vai parecer que não dormimos juntos.

Foi minha vez de beber água. Parei com o copo na altura dos seios e olhei para Ruan.

Fingir que estávamos bem? É, eu precisava beber uma coisa mais forte que aquela água.

Enchi mais um copo para minha magnânima sogra.

_ Você vai pagar caro! _ encostei com o dedo em seu peito, fitando-o nos olhos e voltei para a sala.

Fui até o quarto e troquei os cartuchos da impressora por um vazio que eu tinha guardado e joguei-me na cama para ver meu seriado na televisão do quarto.

_Isso não estava cheio? Eu juro que vi o cartucho pela metade... _ ele resmungou e olhou para o relógio.

_Jeni, você mexeu aqui?

_Não! _ troquei de canal com o controle-remoto apontado para a tela.

_Você acha que isso é trabalhinho de 2º grau?! Me dá a tinta!

_Já disse que...

_Ok, você quer guerra? Vai ter guerra!

Ele saiu do quarto e eu o acompanhei com os olhos. Menos de meio minuto depois apareceu com um alicate.

_Acho que você vai perder seus programinhas.

_Não! _ pulei da cama, antes que ele arrancasse o fio da televisão. _Não! Por favor, Ruan!

Ele tirou o fio. Eu não podia acreditar naquilo. Agora que eu não dava a tinta mesmo.

_Jeni, eu não estou de brincadeira! _ puxou-me pelo braço e meu cabelo voou no ar, batendo no meu rosto.

_Não dou.

_Ok. Você vai se arrepender... _ ele me soltou e eu caí sentada na cama.

Ruan pegou as folhas já impressas e algumas em branco. Tirou o Cd do drive.

_Alguns dias em off do seu msn vai te fazer lembrar quem é que é mais forte! _ disse-me e tirou o fio do telefone do computador.

_Não, Ruan, eu te dou o cartucho. Sem Internet, não! _ corri para impedi-lo.

_Vamos ver quem é mais forte! _ falou bem perto do meu rosto. _ Eu vou imprimir na casa do Fonseca. Faça agora uma janta para minha mãe. E não se meta à engraçadinha!

_Vou servir sopa de minhoca com pedaços de barata! _ disse alto e ele tampou minha boca com sua mão e me encostou na parede.

_Não sou tão bonzinho assim, garota!

_Ruan... _ ouvimos a voz da sua mãe no corredor.

Ele destampou minha boca e, inesperadamente, me surpreendeu com um beijo.

_Ouh! Desculpe interromper. _ ela parou na porta.

Ruan afastou-se e me olhou com toda a tensão no olhar. Ainda podia sentir os seus lábios quentes nos meus.

_Acabou a novela mãe? _ perguntou.

_Não, na verdade vai começar mais tarde. Último capítulo, sabe como é: fazem aquele suspense para revelarem o verdadeiro assassino. Eu posso tomar um banho?

_Claro, a Jeni vai lhe dar toalhas. _ Ruan delegou-me a tarefa e saiu.

_Para onde ele vai? _ ela me perguntou.

_Para o quartel, seu filho tem duas paixões. O quartel e...

_Você? _ ela completou antes de mim.

_É. _ menti, na verdade ia dizer "ele mesmo".

À noite, fui expulsa da minha cama para ceder lugar à minha sogrinha. Aquilo só poderia ser uma condenação por tudo que aconteceu naquela tarde. O universo estava conspirando contra mim!

_Eu vou dormir na cama com você?

_É. _ ele respondeu, sem tirar os olhos do livro que tinha aberto no colo. _ É bem grande para os dois. Não se preocupe, não vou ter vontade de tocá-la.

_Eu não quero deitar na cama contigo. Isso eu posso exigir. _ abracei-me ao travesseiro que eu

trazia contra o peito.

_Tudo bem, posso pegar aquele colchonete do acampamento e vo-cê dormir no chão.

_Eu? E de quem é a mãe?

_Você tem escolha. Pode dormir aqui ou no chão. _ ele repetiu.

_Se não quer cooperar, tudo bem. Tem certeza disso? _ larguei o travesseiro na cama.

Ruan continuou me olhando, sem saber do que eu era capaz.

_Sua mãe é conservadora? Não, deixa eu lembrar, você disse que ela era bem moderninha...

Pus as mãos na cintura, olhei para o teto. Preparei-me. Ruan voltou a olhar o livro.

_Ai, Ruan! Vaaaa. Isso aaaaa, ãnhhhh, amooooor!!! _ comecei a imitar o maior orgasmo do mundo.

_O que você está fazendo, sua louca?!

_Aiiiiiiii, meu deus, aaaaa...

_Pára com isso! _ pulou da cama.

_ Amor, não pára, não pára, meu deus, aeeehhhhh, hummm...

_Ok! Eu durmo no chão! _ ele abriu a porta do quarto para pegar o colchonete.

Eu me deitei no meio da cama de bruços, sorri e fechei os olhinhos.

Mas Ruan iria dificultar da mesma forma o meu sono, já que o dele, na ausência dos remédios, demorava a chegar. Ele, então, pegou o violão e começou a cantar bem alto. Abri meus olhos e o vi sentado, em posição de lótus. A batalha daquele dia ele vencera porque aquela música era o golpe mais baixo que poderia usar:

(clique aqui para ouvir)

Não fala nada, deixa tudo assim por mim / Eu não me importo se nós não somos bem assim
É tudo real nas minhas mentiras, / E assim não faz mal
E assim não, me faz mal não / Noite e dia se completam, nosso amor e ódio eterno
Eu te imagino, eu te conserto, eu faço a cena que eu quiser
Eu tiro a roupa pra você, minha maior ficção de amor /
Eu te recriei só pro meu prazer, só pro meu prazer
Não vem agora com essas insinuações / Dos seus defeitos ou de algum medo normal
Será que você, não é nada que eu penso / Também se não for, não faz mal
Não me faz mal, não / Noite e dia se completam, nosso amor e ódio eterno
Eu te imagino, eu te conserto, eu faço a cena que eu quiser / Eu tiro a roupa pra você, minha
maior ficção de amor

Autora: Li

Cap 29: Sem razão, em suas mãos (Ruan)

Eu estava ansioso para falar com o meu superior sobre o novo projeto em que eu estava trabalhando. Tinha que mostrar-lhe o quanto me empenhara. Senti-me como um mero aluno cheio de medo de tudo sair errado.

Aguardei, apreensivamente, a hora em que eu seria chamado até sua sala. Levei comigo meu Lap top e revisei mentalmente todos os meus argumentos.

_Bom dia! _ ele me cumprimentou e disponibilizou sua mesa para que eu pudesse ligar o meu computador.

Conectei os fios e iniciei a máquina. Nesse momento, alguém bateu à porta e ele foi atender.

Quando olhei para a área de trabalho, senti um calafrio percorrer todo o meu corpo. O que fazia um pôster do filme Brokeback Mountain escrito “Amor eterno” ali? Aquilo tinha a mão de Jeni!

Já pensou se ele tivesse visto isso? Certamente, algum anjo bondoso me safara desta! Cliquei com o botão esquerdo do mouse em “Propriedades” para procurar qualquer pano de fundo tosco que substituísse a foto dos dois cowboys gays. Eis o meu segundo choque. Onde estavam as imagens de praia, pôr-do-sol e flores? Só havia ali fotos de homens que pousaram para a G Magazine! Rolei a barra e vi imagens minhas fardado e com desenhos caricatos feito no Paint, que me cresceram brincos e chapéu rosa.

Para minha salvação e por ordem divina eu tinha imagens salvas em uma pasta. Cliquei em “procurar em outro diretório”... Cadê elas?! Só havia ali as fotos daqueles homens melados de óleo naquelas posições?!

Jeni estava condenada a pagar um preço muito alto até as próximas gerações!

Ela não teria sido capaz de apagar as imagens de trabalho, apenas deve ter realocado a pasta, raciocinei com sua cabecinha de peralta. Cliquei no comando “Procurar arquivos” do Windows e consegui achar uma imagem de um treinamento para substituir aquela do “Amor eterno”. Eu já podia vê-la de madrugada se divertindo com o meu computador. Como ela adivinhara que minha senha de login era seu nome?! Eu sou um imbecil!

_Tudo pronto aí? _ ele me perguntou.

_Claro. _ passei a mão na testa e senti que estava suando.

Comecei a mostrar-lhe os slides. Ele me pareceu bem interessado e surpreso com a minha organização e profundidade no estudo.

_ “O meu bumbum era flácido / mas esse assunto é tão místico / devido ao ato cirúrgico / hoje eu me transformei...” _ ouvimos a música dos Mamonas Assassinas em formato mp3 partindo de algum lugar.

Eu fechei os olhos e torci para ser uma alucinação.

_ “O meu andar é erótico / com movimentos atômicos / sou uma amante robótico / com direito a replay / Um ser humano fantástico / com poderes titânicos / foi um moreno simpático / por quem me apaixonei...”

_Desculpe, Senhor. _ pedi e comecei a procurar, na minha maleta, meu celular.

Onde estava aquela porcaria? Achei!

_ “Hoje estou tão eufórico / com mil pedaços biônicos / ontem eu era católico / Ai, hoje eu sou um GAAAAAAAAAAAAAY!!!!!!”

_Alô?

_Oi, meu filho. A Jeni disse que eu podia te ligar agora que não tinha problema.

_Eu estou em uma reunião muito importante.

_Ah! Desculpe, então. Mas está tudo certo para hoje?

_Hoje, o quê? _ passei as mãos na testa, eu senti que minha temperatura subira

vertiginosamente.

_Ora, você deixou um bilhete dizendo que adoraria visitar os pontos turísticos do Rio de Janeiro, hoje, comigo. Eu fiquei muito feliz porque vim de avião até aqui e acho que...

Hoje era meu futebol com os amigos! Jeni sabia o quanto aquilo era um ritual sagrado!

_Mãe, eu ligo para a senhora mais tarde, ok? Beijos.

Desliguei o aparelho e o meu superior ainda estava me olhando. Eu quis abrir a porta e sumir!

_Coisas do meu sobrinho, ele estava brincando com o meu celular... _expliquei-lhe e o desliguei, antes de mais uma surpresinha.

(Trilha Sonora, clique aqui agora!)

Quando cheguei em casa, eu não via nada, era um homem à beira da loucura. Procurei-a e fui encontrá-la deitada em minha cama deitada, lendo uma revista.

_Você saiu de todos os limites, Jeniffer! _gritei, mas não pareceu nem um pouco afetada.

Arranquei-lhe os fones do ouvido.

_Aiê, meu brinco! Quer arrancar minha orelha?! _gritou comigo com a mão na orelha.

_Não, eu quero arrancar sua cabeça mesmo!

_Que foi? Vão te processar por preconceito! O amor entre iguais é tão bonito.

_Jeniffer, você sabe o quanto uma farda é uma honra? Você sabe o quanto amo esse país, amo o meu trabalho e daria minha vida por isso aqui? _apontei para minha roupa. _Eu perdôo até o *Robocop* gay, mas não aquelas brincadeiras com as minhas fotos.

_Ah, Ruan! você nem tem senso de humor. _ela levantou-se da minha cama e caminhou para o seu quarto.

Segui-a. Eu estava alucinado!

_Realmente, eu não tenho senso de humor! _arranquei da parede todos os pôsteres e comecei a rasgá-los. Estava enfurecido, fora de mim!

_Eu te odeio, Ruan! _ela segurou os meus braços, mas não precisou de muita força para afastá-la.

_Você é uma grande decepção, você é uma...

_Gente, o que está acontecendo? _ouvimos minha mãe tentar girar a maçaneta da porta.

Jeni puxou o meu rosto para ela e beijou-me. Eu não entendi como ainda podia brincar assim. Era sua vingança por ontem. Puxou-me a cabeça mais para baixo e fechou os punhos na manga da farda.

_Nossa, desculpe... _minha mãe chocou-se com a cena do beijo efusivo. _Eu jurava que vocês estavam brigando.

_Que isso?! Nós? Nós nos amamos. _Jeni sorriu e abraçou-me, angelicalmente.

_Ah! Tudo bem... _Minha mãe ainda parecia confusa. _Ruan, eu não sei o que aconteceu. Tentei ajudar e coloquei suas fardas na máquina, mas aconteceu uma coisa...

_O quê? _olhei diretamente para Jeni a fim de captar se tinha algo a ver com isso.

_Eu separei suas fardas, mas não sei... Talvez eu não tenha visto...

_Mãe, o que têm as minhas fardas? _ tentei encontrar uma voz calma.

_Eu juro que não sei como uma blusa vermelha sua que solta tinta foi parar no meio. Agora suas roupas estão todas cor de rosa!

Jeni abaixou a cabeça, abraçou-se à revista e passou por nós com o ar mais cândido possível.

À noite, eu sentei no colchonete e comecei a ler meu livro. Jeni já estava deitada. Virei a página e a olhei encolhida com as mãos sobre o ventre. Voltei a concentrar-me na leitura. Ela rolou para o outro lado e não demorou muito para voltar à posição anterior.

_Ai... _ abafou o rosto no travesseiro.

Deveria ser mais uma de suas brincadeiras. Fingi que estava alheio ao seu fingimento de dor.

_Ruan... _ ela chamou-me e eu levantei os olhos do livro. _Eu não estou agüentando...

Larguei o livro e levantei-me.

_O que está acontecendo? _ pus as mãos na cintura, em pé ao seu lado.

_Estou com muita cólica...

_Que remédio você toma?

_Acabou... _ começou a soluçar. _ Compra para mim?

_Agora? As farmácias já fecharam!

_Deixa... _ ela continuou encolhida.

Voltei a me sentar, não tinha certeza se ela queria me fazer ir a rua aquela hora por pura diversão. Eu não conseguia vê-la rolando de dor.

_Qual o nome do remédio? _ levantei-me vencido.

Quando retornei da farmácia 24 horas, Jeni já estava enlouquecida de dor. Suas lágrimas escorriam do rosto. Tomou o comprimido com o copo de água que lhe trouxera.

_Só isso resolve?! _ perguntei, tentando mostrar frieza.

_Não... Vai demorar a fazer efeito. Eu tinha uma bolsa de água quente em casa, mas não sei onde foi parar com a mudança...

Fui até a cozinha e esquentei um pouco de água, peguei uma toalha de rosto no armário do banheiro.

_Jeni...

_Que é? _ resmungou.

_Vira para mim... _ pedi, sentando na cama.

Ela obedeceu e se surpreendeu com a bacia de água quente.

_Você não...? _ riu, envergonhada.

_Eu não agüento ver gente fraca perto de mim. _ disse com frieza.

Ela levantou a blusa e abaixou o cós do short o máximo que pode. Coloquei o pano quente sobre a região do ventre.

_Aqui? _ perguntei.

Ela pôs sua mão sobre a minha. Olhamo-nos. Jeni fez minha mão escorregar ainda mais para abaixo. Senti sua respiração se alterar nos seios que se movimentavam. Se aquilo era um desafio, não precisava fazer mais nada porque todo o meu corpo correspondia ao contato.

Tantas noites eu passei on-line, conversando com ela por msn como Daniel e, agora, estava ali, tão perto que poderia sentir sua pele fina e delicada do ventre.

_Está muito quente... _ disse. _ Mas vai aliviar... _ fechou os olhos e encostou o rosto no braço.

Ela dormiu e eu puxei o lençol para cobrir seu ventre nu. Como ela era capaz de me levar do ódio ao puro estado de rendição no mesmo dia?

Autora: Li

29/09/07

Cap 30: Passado e presente se fundem (Jeni)

Minha sogra e eu estávamos sentadas no sofá conversando quando ela me fez uma pergunta que me intrigou:

_O Ruan já te contou o que aconteceu com ele?

_Hum?

_Ele não contou pelo visto. Ele ficou assim depois de tudo... Se fechou completamente...

_Do que a senhora está falando? _ franzi a testa.

_Eu vou contar, mas espero que não fique chateada...

_Claro que não! Vou ficar se não me contar!

_Bom, o Ruan tinha uma namorada muito mais velha que ele quando ainda era cadete. Ela tinha já filho e tentou convencê-lo de que engravidou dele, mas não era verdade...

Eu senti meu coração disparar. Daniel! Daniel! Ele era o Daniel! Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia! Ele tinha mentido, dizendo que era invenção. Não era!

Eu não sabia se ficava triste ou feliz por saber que Daniel não era completamente mentira.

_Ele me contou sim sobre isso. _ disse-lhe. _ Mas... _ hesitei. _ Ele tentou se matar?

... _ ela virou o rosto para o lado.

_Se não quiser me contar...

_Era um domingo. Ruan me ligou e disse: "Mãe, antes de vir para casa, passa no supermercado e compra para mim biscoito". Eu não contestei, fiz o que me pediu. Lá do supermercado, liguei para ele de novo para perguntar qual o biscoito podia substituir o que me pedira, porque não

tinha daquela marca. Mas o telefone não atendia mais...

Os olhos da minha sogra se encheram de lágrimas e os meus, também. Ela ficou mexendo no anel do dedo.

_Quando abri a porta de casa, não ouvi barulho de música, só o silêncio. Você sabe que Ruan vive para tocar aquele violão, né? _ela continuou a contar, por alguma razão tinha necessidade de me passar todos os detalhes. _ Eu abri a porta do seu quarto e o vi deitado de bruços.

Minha mente vislumbrava a cena perfeitamente. Eu nunca vi “Daniel” tão vivo como agora, sendo narrado pela voz da minha sogra. Entendi porque havia ligado para pedir o biscoito, ele queria atrasar a mãe para que ela não o impedisse de fazer o que pretendia.

_Eu caminhei na direção da cama e passei a mão em sua cabeça. Ele não se mexeu. Olhei para o vidro de comprimidos que eu tomava na cabeceira da cama. Ruan estava babando no travesseiro. Era o meu filho... O meu filho! _ ela repetiu aquilo com uma dor quase aguda.

Lembrei-me da frase de Daniel em um dos e-mails: “Pense que eu poderia ter morrido e você não ter me conhecido”.

Se Ruan tivesse conseguido se matar, ele não teria entrado na minha casa para me pegar no colo e levar ao hospital. Nem teria me livrado dos homens que vieram cobrar o dinheiro do meu padrasto.

_Eu virei ele de lado e o abracei. Passei as mãos no seu rosto gelado. Ele era um garoto maravilhoso, o melhor filho, o melhor amigo, o melhor tudo. Não duvido que está sendo o melhor namorado para você...

Abaixei meus olhos. Eu tinha feito tanto mal a Ruan esses dias e ele ali, cuidando de mim.

_Coloquei-o no carro e entrei na emergência, gritando feito louca: “Salvem o meu filho”! Eles fizeram uma lavagem e conseguiram reverter os efeitos da overdose.

_Não posso acreditar que Ruan tentou se matar. Ele é tão forte, tão firme, tão resoluto em tudo...

_Eu sei, minha querida, mas ele era diferente. Mais doce, ingênuo... Aquela mulher acabou com o meu garoto. Destruíu a vida dele! Só que eu disse para ele, quando acordou no hospital: “Agora você tem uma vida nova”. Claro que ficariam seqüelas, não físicas, mas emocionais. Ruan começou um tratamento psicológico e também adquiriu uma insônia forte.

_Por causa dela que ele começou a tomar remédios para dormir? _ perguntei, montando o quebra-cabeça.

_Sim, por causa daquela “mulherzinha”. Ainda bem que ela arrumou outro homem e o deixou em paz. Eu fico feliz que ele esteja bem agora. Ruan me ligou semana passada, disse que tinha encontrado uma garota muito legal... _ ela deu uma tapinha na minha mão.

Sorri.

_A senhora acha? Somos diferentes...

_Jeni, eu não me importo que sejam diferentes, eu só quero alguém que faça o bem ao meu filho. É o mínimo que uma mãe pode pedir.

_Ele te disse que está feliz comigo? _ perguntei.

_Nem precisa. Olha o jeito que ele cuida de você! Jeni, você tirou a sorte grande, não é porque é meu filho não!

_Ele é uma boa pessoa...

_Você o ama?

_Eu preciso responder?

_Não, eu vejo como você olha para ele também.

_Eu? _ aponte para o próprio peito e ri.

_É. Ele estava almoçando aqui ontem e você não parou de ficar admirando ele.

_Eu?! _ ri mais alto. _Jura?!

_Jeni... _ ela segurou minha mão. _... O Ruan se preparou para aquela mulher. Ele aprendeu a tocar violão, ele aceitou ela ser mais velha, ele fez tudo por ela! Só que não era para ser, não era! E veja: a vida trouxe meu filho e te deu assim... de mão beijada!

_É. _ tive que concordar.

Ruan abriu a porta da sala e Juanito veio recebê-lo com pulinhos. Ele abaixou e afagou a cabeça do meu cachorro.

Parecia que eu via tudo em câmera lenta. Enquanto as peças se encaixavam na minha cabeça, eu olhava Ruan sorrindo e brincando com Juanito.

Ele se fez de Daniel para reviver uma época passada. Eu tive a oportunidade de conhecer o Ruan antes daquele incidente e me apaixonei pelo Ruan que sobrevivera a ele. O Daniel que eu tinha tanta curiosidade de conhecer estava a todo tempo comigo.

Refleti sobre a dor de Ruan em ser traído pela namorada que amava, depois descobrir que o filho não era dele. Vi na minha cabeça sua imagem deitado na cama, nos braços de sua mãe. Era a própria escultura *La Pietá*, de Michelangelo.

“Pense que eu poderia ter morrido e você não ter me conhecido”...

Eu confiei naquele cadete para contar todos os meus medos e ele estava dentro do Ruan. Era incrível! Meu Deus, como eu pude ter feito tanto mal a ele?! Como?!

Agora ele era um capitão. A mágica do tempo fez o relógio girar muito rápido e o trouxe para mim, muitos anos depois!

Ruan inclinou-se para beijar a mãe no rosto e pedir sua benção.

_E a Jeni, não vai merecer um beijo? _ minha sogra perguntou.

Ele olhou-me nos olhos e se inclinou.

Não poderia negar, por mais que eu tivesse que escolher Ruan e deixar Daniel na posição de amigo, eu queria estar perto do meu amigo virtual para sentir como seria. Pronto, lá estava Daniel, prestes a me beijar.

Fiquei imóvel, apenas entreabri os lábios para receber seu beijo.

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Minha sogra foi embora e novamente eu tinha meu quarto. Só que sua presença mudara tudo. Eu agora sabia a verdade sobre Ruan e Daniel. Aquilo estava me angustiando. Levantei-me da cama e tomei uma decisão. Precisava falar com ele.

_Ruan? _entrei no escritório e parei na frente da sua mesa.

_Que foi? Vai fazer algum número circense? Não tenho tempo para suas palhaçadas infantis.

_Não era mentira.

Ele parou de escrever, mas não me olhou, apenas ficou segurando a caneta.

_Você queria que a gente vivesse em dois tempos. Ao mesmo tempo em que eu era o seu presente, me fez entrar no seu passado.

_Minha mãe te contou? _ continuou me ignorando.

_Tudo. Eu vou responder a sua pergunta. Como teria sido se você tivesse morrido? Eu não sei. Mas com você, certamente foi melhor do que qualquer outra possibilidade. Me perdoe se eu vou te dizer isso... Mas eu me compadeci com a sua dor e queria te abraçar quando me contou a sua história. Eu não podia ter gostado, mas... eu te amei de duas maneiras, sem saber. Na forma Ruan e na forma Daniel. Um era amor carnal e o outro, amor fraternal. Eu estava lá no seu passado. Ninguém vai entender o que estou dizendo, não tem lógica alguma... _ ri de mim mesma. _ Mas eu estava lá com você.

Ruan levantou os olhos e me olhou em cheio.

_Desculpe, desculpe... _ corri para a porta e sai.

Autora: Li

Cap 31: Não se pode fugir do amor (Ruan)

Eu tinha passado um dia cheio no quartel. Não houve tempo de pensar em nada além do meu trabalho. É estranho isso, fico completamente absorvido e esqueço do mundo lá fora. Eu sou um tipo de pessoa que mergulha de cabeça no que me motiva. Mas, quando ligo meu carro e dirijo de volta para casa, eu giro o botão para outra sintonia.

Agora, virando a esquina para entrar na vila, eu penso em Jeni, no que me disse ontem. Ela sabia do meu passado por conta do que minha mãe lhe falara. Eu estava tão confuso. Gostava dela, mas uma voz dentro de mim me condenava e me dizia que eu não poderia gostar de uma garota tão nova. Talvez fosse um pânico das pessoas um dia pensarem isso de mim. Sem querer, estava usando as provocações de Jeni para machucá-la. Dessa maneira, ela retribuía com mais ofensas. Meu objetivo era conseguir usá-la para me machucar a tal ponto de eu sentir tanta dor que o amor acabasse. Isso é tão vergonhoso, leitores, que nem sei como posso contar a vocês. É deprimente. Vejam onde estou chegando! Sinto que posso pirar. Seria por isso que mergulho em tanto trabalho?

Ouvi meu telefone tocar na maleta. Mas não era uma chamada, apenas um "bip". Como eu ligara o aparelho recentemente ele devia estar indicando algum registro de mensagem de texto enviada enquanto estava desligado. Parei o carro na garagem de casa e abri o celular. Era uma mensagem de Jeni.

_"Ruan, estou na escola e esqueci o guarda-chuva. Pode me buscar?"

Olhei o relógio. Não dava mais tempo. Saí de dentro do carro e corri para fechar o portão, pois não queria me molhar. A chuva estava forte. Neste momento, vi Jeni atravessando a rua. Ela não tinha a mesma pressa que eu, pois já estava ensopada.

Esperei-a na varanda, mas ela não entrou pela garagem. Será que não me vira? Achei aquilo muito estranho. Como não tinha como vê-la dali, imaginei que tivesse entrado pela porta da sala e, não pelos fundos, como eu fiz.

Eu, então, fui trocar de roupa e comer alguma coisa.

Ouvi Juanito latir e achei que estava agitado demais. Larguei o prato em que eu estava comendo pão e caminhei até a sala. Passei pelo quarto de Jeni e estranhei que já não estivesse lá.

Abri a porta da sala. Os respingos da chuva molharam meu braço e rosto.

_Jeni?

Ela ainda estava ali toda molhada, com a mochila nas costas, sentada nos degraus.

_Desculpe não ter visto sua chamada. _ falei-lhe.

_Está tudo bem, não quero companhia. _ ela não virou-se para mim.

_Não será nenhum sacrifício ficar bem longe de você. Mas, você pode "não querer companhia" aqui dentro de casa?

_Quem se importa?

Revirei os olhos e tentei ter paciência. Continuei com a mão na maçaneta da porta.

_Deixa de ser adolescente, ok? Está ventando muito e você precisa tirar essa roupa molhada. Vai ficar doente e depois vai me dar trabalho.

_Eu só quero ficar sozinha, hoje não é um dia que me faz bem.

_Hoje?

_É, hoje. Agora me deixa.

Do que ela estava falando? Será que tinha relação com sua mãe? Sei lá... O dia em que a deixou. Para estar assim tão quieta e introspectiva, supostamente algum motivo sério a perturbava.

Antes que eu chegasse a uma conclusão ou perguntasse o motivo, Jeni levantou-se. Procurei uma resposta no seu olhar, mas ela foi mais rápida e passou por mim.

_Sabe o que eu acho? Que você é uma garota muito mimada que não sabe reconhecer o que eu faço por você. _ disse-lhe.

Jeni parou de costas no meio da sala.

_Eu passei esses dias todos tolerando suas infantilidades e não fiz nada, eu estou aqui sempre tentando manter o mínimo de convivência, mas você é uma grossa, uma estúpida, que não quer saber nada além de você.

_Vá em frente, o que mais? _ ela virou-se e vi seus olhos vermelhos.

_Eu estou farto de você. Cheio, cansado. _ aproximei-me mais. _ Quer saber? Não sei o que vi em você. Olhe para nós dois, não temos nada em comum!

_Mesmo? _ ela levantou as sobrancelhas e fixou sua atenção em algum ponto no chão.

_Isso aí. Nada do que você faz me atinge mais, estou imune à qualquer coisa que venha de você.

_Que bom. _ ela caminhou para o quarto.

_Não vai dizer nada? _ provoquei.

_Complementar o quê? Você já disse tudo. _ abriu os braços no ar e os deixou cair pesados.

Não podia ficar assim nossa briga. Ela sempre revidava. Como agora aceitava tudo que eu dizia?!

Senti-me culpado.

_Ainda tem um monte de coisa entalada na garganta. _ disse-lhe.

_Então, eu desentalo para você. _Jeni tirou a mochila das costas e voltou para a sala. Essa era ela, em carne, osso e argumentos. _ Eu sou uma garota fútil, que só sabe ouvir música, enquanto você trabalha sério. Faltou dizer isso? Você está com medo de ficar comigo porque não quer se magoar de novo, porque não quer aceitar que uma garota boboca como eu pode te fazer feliz.

_Que bom que sabe que é uma burrada eu tentar!

_Mas você me ama!

_Eu não te amo!

_Mentira!

Precipitei-me e ela, com medo do impulso que tomei, deu um passo atrás, mas encontrou o limite da parede e se encostou.

_Cala a boca. _ pus minhas mãos sobre seu lábio e com o punho fechado contive-me para não socar a parede.

Ela virou o rosto para o lado e eu, também. Seus olhos repetiam aquilo “Você me ama” e eu senti-me novamente com a droga daquele sentimento de culpa. Deixei a mão cair sobre o corpo com seu peso, levando consigo todo o braço.

Jeni encostou sua testa na minha como único ponto de contato. Nem eu nem ela podíamos resistir mais. Armas por terra.

_Só me ame. _ ela falou baixinho.

(Trilha Sonora, clique aqui agora!)

Eu fechei os olhos e a beijei. Meus lábios se perderam entre os seus e não sabia mais onde começavam e terminavam nossas bocas. Afastei seu cabelo molhado para trás com as mãos.

Ela abriu os botões da minha blusa e eu suspendi a sua. Beijamo-nos mais e agora eu tinha seus seios contra meu peito e podia tocar-lhe toda as costas. Caminhamos até o banheiro, deixando as peças de roupa atrás de nós.

A água quente do chuveiro caiu sobre ela e eu contemplei-a maravilhado. A culpa, a raiva, a tristeza, tudo escorria por algum lugar dentro de mim e sumia. Sorri e ela puxou-me para que eu me molhasse. Vi nos seus olhos a mesma admiração quando levantei os braços para passar as mãos na cabeça e meu peitoral se ergueu.

_Eu te amo... _Jeni disse e a envolvi com os braços.

_Eu também, te amo, te amo, te amo. _ intercalei as declarações com beijos, o que a fez rir.

De volta ao corredor, deixei-a em pé, diante da porta do quarto e pedi que esperasse um minuto. Liguei o som e pus um CD de música. Depois voltei para ela em corpo, alma e coração.

Puxei sua toalha devagar e ela olhou-me com a confiança que eu tanto esperava. Não havia pressa, tínhamos toda à noite para nos amarmos.

Quando eu a beijei e cobri, ela quis também e se entregou. Beijei-lhe o rosto e toda a extensão da pele por cada canto, meandro, curva e inclinação. Meu coração estava calmo e sereno. Eu sentia uma paz muito grande, não havia nada errado entre nós. Éramos duas pessoas que nos amávamos e, por isso, tínhamos que desfrutar intensamente do contato.

Seus dedos se entrelaçaram nos meus e ela os apertou com força e jogou a cabeça para trás, mas não negou, sofreu e pediu, gemeu sem deixar de sorrir.

Era o contato mais profundo que eu já pude ter, uma explosão química que praticamente parou o meu cérebro quando saciei-me de todo seu corpo e ela do meu.

Jeni e eu nos abraçamos com força. Nossos corpos emanavam calor e as gotas de suor escorriam do meu peito. Ela sorriu e eu a quis para a eternidade.

_Eu te amo tanto... _afastei-lhe o cabelo, já quase sonolento.

_Eu também, Ruan. _fechou os olhos.

A chuva continuava a cair lá fora e trazia um vento fresco à janela. A cortina branca dançava no ar. Ficamos ali, unidos e entrelaçados, quase um só. A minha amada Jeni e a amiga virtual. Éramos completos, finalmente.

Autora: Li
(lianotacoes.blogspot.com)

"Fã Clube Ruan Forever" (Clique aqui)
Comunidade do livro (Clique aqui)

02/10/07

Cap 32: Beijos e abraços (Jeni)

(Trilha Sonora, clique aqui agora!)

Abri os olhos e sorri. Tinha dormido o sono mais profundo do mundo. Revirei-me na cama, espreguicei. Eu parecia ter tomado um revigorante.

Eu precisava de um banho antes do café da manhã. Olhei-me no espelho e sorri para mim mesma:

_Espelho, espelho meu, você sabia que sexo faz bem para pele? Olha como você está linda!

Balancei a cabeça para os lados, os hormônios devem ter afetado o meu cérebro mesmo. Abri a porta e fui até a cozinha, onde encontrei Ruan de costas, fazendo alguma coisa na pia. Abracei-o por trás e achei divertido o fato de ter ombros tão largos que eu podia me esconder atrás dele.

_Eu quero... _disse ao vê-lo cortar uma melancia.

_Quer? _ele espetou um pedaço com o garfo e antes de colocar na minha boca comeu.

_Ahhh, que covardia, Ruan! _cerrei os olhos.

Ele começou a rir da minha cara e se engasgou.

_Bem feito, engole com caroço e tudo! _fingi que tinha ficado emburrada por ter feito o papel de ridícula.

Coloquei comida para Juanito e admirei o belo sol que fazia no quintal. A grama ainda estava molhada. Como podia ter chovido tanto e agora fazer aquela magnífica manhã de sábado?

_Dormiu bem? _foi a vez de Ruan abraçar-me por trás. Com uma mão envolveu minha cintura e, com a outra me mostrou um prato cheio de pedaços de melancia. _Aqui, amor, eu queria cortar para você e tirar o caroço.

_Nada... Você está é arrependido. _ peguei o garfo e mordi um pedaço.

_Se não quer, tudo bem... _ ele deixou o prato em cima da mureta da varanda.

_Eu quero você... _ puxei sua mão e ele veio para perto. Segurei sua nuca com a mão e beijei-lhe. _ Já te disse que foi perfeito ontem?

_Hummm... Não. _ Ruan sorriu e começou a beijar o meu pescoço.

Abracei-o.

_Tudo que eu falei não era verdade... _ referi-me às discussões daquela semana. _ Eu queria te atingir, mas no fundo, eu estava louca para ficar de bem contigo. Eu preciso tanto de você, Ruan.

_Eu também preciso de você, Jeni! Eu não te contei sobre o meu passado, porque tinha medo que gostasse de mim só por pena.

_Não sinto pena, Ruan. Pelo contrário, te admiro ainda mais e quero te fazer feliz! _ segurei seu rosto com minhas duas mãos. _ Eu te amo muito!

_Eu também, minha princesinha.

_Princesinha? Olha que romântico! _ sorri.

_Você está debochando?!

_Não estou! _ ri alto e ele me pegou no colo.

_Ruan, me põe no chão! _ esperneeii e ele me levou para o sofá da sala.

Deixei-o vir sobre mim e o beijei. Como a gente pode perder tanto tempo da vida com brigas quando devemos dar lugar ao amor e ao carinho?

_Jeni... _ ele me abraçou e eu fiquei com a cabeça encostada em seu peito. _ Por que você disse que ontem não era um dia bom para você?

_Foi o dia em que minha mãe me abandonou.

_Imaginei... _ ele ficou mexendo com o meu cabelo. _ Agora eu vou cuidar de você.

_Nossa, falou como um pai agora.

_Eu não disse com que métodos!

Eu ri e belisquei seu braço.

_Ruan, e onde você tirou aquela foto que usava no msn do Daniel?

_Sei lá... Achei uma por aí.

_Que coisa feia!

_Você vai me punir...?

_Estou achando que você merece... _ beijei seus lábios.

_Adoro estar com você, sempre me diverte. Me sinto ainda um adolescente.

_Que bom... _ sorri-lhe. _ Agora, se nós vamos dormir juntos, o seu quarto é o meu quarto...

_Por que eu estou com medo do que vai dizer?

_Eu posso colocar pôster nas paredes, colcha rosa de babadinhos, tapete peludo, ursinhos na cama...?

_Não!

_Estou brincando, bobo! _ ri da sua careta desesperada. _ Não vou te obrigar a dormir abraçado com o meu ursinho.

_Agora se for abraçado com você, eu quero!

_Hummm, é? _ dei uma mordidinha de leve na sua orelha.

_Ai, Jeni!

_Era para ver se dói.

_Você é má.

_Só um pouquinho. As meninas boas vão para o céu e as más... _ beijei-lhe os lábios. _ ... vão para onde querem.

_Você quer me matar, né?! _ ele me fez cócegas e eu dei um gritinho e ri.

_Eu imploro, eu imploro, pára...

Ele afastou-se e me olhou de lado, se fingindo de bravo.

_Você é um garoto...

_Hum, me lembrei de uma coisa, fica aí. _ pediu.

_Tá.

Ele correu até o escritório e voltou com o violão, sentou-se ao meu lado de novo.

_Vou tocar uma música para você. _ ele abaixou o rosto para verificar a afinação das cordas e eu me precipitei e beijando, inesperadamente.

_Puxa! E olha que eu nem comecei ainda! _ sorriu.

_Não fica convencido! O que vai tocar?

Ruan não respondeu, simplesmente, começou a cantar a música que eu adoro!

([clique aqui para ouvir](#))

[_Seus olhos e seus olhares / Milhares de tentações](#)
[Meninas são tão mulheres / Seus truques e confusões](#)
[Se espalham pelos pêlos /Boca e cabelo](#)
[Peitos e poses e apelos / Me agarram pelas pernas](#)
[Certas mulheres como você / Me levam sempre onde querem](#)
[Garotos não resistem / Aos seus mistérios](#)
[Garotos nunca dizem não / Garotos como eu](#)
[Sempre tão espertos / Perto de uma mulher](#)
[São só garotos / Seus dentes e seus sorrisos](#)
[Mastigam meu corpo e juízo /Devoram os meus sentidos](#)
[Eu já não me importo comigo /Então são mãos e braços](#)
[Beijos e abraços / Pele, barriga e seus laços](#)
[São armadilhas e eu / não sei o que faço](#)
[Aqui de palhaço / Seguindo seus passos](#)

Garotos não resistem / Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não / Garotos como eu
Sempre tão espertos / Perto de uma mulher,
São só garotos...

Eu fiquei com os olhos cheios de lágrimas e Ruan percebeu que tinha conseguido mexer de fato comigo. Ele deixou o violão em cima da mesinha de centro. Eu fiquei de joelhos no sofá e inclinei-me para alcançar seus lábios. Fiz uma leve força com as mãos em seu peito sem camisa para que se reclinasse. Ele esticou os braços para me envolver e girou seu corpo para que eu ficasse por baixo dele. Acariciou o meu rosto e depois de passar o dedão na minha boca, contemplou-me com olhos flamejantes.

_ Sente? _ ele me fez tocar seu coração com minha mão. _ Está aqui dentro para sempre.

Entreabri os lábios para receber os seus e dedilhei seu cabelo, desci as mãos por suas costas e senti as curvas dos músculos. Era mágico, como se desde muito tempo eu o conhecesse. Nossa ligação era cósmica. Ruan conseguia me passar uma deliciosa paz e segurança. Eu nunca mais estaria sozinha.

Levantei-me e ele não entendeu. Ele balançou a cabeça para os lados e franziu a testa. Ofereci a mão e aceitou sem fazer perguntas.

Fechei a porta do quarto e o empurrei contra ela. Beije sua boca com vontade. Ele caminhou em direção a cama e me derrubou. Cravei as unhas em suas costas e o fiz deitar. Beije seu queixo, desci com meus lábios pelo peito arfante e ele fechou os olhos.

Eu não pensava, era como se algo dentro de mim me dominasse. O entorpecente do amor é a mais saudável e delirante substância que se pode consumir e nenhum homem, por mais forte e bem treinado que seja, resiste ao seu torpor. No fim, até mesmo os mais bravos guerreiros caem indefesos sobre os braços pequenos e delicados da mulher que amam. Abracei-o e beije o topo da sua cabeça com carinho, enquanto ele encostava seu rosto nos meus seios.

_Acho que agora você vai ter que dividir o espaço do seu coração. Além do Exército, eu tenho que caber dentro dele.

Ruan riu e continuou de olhos fechados.

_Pega a melancia lá para mim? _ pedi.

Você quer mesmo... ? ele perguntou com a voz arrastada.

_Quero.

Ele ergueu-se e eu o contive.

_Estou brincando, não quero te explorar, eu posso pegar.

_Hummm... _ ele me beijou.

_Mas se quiser pegar, eu aceito. _ pisquei o olho.

_O que eu não faço por você, garota?! _ levantou-se e parou na porta. _ Agora eu vou cobrar.

_É?

_Vou te pedir para fazer umas coisinhas e não vai poder negar.

_Nãaaaa! _ dei um gritinho e pude ouvi-lo rir maquiavélico no corredor.

Autora: Li

03/10/07

Cap 33: Pressão do meio (Ruan)

Manter um relacionamento com Jeni, na minha cabeça, era uma árdua tarefa que implicaria estar sob uma grande pressão do meio. Mas, depois que nos declaramos um ao outro, percebi que a minha visão era individualista, como se eu tivesse que ser a base de sustentação de tudo. Quando, na verdade, os dois representavam as colunas suportes daquele amor. Com isso, os preconceitos, as fofocas e o escândalo das pessoas ficaram mais fáceis de serem enfrentados, afinal, dividíamos as forças. Se um levava à sério demais, o outro estava ali para mostrar que a vida não deve ser encarada de maneira tão dura. Temos várias dessas situações para lembrar.

Uma delas aconteceu na festa de aniversário da amiga de Jeni, Priscila. Ela convidou todos os amigos para ir a uma boate. Apesar de eu ser mais velho que minha namorada, eu tinha o direito de ir e me divertir também. Porém, para uma das amigas de Priscila, a coisa não funcionava assim.

Estávamos na fila para entrar, apenas esperando que o segurança conferisse nossas identidades. Neste momento, a tal garota resolveu falar para uma outra, ao seu lado, o seguinte comentário: "Aqui há mínimo de idade para entrar, mas, se tivesse máximo, ia ter gente de fora".

Eu sou bem rápido para perceber que o "velho" ali citado era eu, mas também esperto o suficiente para não estragar a noite com uma confusão e atestar para ela que não posso fazer parte do grupo porque sou um "chato, careta".

Só que se eu era capaz de fazer "ouvidos de mouros", Jeni não. Talvez eu até faria o mesmo, se estivesse no seu lugar, já que o grupo de amigos era dela e não, meu. Mas o melhor mesmo seria se ela não tivesse escutado nada. Não gosto de brigas.

Jeni tocou no ombro da garota e disse, para a minha surpresa e também admiração:

_ "E se tivesse mínimo de massa cerebral você não entrava, não é mesmo?"

Foi a vez de eu olhar para o lado, agüentar com toda força para não rir. Passei a mão na boca e disfarcei.

_Do que está falando? _ a garota deu um sorriso amarelo.

_Ora, você fala o que quer e ouve o que não quer. É assim, querida. Agora, eu se fosse você, me empenharia em arrumar alguém, porque com essa pança aí e esse cabelo horrível, no máximo, vai pegar um bêbado. O que não é o meu caso, que tenho o meu gato aqui garantido.

Jeni me olhou e sorriu naturalmente enquanto eu ainda estava com o ar preso nos pulmões. Aquilo fora um massacre verbal, uma rajada de FAL com munição de adjetivos.

_Amor, não precisava ter feito isso... Ela é sua amiga... _ disse-lhe, quando estávamos pegando o cartão de consumação.

_Ruan, ela não é minha amiga, é amiga da Priscila. _ consertou. _ Eu estou aprendendo que tenho que me defender, que não posso ser a boazinha, a coitadinha. Você é o meu namorado e ninguém pode falar mal de você na minha frente! _ Jeni começou a andar, sem pegar na minha mão.

Quando ela estava irritada, precisava de um mínimo de distância para recuperar o estado de equilíbrio. Ela ainda soltava faíscas e um invisível campo instável ao seu redor me deixava um pouco longe. Mas, depois de dois minutos, senti que já podia tocá-la. Ela aceitou e envolveu meu pescoço com seus braços.

_Eu te amo muito e estou feliz por estar aqui comigo! _ declarou com o sorriso mais apaixonado que já pude ver.

_Eu também e você é a mais gata de toda essa boate! _ elogiei.

_Jura?! Hummm. Bom saber! _ piscou o olho.

Beijei-a longamente, embalados pela música e, quando abri os olhos, vi a tal garota nos observando. O que ela tinha de fato era inveja da nossa felicidade. As pessoas mesquinhas não suportam o fato de outra ser feliz de uma maneira diferente do padrão. Isso causa um ruído perturbador na cabeça delas.

Também tive as minhas chances de fazer o reverso. Precisei mostrar a Jeni que não podíamos nos deixar abalar pelos outros.

Era um domingo de churrasco na casa de Fonseca e Jeni e eu estávamos mais unidos que nunca. Emanando felicidade por cada poro.

Um dos convidados comentou:

_ Vocês viram aquele rapaz argentino de 24 anos que desembarcou, essa semana, no Santos Dumont? Ele estava nada mais, nada menos, que com sua esposa de 82, repito, 82 anos! Isso aí, os pombinhos vieram passar a lua-de-mel aqui e fazer uma cerimônia religiosa. O que ela ainda faz bem? Só se for sem a dentadura...

Meus amigos explodiram em risadas, mas eu apenas sorri e Jeni abaixou a cabeça e mexeu no prato de comida com o garfo.

_Para mim, esse pilantra só quer é esperar ela morrer e se aproveitou da situação financeira e social dela. Que idiota, ele não se acha ridículo, segurando o casaco de pele daquele fóssil de mulher, não? Olha o nome da coroa, "Adelfa", parece nome de bruxa de filme infantil!

Algumas pessoas pararam de rir e começaram a me olhar, então, o dono da "notícia de última hora" conteve-se e me encarou também.

Jeni fez menção a se levantar e eu segurei sua mão com força por baixo da mesa para que não permitisse que achassem que podiam abalá-la.

_ Desculpe, aí, Ruan, eu não me referi a vocês, não pense isso, nem tem como comparar porque...

_Que isso! _ abanei a mão no ar, fazendo um sinal de "que nada". _ É uma situação diferente mesmo, eu tenho a mulher mais bonita dessa festa e posso me orgulhar disso, o que não é o caso de todo mundo. Mas não me refiro a você, não pense isso!

_Gente, saiu mais carne, quem quer? _ a mulher de Fonseca gritou da churrasqueira para dar o "play" de novo, afinal, todos pareciam petrificados.

Quando as pessoas voltaram a conversar em seus grupos e esqueceram de nós, Jeni encostou sua testa na minha e eu a beijei de leve nos lábios.

_Eu te amo. _ ela acariciou meu rosto.

_Eu também. _ passei o polegar na sua bochecha. _ Mais carne?

_Por favor, bem passada! _ pediu.

Beijei sua cabeça, assim que me levantei para buscar.

Autora: Li

Cap 34: Uma escolha para a vida toda (Jeni)

Fatos importantes a gente tem que escrever. Para isso, existem as agendas, afinal, discordam? Há os que preferem trocar as fotos do álbum para aparecer nas “últimas atualizações do orkut”. Não prezo este meio. É preciso contar sem pressa, fazer longos parênteses. Por isso, precisei comprar uma... agenda? Não, uma caderneta pequena de capa vermelha. À bem da verdade, não escolhi vermelha, a falta de variedade permitiu assim.

É difícil escrever a primeira linha, parece que tem que ser importante. Bato com a tampa da caneta na ponta do queixo e um neurônio avisa para o outro que não é isso que eu procuro. Estou escrevendo para mim, em busca de entender esta grande loucura em que me meti, amar um militar... Pára! É isso!

_Amar um militar é amar um amor desmedido... _ escrevi finalmente a bendita primeira frase e, agora sim, já tinha licença para toda e qualquer besteira seguinte.

Eu podia ter aqueles peitos da Pamela Anderson, as pernas da Sheila Carvalho, a boca da Angelina Jolie e uma bela e grande bunda da Rita Cadillac. Não é isso que os homens tanto querem? Querem para uma noite e só. Aí entram as feias. Ser não-bonita significa compensar o que não se angariou lá na feira do céu por conta daquelas gostosonas que não saíram da fila da beleza. Você encheu, então, seu carrinho com um pouco de senso humor, dois pacotes de inteligência, um grande galão de sensibilidade e um sachê de maternidade.

Os homens acham as mãos chatas. Elas pedem para tirar a cueca da antena da TV, a toalha molhada da cama e largar o computador para comer, antes que esfrie. Acham sujeira atrás das orelhas com olhos de lupa! Eis que eles encontram uma segunda mão na mulher que amam. Busca inconsciente? Seja sim ou não, ele vai continuar sendo cobrado por você, quando chega um muquiço do quartel. Não adianta querer se jogar no sofá com uma lata de cerveja na mão, ainda dentro daquela farda tirada de um pote de yakult, com o coturno fosco e o cabelo de Mogli, o menino lobo, sem receber uma chamada: “Amor, toma um banho...”. A mulher bonita tem a bunda como argumento, a não-bonita cruza os braços e faz um olhar “Gatinho de Botas do Shrek” ou “Freddy Kruegger”, dependendo, claro, do seu estado hormonal. E ele, gruinido e arrastando o pé, vai. Vai porque te ama e você sabe que ele te ama, afinal, você não é só a metonímia de um peito.

Ele, por sua vez, não é o Mel Gibson para saber “Do que as mulheres gostam”, mas vai aprender direitinho sobre suas manias e maluquices e, com o tempo, ler seu pensamento. Eles não exigem muito, só que não os atrapalhem ao ver o canal de esportes na hora do último capítulo da sua novela, e que os deixem ter uma barriguinha pneu de bicicleta, a sobancelha torta e umas entradas na testa. Ser eles mesmos de calção e pé no sofá. Isso irrita, mas fazer o quê? Eles são mais que um peitoral ou uma bundinha de metrosssexual malhado. (Se vier junto na embalagem, nem precisa de desconto ou parcelamento!)

Namorar é fazer concessões, é tirar férias não-remuneradas da paz, dá um trabalho fenomenal e ainda consegue valer a pena. Eu adorei o que li hoje no blog da minha amiga Deise. Ela levantava uma teoria sobre os caras manés, que só querem dar uns “pegas” e não são compatíveis com as “garotas para casar”. Porque “garotas para casar” precisam de... “manés para casar”.

Só que e se “as garotas para casar”... (Nossa, estou repetindo muito! Vou apagar e começar de novo. Ouuuh, droga, caneta não apaga e borracha de caneta arranca a “pelinha” do papel. Deixa ser.) ... simplesmente não está preparada para isso ainda?

Para quê estar preparada se já se tem o “mané para casar”? Eu tenho um cara legal e digo por quê.

Ele não é a capa da Vogue, nem gênio como Einstein ou poeta à moda Vinícius, mas sabe ser presente no que me é essencial. Nem abraço de trincar costelas, nem distância fria e boêmia, simplesmente fixa o olhar de longe e acalenta com a segurança que me pede para captar.

Homem pode ter duas amantes, uma “peguete” e cinco paqueras e não ser feliz. Ele precisa

voltar da missão e encontrar uma “lagartixa”, dormir abraçados depois do sexo em forma de “longa metragem” e ter o sono dos imortais com cara de anjo. Aí, ele vai querer casar. Mas e se ela não quiser? Repito, não quiser ainda?

(Trilha Sonora, clique aqui agora!)

Eis que era Natal, a família, os amigos e um peru no centro da mesa. Todo mundo “altinho” já na hora de abrir os presentes. Contento-me com o meu: caixa grande e laço vermelho comprido. Ora, outra caixa? Procuo os olhos de Ruan. Ele, certamente, tinha a ver com aquilo. Abro e... mais uma caixa? Qual é a idéia da piada? Hunf, mas outra e outra caixa!

Já na quinta caixa, os convidados se deram conta de que algo de muito interessante estava prestes a sair daquele minúsculo e pequenino cubo aveludado na palma da minha mão. Todos pararam de falar de seus presentes e silenciaram. Eu engoli em seco e não tive coragem de abrir.

Ruan terminou de beber o seu vinho, largou a taça na mesa e caminhou na minha direção. Ele não estava se ajoelhando, estava? Era o efeito da bebida! Uvas passas demais, misturado com muita rabanada... Ele não estava pegando na minha mão, estava? Por favor, vamos partir o peru agora?

_Isso merece uma foto!!! _ a mãe de Ruan começou a disparar *flashes* em cima de nós e eu fechei os olhos.

_Jeni...

_... _ engoli em seco.

Ele pegou a caixa.

_Casa comigo?

Eu soltei o ar dos pulmões e ri um riso nervoso que logo estancou ao ver o par de alianças douradas. Meus olhos se encheram de lágrimas.

_Ruan, eu acho que...

Ele ficou com o rosto tenso e vi sua mão trêmula ainda segurar a caixa no ar.

_... que... essa é a melhor coisa que eu farei na minha vida. Eu quero!

Todos começaram a aplaudir e tirar fotos. Beije-i maravilhada.

“O que acontece quando uma garota acha que não está preparada? É só ela ver uma caixa de veludo nas mãos do homem que ama e ela vai saber que está.”

Autora: Li

04/10/07

Cap 35: Laços e alianças (Ruan)

Os dias de convivência com Jane eram muito intensos e, cada vez mais, eu conhecia suas reações. Nosso contato se aprofundava.

_Você está gostando dos preparativos? _ perguntei, olhando para Jeni deitada em meus braços, no sofá. Eu senti que andava apreensiva.

_Claro. _ ela sorriu e acariciou com a ponta dos dedos o meu peito.

Não tínhamos tantas coisas a fazer. Programamos uma bonita cerimônia na igreja e depois um churrasco para os amigos íntimos aqui em casa, onde todos estariam à vontade e poderíamos comer, beber, rir e dançar. Gosto da simplicidade das coisas.

_ Eu estou começando a sentir um friozinho, um medo. É que só tenho 18 anos, Ruan. Eu nunca pensei que tudo aconteceria tão rápido...

_ Amor... _ passei a mão no seu rosto. _ Eu não quero te apressar, se achar melhor...

_ Não! _ Jeni sentou-se. _ Ruan, eu amo tudo, sinto que sempre quis exatamente isso, um lar quentinho, acolhedor, ter alguém me esperando, ter alguém para cuidar de mim...

_ Olha para isso... _ peguei na sua mão e toquei com o indicador e o polegar na sua aliança. _ É só isso que vai mudar, trocar o anel de mão. Porque, quando acordar, verá que está comigo. Nos fins de semana continuaremos viajando, indo ao cinema, jantando fora... Não muda. A festa será uma convenção social. Não é algo exterior a nós que irá modificar o que sentimos. A celebração na igreja será apenas uma benção religiosa, mas nós já estamos unidos desde muito antes de nos conhecermos, sem saber. Pois eu acredito que nada é por acaso.

_ Você está certo... _ os olhos de Jeni estavam cheios de lágrimas. _ É que vejo as minhas amigas namorando, saindo, cheias de dúvidas, de... esquece! O que eu estou dizendo? É completamente diferente...

_ Jeni, elas não encontraram o cara que é certo, no momento certo. Só que não vão ficar por aí chorando, resolvem dizer "Ah! Não quero mesmo". O tempo em horas que estamos juntos e intimidade que partilhamos nesse período de um ano significam o mesmo que os anos de namoro das suas amigas que só vão ao shopping e ao motel. Você já mora comigo, a gente divide tudo junto, temos uma vida a dois começando... As alianças seriam um sinal da união.

_ Desculpe, Ruan, eu me sinto uma boba.

_ Que nada, eu também aprendo muito com você. Aprendi a valorizar tudo, a correr do trabalho para chegar aqui, a te querer mais e mais... A deixar de lado meus próprios preconceitos idiotas!

_ Ai, meu amor, você é lindo demais! _ ela me abraçou e me encheu de beijos pelo rosto. _ Eu estou lendo algumas coisas sobre casamento e descobri várias curiosidades.

_ É? Me conta... _ mostrei interesse, nada era mais gratificante que ver seus olhinhos brilhantes. _ Sabe a tradição de carregar a noiva no colo? Ela vem do oriente. Eles acreditavam que os gênios ruins que atacam as mulheres ficam à espera na porta do quarto nupcial. O marido protege a esposa carregando-a, para evitar que ela "pise" em algo ruim.

_ Bom, aqui, no máximo, você ia pisar no Juanito!

_ Bobo... _ ela riu e balançou a cabeça para os lados. _ Vi uma gravatinha linda para colocarmos nele.

_ Por que as mulheres gostam de enfeitar tudo?

_ Ai, Ruan... É lindo!

_ Tudo bem.

_ Eu li também que uma das hipóteses para a origem do *buquet* é que ele surgiu na Grécia. Era uma espécie de amuleto contra o mau-olhado. Só que os gregos colocavam entre as flores sabe o quê? Alho!

_ Cruzes! Eu ia me sentir um vampiro!

_E as nossas alianças... _ ela entrelaçou seus dedos nos meus. _ ...vêm de uma tradição milenar. Os egípcios acharam que esse seria o melhor amuleto para simbolizar o amor, porque era sem ponta, infinito como o amor que sentiam. Agora, por que no dedo anelar? Ah, isso veio dos gregos. Eles acreditavam que uma veia ligava esse dedo ao coração. Só no período do Papa Nicolas I que o anel passou a significar um acordo de união.

_Minha noiva também é cultura! _ abracei-a com força.

_Assim você trinca minhas costelas, Ruan!

_Te amo, minha Rainha... Não, por enquanto, ainda é princesa.

_É? _ beijou meus lábios.

_Vamos continuar esse papinho lá no...

_Não, Ruan. Já disse, até o casamento, não!

_Mas, Jenizinha, anjinho, amorzinho, fofurinha...

_Ruan, é tradição... Vai ser gostoso esperar. A cerimônia é domingo. Faltam só quatro dias!

_Não está sendo nada gostoso esperar!

_Você agüenta, você é forte!

_Mulheres e suas tradições.

_Eu? Quem estava falando há poucos minutos de simbolismo, de convenções?

_Jeni, não use meu discurso contra mim! _ apontei meu indicador e toquei de leve no seu queixo.

Ela colocou o dedo inteiro na sua boca.

_Some daqui, já, some! _ ordenei, totalmente fora de mim com suas provocações sem piedade.

Jeni deu uma gargalhada e levantou-se.

_Vou à loja provar pela última vez o vestido. Te amo muito, fofuxo! _ fez um biquinho e beijou-me os lábios rapidamente.

_Só beijinho até lá? Mas esse beijinho tão pequenininho?

_É para ficar com vontade. _ ela pegou as chaves.

_Mas eu já estou com uma vontade assim galáctica.

_Ai, amor, eu sei que você consegue! _ piscou o olho e saiu.

Estava muito feliz. Minha vida completa. Eu tinha o meu trabalho, a minha linda Jeni, até um cachorro eu tinha e não se esqueçam do peixe!

Bebi um pouco de Coca-Cola, belisquei um pedaço de bolo na cozinha. A campanha tocou.

Caminhei para atender ainda com o copo na mão.

Abri.

Eu estava tão feliz que achei que nada poderia ser capaz de acabar com meu estado de espírito. Mas ao virar a maçaneta e a luz do dia irradiar sobre meus olhos, eu senti como se estivesse recebendo um balde de água gelada na cabeça. No centro da luz, havia o tão inesperado.

Senti meu coração fraquejar de pânico. Aquilo bem poderia ser um pesadelo e, se fosse mesmo, que o despertador tocasse para eu acordar imediatamente.

Perdi o reflexo nas mãos já suadas e o copo escorregou. O vidro se espatifou no chão. Levantei meus olhos e olhei mais uma vez.

Não queria acreditar. Mas era real.

Autora: Li

Cap 36: Quanto mais eu sei, nada sei (Jeni)

_ Você está tão linda! _ Priscila juntou as mãos e levou à boca ao me ver dentro do vestido de noiva.

A costureira terminava de verificar os detalhes com ajuda dos alfinetes. Eu estava em cima de um pequeno banco.

_ Será que ele vai gostar?

_ Lógico que vai! Ele vai sentir o coração parar quando te ver.

_ Será? Mas ele já me vê todos os dias.

_ Jeni, isso aí é filme, não é realidade. No filme, tudo tem que acontecer durante o intervalo de duas horas, aí os personagens convergem todas as emoções só para aqueles momentos clímax. Já na vida real, a gente ama em todas as situações. Ele vai ficar é ainda mais apaixonado.

_ Profundo, hen? O espírito do casamento está te contaminando?

_ Totalmente. _ ela sorriu.

Depois de tudo perfeitamente ajustado, fomos até a praça de alimentação do shopping para comermos alguma coisa.

_ Eu acho que você merece muito isso. _ ela disse-me.

_ Eu não sei se é uma questão de merecimento, porque se fosse assim, outras pessoas também "mereceriam" ser felizes e, no entanto, não são. Por essa lógica, seriam más?

_ O que eu quero dizer é que você teve uma vida difícil e o Ruan veio para te oferecer o carinho e o amor de que precisa tanto.

_ Isso eu não posso negar. Quando estamos juntos, eu tenho uma sensação de que o conheço há muito tempo. Nossa ligação é tão forte! Não adianta a gente relutar, porque fomos feitos para ficar juntos.

_ Acho tão bonito vocês dois: você sendo a princesa, a bonequinha que cuida. Homens maduros, não digo em relação à idade, mas a cabeça mesmo, sabem cuidar do que é seu.

_ Eu também faço por onde. Aprendi a cozinhar melhor, a cuidar das roupas dele, me empenhei muito mais nos estudos, estou lendo vários livros dele, pego o jornal toda manhã para ler, enfim, comecei a melhorar para o Ruan. Eu quero que se orgulhe de mim e aprenda também comigo. Não posso apenas receber e receber, eu preciso oferecer.

_ Muitas pessoas demoram a chegar neste estágio. Elas vão ser infelizes por um bom tempo por pensarem que tudo depende só do outro. _ falou.

_ A gente vê a medida do nosso amor pela capacidade de perdoar e tolerar. Tive que perdoar o Ruan por ter mentido para mim porque essa era condição para darmos uma segunda chance a nós dois. E, quando falo tolerar, me refiro a aceitar a pessoa como é e entender a lógica dela, olhar através de seu olhar.

_ Claro. Não é fácil.

_ Não. Mas tentar fazer o outro um objeto de pesquisa científica é pior. Ficar mirabolando meios de subvertê-lo a uma postura que você teria é muito mais desgastante, pois, ao não conseguir, você se frustra.

_ Nossa, está lendo bastante mesmo.

_ Ler ajuda sim... _ sorri. _ O Ruan me ensinou uma coisa interessante. Imagina um círculo. Dentro está tudo que você sabe. Do lado de fora, fica o que você desconhece. Cada vez que você aprende algo, esse aprendizado vai para dentro do círculo. Por causa disso, logicamente, o círculo vai crescer, ficar mais rechonchudo. Se ele cresce, a superfície que o envolve também cresce, como se fosse um balão de ar que você encheu e ele ficou maior. Dessa maneira, quanto mais você aprende, mais a superfície de contato que toca o lado de fora (que é onde está o que você ignora) cresce. Resumindo: “Quanto mais eu sei, nada sei”.

_ Nossa! Complexo, mas lógico.

_ É, quanto mais a gente lê, menos a gente sabe, porque as dúvidas sobre os assuntos correlatos àqueles aumentam. Se antes você não sabia nada sobre um autor e suas teorias, agora você vai querer saber quem é ele, qual o seu estilo, como era a época em que viveu. Ai, ao responder estas perguntas, você encontrará pontos obscuros para aprender ainda mais!

_ Isso se aplica às pessoas. Minha mãe sempre diz: “Seu pai, depois de anos de casado, ainda me surpreende. Quando eu acho que sei tudo, descubro que ainda o desconheço”.

_ Eu só espero ter surpresas boas daqui para frente. _ falei e rimos juntas. _ Pri, eu tenho que ir. _ olhei o relógio.

Enquanto caminhava em direção a minha casa, fiquei com a imagem do meu vestido na cabeça. Era lindo! Ele começava com um desenho de rosas feitas com *strass*, na altura dos seios, que iam até a barra. Tinha um corte tomara que caia e luvas até os cotovelos.

_ Amor! Já cheguei. _ falei da porta da cozinha.

Ouvi vozes, pelo visto tínhamos visita.

Autora: Li

05/10/07

Cap 37: O passado à porta (Ruan)

_ Oi. _ ela sorriu com as mãos de sempre enfiadas nos bolsos do jeans, com os cabelos ruivos de sempre livres sobre os ombros, com os seios de sempre espremidos entre os bojos apertados do sutiã, com o olhar de sempre me fitando em desafio. Era a mesma, apenas com alguns retoques feitos pelo tempo. _ Vai ficar parado aí me olhando?

Era o meu passado à porta, como se eu acordasse em algum dia de quinze anos atrás.

Pensei em abaixar-me para recolher os vidros, mas não tinha ação muscular, todo o meu corpo permanecia enrijecido e catatônico.

_Como me encontrou?

_Se eu estivesse procurando um soldadinho qualquer, a não ser que ele se chamasse Ryan... _
_ironizou o nome por causa do filme "O resgate do soldado Ryan". _ ... eu provavelmente não
_acharia. Agora, como se trata de um capitão, tudo muda de figura. Basta acionar as fontes
_certas.

_E para que você quer me ver? _ meu cérebro voltou a sua velocidade normal de cognição.

_Você sabe.

_ ... _ suspirei fundo.

_ Não vai me convidar para entrar?

Eu olhei para dentro e abri mais a porta. Ela passou por mim e se pôs ao lado do sofá. Deslizou
sua mão sobre o estofado sentindo sua maciez, enquanto os olhos fotografavam mentalmente
todo o ambiente.

_Bonita sua casa e arrumada. _elogiou.

_É. _ fechei a porta.

_Não era assim quando estávamos juntos. Você era um bagunceiro.

_As pessoas mudam. _ disse-lhe.

_E você deve ter mudado bastante mesmo, pelo visto... _ virou-se para mim.

_Eu fui tão ruim assim para você?

_Não. Na verdade, Ruan, você foi o que não precisava.

_... _ cruzei os braços.

_Você era só um garoto bobo, todo complexado, que não tinha a menor capacidade de seguir o
_ritmo de uma mulher madura.

Era igual, a mesma sapateadora de sentimentos.

_E para quê, então, precisa de mim? _ repeti a pergunta.

_ Não mudou a aparência, continua em forma. _ chegou bem perto e me olhou inteiro. _ Como da
_última vez, lembra? _ acariciou o meu braço.

_Não me toque... _ afastei-me dela. _ Aquilo não deveria ter acontecido.

_Mas você quis.

_Eu quis porque não sabia. _ expliquei.

_E, se soubesse, teria feito o mesmo, movido pelas suas paixões sujas.

_Eu mudei! _ gritei.

_Não foi o que me pareceu, quando nós...

_Aquilo é passado, totalmente passado!

_Não foi o que senti quando você estava dentro de mim.

_Elisa, eu não te amo, ok? Acabou, final, ponto, fim! Quando eu te reencontrei, confesso que tinha dúvidas ainda, queria saber como seria se...

_ ... Me sentisse em seus braços outra vez?

_É, é isso mesmo! Só que, quando descobri que você estava casada, eu me senti traído, usado!

_Ó, que sentimental você se tornou, Ruan. _ ironizou.

_Elisa, eu não posso amar alguém que não tem o menor escrúpulo. Ele era um cara muito legal, nos conhecíamos, como pôde não ter me dito?!

_Ele nunca soube!

_Ele nunca soube que era eu, mas desconfiava de alguém e eu sabia que era eu, percebe? Consegue ver o quanto você me fez mal? Tive que carregar essa culpa!

_ Tudo isso só por causa de uma noite?

_Como vê, para você foi “só uma noite” e, para mim, foi uma terrível sensação de ter cometido uma grande burrada.

Não adiantava eu continuar gritando minha raiva, falando meus ressentimentos para Elisa a todos pulmões. Ela não prestava atenção e nem se interessava.

Comecei a sentir-me mal. Os flashes na minha cabeça passavam em uma velocidade dolorosa. Eu podia ver seu sorriso ao me encontrar na rodoviária e eu, vestido de cadete. Depois, nós dois dividindo a notícia da gravidez. Minhas noites de insônia, perambulando feito um alucinado. A verdade sobre seu aborto e a traição. O vidro de remédios ao lado da cama. Os delírios e a escuridão. Minha mãe chorando ao me ver no leito do hospital. Os anos sozinho, carregando o fardo de terríveis lembranças. Tempos de quase promiscuidade para não permitir que o coração amasse de novo. O reencontro com Elisa e nossa noite efusiva. A revelação vinda de sua boca de que estava casada, entre um trago e outro do cigarro entre os dedos. O seu marido, que eu conhecia, desconfiado. Meu arrependimento profundo. A morte total de tudo que ainda restara de afeto. Um grande amor se virara em repulsa!

Agora, ela estava ali querendo mais o quê de mim? Elisa já tinha tentado me destruir inúmeras vezes e quase conseguira! Por aquela mulher eu, por pouco, não perdi a lucidez. Queria apenas distância! Mas parece que a vida não me poupa destes desagradáveis choques de caminhos. Eu fugia, mas logo ela me aparecia com uma surpresa ruim. Sim, porque vê-la não era bom, me fazia sentir que eu era um homem ruim.

_Elisa, eu não acho que tenha vindo aqui à toa, então, diga o que você quer!

_Eu quero meus direitos.

_Que direitos?

Ela aproximou-se dos porta-retratos com fotos minhas e de Jeniffer.

_Não toque nisto!

_Soube que você vai casar, Ruan. _ falou-me com uma voz que me deu medo.

_Seus informantes são bons mesmo.

_E ela já sabe o quanto canalha e galinha você era?

_Larga isso... _ tentei pegar o porta-retrato, mas ela foi mais rápida.

_Eu não vou deixar você casar com ela.

_E quem é **vo-cê**... _ gritei agora furioso. _... para mandar no meu destino e na mulher que amo de verdade?

Elisa aproximou o seu rosto do meu. E foi com olhos fiscantes e voz estridente que gritou:

_Eu... _ apontou para si e depois para a foto. _... sou a **MÃE** dela! E... **vo-cê**... _ bateu com a ponta do indicador no meu peito. _... Sabe disso!

_Amor, cheguei! _ ouvimos a voz de Jeni da cozinha.

Olhamos os dois para o corredor.

06/10/07

Cap 38: Sem voz (Jeni)

O que Ruan acharia quando me visse naquele vestido? Ai, minha vontade era tão grande de poder contar tudo em detalhes para ele. Mas não podia, tinha que manter segredo.

Caminhei pelo corredor até a sala para ver quem era a visita. Eu estava cada vez mais sociável e aprendendo a ser uma ótima anfitriã.

Oi! falei sorrindo, exultante de felicidade por causa da proximidade do meu casamento, eu transbordava alegria.

Meu coração parou. Eu senti que parou! O mundo pareceu se congelar. Minha respiração estancou no peito e não quis sair.

Não era possível. Eu estava diante da minha mãe, daquela que há tantos anos se foi, deixando um bilhete com duas moedas de um real em cima.

_Oi, meu amor... _ Ruan veio para perto de mim e me abraçou, afastou meu cabelo e me beijou o rosto.

Minha mãe olhou para nós dois e sorriu:

_Olha que belo casal. _ senti uma certa ironia em sua voz.

_O que ela faz aqui? _ perguntei para Ruan baixinho, quase sem voz.

_Quanto tempo... A vida permitiu que...

_O que **vo-cê** faz aqui, na minha casa?! _ perguntei para ela, já irritada com a surpresa.

_Ora, vejo que ensinou boas lições de rebeldia, Ruan.

_Vocês se conhecem? _ perguntei, sentindo que a interação entre eles era familiar demais para o meu gosto.

Ele não respondeu, abaixou a cabeça.

_Ruan... _ eu senti meus olhos se encherem de lágrimas e meu queixo começou a tremer como minhas mãos. _ ... Eu estou falando com você! Me responde, o que está acontecendo aqui?

_Calma, Jeni, eu posso te explicar... _ ele se aproximou de mim de novo e eu dei um passo atrás.

_Vocês dois estão muito estranhos...

_Acho que posso te explicar. _ minha mãe chegou mais perto e me segurou pelo queixo. Forçou-me a olhar a imagem de nós duas refletidas no espelho. _ Veja como parecemos, os mesmos olhos, o mesmo cabelo, os mesmos seios... _ falou no meu ouvido com uma voz sinistra.

_Solta ela! _ Ruan ordenou.

_Quando ele não pode ter uma, é só ficar com a outra.

Procurei Ruan no espelho e vi sua imagem inerte.

_Ele nunca te contou que eu fui seu primeiro amor? _ perguntou-me.

Eu fechei os olhos e apoiei as duas mãos no móvel, onde ficavam os porta-retratos. Senti que meu corpo ia vacilar.

_Você não é um ser humano, você é um monstro! _ Ruan gritou com ela e me pegou pelos braços.

Eu não conseguia respirar, senti que ia desmaiar. Tudo ficou embaçado. Nuvens brancas e uma dormência na nuca, as pernas vacilaram.

_Jeni, estou aqui... _ ele me trouxe até o sofá, onde sentei.

_Se você disser mais uma palavra... _ Ruan apontou o dedo na cara da minha mãe. _... Eu juro que arrebento todos os dentes que você tem na boca! _ ameaçou. Eu nunca o vi com tanto ódio e descontrole. _... Eu já venho, meu amor, vou buscar uma água para você. _ disse-me, acariciando meu rosto.

Levantei lentamente os olhos. Ela me encarava de braços cruzados.

_Você engravidou de outro homem, abortou e...?

_É, vejo que ele lhe contou. Mas esse aí não era flor que se cheirasse. Ficava com umas e outras, era um imaturo mesmo...

_Você foi a garota que ele amou...?

_É, acho que ele amou. Tentou até se matar... _ disse aquilo com pouco caso.

_E o que você faz aqui...? _ eu falava bem devagar, quase com a voz arrastada.

_Eu quero saber o que ganho com a morte do seu padrasto.

_Toma, Jeni. _ Ruan agachou-se na minha frente e me ofereceu o copo.

Eu o olhei no fundo dos olhos e engoli em seco. Sentia a emoção vindo a tona como um vulcão que vai entrar em erupção. Duas grossas lágrimas caíram pesadas sobre minhas bochechas. Depois mais duas. Eu me diluía lentamente.

_Não faz isso, por favor... _ os olhos dele se encheram de lágrima também. _... Você está me cravando uma faca no peito. _ disse-me.

Com os olhos embaçados pela cortina de lágrima, olhei minha mãe mais ao fundo, com um ar quase feliz de superioridade.

Ela fora o grande amor de Ruan? Então, o fizera sofrer daquela maneira? Seu papel na "peça Daniel" era da garota sem coração, mais velha? E eu? Claro, eu era a menininha de quatro anos que vivia com meus avós.

Eles não precisavam dizer muita coisa porque as peças, sozinhas, se arrumavam em minha

cabeça e montavam cenários dolorosos de se ver.

_Então, Ruan, como faço para ganhar meus direitos? O Almeida deve ter deixado dinheiro para a família... _ ela perguntou, alheia ao que estava acontecendo entre Ruan e eu.

_O que faz? _ ele levantou-se e deixou o copo de água em cima da mesinha de centro. _ Não sei. Nem me interessa saber. Se você era casada no papel, procure a justiça. _ deu de ombros. _ Pode fazer o que quiser da sua vida, continue sendo essa vagabunda que sempre foi, é o melhor e único papel que sabe representar.

_Como tem coragem de dizer isso...?

_Eu falo o que eu quiser porque eu estou na minha casa e você não foi convidada. Ponha-se para fora agora! Não me apareça aqui nunca mais! _ Ruan abriu a porta e estendeu a mão para apontou para a saída.

_Não acredito que está...

_Sim! _ ele perdeu a paciência e a pegou pelo braço. _ Estou te expulsando!

Ela olhou para mim por um relance de segundos, depois, Ruan a empurrou para fora.

_... Você nunca lembrou que tinha uma filha! Não se preocupe, ela aprendeu a não precisar de você. _ bateu a porta com toda força e depois se recostou nela.

(Trilha Sonora, clique aqui agora!)

Ruan abaixou-se até ficar de cócoras e levou as mãos ao rosto. Esperei que me olhasse e não demorou para fazê-lo.

_Eu acho que precisamos conversar. _ levantou-se e veio sentar ao meu lado.

Simplesmente, eu não tinha força para dizer nada.

_Eu sabia que sua mãe tinha uma filha pequena que vivia com a avó, mas nunca a vi. Você tinha quatro anos, na época em que a conheci. Você era filha de um ex-namorado dela que sumiu. Mas era como se você nem existisse, porque a Elisa não falava de você para mim. Aconteceu aquilo tudo, que já sabe. Perdi contato totalmente com Elisa. Só que ela me procurou no ano passado, antes de te conhecer. Nós acabamos passando uma noite juntos. Coisa que me arrependo até hoje. Eu descobri, então, que Elisa estava morando com um dos sargentos que eu conhecia. Por uma loucura do destino ele morreu nos meus braços, pedindo que eu cuidasse de você. Ele andava meio perturbado por estar desconfiando de alguns amigos, ele sabia que a mulher não era flor que se cheirasse...

Ruan, finalmente, estava abrindo o jogo como nunca;

_... Algumas vezes, me perguntei se aquele tiro não foi acidental. Sei lá... Se sua mãe ficou com mais alguém e seu padrasto arrumou confusão. O fato é que, seja lá por que, aquele tiro foi disparado e mudou totalmente a minha vida. _ Ruan tinha os olhos cheios de lágrima. _... Jeni, ele morreu me pedindo para cuidar de você.

Lembrei da primeira vez que vi Ruan, na janelinha da porta de casa. Depois, seus braços fortes me pegando no colo para me levar ao hospital. Eu chegando molhada em sua porta e pedindo para me proteger...

_Jeni, não é verdade o que ela disse. Eu não procurei sua mãe em você! Eu me apaixonei de verdade por **vo-cê!** Eu tinha tanto medo de te perder que preferi esconder toda essa dor. Eu sei que você passou muitas tempestades mentais, mas eu escondi as minhas por amor a você. Agora, está dentro do meu coração. Eu não posso evitar o que sinto. Esse sentimento cresceu muito nesse um ano em que estamos juntos. Você é tudo que eu sempre quis e que não encontrei na sua mãe. Me dá uma chance que eu posso fazer dar certo com nós dois. Eu vou tentar ser uma pessoa especial e te dar tudo de mim. Eu...

Levantei-me e ele me seguiu com os olhos.

_Onde vai? _ Ruan correu e se pôs na minha frente.

_Não diz mais nada... _ falei baixinho com a voz embargada.

Caminei até a cozinha e peguei minha bolsa.

_Jeni, não, não, não pode me abandonar, não pode sair assim, não... _ ele ficou transtornado.

_... _ estendi as mãos no ar e fiz um sinal para que parasse. Eu não conseguia dizer nada, estava entalada. _ Eu só... _ engoli em seco. _... Só preciso respirar.

Caminei para o portão e ele ficou para trás.

Liguei para Priscila.

_Está em casa?

_Jeni? O que está acontecendo? Você está chorando?

_Eu... _ comecei a soluçar, sem voz.

_Não diz nada, vem para cá!

Quando toquei a campainha, ela abriu a porta e me abraçou.

Autora: Li

07/10/07

Cap 39: Conselho de amigo (Ruan)

Virei a garrafa e bebi pelo gargalo o líquido quente. Senti a ardência com ligeiro prazer sofrido. Eu precisava esquecer o que acabara de acontecer, senão, terminaria cometendo uma besteira. O perigo de ter consciência sobre a própria força é que aumenta a chance de nos virarmos contra nós mesmos. Eu sabia onde estava o revólver, onde estavam os remédios, mas também sabia que eu queria ser feliz com Jeni. Minha cabeça começava a oscilar entre o querer futuro e o arrependimento passado e isso era nocivo demais.

O telefone tocou, estiquei o braço e o peguei. Atendi. Era Fonseca convidando-me para comer a macarronada que sua esposa estava fazendo. Sorri para não chorar, em um sentimento de desamparo. Que bom que se lembrara de mim. Eu queria poder dizer-lhe que em questão de minutos estaríamos lá.

_Não estou com espírito para confraternizações. _ confessei.

Brigou com a Jeni mais uma vez? ele suspeitou.

_Pior... A casa caiu. _ revelei.

_Como assim?

_A mãe dela apareceu aqui. _ disse-lhe.

_A mãe?!

_Ela mesma. Elisa! Eu não sei o que aquela mulher ainda quer ganhar atrapalhando minha vida. Ela parece tesourinha de unhas: você nunca sabe onde está e, quando menos precisa, dá de cara com ela!

_Mas sabia que isso poderia acontecer. Eu te avisei. _ lembrou-me.

_Era um risco que eu corria. Só que eu não queria bagunçar a cabeça de Jeni. _justifiquei-me.

_E ela?

_Saiu, disse que “precisava respirar”.

_Deve ter sido horrível para ela, Ruan. O que ela disse disso tudo?

_Nada!

_Como nada? Saber que você amou a mãe dela deve ter caído em sua cabeça como uma bomba!

_Eu não duvido disso. Acredite! Ela não falou nada. Ficou muda.

_As mulheres deviam ser proibidas de terem essas mudanças de humor. Ou são violentas ou são calmas. Mas não deviam alternar. Nesse caso, ficamos ainda mais confusos.

_Ela sempre agiu agressivamente, sem medo de me machucar. Você lembra de tudo que te contei das nossas brigas anteriores. Não entendo como pôde fugir do seu padrão de comportamento normal.

_Talvez ainda esteja em choque e só depois vá explodir com você.

_Isso tinha que acontecer agora? A alguns dias do casamento? Os presentes estão chegando, já compramos tudo para a festa. O que faço? Um churrascão para comemorar a minha colossal burrada de ter me apaixonado pela filha da minha ex?

_Cara, você não podia ir a um bar, conhecer uma garota normal, ter um namoro normal, um noivado normal e um casamento também normal? Parece que os problemas correm para você atraídos por um estranho magnetismo.

_Eu também queria ter a resposta para isso. Os anjos lá em cima só podem estar jogando pôquer com as cartas da minha vida.

_Acho que agora só te resta abrir o jogo de uma vez. _ aconselhou.

_Eu fiz isso! Mostrei para ela toda a teia de ligações que nos unia.

_E ela só ficou ouvindo?

_Isso!

_Cara, ela deve estar muito chateada **mesmo!**

_Eu sei e não tiro sua razão. Nem eu, no lugar dela, iria querer me perdoar. E o pior é que seu silêncio foi torturante. Se eu ao menos sentisse que estava descontando em mim o que eu merecia... mas não, não fez nada!

_Pode pensar que isso é um bom sinal. _cogitou.

_A teoria vai ter que ser boa! _disse-lhe e bebi mais um gole da garrafa.

_Ela gosta muito de você, Ruan, e agora tem consciência disso. Saber do seu passado foi uma decepção que trouxe dor e, não, raiva. Por isso, acho que talvez você ainda tenha chance...

_Tomara, porque realmente ela pareceu mais decepcionada. Só que foi tão horrível... Senti um pânico quando a vi chorar.

_Calma, toda essa tempestade vai passar. Não acredito que o destino tenha unido vocês dois para separar agora assim. Você mesmo me falou que ela era muito diferente da mãe.

_Totalmente! A Jeni é um doce, carinhosa, amiga, honesta. Não sei como pôde ter uma mãe como aquela.

_Sabe para onde ela foi?

_Provavelmente para a casa de uma amiga. _respondi.

_Liga para ela e vai buscá-la. Aprenda, dessa vez, a lutar pela sua felicidade!

Eu sabia o que Fonseca estava querendo dizer. Quando eu tentara me suicidar com remédios ele já era meu amigo.

_Vou fazer isso! Eu não vou deixá-la escapar. _ senti-me contaminado por seu ânimo.

_Qualquer coisa que precise, me ligue.

_Tá.

Desliguei e fui procurar o telefone da casa de Priscila. Algo me dizia que Jeniffer teria ido para lá.

Autora: Li

08/10/07

Cap 40: A caixa (Jeni)

Priscila continuava com aquela cara de espanto quase engraçada: boca aberta, olhos esbugalhados e mãos agitadas no ar.

_E você me diz tudo isso com essa voz tranqüila?

_Não é tranqüila. _ consertei, franzido a testa. _ Eu só não sei o que dizer...

_Xingar, gritar, explodir...

_Pode ser... _ sorri e abaixei a cabeça tristemente.

_Jeni, não tenho como negar, você é outra, esse homem te transformou.

_Isso é ruim?

_Não. É diferente. Eu pareço estar falando com uma Jeni que amadureceu cinco anos em um.

_Que exagero!

_Não é exagero. Morar com o Ruan e viver uma vida de casal de verdade te fez trocar muitas atitudes por posições mais maduras.

_O fato é que eu estou triste, triste por ele não ter me contado. Eu pensei que ele confiava em mim. Só que eu amo o Ruan e não quero que minhas palavras o machuquem. Não sei se isso é o que chama de maturidade, só não consigo fazer mal a ele, algo em mim trava.

_ Isso é bom! Muito bom! Significa que vão ficar bem, vão se arranjar...

_ Hei! Não é assim! Eu vou dormir com um homem que... _ não consegui pronunciar aquilo. _ ... Foi para cama com a minha mãe!

_ Não é exatamente um problema que “se vê nas melhores famílias”, é muito raro mesmo. Mas acho que pode enxergar de outra maneira. O Ruan que sua mãe conheceu é como ela falou: galinha, irresponsável, desligado de tudo. O seu Ruan é isso?

_ Não. Ele se preocupa comigo como se eu fosse um vaso chinês avaliado em milhões que tem como uma relíquia. Agora, eu páro para dimensionar o que ele fez por mim e sei que ninguém faria. Eu estaria no olho da rua, abandonada!

_ E sua mãe, me desculpe dizer, estaria se lixando para isso. Mas como você estava bem, ela resolver atrapalhar!

_ Foi ruim revê-la. Não senti carinho ou qualquer afeto...

_ Mas não duvido que ela tenha sentido inveja de você. _ disse-me. _ Agora fico aqui imaginando o quanto Ruan deve ter ficado confuso com os próprios sentimentos. Ele se apaixonou pela filha da ex!

_ É o que sinto agora! Se ele teve um ano para lidar com essa situação, agora é na minha cabeça que tudo desaba.

_ Você não pensa em adiar o casamento, pensa?

Olhei-a em silêncio.

_ Jeni!

_ É que agora é complexo... Tem uma coisa que ninguém sabe.

_ O quê?

Meu celular começou a tocar. Atendi.

_ Amor, telefonei para casa da Priscila e a mãe dela me disse que está aí. Vamos para casa? Estou aqui fora, vim te buscar.

_ Hum... _ cocei a testa e pensei no que responder. Não podia negar que me senti ainda mais amada pelo seu gesto de se preocupar comigo. _ Tá.

_ Quem é? É ele? _ Priscila perguntou quando me levantei.

_ É. Ele está lá fora, veio atrás de mim. Tenho que ir, melhor enfrentar isso.

_ Tudo bem, também acho! Mas... E o que ia dizer?

_ Depois falo com calma. _ abri a porta.

Ví Ruan na porta da sala recebendo os cumprimentos efusivos da mãe de Pri, que já se ofereceu para servir um cafezinho.

_ Não se preocupe... _ Priscila falou baixinho no meu ouvido. _ É que não é todo dia que o Capitão bate à porta.

_ Ah... _ sorri. Essa coisa de patente não existia na minha cabeça.

_ Ai está a moça! _ a mulher pegou no meu braço e fez carinho na minha cabeça. Abracei-a em

despedida. Eu era sempre muito bem tratada naquela casa.

Ruan olhou-me e sorriu. Caminhei até a porta e passei por ele sem que me tocasse. Abri a porta do carro e sentei, olhando diretamente para frente.

_Está tudo bem? _ ele perguntou-me já ao meu lado.

_Você bebeu. _ disse-lhe sem rodeios.

_Como sabe? O que eu consigo esconder de você? _ sorriu.

Virei-me para olhá-lo:

_Quer mesmo que eu responda?

Ruan ligou o carro e disparou para casa.

Entrei a passos firmes, joguei a bolsa em cima da minha cama de solteiro e tirei os sapatos.

_Você não vai dormir aqui? _ ele perguntou quando entrei em seu quarto para buscar meu travesseiro.

_Não, acho que ainda não estou preparada para isso. Me assombra o pensamento de que você e minha mãe... _ suspirei e levei a mão à testa. _ Esquece!

_Jeni!

Fechei a porta do quarto e caminhei para o meu. Sentei em minha cama e fiquei absorvendo a nova realidade. O pior é que eu não podia simplesmente partir. Não depois de... Quando ele soubesse...

Levantei-me e peguei a caixa na gaveta do meu armário. Acariciei-a. Será que ainda valia a pena mostrar-lhe? Era vermelha, de camurça. Passei o dedão sobre a superfície aveludada. Aquilo mudava tudo. Apoiei meus cotovelos no joelho e com as mãos encostei a caixa na testa.

_E agora?

Autora: Li

Cap 41: Ou para sempre ou nunca mais (Ruan)

Levantei-me da cama. Meu sono não tinha me descansado em nada. Sentei-me e senti o chão frio sob a sola dos meus pés descalços. Passei a mão no meu cabelo raspado à máquina zero e enchi os pulmões do ar úmido da manhã. Caminhei até o banheiro e joguei água no rosto com a ajuda das duas mãos. Podia sentir dali o cheiro do café de Jeni, enquanto escovava meus dentes.

_Obrigado. _ disse-lhe, quando passou por mim na cozinha como quem quisesse fugir da minha presença. Ela não tinha obrigação de fazer meu café àquela hora da manhã e, por isso, eu lhe agradecia.

Ela voltou para o seu quarto. Não tinha mais aulas e podia dormir até tarde, estava de férias, apenas esperando o resultado do vestibular.

O trabalho era o mesmo de sempre, mas eu não estava tão empolgado quanto nos últimos meses. A minha situação estremecida com Jeni conseguia estragar o prazer de tudo. Quando voltei para casa, encontrei-a sentada no sofá, lendo um livro.

_Espere! _ pedi ao vê-la fazer menção a se levantar. _ Não podemos ficar fugindo um do outro.

Jeni encostou-se no móvel de porta-retratos e ficou olhando para o livro, deu leves batidinhas com a palma da mão contra a capa e depois alisou-a.

_Eu não agüento essa tortura. _ reclamei, mas sem levantar a voz.

Pus a minha pasta na mesa junto com as chaves do carro. Caminhei em sua direção até parar à sua frente, mas deixei uma distância limite para que não se sentisse pressionada. Eu podia ver minha imagem refletida no espelho atrás dela.

_Jeni... eu não posso mudar o que se passou entre mim e sua mãe. Como também não consigo negar o que sinto. Não tem idéia do que foi passar dias vendo no seu rosto os traços dela. Era um pesadelo porque eu comecei a gostar de você e, ao mesmo tempo, ficava pensando: "Será que estou procurando a Elisa nela?". Essa é a maior confusão mental que possa imaginar. Me revoltava quando eu via algum gesto seu que parecia com o dela. Eu queria esquecer o meu passado, mas o presente me trouxe justamente um pedaço desse passado em forma de outra pessoa.

_Desculpe se te fiz mal, mas garanto que se eu pudesse eu teria evitado tudo isso... _ ela falou com uma voz fria e polida.

_Se pudesse? Você acredita no que está ouvindo sair da sua boca? Você realmente queria ter evitado nosso encontro?

_ ... _Jeni não respondeu, nem me olhou se quer uma vez.

_Mas eu consegui colocar só você em primeiro plano e deixar para trás os meus fantasmas. Percebi que você é completamente diferente dela. Não posso negar, me apaixonei sim por uma garota mais nova e isso não é fácil para mim também. Mas, quando temos tantos benefícios, pagamos o preço da felicidade. Eu era feliz como nunca fui até nossa paz ser quebrada. Eu não quero viver como irmãos, não dá para ser seu amigo quando eu tenho vontade de dormir com você! Não dá mais para voltar, não dá! Será que você pode ao menos olhar para mim quando eu falo?

Jeni levantou seus olhos e me encarou.

A campainha tocou.

_Quem falta bater nessa porta? O Papa?! _ grunhi e caminhei irritado para abri-la.

_Oi, Ruan?! _ era o filho de oito anos do meu vizinho.

_Oi. _ respondi com um sorriso, pensando na idéia ridícula que tive alguns segundos atrás por temer quem me chamava à porta.

_O meu gato está na árvore do seu quintal.

_É?

_É! Ele subiu e agora não quer descer.

_Vamos ver o que podemos fazer para tirá-lo de lá? _ convidei-o para entrar. _ Sua mãe sabe que você está aqui? _ perguntei.

_Sabe, ela que me mandou vir.

_Ah! Tá... _ coloquei minha mão em seu ombro. _Jeni, eu vou fazer salvar um felino ali e já volto.

Ela agüentou para não sorrir, mas não deu, abriu um sorriso pequenininho, no canto da boca.

_Vou tirar primeiro a farda, você me espera na varanda? _ apontei para a porta da cozinha.

_Espero. _ ele aceitou e eu fui até o quarto vestir uma bermuda e uma camisa.

_Você gosta de cachorros? _ ouvi Jeni conversar com o menino enquanto eu me trocava.

_Onde está o seu gato? _ perguntei, chegando na varanda.

_Ali. _ ele apontou com o dedo.

_Hum... _ caminhei com ele até a árvore.

_Nossa! Como subiu ali?! _ perguntei.

_Ele tem garras. _ explicou-me, orgulhoso das capacidades de seu bichinho.

_É? E agora? Eu não tenho garras.

_Sobe, oras. _ disse-me, como se fosse fácil.

_Vou pegar uma escada.

Eu não era o Thundercat, precisava de uma ajudinha tecnológica. Trouxe a escada branca e abri-a para alcançar o galho.

_Como é o nome dele? _ perguntei.

_Juba.

_Por que esse nome?

_É que ele é muito peludo.

_Ele não vai me arranhar não, né? _ perguntei.

_Você tem medo de gato é? _ ele riu e zombou de mim.

_Claro... que não!

Subi no galho e estiquei o braço para alcançar o animal.

_Vem cá, vem... _ chamei-o, mesmo sabendo que minha linguagem felina não era das melhores.
_ Vem...

_Juba, vai com ele! _ o menino gritou.

Precisei chegar mais perto e o peso do meu corpo fez o galho abaixar. Com a diminuição da altura, o gato pulou e foi pego pelo seu dono.

_Valeu, Ruan! _ o menino agradeceu.

Senti que a instabilidade do galho não me permitia voltar.

_Jeni! _ gritei e ela veio em meu socorro. _ Coloca a escada aqui de baixo. _ pedi, mas era tarde, o galho se partiu e eu caí. _ Aiii...

_Juan! _ ela ofereceu-me a mão.

_Ai... Minhas costas... _ reclamei.

_Deixa eu ver... _ ela levantou minha camisa. _Nossa, você levou um corte feio.

_Ai, está queimando. _ senti dor.

_Agora que já pegou o seu gatinho, pode ir, né? _ Jeni falou para o menino, que correu de volta para sua casa.

_Ah! Obrigado, Ruan! _ ele gritou.

_Nada... _ falei baixinho, sabendo que ele não iria conseguir ouvir nem que eu gritasse.

_Vem comigo... _ Jeni puxou-me até o tanque. _ Tira a camisa. _ pediu.

Quando olhei o sangue no tecido, entendi por que ela incitara o menino a ir embora. Não queria assustá-lo. Mas Jeni, como sempre, não parecia nervosa.

_Vou lavar. Se inclina. _ pediu.

_Com água fria?!

_Nem parece milico. _ desdenhou e molhou as mãos para limpar o ferimento.

_Está tão feio assim?

_Foi superficial. Não vamos precisar chamar a ambulância.

_Muito engraçadinha. E nem mereço um só elogio por ter salvado um gatinho indefeso?!

_Manda uma carta para o IBAMA. _ ela usou a camisa para secar minhas costas. _ Senta ali em cima da mesa que eu vou pegar os curativos. _ ordenou.

_Obrigada, enfermeira mal-humorada.

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

Segui sua instrução e a esperei voltar. Jeni estava mais linda com a luz do dia resplandecendo frontalmente em seu rosto ou era a minha saudade de poder tocá-la que aguçava minha contemplação?

Ela fez seus procedimentos e depois parou ao meu lado para guardar tudo de volta na caixa.

Eu nunca podia imaginar que aquela garotinha de quem Elisa me falara assim que nos conhecemos seria meu futuro amor. Uma menina relegada a própria sorte, que primeiro caíra nas mãos da avó e depois de um padrasto, agora estava sob a minha proteção. Quando Elisa me disse que já tinha uma filha, eu pensei imediatamente que no futuro ela poderia acabar sendo minha também, pelo menos como filha de consideração. Se eu tivesse ficado com Elisa, meu sentimento hoje por Jeni seria outro. Mas quis a vida me separar de sua mãe, justamente, para eu me encontrar com ela como homem. E era assim que eu a desejava.

Segurei seu braço e a puxei para que ficasse à minha frente, entre as minhas pernas. Olhei-a nos olhos.

_ Ou é para sempre ou nunca mais. _ disse-lhe.

Jeni engoliu em seco e olhou para a minha boca e eu fiz o mesmo. Segurei seu rosto e, antes que ela pudesse fazer qualquer movimento de recusa, inclinei a cabeça para a direita, enchi os pulmões de ar e a beijei. Jeni pôs sua mão sobre a minha, que ainda segurava seu rosto, mas não fez força para soltá-la. Deixou-se puxar por minha outra mão em sua cintura. Era maravilhoso sentir o gosto dos seus lábios molhados e sensíveis entre os meus.

Ela afastou sua boca e encostou sua testa na minha. Soltou o ar dos pulmões com força e riu um riso nervoso, que me pareceu um alívio quase dolorido. Eu conseguira quebrar sua resistência. Jeni beijou a minha mão que tinha entre a sua e me olhou nos olhos.

_Ainda somos um só? _ perguntei-lhe.

Autora: Li

09/10/07

Cap 42: Surpresa (Jeni)

Quando minha boca soltou dos lábios de Ruan, eu senti borboletas no meu estômago. Um calafrio, taquicardia, falta de ar, felicidade abobalhada. Segurei sua mão e a beijei. Ele me olhou e perguntou se ainda éramos um só.

_Não... Me desculpe, mas não podemos ser um só...

_Por quê?

_Ruan, desculpe... _ afastei-me e entrei.

Fui direto até o quarto e abri a gaveta. Tomei a caixa para mim. Era uma caixa antiga, mas ainda em bom estado. Pequena, cerca de dez centímetros de cada lado. Vermelha, aveludada. Tirei da gaveta o envelope da mesma cor. Eu havia preparado aquilo um dia antes da visita inesperada de minha mãe. Não podia simplesmente deixar o rumo da minha vida mudar por causa dela. Abri o envelope e escrevi a mão no final do papel, voltei a guardá-lo. Olhei-me no espelho da penteadeira e sorri, muito nervosa.

Caminhei até o escritório, guiada pela luz que iluminava o recinto. Ruan devia estar lá, já enfurnado em trabalho.

_É... _ parei na sua frente.

Ele desviou a atenção do computador e olhou diretamente para minhas mãos.

_Eu tenho que te dar uma coisa.

_O que é isso? _ ele levantou-se e eu dei passos atrás.

Ruan parou onde estava. Ajeitei o cabelo atrás da orelha, sentindo-me muito mais nervosa que imaginava que ficaria.

_Primeiro, você lê a carta e só depois você pode abrir a caixa. _ expliquei-lhe e ele sorriu.

_Posso? _ pediu, vendo que eu a segurava contra o peito.

Ele esticou as mãos e eu ainda pensei por alguns segundos. Dei-lhe.

_Não esqueça, só depois de ler! _ reforcei e quis sair o mais rápido que pude, antes de ter uma crise de ansiedade, mas Ruan me segurou pelo braço em um ato reflexo.

_Aonde vai?

_Eu...

_Fica! _ pediu.

_Tudo bem... _ senti minhas mãos suadas, abaixei os olhos.

Ele abriu o envelope, intercalando entre cada gesto um olhar sobre mim para ver se captava alguma pista.

_ “Eu...

_ Não! Não lê alto! _ pedi, com muita vergonha. _ Tá, tá, tá... pode ler! _ mudei de idéia. Eu estava agindo tão ridiculamente, mas Ruan parecia com isso ainda mais curioso e intrigado.

_ “Eu... _ prosseguiu. _ ... sempre te vi. Estive ali ao seu lado durante toda a vida. Você pode não ter entendido o por quê dos caminhos, mas soube aprender a lição que cada um te trouxe. Eu nunca te abandonaria. Você pode até ter duvidado da minha força de mudar o seu destino. Vi que você desistiu, mas te dei uma segunda chance...” _ Ruan parou, senti que sua voz estava saindo com dificuldade. Ele riu, respirou fundo. _ “... e você soube aproveitá-la. Agora está aí, formado, ao lado da mulher que ama. Ah! Você por muito tempo achou que só aquele amor deveria ter dado certo. Mas não, foi apenas um ensaio. Alguém estava a sua espera. Agora, você é um homem maduro e eu orgulho da minha própria criação...”

Ruan olhou-me.

_ Isso é uma carta de Deus?

_ Continue! _ pedi.

[\(Trilha Sonora, clique aqui agora!\)](#)

_ “...Você um dia vai voltar para mim, mas antes vai ensinar o que aprendeu. Não é fácil, muitas vezes vai perder totalmente a cabeça. Use a sua inteligência, mas não esqueça o coração e a intuição. Serão muitos anos para considerar que conseguiu acabar sua tarefa. Eu disse, é um trabalho árduo. Mas não estará sozinho. Lembra do amor que eu te trouxe? É para isso, ela irá ajudá-lo.”

Ruan sorriu e eu sentia meu coração já na boca.

_ “...Porque vocês agora não são dois, são três”.

Ele olhou-me e eu desviei o meu olhar para caixa. Ele pegou-a e abriu.

Levei as palmas das mãos unidas à boca, na expectativa da sua reação.

Ele sorriu, mas não pareceu acreditar no que via. Enfiou os dois dedos no minúsculo sapatinho de bebê feito de lã que eu havia comprado e começou a chorar.

Eu corri, o abracei e enchi seu rosto de beijos.

_ Hei, não pode chorar! _ ri e beijei seus lábios.

_ Não acredito, não acredito... Você não me falou!

_ Eu ia te falar e te fazer uma surpresa, não quis contar para ninguém, queria que você fosse o primeiro, mas... aconteceu tudo aquilo.

_ Somos três?!

_ Sim! Três. _ ri. _ Eu me sinto tão bem, parece que estou nas nuvens, não sei explicar, é um sentimento maravilhoso.

_ Por isso que ficou tão “boazinha”? Esperei que fosse me matar por tudo que houve...!

_ Não! _ franzi a testa. _ Você agora é o pai do meu filho, viveremos isso com toda a intensidade que pede. Definitivamente o nosso passado morreu. E agora você está preparado para isso.

_ Eu nem sei o que dizer.. _ ele olhou para carta mais uma vez. Depois, deixou-a sobre a mesa com a caixa. _ ... Você é um sonho! _ beijou-me com vontade.

_Eu estou com medo! _ disse-lhe. _ É tudo muito novo.

_Não se preocupe, eu faço tudo por você!

_Mesmo? Sério? Até ter o parto no meu lugar?

_Bom, para isso foram feitas as mulheres, muito fortes, corajosas!

_Ah! _ ri alto e ele me envolveu com seus braços.

_Eu não agüento mais. _ puxou-me pela mão.

_Não, Ruan, não...

_Sim, Jeni, sim... _ ele abriu a porta do quarto e eu ainda me curvei, pedi, implorei. Mas eu quis. _
..Eu te quero! _ puxou-me a blusa e beijou-me até a barriga.

_Eu sinto cócegas! _ ri alto.

Ele caiu por cima de mim sobre o colchão.

_Não tem problema né?

_Não agora, é só um aglomerado de células!

_Hum... _ beijou-me e eu não resisti.

Era muito bom estar abraçadinha a Ruan sob os lençóis depois do amor satisfeito.

_Poxa, você nem esperou...

_E quem disse que vai ser assim na Lua de Mel? Vai ser trezentas vezes melhor!

_Jura?!

_Ñnh-hãh! _ ele balançou a cabeça e fez uma cara de travessura.

Ele apoiou a cabeça na mão e acariciou a minha barriga.

_Eu amo vocês dois.

_Eu também... _ sorri e coloquei minha mão sobre a sua.

Autora: Li

10/10/07

Cap 43: Teto de aço (Ruan)

Quando ouvi as primeiras notas da música meu coração deu um salto no peito. Parei de conversar com meu amigo e olhei para o lado.

Um coroinha abriu as portas da igreja e Jeni apareceu envolta em luz, brilhante, uma estrela. Eu soltei o ar pela boca entre aberta e depois sorri.

Todos os convidados se levantaram e o clima de contemplação aumentou na medida em que ela caminhava sobre o tapete vermelho, vindo em minha direção.

Senti as palmas das mãos suando e a farda estranhamente apertada, quente, sufocante. Era muita emoção para um só momento. Eu finalmente me casaria com a mulher que amava.

Era estranho ver como tudo estava acontecendo como eu planejava, mas em um tempo muito posterior ao esperado. Eu queria casar com a mãe de Jeni e quinze anos depois estava ali, olhando para sua belíssima filha vestida de branco. A vida é cheia de surpresas, desencontros, incoerências, mas não podia dizer que não fora boa comigo. Eu não ficaria para sempre infeliz como achei que seria após as descobertas sobre Elisa. Se ela teve alguma coisa boa que a salvasse, era Jeniffer.

Estendi minha mão com luva branca e peguei a sua delicadamente. Beije-a. Sorrimos e ficamos diante do altar, onde juramos amor eterno.

Enfim, éramos um só.

Meus amigos levantaram as espadas e fizeram um corredor de teto de aço para atravessarmos.

A festa fora para os convidados, pois para Jeni e eu só começou quando ficamos a sós. A verdadeira comemoração estava prestes para acontecer.

Ruan... Jeni parada no centro do quarto parecia-me a mesma antes de tê-la tocado. Mantinha aquele olhar de promessas sem fim, nunca apreendidas em um só beijo.

_Hum... _ segurei suas mãos enluvadas.

_Eu posso ter demorado a chegar, eu posso ter parecido não querer ficar, mas eu serei para sempre aquilo que você procurou. Sem saber, você me esperou chegar na sua vida.

_Eu te amo. _ passei o polegar nos seus lábios.

_Eu também te amo. _ ela retirou as luvas e as deixou caírem no chão. Suas mãos quentes seguravam meu rosto.

Respirei profundamente e puxei as minhas luvas também. Queria sentir sua pele com meu tato. Acaricieei seus braços e a beijei com a volúpia de uma espera existencial.

Autora: Li

Cap 44: Uma entrega para você (Jeni)

A gravidez é linda, você e o bebê formam juntos dois corpos em um. Começa a sondagem sobre o sexo do neném, a busca pelo nome ideal, a compra de todo o fantástico mundo do quarto do filho e... Bem, tem coisas que ninguém participa, você sofre na pele sozinha. No máximo podem sentir pena, nojo ou dar apoio.

Entro na primeira fase dos três meses e descubro aos poucos o que me faz mal. Por exemplo, o simples escovar dos dentes. O creme dental me dá náuseas horríveis, bem como perfumes, cheiro de temperos e de cigarro. Tenho que levantar da cama lentamente para não provocar enjôos. Ou seja, eu sou uma pessoa dentro do navio, tentando diminuir as ondas para evitar as náuseas.

Até o ritmo de alimentação mudou, tenho que mastigar bastante, não posso deitar depois de fazer as refeições porque as azias também começaram a me incomodar. O aumento do útero e o excesso de progesterona dificultam a atividade do meu estômago e isso provoca cólicas e prisão de ventre. O jeito foi tomar bastante chá de Senne, uma espécie de laxante natural.

Para ativar a circulação, eu comecei a fazer ioga e também hidroginástica. A médica me explicou que a baixa taxa de cálcio e vitamina B1 somadas a falta de exercícios podem provocar

câimbras. Por isso, eu já comecei a prevenir mais incômodos futuros.

Agora sou adepta dos óleos de amêndoa e uva. Fazer massagem no corpo todo para diminuir os inchaços e melhorar a circulação é um dos cuidados mais gostosos, pois eu posso contar com o meu marido para me ajudar. Tem alguns inconvenientes: suas mãos são ásperas por causa dos calos trazidos pelos exercícios de musculação e é muito pesada. Porém, só pelo fator psicológico já vale a pena. É muito relaxante e gostoso o contato da massagem.

Ruan tenta ajudar em tudo, mas sei que eu o irrita. Temos que parar muitas vezes de carro para que eu possa urinar. Apesar da quantidade de líquidos na bexiga ser o mesmo, quanto mais o bebê cresce, mais comprime os órgãos abaixo do ventre e por isso eu sinto que quero ir ao banheiro toda hora. Sem contar nas cenas escatológicas dos vômitos sem previsão. Desde que vomitei no meio de um jantar importante, deixei de lado estas reuniões. Acho que todas as pessoas perderam a fome e eu quis morrer. Minha sensibilidade aumentou muito e eu começo a chorar por tudo, a pensar no racionamento da água, na poluição do planeta, no degelo, na extinção dos Pandas... No futuro habitat do meu filho.

Eu comecei a fazer faculdade. Ah! Não falei! Sim, passei no vestibular. Desculpem, leitores, mas é que são tantas transformações que eu ainda estou no olho do rodado. Posso dizer que estou gostando muito, mas vou ter que trancar o próximo semestre. Quero tirar um tempo para ter meu filho com tranquilidade, sem estresse de provas e trabalhos.

As pessoas são legais, mas vivem uma realidade diferente. Eu não saio da faculdade e vou beber no bar, volto para casa e vou cuidar das coisas do meu marido e descansar. Enquanto algumas meninas estão à caça dos gatinhos calouros, eu já sou casada e tenho segurança nesse lado da minha vida pessoal. E, por falar nisso, posso garantir que foi a melhor coisa que fiz ao casar. Usar uma aliança no dedo é uma silenciosa desculpa social. Todos olham para o meu barrigão como se fosse “o erro que eu me descuidei”, mas logo o semblante muda quando vêm aquele amuleto dourado no dedo esquerdo. Eu me sinto um pouco constrangida, mas, se começam a me encarar demais, eu acaricio a barriga com a mão esquerda. Contar isso pode parecer tão ridículo... Tenho até vergonha de estar confessando essas coisas. Mas é uma barra pesada. Literalmente pesada, porque a pele não se agüenta e estica até formar aquelas horrorosas estrias. Enquanto eu tento conviver com isso, ao meu lado estão as colegas de turma falando de musculação, da dieta de pontos, da quantidade de calorias do refrigerante e do corpo esquelético da modelo tal. Como posso ser uma “elefante feliz” na terra das “girafas delgadas”?

Se eu ainda conseguisse controlar os meus desejos, mas eles parecem me dominar. Uma noite dessas, eu acordei o Ruan para me conseguir uma marmelada.

_Amor, marmelada? Tem goiabada na geladeira... _ ele resmungou, deitado de bruços.

_Não é a mesma coisa, não é porque está na lata e é da mesma marca que marmelada e goiabada têm o mesmo gosto, né, Ruan!

_Linda, são duas da manhã!

_Ruan, seu filho vai nascer com cara de marmelada!

Ele sentou na cama, respirou profundamente, passou as mãos na nuca e se levantou.

_Marmelada?

_É.

Ruan calçou o chinelo e abriu a porta.

_Onde você vai comprar?

_Eu vou pegar o carro e ir até algum supermercado 24 horas. Alguém deve ter inventado esse supermercado para as grávidas.

_Ai! Não fala assim!

_Desculpa, meu amor... _ ele inclinou-se e beijou minha testa.

_Eu não tenho culpa se estou com desejo!

_Tudo bem, linda. Eu vou encarar a missão do “Marmelo”.

_Tá.

Assim foram incontáveis vezes que eu dei missões esquisitas para Ruan. Mas nem sempre pude tê-lo ao meu lado. Em momentos cruciais ele estava viajando ou fazendo algum treinamento. Um deles foi na ultra sonografia para descobrir o sexo do bebê.

Liguei para ele chorando:

_Está muito ocupado?

_Não, a reunião não começou ainda.

_Era para te dizer que seu filho está muito bem.

_Filho?

_Sim, é um menino!

_Não acredito! Gilberto, é um menino! _ Ruan falou para alguém próximo a ele. _ Nossa, amor, queria estar com você.

_Tudo bem. Vamos ter todo o tempo do mundo.

Se, por um lado, havia muitos contratempos, por outro, eu podia usufruir da maravilhosa sensação de levar o filho do Ruan no meu ventre. Ser mãe um momento mágico na vida de uma mulher.

Ouvi a campainha tocar. Deixei o livro sobre o sofá e levantei-me para atender. Era um homem vestido de amarelo com uma caixa na mão.

_Para mim? _ perguntei.

Depois de assinar o papel, entrei e trouxe a caixa comigo. Sentei mais uma vez no sofá. Não havia remetente.

O que era? Quem enviara?

Autora: Li

16/10/07

Cap 45: Rastros do passado

Eu estava dirigindo para casa quando me veio a lembrança da noite de ontem com Jeni. Era estranho saber que o seu filho está dentro da sua mulher e que os dois fazem parte do mesmo corpo. Isso na hora H acaba me travando.

_Não, amor, está ótimo assim... _ ela pediu, com a respiração ofegante. _ Está quase lá...

_Não, consigo. _ confessei, já não agüentando aquela situação.

_Não pára! _ ela gritou.

_Eu não consigo. _ enterrei a cabeça no travesseiro.

_De lado, ok? _ ela virou-se, ensandecida com minha incapacidade de lidar com aquela relação.

_Aff... _ tentei mais uma vez.

_E de cachorrinho? E de...

_Jeni! _ parei e sentei.

_Não! _ ela gritou irada. _ Não! _ começou a chorar histérica.

_Calma, calma.

_Qual é o problema? É comigo? É porque estou gorda, andando feito uma... Pata?!

_É que eu estou... _ respirei profundamente. _ Sei lá, dá a sensação de que vou tocar no meu filho e... _ senti-me ridículo, falando aquilo.

_Você não vai tocar nele, ok? Não vai, garanto! _ puxou-me.

_Eu sinto que vou. Que vai jorrar tudo na testa dele e... _ era minha vez de explodir. _ Que patético eu sou!

Não, tudo bem, tudo bem... ela respirou profundamente e se cobriu.

Agora, dirigindo e lembrando da cena, eu me sentia ainda mais patético. Hoje eu tentaria outra vez fazer Jeni o máximo feliz e desejada. Não é que eu não gostasse dela, ou não sentisse vontade, mas eram coisas aqui na cabeça que atrapalhavam. Não sei descrever em palavras, ok, leitores?!

Abri a porta da sala e entrei. Jeni estava sentada no sofá com uma caixa no colo. Beije seus lábios e ela olhou-me com um daqueles olhares que eu conhecia e me fazia tremer.

_Que fotos são essas? _ peguei-as de suas mãos.

Meu coração descompassou no peito. Eram fotos minhas com a Virgínia. Lembro que eu pedira para ela apagar aquilo. Nunca deixe rastros, Ruan! Nunca deixe brechas, Ruan!

_Jeni, isso faz tempo, ok?

_Mas quem mandou conseguiu o que queria, estou com ciúme. Olhe isso! Vocês estão... _ Jeni levantou-se e correu para o banheiro com a mão na boca.

Olhei a caixa de Sedex ao meu lado. Nenhum remetente.

O que Virgínia iria ganhar enviando aquelas imagens? Não tinha lógica para isso.

_Jeni... _ abri a porta do banheiro. Ela estava lavando a boca. _ Está bem?

_Ainda com nojo daquelas posições que acabei de ver, mas bem.

_Jeni, ouça. É passado, ok? _ segurei-a pelos ombros. _ Eu te amo, eu sou seu marido, eu sou fiel a você e isso é real, isso é de verdade, isso é presente.

_Vou tentar focar nisso... _ ela passou por mim na porta e voltou para sala.

Eu tinha que tirar aquilo à limpo. Tomei um banho e saí.

Virgínia ia me ouvir! Minha vontade era agarrá-la pelo pescoço e me vingar daquela brincadeira de mau gosto. Ninguém iria me separar de Jeni, nem magoá-la.

Perguntei por ela no bar. O homem barbudo e gordo parou de passar o pano no balcão de alumínio e me olhou, como se não acreditasse que eu perguntava aquilo.

_Virgínia? Não soube? _ perguntou-me, chegando mais perto e tirando o palito de dente que mordida da boca.

_Não soube o quê? _ balancei a cabeça para os lados.

_Ela morreu. _ contou.

_Quê?! _ fiz uma careta de horror.

_Encontraram ela morta no apartamento.

Eu levantei as sobrancelhas. Uau! Morta?! Não pode ser! Caminhei até a porta e depois voltei.

_Que dia foi isso? _ perguntei.

_Cerca de uma semana.

_Obrigado.

Chegando em casa procurei a caixa do Sedex. Encontrei-a já no lixo. Eu tinha que conferir a data. Procurei o carimbo e lá estava: um dia atrás.

_Quem enviou isso? Quem achou essas fotos?!

Autora: Li

Cap 46: Paranóia (Jeni)

_Onde você foi? _ perguntei a Ruan, vendo-o de costas com a caixa do Sedex na mão.

... _ ele não me respondeu. Virou-se para mim e olhou para o chão, pensativo.

_O que está acontecendo, Ruan? Por que essas fotos foram enviadas para cá e em meu nome?

_Alguém quer me atingir. _ ele falou.

_E com que objetivo? _ perguntei muito intrigada.

_Isso é o que eu vou ter que descobrir.

_Onde você estava? Liguei para você...

_Eu fui ao apartamento da Virgínia.

_O quê? Como pode me dizer com a cara mais lavada do mundo que foi ao apartamento daquela mulher, Ruan?! Não basta eu ter visto aquelas fotos nojentas de vocês dois? Você acha que eu mereço isso? Você acha que não é demais para uma grávida? Ruan, eu...

_Ela está morta.

... _ perdi a fala por alguns segundos. _ O que disse? _ perguntei baixinho.

_ Mataram a Virgínia.

_ Como sabe...?

_ Eu fui até o apartamento dela para perguntar que palhaçada era essa de mandar fotos para você, estava irado e... o dono do bar me contou que a mataram.

_ Meu Deus. _ sentei-me à mesa da cozinha e levei a mão à testa.

_ Isso significa que não foi a Virgínia que mandou essas fotos. _ disse-me.

_ Como não?

_ Ela morreu faz uma semana e essa caixa foi enviada recentemente. _ ele mostrou-me o carimbo com a data.

_ Quem teve acesso às fotos? _ perguntei.

_ Alguém que entrou no apartamento dela.

_ Tá, a pessoa pode ter entrado no apartamento dela e tentando matá-la, mas por outros motivos ou...

_ ... _ Ruan olhou-me e não completou.

_ A pessoa foi lá procurando as fotos, Ruan?

_ Não posso ter certeza, mas não é estranho essas fotos serem de Virgínia e ela morrer recentemente?

_ Por que alguém iria querer te prejudicar? _ perguntei.

_ À mim ou a você? _ ele rebateu.

Senti um arrepio.

_ Ruan, não fala assim que eu estou começando a ficar com medo.

_ Calma, são suposições. _ disse-me. _ Eu só não entendi por que a pessoa enviou para você!

_ Para eu ficar com ciúme.

_ Pode ser... _ considerou. _ Ninguém faz nada à toa. O que a pessoa ganharia com isso?

_ Eu vou saber?! _ irritei-me. _ Vamos até a polícia!

_ Para mostrar essas fotos e dizer: "Achei estranho receber essas fotos com uma ex"?

_ Obrigada por me lembrar disso...

_ Jeni, desculpe, desculpe. Já disse, é passado. E agora o que importa é te manter em segurança.

_ Como assim "me manter em segurança"? São só fotos, não são?

_ Virgínia está morta... _ lembrou-me.

_ Ruan, pára, pára, eu não quero entrar em paranóia. Eu vou acabar perdendo o seu filho! _ gritei, nervosa, já chorando. _ Eu não posso ficar com a pressão alta...

_ Jeni, você está comigo, ok? Está tudo bem! _ ele abraçou-me e beijou o topo da minha cabeça. _ Eu não vou deixar que nada te aconteça!

O telefone celular de Ruan começou a tocar. Ele esticou a mão e enfiou no bolso. Abriu o aparelho.

_Não pode ser... _ ele riu, nervoso. _ É o telefone da Virgínia.

_Quê? Você não apagou naquele dia, como sabe que é ela?

_Eu o tenho de cor... _ confessou.

_Ela não está morta?! _ franzi a testa. _ Atende!

Ruan apertou o botão verde e colocou o telefone no ouvido.

_Alô?

Autora: Li

17/10/07

Cap 47: Fora de controle (Ruan)

Na vida temos que tomar decisões. E decisões mudam todo o seu destino. O mais difícil é escolher o melhor caminho em uma fração de segundos, de dias. Uma história pode se alterar com apenas um gesto, uma palavra. Ou o não-gesto e a não-palavra. A própria ausência de qualquer atitude inverte a sucessão das coisas.

Eu precisava saber o que estava acontecendo para me preparar. Não queria que ninguém chegasse perto de Jeni. Pois eu estava disposto a perder tudo, até a minha própria vida, mas não a da mulher que amo.

A resposta para todas as dúvidas começou a chegar no telefonema que recebi. Virgínia estava morta, mas alguém tinha seu aparelho e encontrara meu número.

_Alô?

_Alô, Ruan. _ uma voz masculina falou do outro lado.

_Quem é?

_Quem é não importa muito, mas o que eu quero.

_E o que você quer? _ perguntei.

_Eu quero saber se está disposto a enterrar o álbum de figurinhas que lhe enviamos pelo correio.
_ ele riu do outro lado.

Instantaneamente, eu pensei que poderia ser alguém mais próximo a mim, mas depois abandonei a idéia, ainda estava cismado com a ligação de Virgínia naquele novelo de suposições.

_Por que isso? _ perguntei.

_Você sabe que o seu sogro deixou uma dívida não é...?

_Meu sogro? Que sogro?

_Ruan, não se faça de desentendido. Você é bem espertinho.

_E o que eu tenho a ver com isso?

_Bom, sabe como é, depois da morte as coisas boas se passam pela herança e as dívidas, também.

_Por que as fotos?

_É só uma garantia. Afinal, sua reputação deve valer quase o preço que precisa pagar para estarmos quites.

_E se eu não quiser pagar?

_Bom, acho que isso aqui fará um bom estrago espalhado por aí.

_Eu não vou aceitar ameaças!

_Mas não precisa ficar nervoso. Basta entrarmos em um acordo.

_Soube que a Virgínia está morta. A vida dela foi o preço dessas fotos? Mataram ela para conseguir coisas sobre mim?

_Ah! Eu não costumo revelar o meu *Know-How*. Ela deu muito trabalho. O que não vai ser o seu caso, vai?

_Eu não estou nem aí para o que vá fazer com as fotos!

_Como quiser, senhor Ruan. _ desligou.

Franzi a testa e olhei para o aparelho em minha mão.

_Quem era, Ruan? _ Jeni perguntou.

_Eram os agiotas, eles querem o dinheiro que seu padrasto devia. Tem noção de quanto era?

_Não sei, talvez muito...

_Está tudo ok, Jeni. _ abracei-a. _ Eu vou à polícia, vou contar tudo que aconteceu, tudo bem?

_E eu? Estou com medo.

_Eu vou pedir para alguma vizinha te acompanhar na aula de hidroginástica. Você vai relaxar, esquecer tudo que está acontecendo e...

_Ruan! A única criança aqui é a que está na minha barriga. Eu não vou conseguir esquecer!

... _ suspirei. _ Ouça. Eu quero acreditar com todas as minhas forças que nunca vai precisar disso... _ abri o armário da cozinha.

_O que está procurando, Ruan?!

_Preste atenção no que eu vou te falar. _ peguei a arma que guardava na caixa com cadeado numerado.

_Eu não vou usar isto.

_Não! Você não vai, ok? Mas precisa saber.

_Ruan...

_Está tudo bem. _ beijei-a nos lábios. _ Você a segura assim... _ expliquei-lhe rapidamente os

procedimentos que deveria tomar. _ Mesmo sabendo de tudo isso, só a use em último caso! Quando sua vida estiver de fato em um risco de quase 100%. Se alguém se aproximar de você, não reaja! Não reaja!

_Tudo bem... _ ela engoliu em seco.

_Não olhe nos olhos para que eles não se sintam amedrontados. Fique calada, só responda o que perguntarem. Tente conter-se o máximo que puder. Controle! Controle! Respire essa palavra.

_Certo.

_Se eles usarem algum tipo de ligação e te colocarem na linha, você terá alguns segundos apenas para me passar dados importantes. Use códigos, coisas que só eu vou entender.

_Do jeito que está falando, está prevendo tudo...!

_Não, é só parte dos treinamentos. Eu só estou tentando te passar o mais vital.

_Eu só quero ficar bem, em paz, não quero treinar nada.

_Tudo bem. _ abracei-a com carinho.

Eu precisava acionar a polícia. Pedi que Jeni ficasse em casa com uma vizinha. Mas os dias se passaram e não tivemos mais retorno de nada. Ela precisava voltar à sua rotina e eu sabia que não estava acabado, que algo estava prestes a acontecer.

Foi quando o meu telefone tocou no meio do almoço e eu reconheci aquele número.

_Alô?

_Ruan?

_Quem é?

_Reconhece essa voz? _ a voz masculina foi substituída pela de Jeni. _ Ruan...

_Não...

_Já que as fotos não foram uma garantia segura, agora temos a garantia viva.

Desligou.

Eu senti a ira subir por todo o meu corpo. Bati com os punhos fechados na mesa:

_Arrrrraaaaahhhh _ grunhi.

Autora: Li

18/10/07

Cap 48: Códigos (Jeni)

_Você é uma boa garota! _ ouvi a voz masculina na direção do meu nariz, podia sentir seu hálito quente. Mas não conseguia vê-lo por causa do capus preto que colocaram na minha cabeça. _ Não se preocupe que nada irá te acontecer e a Zilma vai cuidar de você. _ disse-me.

Senti muito calor e depois uma ventilação, deveria haver alguma entrada de ar à minha esquerda. Depois, ouvi o barulho da porta batendo. O vento sumiu e agora estava tudo em silêncio. Meu coração começou a acelerar conforme eu ouvia o arrastar de um chinelo se aproximando de mim. Encolhi minhas pernas para debaixo da cadeira.

_Está grávida de quantos meses? _ perguntou a voz feminina, parecia jovem.

Não respondi. Fiquei quieta, com o corpo muito tenso. Pensei no meu filho. Ele era parte de mim e estava sentindo tudo. Isso era muito ruim. Lembrei do que Ruan me aconselhara. Era preciso buscar o alto-controle. Respirei fundo e soltei devagar o ar dos meus pulmões.

_Meu filho... _ pensei na minha voz interior e comecei a conversar com meu bebê. _ ...está tudo bem. Não precisa ficar com medo. A mamãe está aqui contigo. Seu pai virá nos buscar. Ninguém fará mal nenhum a você. Está gostoso aí dentro? Quentinho e protegido? Então, quero que durma e descanse.

Senti uma mão na minha nuca e assustei-me.

_Calma, garota. _ ouvi um riso. _ Acho que pode respirar melhor assim. _ ela tirou o meu capus e a luz irritou os meus olhos já vendados por umas quatro horas.

Era um pequeno quarto de paredes de tijolos. Uma janela de madeira azul e o teto de telhas de zinco. Uma lâmpada estava pendurada por um fio e algumas mariposas rondavam ao seu redor. Os únicos móveis dali eram um fogão de quatro bocas com a porta preta, uma pia de alumínio e um sofá velho marrom de três lugares, já saindo o estofado pelo tecido puído. Além disso, só a minha cadeira onde eu estava sentada.

Na minha frente, uma mulher de cabelos desgrenhados fumava cigarro e fazia crochê. Como ela podia ter a paciência e tranquilidade de enlaçar aquela fina linha ao redor da agulha para fazer uma toalha de mesa? Ao seu lado, dois revólveres. Era quase uma ironia a cena. O pano já grande sobre suas pernas me fez me perguntar se antes de mim houvera outra pessoa ali naquela cadeira vendo-a dar os primeiros pontos.

A mulher usava uma blusa que lhe deixava a barriga cheia de estrias aparecendo por cima da bermuda jeans apertada.

_Eu preciso fazer xixi. _ falei-lhe.

_Tem um banheiro ali. _ Apontou para uma porta à minha direita. _ Não ouse qualquer coisa, porque senão eu te mostro o como sei usar esses brinquedinhos aqui!

Ela suspirou, deixou o pano no sofá e veio até a minha direção. Desamarrou as minhas mãos e voltou ao seu lugar.

_E os meus pés? _ perguntei.

_Você consegue.

Eu pensei em pular, mas poderia me desequilibrar e cair. Movi meus pés centímetro por centímetro à frente e levei quase cinco minutos para chegar até a porta. Senti as lágrimas virem aos olhos. Era uma pressão psicológica maior do que eu podia suportar.

_Deus, me tire viva dessa. Salve a mim e ao bebê. _ sequei o rosto com as costas das mãos.

Antes de voltar, eu reparei que no banheiro havia um pequeno basculante. Olhei pela fresta da porta e reparei que a mulher estava entretida em seu bordado. Aproximei-me mais e fiquei na ponta do pé. Tudo que pude ver foi... Nossa! É o Cristo, o Cristo Redentor! E eu estou em um lugar alto. O cheiro de maresia era forte.

_Cadê você?! _ ouvi a voz dela se aproximando.

A mulher abriu a porta e deu de cara comigo. Olhou-me de cima abaixo.

_Volte para o seu lugar. O patrão não vai gostar de saber que está solta.

Amarrou minhas mãos novamente.

_Eu estou com muitas câimbras. _ reclamei. _ Meus pés estão inchando. Eu poderia deitar no sofá?

Ela olhou-me longamente. Respirou fundo de novo.

_Tudo bem. Vem... _ fez um sinal com a mão.

Deitei-me no sofá. Fechei os olhos e pensei em Ruan. No seu sorriso lindo. Seu corpo musculoso que formava lindas entradas na cintura. Ele parado na porta do banheiro, com a cabeça encostada, observando-me tomar banho. Depois, beijando minha barriga ainda molhada e conversando com nosso filho.

As lágrimas escorreram pelos meus olhos. Ele viria me buscar. Eu sabia que podia confiar nele. Toquei com os dedos de uma mão a aliança na outra.

Os bandidos chegaram e pude vê-los agora que eu estava sem capus. Rapidamente desviei o olhar. Não era para encará-los, conforme Ruan me instruíra.

Eram os mesmo homens que arrombaram a porta da minha casa. Eles verificaram se eu estava bem presa e um deles fez uma ligação no celular. Ouvi a voz de Ruan pelo viva-voz.

Meu coração veio na boca. Aquele som era tudo que eu precisava.

_A dívida é de quanto? _ Ruan perguntou.

_50 mil. _ o homem tatuado e sem camisa aproximou o celular da boca.

_Certo. Mas eu vou precisar de alguns dias para conseguir o dinheiro.

_Quanto mais tempo demorar, mais tempo a gente fica com sua garota.

_Esse é um acordo, certo? Então, eu quero garantias também. Ponha ela na linha.

_Você não me deu nada! Por que eu tenho que te dar garantias?

_Você quer o dinheiro que está comigo, certo? Mas eu só posso dar se souber que o que importa para mim, e está com você, está bem.

O homem olhou-me por uns segundos.

_Ok.

Ele levantou-se e veio na minha direção. Aproximou o celular da minha boca.

_Ruan, confia em Cristo. Do mais alto dos céus ele vai abrir o mar como fez com Moisés! Eu te...

Antes que pudesse dizer "...amo", o homem voltou-se para a cadeira:

Tocante vocês dois! Emocionado agora?! desligou na cara de Ruan.

Fechei os olhos e mentalizei com toda força para que Ruan tivesse ouvido minha mensagem claramente.

Autora: Li

19/10/07

Cap 49: Eu quero você de volta (Ruan)

Quando ouvi a voz de Jeni no telefone, meu coração doeu no peito. Eu não conseguia manter a frieza, nem a imparcialidade.

_ Ruan, confia em Cristo. Do mais alto dos céus ele vai abrir o mar como fez com Moisés! Eu te..."

Desligou.

Os policiais que estavam ouvindo tudo pelo viva-voz ficaram em silêncio por alguns segundos. Eu levei as mãos à cabeça e por fim sentei no sofá de casa.

_ Eu vou arrumar o dinheiro. Eu quero a minha mulher e o meu filho de volta... _ disse-lhes.

_ Ela é muito cristã? A minha também é... _ o investigador cruzou os braços.

_ Não muito... _ disse-lhe e, de repente, me ocorreu que aquela frase de Jeni não era realmente típica. _ ... Peraí! Ela está mandando uma dica de onde está!

_ Quê? _ Os dois homens me olharam com uma careta de incredulidade.

_ O que ela disse mesmo? Do mais alto céus, Cristo alguma coisa... Abrir o mar... _ tentei me lembrar e senti que o nervosismo não estava deixando.

_ Espere um pouco. _ o investigador levantou a mão em minha direção e fez um gesto para interromper minha euforia. _ Está me dizendo que sua mulher fala em códigos com você?!

_ É. Eu ensinei a ela.

_ Você ensinou a ela? _ ele repetiu.

Eu não perdi tempo, peguei o bloco de anotações ao lado do telefone e escrevi a frase.

_ Quais são as variantes para Jesus? _ perguntei.

_ Bom... _ o policial realmente não estava dando crédito àquilo, mas não descartou a possibilidade. _ ... Jesus, filho de Deus, Senhor... Sei lá.

_ Pois bem, Cristo pode ser Cristo Redentor. Mais alto dos céus... ela está em um lugar alto e o Cristo fica de frente para Baía de Guanabara! Por isso o mar!

_ Mesmo assim ainda é vasto.

_ Nós tínhamos o Rio de Janeiro inteiro, agora temos uma área menor! _ eu tentei pensar positivo.

_ Sim, irá ajudar! Mas temos que investigar mais sobre eles.

_ Acho que a mãe de Jeni pode saber. _ informei-lhes e forneci o nome dela para que pudessem buscar onde estava.

Não acredito que traria justamente Elisa para perto de mim. Mas, sob essas condições, eu faria tudo. Até me unir à Elisa.

Eles a contataram e Elisa realmente foi uma peça-chave na união de dados que nos levassem aos homens. Mas aquela era uma dura e longa espera. Nada poderia dar errado. Qualquer erro custaria a vida de Jeni.

Duas semanas se passaram e eu estava com o psicológico em frangalhos. A campanha não parava de tocar. Os amigos vinham me visitar e trazer palavras de conforto a todo instante.

Abri a porta para atender mais uma vez.

_Oi.

Era Elisa de mãos nos bolsos, cabelos presos em um coque e um sorriso de constrangimento.

_Oi. _ continuei parado na porta.

_Como está? _ perguntou.

_Pensei que tivesse voltado para...

_Não, vou ficar na casa de uma conhecida aqui até tudo se resolver. Quem sabe vocês não precisam de mim...

_Nesse caso, obrigado.

_Posso entrar?

_... _ pensei um pouco. Dei passagem. _... Entre.

Minha mãe que estava na porta da cozinha olhou-me de cara feia, mas eu fingi que não vi.

Elisa sentou-se no sofá e eu me mantive de pé.

_Eu sei o que está sentindo. _ ela falou.

_Não, não sabe. O que eu sinto é muito maior. _ falei-lhe com rancor.

_As mães têm uma ligação forte.

_Só agora senti isso? _ perguntei-lhe.

_Eu vim aqui em paz.

_Ok.

_Como o mundo dá voltas... _ ela levantou-se e caminhou em minha direção devagar, olhando para os próprios pés, parou na minha frente e ergueu os olhos. Tocou no meu peito. _ ... Eu sem querer estou sempre de volta à sua vida.

_Não está. _ segurei a sua mão e a tirei de mim. _ ... Você está na zona periférica. Porque o centro da minha vida agora é a Jeniffer.

_O que encontrou nela, Ruan?

_O que encontrei é justamente o que está faltando agora. O que faz ficar esse grande buraco. _ senti as lágrimas virem aos olhos. _ É o que está tirando o sentido da minha vida. Eu não sei nomear objetivamente, mas posso provar o gosto amargo do que é não ter o que encontrei nela.

_ Bonito isso. Senti o mesmo por mim?

_ Senti a perda. Mas sobrevivi. Agora não sei se posso dizer o mesmo dessa vez, não sei se agüento perdê-la. Porque a Jeni é alguém por quem vale a pena viver!

_... _ ela abaixou os olhos.

_Eu não quero ser estúpido, mas... vai embora? _ pedi.

Ela engoliu em seco, virou as costas e fechou a porta atrás de si.

Minha mãe colocou a mão no meu ombro e eu sorri-lhe.

_ Está tudo bem. _ caminhei até o quarto de Jeniffer e fiquei parado à porta.

[Trilha sonora. \(clique aqui agora!\)](#)

O cheiro dela estava ali. Seu perfume impregnava o ar vindo das cortinas, da roupa de cama, quem sabe dos vestidos do guarda-roupa... ou era só o meu pensamento?

A gaveta entreaberta da escrivaninha chamou-me a atenção. Caminhei lentamente até ela e tentei fechar, mas não consegui. Abri-a para ver o que estava empacotando cerrá-la. Era um caderno de capa dura vermelha. Empurrei-o para dentro e depois fechei a gaveta.

Coloquei as mãos de volta no bolso da calça e caminhei para a saída. Parei. Cocei a nuca, virei-me e olhei a gaveta ainda mais uma vez. Retornei. Sentei-me diante da escrivaninha e reabri. Puxei o caderno.

_ “Ruan, esse é o terceiro volume. Você nem imagina quanto ainda tenho a escrever...”

Parei de ler e olhei-me no reflexo do espelho na parede. Terceiro? Para mim que ela escrevia? Puxei a gaveta para fora e encontrei mais dois cadernos. Sorri e depois comecei a rir e terminei com lágrimas nos olhos. Levantei-me, fui até sua cama. Tirei os chinelos e deitei. Senti o seu perfume no travesseiro. Fechei os olhos por uns segundos e depois voltei a folhear os cadernos. Deixei a luz do abajur ligada.

_ “Ruan, eu comecei a escrever aqui neste caderno para lhe dar de presente um dia. Não é exatamente um fluxo contínuo de idéias. São coisas soltas na minha cabeça. Tudo para que você lembre de mim...”

Aquilo era o maior tesouro que eu podia achar.

_ “Já reparou como os passarinhos nos vêem através do vidro fumê da janela? Como pode? Eu tento ficar paradinha como uma estátua, mesmo assim eles percebem o menor movimento e se assustam. Agora estou sentada no quarto vendo nosso jardim.”

Olhei a janela e a imaginei ali no quarto de costas para mim, sentada à cadeira escrevendo. O cabelo preto liso caindo sobre suas costas. Os pequenos pés descalços. As pernas cruzadas.

_ “Um dia eu já fui um passarinho medroso. Selvagem. Voava para longe quando você se aproximava. Mas você me prendia pelos olhos. Quando me olha, põe minhas forças por terra. Não posso resistir. Eu sinto agora a sensação do nosso primeiro beijo. Você me quis tão apaixonadamente que até hoje estou sob o feitiço daquela porção mágica do amor. Só que você está longe e eu aqui sozinha te escrevendo...”

Que ironia. Agora aquelas palavras se tornavam reais. Ela é que estava longe e eu ali em seu quarto lendo suas palavras.

_ “Mas eu sei quando você chega pelo barulho do coturno no chão, da chave titilando sobre o vidro da mesa. Eu fecho os olhos e espero que você venha me beijar a nuca e o pescoço”.

Senti meus olhos pesarem, havia dias que eu não dormia direito. Abracei-me ao seu caderno e ficou apenas aquela cena na minha mente. A pele lisa dos seus ombros e minha boca beijando-a. Eu a quero de volta para mim.

Li Mendi

20/10/07

Cap 50: Dois em um (Jeni)

_ Ai! Você não sabe fazer isso! _ ouvi o homem gritar com seu comparsa.

Eu apenas olhava de canto de olho quieta. Um deles chegara ferido com um corte na barriga e o outro fora comprar curativos. Acho que eles fizeram algum assalto que falhara, não entendi bem, pois cochichavam.

Eu posso ajudar. disse-lhes.

O que estava de costas para mim virou-se e me olhou. Acho que queria se certificar que era isso mesmo que tinha ouvido.

_É que eu entendo um pouco disso. Faço faculdade de enfermagem... _ expliquei-lhe.

Claro que estava ainda no primeiro semestre e aquilo não precisava de uma faculdade para se saber fazer, mas eu precisava de credibilidade entre eles.

_Então, levante-se. _ ele ordenou. _ Eu não quero ver nenhuma gracinha. _ apontou com o revólver para a direção do amigo escorado na mesa.

_Pode desamarrar as minhas mãos e meus pés? _ mostrei-lhe os pulsos.

_Anda logo que eu estou sangrando feito um porco! _ gritou o outro.

_Tudo bem. _ ele aceitou e liberou-me das cordas.

_É preciso limpar a região. Não tem álcool aqui, mas tem água... _ pensei alto e caminhei para a pia. Antes, fiz um sinal de que iria me deslocar. Eles estavam apreensivos demais com cada movimento que eu fazia. _ Vem aqui. _ pedi. _ Por favor!

Ele caminhou em minha direção e eu limpei o ferimento.

_Foi com algum objeto cortante? _ perguntei.

_Para que quer saber?

_Porque pode infeccionar. _ expliquei-lhe.

Voltamos para perto da mesa e eu abri o saco da farmácia onde estavam as gases e o esparadrapo. Deixei o saco aberto de modo que eu pudesse conferir o que procurava. Lá estava o número do telefone da farmácia estampado. Engoli em seco e limpei o ferimento. Decorei o prefixo repetindo a seqüência mentalmente.

_Eu tinha que levar uns pontos... _ opinou.

_Que isso, não é para tanto. _ ri, tentando ser o mais amigável possível. _ Agora deixa eu cortar o esparadrapo e colar aqui... _ falei baixinho e meus olhos se fixaram por alguns segundos no restante dos números.

_Agora volta para o seu lugar que eu não quero problemas com você, nem com esse teu filho aí. Quero acabar esse trabalho e pronto.

Ele me amarrou de novo e eu deitei. Meu plano era conseguir formar uma frase com palavras em que a quantidade de letras que significassem os números. Assim, Ruan teria noção de onde eu estava e localizaria o bairro. Mas nem tudo saíra como eu queria. Infelizmente, eles me surpreenderam. O ponto de encontro para pegar o dinheiro era em uma estrada deserta, fora da cidade, longe de tudo. Não adiantava eu passar-lhe aquele código porque, daqui a pouco, sairíamos dali. Tive tanto trabalho para nada!

Durante a ligação para Ruan, eles passaram todas as ordens e, por fim, chegou o momento de

passarem o telefone para mim.

_Ruan, te amo. Nós somos dois em um, não esquece, dois em um! _ disse-lhe e dei um pouco de ênfase no dois.

Droga! Era só aquilo que eu podia indicar! Pelo menos Ruan teria idéia de que eram dois.

_Não se meta a trazer companhia, nem a inventar qualquer gracinha ou nós damos um tiro na nuca da sua lindinha.

Eu engoli em seco. Não podia entrar em pânico. Eu precisava confiar no Ruan.

Li Mendi

Cap 51: Eu estarei com você! (Ruan)

Às vezes, o ambiente e as condições das intempéries podem acabar com seus planos. O terreno e o clima viram o seu inimigo e limitam suas forças. Em outras ocasiões, eles se tornam seus aliados. Eu só tinha a agradecer por estar em vantagem dessa vez.

Os agiotas escolheram uma estrada pouco movimentada para me entregarem Jeniffer e pegarem o dinheiro. Só havia o sol da tarde, o asfalto, as rochas e o matagal de ambos os lados. Só? Não! Em vários pontos, atiradores de elite foram colocados camuflados entre a paisagem para garantirem a operação.

Eu olhei o relógio e vi que estavam atrasados cinco minutos. Não iriam desistir daquele dinheiro que me custaria muitos anos de trabalho futuro para pagar, a menos que eles tivessem desconfiado de algo. O que não acredito, afinal, fizemos tudo milimetricamente planejado para que nada desse errado. Não importa, eu iria para um campo de trabalho escravo se fosse necessário para juntar o dinheiro que eles queriam em troca da vida da mulher que eu amo.

Segurei a maleta na minha mão esquerda. Eu continuava impassível, ereto, vendo um e outro carro passar por mim. Os motoristas olhavam preocupados, estranhavam aquela figura na beira da estrada parada com o carro no acostamento.

Algumas pessoas e, principalmente, as mulheres costumam disseminar por aí a idéia de que nós somos frios, que a nossa profissão nos fazemos rochas insensíveis sem coração. Mas não estamos sós. Outros profissionais precisam adquirir a segurança e calma necessária ao exercício do seu ofício. Cada um, claro, requer estas virtudes, ressalvadas as devidas proporções. Vejam os médicos, por exemplo. Quando você está morrendo de dor todos parecem aquele personagem do insensível doutor do seriado "House" da *Universal Channel*. Li, recentemente, que neurocientistas da Universidade de Chicago descobriram que o cérebro dos médicos, quando observam pessoas com dor, bloqueiam as regiões responsáveis pela "compaixão" e ativam as ligadas ao autocontrole. Assim como eles, nós também aprendemos a nos distanciar do objeto para nos privar do estresse emocional que, invariavelmente, atralhariam o raciocínio.

Mas, havia um detalhe que fazia aquelas circunstâncias extraordinárias. Jeniffer era a mulher que eu amo e isso me tirava do eixo de concentração plena. Espero que eles não imaginem que isso acontecia comigo para não me temerem mais do que eu os temia.

Um carro prateado aproximou-se, lentamente, e parou alguns metros mais adiante. Engoli em seco e respirei fundo. Era hora de começar aquilo que eu esperava não demorar muito tempo para terminar.

O homem careca tinha a pele rosada por causa do sol e vestia um elegante terno azul e sapatos lustrados. Caminhou na minha direção e retirou um revólver do paletó. Manteve-o na mão direita encostado a perna para não chamar atenção dos que passavam na rodovia.

_Onde está a minha esposa? _ perguntei, quando ele parou à duas jardas de mim.

_Ela está aqui por perto. _ respondeu.

_Nada feito. _ falei pausadamente. _ Você me entrega a garota viva e eu te dou o dinheiro. Pronto, você segue seu caminho para lá e eu, para o lado oposto.

Ele tirou do bolso o telefone e discou.

_Alô? Passe o telefone para a garota. _ ele falou para seu comparsa e depois jogou o telefone no ar para que eu o pegasse.

Segurei o aparelho e o coloquei no ouvido.

_Jeni?

_Ruan, eu estou bem. _ ela respondeu e eu reconhecia seu tom de voz para não acreditar naquilo.

_Jeni, me diz alguma coisa que só eu saiba para ter certeza de que isso que estou ouvindo não é uma gravação.

_Eu te dei uma caixa com os sapatinhos do nosso filho.

_Certo. Alguém está com você?

_Tá.

_Fique calma, isso vai acabar. Eu te amo.

Tirei o telefone do ouvido e olhei para o homem.

_Você vai pedir para trazê-la aqui e eu lhe dou o dinheiro. Foi assim que nós combinamos.

Joguei o celular de volta e ele o pegou.

_Já retorno para você. _ ele disse e depois desligou. _ Me dê a mala com o dinheiro que a garota será deixada em algum lugar aqui perto, você a encontrará.

_Acha que eu sou algum idiota?! _ perguntei-lhe.

_Não, mas sob a mira de uma arma, até os mais espertos se tornam otários. _ ele estendeu o braço e apontou a arma para a minha testa. _ Eu só preciso dar um furo na sua cabeça e pronto. Mas, não vamos sujar o asfalto de sangue. Você me entrega a mala e fica com a garota.

Senti a veia do meu pescoço pulando. Dei-lhe o que queria.

_Melhor assim. _ sorriu e caminhou para o carro.

Eu fiz o sinal com a mão quando ele virou-se para abrir a porta. Neste momento, ele foi surpreendido por seis homens que surgiram em todas as direções e formaram um círculo ao seu redor.

Aproximei-me e fiquei na sua frente:

_E sob a mira de todos esses fuzis você consegue ser esperto? Porque eles podem explodir a sua cabeça e fazer voar os seus miolos pelo ar. Então, pegue esse celular e mande trazer a minha mulher até aqui!

_Se atirarem em mim, ele vai ouvir e matar a sua garota.

_E se ele pensar que o tiro que você deu foi em mim? Nem vai ligar... _ ofertei-lhe esta

possibilidade de raciocínio para confundi-lo e provocar sua insegurança. _ Eu quero a minha Jeniffer!

Ele apontou a arma para a própria cabeça e eu avancei sobre ele, soquei-lhe o rosto. Sua arma disparou para o alto e depois caiu no asfalto. Esmurrei-o com toda minha ira. Peguei-o pela gola da camisa:

_Eu quero você vivo, entendeu? Eu quero você bem espertinho até trazer a Jeni aqui!

_Vão me matar. Eu não passarei daqui. Não se pode falhar nas missões. _ disse-me rindo, enquanto seu nariz sangrava.

Ele não tinha mais nada a perder, mas eu tinha.

Ouvimos disparos à nossa direita vindos do matagal e eu olhei para os pássaros assustados que voaram dos galhos da árvore, onde já repousavam no cair da tarde.

_Cadê ela?! _ gritei e o sacudi.

_No meio do mato!

Larguei-o e ele foi algemado pelo policial. Os outros homens vieram comigo. Peguei o telefone celular do chão e redisquei para o último número. Alguém tinha que atender, mas nada, não obtive retorno.

_Jeni! _ começamos a gritar por toda parte.

_Achei! _ um homem gritou a dez metros a minha direita.

[Trilha Sonora \(clique aqui\)](#)

Corri em sua direção com toda velocidade e puxei todo o ar que meus pulmões pudessem suportar. Parei alguns metros antes dos dois corpos estirados no chão e eu senti que tudo congelara.

Jeni estava com a roupa ensopada de sangue. Tinha levado um tiro no ombro. O homem ao seu lado estava morto. Ela o matara! A arma pendia da sua mão. Provavelmente, lutara contra ele. Sua vida devia estar 100% em risco. O seu cabelo cobria seu rosto virado para o lado. Ela estava imóvel e eu senti que não ia suportar. Jeni era a mulher que eu tanto esperara para amar. Ela viera até mim da maneira mais inesperada. Seu padrasto pedira para eu protegê-la, mas não cumpri minha missão! Não consegui! Ajoelhei-me em sua frente.

Li Mendi

22/10/07

Cap 52: Apreensão (Ruan)

_Senhor, ela está viva... _ o policial colocou os dedos no pescoço de Jeni antes de mim e depois deu dois tapinhas no meu ombro. _... Vamos conseguir salvá-la. _ garantiu.

Peguei-a no colo e estava fria. Eu não tinha pernas para andar, perdi completamente a noção das forças, estava desorientado. Mas precisava trazê-la de volta à consciência!

A ambulância que ficara parada alguns quilômetros antes para não chamar a atenção dos seqüestradores já estava à beira da estrada nos esperando.

Eles começaram a fazer os procedimentos necessários e eu só pude me manter afastado. Jeni foi completamente imobilizada e verificaram sua pressão. Injetaram soro em sua veia. Acompanhei-a na ambulância até o hospital, mas, chegando lá, não pude seguir os médicos que a carregaram na maca para a sala de cirurgia.

Minha mãe me segurou pelo braço.

_Calma, Ruan. Confia em Deus.

Eu comecei a andar à esmo, alucinado. As pessoas na sala de espera ficaram assustadas.

_Ela está quase morrendo! _ eu disse.

_Não está! _ minha mãe segurou meu rosto com as duas mãos e seus olhos estavam cintilantes de lágrimas. _ A Jeni é forte!

Mordi o lábio inferior por dentro, respirei fundo e encostei-me à parede. Minha roupa estava suja com o sangue dela. Eu parecia ter saído de um campo de batalha. Abaixei-me e fiquei agachado, olhando o chão. Não queria acreditar no que estava acontecendo.

_Ruan! _ ouvi a voz de Fonseca.

Levantei-me e ele me abraçou com força:

_Vai dar tudo certo, cara!

_Ela levou um tiro no ombro, perdeu muito sangue e o bebê... Eu nem sei do nosso filho... _ falei desesperado.

_Precisa ter forças, precisa acreditar, Ruan! _ Fonseca colocou as duas mãos nos meus ombros. _ Não pode pensar negativo, não pode! _ falou firmemente.

_Eu sei, eu sei, não posso. _ suspirei.

Sentamos na cadeira e as horas me pareceram intermináveis. A espera torturante só foi interrompida pela chegada de uma mulher que parou na minha frente:

_Você pode nos conceder uma entrevista?

Olhei para ela e para o homem que entrava com uma câmera.

_Não! Eu não quero falar nada, eu não quero que o meu sofrimento sirva de pauta para entreter as pessoas durante o jantar, enquanto assistem ao telejornal!

_Calma, Ruan. _ minha mãe tomou partido da situação. _ Por favor, compreenda que esta é uma situação complicada...

Quando dei por mim, vários jornalistas surgiram como abelhas furiosas que zumbem em nossas cabeças.

_Ele não quer falar, respeitem! _ Fonseca afastou-os para fora da área de emergência e disse algumas palavras a fim de que se contentassem com suas informações e não me perturbassem.

_Bando de urubus em cima da carniça! _ resmunguei.

_Ruan, eles estão fazendo o trabalho deles. _ minha mãe defendeu-os. _ Não ligue para isso. _ colocou sua mão sobre a minha e entrelaçou seus dedos. _ Meu filho, eu nunca gostei da mãe dessa garota. Olha que ironia, você se apaixona pela filha dela. Mas, a menina não tem culpa de nada. Além do mais, ela é encantadora. Eu também estou de coração partido. Tenho fé de que tudo vai ficar bem.

_Eles não saem para dar nenhuma notícia! _ reclamei baixinho.

_Essas operações são muito delicadas, demoram mesmo, meu filho. Calma! Vou pegar um copo de água ali para você.

Eu me senti indefeso, como um menino que está prestes a tomar uma vacina e morre de medo. Tenho medo demais do que pode acontecer, mas não à mim e sim à minha Jeni.

_Como ela está?! _ ouvi a voz de Elisa vindo de trás de mim. _ Quero ver a minha filha.

Olhei-a agora nos olhos sem lhe responder nada.

_Fala alguma coisa! _ empurrou-me para trás e me balançou.

_Estão tentando salvá-la! _ disse-lhe e levantei-me.

_Não, não pode ser, isso não está acontecendo! _ ela começou a chorar e sentou-se. _ Você acha que ela agüenta...?

_Se ela não agüentar, eu não sei o que será de mim...

_Você deve estar arrasado. _ ela levantou-se e veio abraçar-me, mas minha mãe se intrometeu, inesperadamente, no meio.

_Soube da sua filha pela televisão, Elisa?!

_Não quero arrumar problemas com a senhora. Eu estou no meu direito...

_Devia ter lembrado desse direito antes! _ minha mãe olhou-a de cima abaixo e depois me entregou o copo de água.

_A senhora é a mãe dela? _ uma jornalista se aproximou.

_Eu disse que não quero que nada saia na televisão! _ segurei o pulso da mulher que estava com o microfone.

_Que isso, Ruan? Eu posso falar com ela! _ Elisa foi engolida pelo círculo que se formou ao seu redor de câmeras, microfones, flashes e gravadores.

_Eu não estou acreditando nisso! _ balancei a cabeça para os lados e fiquei com as mãos na nuca.

_Ignore ela! _ Fonseca aconselhou-me. _ Só o que importa agora é a sua esposa!

Vi um médico caminhando na minha direção. Adiantei-me para que os repórteres não percebessem. Estavam entretidos com Elisa.

_Como ela está?! _ perguntei.

_...

_Ela está viva?

_Está.

Eu respirei fundo, sentindo uma descarga de alívio percorrer o meu corpo.

_Eu não disse? _ Fonseca deu um tapinha nas minhas costas e manteve sua mão no meu ombro, minha mãe segurou meu braço.

_O bebê, milagrosamente, está bem e vai ser um menino bem forte! _ sorriu, mas senti que

aquilo não era tudo.

_Eu posso vê-la?

_Ela não está consciente.

_Entendo, são os efeitos da anestesia?

_Também... Mas...

_Mas o quê?

Li Mendi

Cap 53: Espera (Ruan)

O médico respirou fundo, depois olhou para os óculos que segurava na mão e levantou as sobrancelhas grossas e grisalhas:

_Você pode me acompanhar até a minha sala? _ pediu, esticando o braço para tocar o meu ombro.

Não disse nada, apenas aceitei sua indicação do caminho e deixei para trás Fonseca e minha mãe. Caminhamos por aquele corredor frio e com um forte cheiro de éter. Entramos na terceira porta e ele sentou-se à mesa.

_Seu nome é Ruan, certo? _ olhou na ficha em sua mesa e folheou os papéis em que eu tinha dado entrada no hospital.

_Doutor, se puder me dizer logo o que está acontecendo... _ pedi, com as mãos entrelaçadas e apertadas entre os joelhos unidos, nervoso e muito ansioso.

_Meu rapaz, acho que a sua mulher é muito forte. Ela perdeu bastante sangue...

Isso tudo eu já sabia! Mas não o interrompi, afinal, se era realmente preciso aquela introdução com tanta redundância para que eu pudesse agüentar o que viesse depois, então, que eu só ouvisse.

_Nós conseguimos retirar o projétil e também monitorar o bebê durante a cirurgia para que ele também ficasse bem. Eram duas vidas em nossas mãos!

_As vidas mais importantes para mim agora.

_Eu imagino. Soube pela enfermeira que ela passou por um seqüestro e isso deve ter sido horrível para vocês.

_Realmente, foi um grande trauma que eu nem sei ainda os efeitos porque sinto que a ficha não caiu. Parece que ainda estou em estado de tensão máxima e uma hora vão desligar a tomada e eu vou cair.

_Por isso aconselho que descanse. Pois bem, Ruan, como eu dizia, sua esposa está viva, mas ela não está consciente. Ela, mais precisamente, está em um estágio comatoso.

_Em coma? _ repeti aquilo. Eu não sabia o que era aquele estágio comatoso, mas, se fosse o que eu conhecia de coma, ela estava vegetando? É isso?! Tentei não me desesperar antes que ele pudesse terminar. _ Como assim? Não disse que ela está viva, que...? _ não agüentei e comecei a fazer perguntas.

_Ruan, ainda temos muito que estudar na medicina sobre a complexidade da mente humana. Os neurocientistas se debruçam sobre este tema há anos e ainda sinto que mal começamos. Mas, eu vou tentar te explicar de maneira bem simples o que já sabemos até então. O coma é uma lâmpada que tinha um brilho bem forte, mas, de repente, por algum motivo, ficou muito fraca. Tecnicamente falando, é um rebaixamento do nível da consciência.

_Ela está igual um vegetal? Já ouvi falar sobre isso no período em que a imprensa debateu o caso da Terri Schiavo.

_Não! Não! _ ele abanou a mão direita no ar em sinal de enfática negação. _ As pessoas confundem mesmo. O cérebro tem uma parte que funciona no “piloto automático”, como, por exemplo, o estado de sono e de vigília, os reflexos de sucção, reação do acompanhamento do olhar e muitos outros. No coma, sobra esse automatismo do cérebro e a pessoa continua respirando e o sangue sendo bombeado pelo coração. Mas, no estado vegetativo a pessoa, não tem essas funções voluntárias, precisa dos aparelhos para mantê-la viva. No coma, a pessoa pode voltar depois de anos!

_Anos? _ repeti aquilo, quase sem voz. Eu estava desolado.

_O caso que mais me surpreendeu na história da medicina foi de um homem que parece com o nome da Terri que você citou. Mas é com “y”, se chama Terry Wallis. Ele, hoje, tem cerca de 40 anos. Mas, em 1984, pegou carona com um amigo e o carro caiu em um riacho. O amigo morreu e ele ficou em coma por 19 anos! Acredite se quiser, ele acordou. E a sua filha, que tinha nascido alguns meses depois do acidente, tem 19 anos ou 20 anos agora... já perdi um pouco as contas. _ ele riu amistosamente.

Para mim, nada tinha graça. Eu não queria criar o meu filho sozinho.

_Mas, peraí, se ela está em coma, como fica o bebê?

_Isso é que vamos tentar fazer de tudo para resolver. Temos que manter suas condições vitais para que termine de gerar o bebê. Ruan, ela pode acordar daqui uns dias, daqui meses, anos...

_Ou nunca mais?

_Isso só o tempo dirá. Os médicos não salvam, eles só aliviam as dores, meu rapaz. _ explicou humildemente. _ Eu vou perguntar se já pode vê-la.

_Tudo bem. _ levantei-me.

_E... _ ele pareceu ter esquecido de alguma coisa quando girou a maçaneta da porta. Virou-se para mim. _... As pessoas em coma podem ter reflexos, apertar a sua mão quando tocá-la, abrir e fechar os olhos, mexer a cabeça... Mas, isso não significa...

_Já entendi, são reflexos voluntários que ela não controla?

_Exato. _ ele deu-me um tapinha nas costas e apoiou a mão no meu ombro. _ Você pode voltar para a sala de espera que eu peço para uma enfermeira avisá-lo.

_Obrigado. _ apertei sua mão.

Fui recebido pelos olhos apreensivos de minha mãe. Tentei repassar-lhe tudo que o médico me dissera. Logo em seguida, chegou Fonseca com uma roupa para eu vestir que fora buscar em minha casa à pedido da minha mãe. Dei-lhe as últimas notícias. Depois, foi a vez de repetir tudo à mãe de Jeni, que se encarregou de bom agrado de comunicar à imprensa.

Procurei um banheiro para trocar de roupa. Lavei os braços e o rosto. Sequei-os com a toalha de papel e a joguei no lixo. Voltei para a sala de espera.

_Você é o marido da paciente Jeniffer? _ a enfermeira aproximou-se de mim. _ Pode me acompanhar?

_Claro. _ levantei-me e a segui.

Passamos para uma área silenciosa do hospital. Um corredor vazio e comprido que trazia uma sensação de opressão. Pus as mãos no bolso, acuado. Uma parede com a metade superior de vidro me separava agora do quarto onde Jeni estava. A enfermeira abriu a porta para que eu pudesse entrar. Deixou-nos à sós.

_Meu amor... _ toquei na sua mão delicadamente. _ ... Eu vou estar com você. _ inclinei-me sobre ela e beijei-a na testa. _... Dorme o quanto for preciso para você se recuperar e cuidar do nosso menino. Ele vai ser muito bagunceiro, sabia...? _ afastei com as pontas dos dedos os fios do seu cabelo para o lado. _ ... Você vai precisar de muita energia para agüentar o pique!

Os dois primeiros dias eu fiquei ao lado dela. A enfermeira aconselhou-me a ir para casa descansar. Eu lhe disse que me sentiria culpado se a deixasse.

_Nós cuidaremos bem da sua esposa. Não há nada que possa fazer diretamente para ela sair do coma. Eu já vi muitos casos e sei que pode demorar um tempo. É hora de pensar em se restabelecer para enfrentar tudo com mais forças. Senão, vou te ver naquela maca ali daqui a pouco e não estou a fim de te dar banho, hen?!

Eu ri e balancei a cabeça para os lados. Ela estava certa.

_Vocês me ligam se...?

_Claro, será a primeira coisa que faremos!

Antes de sair do quarto, ainda olhei Jeni por um instante. A enfermeira me fez um sinal de que tudo ficaria bem e sorriu. Suspirei.

Chegando em casa, senti que estava sem forças, caí na cama e ainda ouvi minha mãe perguntar se eu queria comer alguma coisa.

_Eu só quero dormir também...

Li Mendi

23/10/07

Cap 54: Limites entre público e privado (Ruan)

Eu não sei até que ponto Elisa abriu a boca, mas não se pode também subestimar a potencialidade investigativa dos jornalistas, nem a falta de pudor das fontes anônimas que dissecam a sua vida na sombra e a oferece de bandeja. Comecei a ser perseguido por onde ia por um bando de repórteres ávidos para verem em mim sofrimento, indignação. Queriam colher qualquer frase contra as políticas públicas de segurança ou contra algum político. Eu pouco estava interessado sobre os objetivos deles, não ia fazer camiseta com a foto de Jeni e parar o trânsito do Centro do Rio com alguma passeata. Eu só queria paz!

Mas, cheguei no auge e saí do sério quando uma jornalista bateu à minha porta de casa. Ela tentou me convencer de que seu editor tinha um ótimo intuito de me colocar em cadeia nacional, no horário nobre, para ser entrevistado ao vivo pela âncora mais famosa a fim de recontar os fatos.

_ Você tem filhos? _ perguntei.

Ela respondeu rapidamente, sem pensar:

_Tenho dois.

_É você que cuida deles? _ pressionei-a.

_Bom... _ ela parecia não entender aonde eu queria chegar, mas se fosse para conseguir uma entrevista comigo, então, responderia qualquer coisa. _ ... Eles ficam com a minha mãe.

_Hum... _ cruzei os braços. _ ... Então, você é separada?! _ fiz uma cara de grave e pus a mão no queixo. _ Por que ele te deixou?

_Hei, você está sendo invasivo. _ ela riu nervosa e constrangida.

_Eu? Ora... _ peguei o gravador da sua mão e apertei um botão qualquer, coloquei-o próximo à sua boca. _ ... Por que não falamos de você? Vamos lá! Diga aí, qual o motivo de você ser uma mãe solteira frustrada, vamos, vamos falar dos seus problemas! Você tem que bancar as contas porque seu ex não está nem aí?

_Pára! _ ela gritou.

_Percebe? Isso é invasivo para mim também! _ entreguei o gravador em sua mão com um movimento brusco. _ Já imaginou, amanhã, todas as suas amigas acordando e abrindo o jornal para ler uma matéria sobre a sua intimidade? Tomando café e se deliciando com sua vida privada? Ou, melhor, já pensou, elas comendo macarrão, sentadas com o prato no sofá, enquanto assistem a sua vida na televisão?

_Esse é o meu trabalho! _ tentou se justificar, já com os olhos cheios de lágrimas. _ É por isso que sempre odiei os militares. _ soltou aquela pérola.

_Hei... _ peguei-a pelo braço, quando ameaçou sair. _ ... O problema é que nós “os militares” temos ainda um pouco de ética. A gente sabe preservar a moral e os bons costumes. Aqueles valores que vocês, “os liberais”, acham que não têm mais fronteiras.

_Você tem o seu emprego garantido e eu? O meu depende desta merda de matéria! _ explodiu, descontrolada.

_Hei, espere. _ pedi. _ Eu até te entendo. Sei que você sofre pressões. _ suspirei. _ Mas, o seu editor não está querendo oferecer nada aos leitores com o intuito altruísta de lhes dar esperanças ou coisa que o valha. O seu patrão quer manter em alta a publicidade do jornal. Vasculhar a minha vida pessoal e o meu passado não ajuda a vida de ninguém. Eu espero que você não publique o que eu vou dizer, mas... eu tenho uma mulher que amo e ela está inconsciente. O meu filho que ela espera pode morrer se ela morrer também. De uma hora para outra, aquilo que eu sempre esperei ter foi colocado em risco. O mundo caiu sobre mim e o mínimo que eu peço é justamente ficar em paz para enfrentar tudo isso.

_Desculpe. _ ela abaixou a cabeça e saiu.

Fechei a porta de casa, o telefone tocou e deixei que minha mãe atendesse. Eu não queria mais ver televisão, nem ler jornal, ou navegar pela Internet. Minha vida se espalhou como um vírus potente. O veículo que não divulgava uma nota sequer sobre o caso do seqüestro parecia estar recebendo o furo mais vergonhoso da história do jornalismo!

Li Mendi

24/10/07

Cap 55: Não importa a queda, levante-se! (Ruan)

Parei novamente à porta do quarto de Jeni. Eu voltava ali para buscar uma imagem, um cheiro, uma lembrança boa que servisse de força para resistir. A cama já tinha sido arrumada por minha mãe e, à cabeceira, estavam os três cadernos. Sorri e caminhei até onde estavam. Abri a capa do terceiro que eu não tinha lido ainda e vi um cd. Franzi a testa.

Sentei-me e folhei-o. Era diferente dos outros. Não havia apenas descrições de amor como nos anteriores. Estava repleto de recortes de revista e jornal. Ri e olhei para o alto, balancei a cabeça para os lados.

_ “Você me conta toda noite ao jantar como foi seu dia. Mas nunca quis saber o meu em detalhes. Talvez, ache que seja só uma rotina chata de uma menina estudante”.

Jeni havia colado ao lado das letras escritas com caneta de tinta preta forte uma imagem de uma menina japonesa de saia plissada e meias brancas até o joelho com cara enfadonha sentada ao meio fio.

Ela estava errada, eu sempre quis saber sobre suas coisas. Eu só vivia ocupado demais. Julgava que poderia deixar para depois... ou... Droga! Ela estava certa, eu pensava que seu dia era sempre igual! Por que eu fui tão egoísta?

Deitei-me e apoiei a nuca na mão, flexionei uma das pernas e segurei o caderno em cima da minha barriga. Minha mãe, que passava pelo corredor, espiou para dentro do quarto, perguntou se estava tudo bem. Eu fiz que sim e ela olhou mais um pouco para se certificar de que era verdade. Voltei a olhar as gravuras e os textos escritos por aquela fina caneta preta. Letras compridas e bem desenhadas como nos convites de casamento.

_ “Mas nem um dia para mim é igual, pois a minha rotina é muito diferente do que eu poderia imaginar que seria. De uma hora para outra mudou completamente ao te conhecer. Tudo é novo, é bom, é mágico!”

Queria poder confessar-lhe o mesmo agora, para mim também tudo havia se tornado mais proveitoso ao seu lado. Como me fazia uma imensa falta!

_ “Por isso, queria te convidar que fizesse comigo uma viagem pelo meu dia. Mas tem que levar isso a sério!”

Ri ao ver a foto que ela tirara dela mesma me encarando de lado e colara na página, fazendo pose de desconfiada. Estava linda. Ela era louca! Incrivelmente louca.

_Aonde você vai? _ minha mãe perguntou, quando passei por ela na cozinha.

_Vou dar uma volta. _ beijei-lhe a testa.

_Vai ao quartel? _ perguntou.

_Não. _ respondi e peguei as chaves do carro.

Sentei-me ao volante e abri o caderno.

_ “Como eu não saio de casa sem os meus fones, gravei para você algumas músicas que será sua trilha sonora.”

Tirei o CD que Jeni havia colocado dentro de um envelope na contra-capla. Introduzi-o no Player do carro.

_ “Eu comecei a ouvir suas músicas e gostei de algumas. Aprendi tantas coisas vasculhando seu mundo de livros, revistas antigas, filmes e Cds. Agora quero te mostrar o meu universo.”

_Hum... Norah Jones? _ falei alto para mim mesmo. _ Boa escolha, garota! _ liguei o carro.

[Trilha Sonora \(Clique aqui para ouvir\)](#)

["I waited 'til I saw the sun / I don't know why I didn't come / I left you by the house of fun / I don't know why I didn't come \(2x\) / When I saw the break of the day / I wished that I could fly away / Instead of kneeling in the sand/ Catching teardrops in my hand / My heart is drenched in wine / But you'll be on my mind/ Forever / Out across the endless sea / I would die in ecstasy / But I'll be a bag of bones / Driving down the road alone / My heart is drenched in wine / But you'll be on my mind / Forever / Something has to make you run / I don't know why I didn't come / I feel as empty as a drum / I don't know why I didn't come"](#).

Parei no primeiro sinal de trânsito e coloquei o caderno sobre o volante.

“Essa música fala sobre por que ela não foi com ele. Não que seja meu caso. Eu te segui e lutei por nosso amor. Mas, a cada vez que eu a ouço, me faz pensar sobre não deixar de fazer nada do que eu desejo. Sente como é gostoso o som do piano? Deixe a música invadir todo o seu corpo”.

Um carro buzinou atrás de mim, pisei no acelerador e guiei para o Centro da Cidade. Jeni colara em uma das folhas um mapa repleto de setas coloridas com canetinha hidrocor. Elas indicavam o caminho que eu deveria percorrer. Segundo explicara, depois das aulas na faculdade, começou a andar pelo Centro para conhecer os pontos históricos. Alguns eu já conhecia, mas hoje queria estar na pele dela. Isso parecia loucura, uma criançisse. Eu apenas gostaria de me afastar por completo daquele clima de tristeza que me perseguia durante as três semanas em que ela estava no hospital.

Eu havia sido liberado do trabalho por completa impossibilidade de me concentrar. Tirei uns dias para me refazer por aconselhamento médico. Eu estava entrando em depressão e a psicóloga me mandou para casa. Por isso, aquele passeio era importante. Fazer coisas diferentes com a companhia de Jeni me levantaria o astral.

Estacionei o carro e fiz o caminho a pé para poder ver tudo que ela queria que eu visse. Trouxe comigo o caderno de capa vermelha.

“O Centro do Rio de Janeiro é repleto de livrarias, praticamente em todas as ruas você vê uma delas. São todas bem iluminadas, com televisões, sofás aconchegantes, cafeterias e uma música ambiente deliciosa. Mas, a que mais me atrai é a “Livraria da Travessa”, refiro-me a que fica na Avenida Rio Branco, porque também existe uma na Travessa do Ouvidor. Ela está em um prédio antigo, feito de pedras cinzas e no segundo andar há diversos quadros grandes em preto e branco maravilhosos! Sente-se aí e tome um café”.

Olhei para o prédio. Realmente... As pedras, a vitrine, a iluminação amarelada, o cheiro, a música de fundo... Tudo ali na minha frente!

Sentei-me e pedi um café como ela indicara.

“A vida nos permite ser tão felizes e muitas vezes nós apenas focamos no que ainda não temos. Já parou para pensar como esperamos um pouco mais para finalmente sermos felizes? Devíamos aproveitar com mais sabor cada instante. Sinta a paz que está agora ao seu redor. Você pode caminhar até aqui porque tem duas pernas, pode olhar para essas pessoas aí embaixo folheando os livros porque pode enxergar. Andar e enxergar é uma dádiva, mas pensamos que faltam ainda os óculos de marca ou o tênis de marca. Os acessórios são vendidos como o tesouro máximo. E trabalhamos e nos matamos para tê-los. A vida segue passando...”

Terminei meu café e segui o seu guia.

[Trilha Sonora \(Clique aqui para ouvir\)](#)

“Agora, caminhe por toda a avenida Rio Branco e você verá à sua frente cruzar a magnânima Avenida Presidente Vargas. Para construí-la, foram demolidos os cortiços e casebres antigos que se espremiavam nas vielas apertadas que havia aí, nos anos de 1950. Eles abrigavam a zona de meretrício. A sua próxima parada será a Igreja da Candelária. Independente de credos, é impossível não entrar e contemplar a beleza da obra. Uma arquitetura esplêndida que irá te fazer olhar para o teto e ficar de boca aberta.”

Olhei para a imagem que ela havia colado no caderno e depois para a fachada da igreja. Entrei. Realmente foi como tinha descrito. Ao ver a suntuosidade da decoração eu fiquei me sentindo muito pequeno. Sentei-me no banco.

_ “É incrível como, no coração do Centro do Rio de Janeiro, você pode sentir a paz e a quietude nas dezenas de igrejas. Feche os olhos e fique em contato com Deus. Aproveite este momento único de estar imerso no nada. Sem pensar em futuro, nem passado. Se sinta preenchido pelo clima de quietude e a música do canto gregoriano”.

Deixei minhas pálpebras caírem e a voz dos monges cantando me elevou para um real estado de contemplação do meu interior. Um nó se fez em minha garganta. Imaginei que Jeni já esteve ali e talvez nunca mais viesse a retornar. Pedi a Deus que isso não acontecesse. Disse-lhe que a queria de volta para mim. As lágrimas escorreram por meu rosto. Eu precisava chorar para desagüar aquele sentimento. Depois, respirei profundamente e me senti mais leve, renovado.

Era hora de continuar o percurso:

_ “Continue pela Rio Branco, que cruza a Avenida Presidente Vargas. Veja como as pessoas atravessam as faixas de trânsito como um formigueiro humano. As gigantescas bancas de jornal, repletas de revistas, livros, periódicos internacionais e muitas publicações de mulheres peladas. Essas você não olha!”

Ri e balancei a cabeça para os lados. Ela era tão divertida. Saudade de provocá-la pelo puro prazer de ver sua carinha de brava.

_ “Você passará por um Mc Donald’s de dois andares que fica na esquina de uma rua. Mas hei, antes dele há mais coisas. Assim como você, eu também sempre andei apressada e não olhei direito pelas pequenas ruelas transversais à avenida. Há o Espaço Cultural dos Correios à sua esquerda, à Rua Visconde de Itaboraí. Já vi aí uma belíssima exposição do grande fotógrafo Cartier Bresson. Mas para falar dele para você, quero que antes você pare na Casa do Pão de Queijo que fica à Rua Sete de Setembro. Te aconselho que peça um cappuccino. Mas se o dia estiver quente, peça um suco de abacaxi com hortelã que é divino. A mulher irá te perguntar se é com açúcar ou sem. Lembre-se que quando ela fala com açúcar é realmente com muito açúcar mesmo! Por isso, escolha sem açúcar e depois que ela bater no liquidificador, aí você pede um sachê de açúcar para você mesmo dosar o tanto que quer. Depois, sente-se em um daqueles bancos altos que ficam ao lado do balcão de frente para a parede de vidro que dá para a rua. Veja o movimento das pessoas bem arrumadas. Os homens de ternos e as mulheres de meia fina e salto de bico, aqueles de matar barata no canto”.

_ Com açúcar? _ perguntou-me a mulher.

_ Sem, por favor. _ disse-lhe sorrindo ao lembrar da indicação de Jeni.

Sentei-me com seu caderno diante do vidro transparente e bebi meu suco. Muito gostoso mesmo! Queria poder tê-la ali ao meu lado para beijar-lhe os lábios molhados e dizer que era muito melhor o beijo que o suco. Ao passo que diria que eu estava mentindo.

_ “Eu ia lhe falar do fotógrafo. Pois bem...”

No caderno, havia dezenas de ilustrações impressas das obras do artista. Certamente, esse tinha sido o fim das tintas para a impressora que eu comprara! Mas valia a pena. Ela escrevera tudo bem detalhadamente no meio de tantos recortes e colagem.

_ “Ele veio de uma família pequeno burguesa parisiense e dizia que iria ser pintor. Aos 17 anos, ganhou de presente uma câmera e começou a fotografar na fazenda do tio o cultivo da cana de açúcar. O que lhe inspirou o interesse pela fotografia foi a foto Meninos Negros à Beira do Lago Tanganica (1931), de Martin Munkacsi. O movimento das crianças correndo em direção à água sensibilizou Bresson para o poder da imagem fotográfica. Eu vi um filme sobre ele chamado Ponto de Interrogação, em que aceita fazer um bate-papo sobre as impressões de seu trabalho. Muito tímido, pede para que a luz de um dos refletores seja tirada de cima dele. “A penumbra é muito mais íntima”, explica. Essa intimidade presente entre a penumbra e a luz é tão bem

representada nas fotos preto e branco de Bresson, que não fotografava em cor. Por mais que a cor seja uma representação que aparente uma reprodução mais natural, ela tenderia facilmente ao superficial e ao mecânico.

“Tirar uma foto é como reconhecer um evento e naquele exato momento e numa fração de segundo, você organiza as formas que vê para expressar e dar sentido ao evento. É uma questão de pôr o cérebro, o olho e o coração na mesma linha de visão. É uma forma de viver”.

Como ela sabia de tudo aquilo? Ela leu? Pesquisou? Viu exposições? Onde estava essa Jeni que eu subestimara? Eu estava simplesmente estava maravilhado! Não conseguia parar de folhear as páginas coloridas com setas e observações.

_ “As fotos de Bresson instigam a imaginação. Seu poder de captar a imagem síntese, que diz por si só, sem precisar de mais legendas, ou explicações, nos leva a profundas reflexões, uma vez que o trabalho geométrico e a sensibilidade com que as cenas são aprisionadas nos remetem a uma introspectividade. Quando vejo as suas mais simples fotos de pessoas de olhar perdido, sentadas em poltronas ou cadeiras, me pergunto; “o que elas pensavam?”, “Quais eram suas preocupações?”, “Quais eram suas dores?”. O fotógrafo conseguia captar um momento em que a pessoa se entregava à suas próprias reflexões e se esquecia da máquina. O resultado disso é uma foto que para mim funciona como um rádio, que me leva a imaginar as vozes mentais dessas pessoas silenciosas.

Esse efeito de ressonância entre a imagem e a experiência de vida de cada um é o que Bresson mais valorizava quando dizia que a fotografia lhe atraía por esse poder de despertar o inconsciente. Pois o importante no retrato não era a expressão, para ele o mais interessante de se captar era justamente o silêncio.

Cartier, que era um admirador dos cientistas por estes não acreditarem em tudo e estarem sempre renovando suas teorias, dizia que o principal não eram as respostas, mas as perguntas e, certamente, isso fica impresso no seu trabalho. Ao observar uma de suas fotos em que um homem com uma perna só anda de muletas diante da ruína de uma construção, eu encontro uma resposta para o que é isso: uma pessoa que está tão destruída fisicamente como os próprios escombros do seu país. Mas também surgem muitas perguntas para o porquê disso: Por que o homem é capaz de destruir o seu igual?, Por que ele acha que a cor da pele ou a diferença de religião pode formar categorias do bem e do mal? Sucessivamente, as inquietações vão surgindo a partir da imagem daquele aleijado.

Cartier sabia que o visor de sua máquina tinha a capacidade de captar as pessoas nuas, não fisicamente, mas no seu íntimo psíquico e, muito consciente disso, Bresson não gostava de ser fotografado. “Não gosto que façam comigo o que faço com os outros”, explicou. Sobre as imagens que vira em vida: na guerra, na sua estada num campo de concentração alemão por três anos, no cotidiano em meio ao cidadão comum e ou entre as pessoas famosas, Cartier afirmou: “Não posso mudar nada do que vi, mas o que vi me mudou”.

Uau! Eu não tinha idéia de quem era aquele cara, mas pelas palavras de Jeni pude navegar em seu mundo. Por uns instantes, esqueci de todos os meus problemas! Aquele dia estava sendo incrível e eu não queria parar! Eu não podia mudar a realidade horrível de Jeni estar ligada à aparelhos, da mulher da minha vida estar praticamente morta, mas tudo que ela estava me fazendo ver certamente me mudava!

_ “Se caminhar por toda a rua Sete de Setembro, irá ver mais livrarias, uma grande floricultura ao ar livre e, por fim, duas igrejas antigas lado a lado. Uma delas acabou de ser reestaurada, me refiro a que não tem uma cúpula redonda. Do outro lado da rua, você verá uma estátua grande de Tiradentes, ela fica diante da escadaria do Museu Tiradentes. Ao lado dele, pasme, mais outro museu! Esse agora chamado de Paço Imperial. É ali que a Família Real Portuguesa ficou quando veio para o Brasil. Ele foi construído no século XVIII. Ainda aí na Praça XV, você encontrará o Museu Histórico Nacional e nos seus jardins interno, cheio de antigos canhões vai ser remetido ao Brasil Império. Não deixe de caminhar por cada canto desse museu. Os vestidos ricos em pedras, as jóias, todas as relíquias do Império. Fabuloso! Voltando para a rua mais uma vez... Aos sábados, existe uma feira fantástica de antiguidades mais alguns metros à sua frente. Umhas duzentas pessoas estendem suas toalhas no chão ou levantam suas barracas. Há de tudo:

relógios, critais, livros, quadros, roupas, objetos de decoração, perucas, tudo mesmo que possa imaginar. É a coisa mais rica que já vi! Agora, siga pela Primeiro de Março e chegue ao [Centro Cultural Banco do Brasil](#). Foi ali que tivemos aquele encontro doloroso em que me revelou que era Daniel e me entregou a rosa.”

Queria que ela estivesse ali, sob a [cúpula gigante](#) do CCBB, para eu lhe dar um beijo. Abraçar forte e dizer que não importava nada, pois a amava.

_ “Ao lado do CCBB, há a [Casa França Brasil](#), construída em um estilo neo-clássico. Já te levei a museus demais. Mas é que eles ficam um ao lado do outro. Você começa a entrar e sair e não consegue parar. São fantásticos! A televisão fala da violência, dos mortos, das balas, dos tiroteios, dos assaltos. Mas o Rio de Janeiro é bellissimo! É vivo, é culturalmente riquíssimo! Já te mostrei alguns dos museus do Centro. Agora, perto daí, está o suntuoso e magnífico [Teatro Municipal](#), ele foi uma reprodução do Paris Opera House.”

Olhei a bela imagem que ela havia colado no caderno e quis ver de perto se era tão lindo quanto mostrava. Segui as setas do mapa e, mais uma vez, me senti minúsculo perante a obra faraônica do Teatro. Agora, eu começava a entender o que os estrangeiros buscam quando vêm ao Rio de Janeiro.

_ “Há tantos e tantos lugares que você precisa conhecer. Não há como não parar nas lindas vitrines da mais antiga confeitaria... A tão famosa [Confeitaria Colombo](#), que várias novelas de época da Globo já retrataram! Depois, passar pelos [Arcos da Lapa](#) e pegar o bondinho para seguir até [Santa Teresa](#) com seus bares maravilhosos! Há uma riqueza encrustada em cada rua que foge ao que todo mundo conhece pela televisão. É preciso caminhar e respirar, sentir, tocar, olhar a cultura saindo pelos poros da cidade!

Eu já andei tanto por essas ruas. Descobri cada coisa. Se há dezenas de livrarias, não imagina o que significa a dimensão das bibliotecas. A maior de todas é a [Biblioteca Nacional](#). São [andares inteiros](#) de cultura. Você que gosta dos livros antigos, não vai ter vontade de sair de lá! Se pensa que isso é tudo, encontrei um verdadeiro tesouro da cultura no [Real Gabinete de Leitura](#). Levante seus olhos para o alto, perceba a [noção do todo](#), os minúsculos corredores entre as prateleiras. Quando olhei o [prédio](#) do lado de fora, não imaginei que ali dentro havia mais de 350 mil títulos. O maior acervo português fora de Portugal.”

Era de fato um verdadeiro templo de cultura. Nunca tinha visto aquela cena, parecia irreal tantos livros em um só lugar! Senti como ela havia dito uma vontade de não sair mais de lá! Era tudo tão perto. Um museu ao lado do outro. A cada vez que se atravessava uma rua ou cruzava uma esquina via uma igreja barroca, uma livraria ou algum centro histórico.

[Trilha Sonora \(Clique aqui para ouvir\)](#)

Voltei para o meu carro renovado, com uma injeção de ânimo, sorrindo até. Já caía [a tarde e as luzes acenderam o Rio](#) de uma maneira que nunca havia reparado. O trânsito estava horrível. Folhee sobre o volante, a cada sinal, alguns outros trechos do caderno. O Cd ainda tocava Norah Jones, “Thinking about you”.

_ “Veja como há uma vida maravilhosa pulsando! Quando os problemas começarem a acontecer na sua vida e se sentir despencando de um desfiladeiro, pense que não importa a queda, mas que escale tudo outra vez. Levante-se!”

Meu celular tocou. Eu sabia que não era certo atendê-lo no trânsito, mas parado no meio daquele engarrafamento não faria mal à ninguém.

_ Alô?

_ Senhor Ruan?

_ Sim.

_ É do hospital onde sua esposa está internada.

_Como ela está? O que houve?

_Ela acordou.

_... _ eu senti o mundo parar mais uma vez. Eu tinha ouvido aquilo mesmo ou era força do meu pensamento?! Minhas preces tinham sido ouvidas. _Obrigado por avisar, estou indo para aí.

Desliguei o telefone e quis gritar. Era só alguém no meio do trânsito caótico, em cima do elevador da Perimetral. Olhei à minha direita a [Igreja da Ilha Fiscal](#) toda iluminada de luzes verdes, flutuando sobre o oceano negro como a noite. Eu estava sorrindo, feliz como nunca.

Estacionei o carro na rua do hospital. Identifiquei-me na recepção e depois corri pelos corredores com o coração na boca, parei diante da porta do quarto de Jeni e mal podia me conter. Ela estava de olhos abertos e levemente reclinada no travesseiro. Uma enfermeira verificava seu soro.

Sorri e enchi os pulmões de ar, perdi a voz, era muita emoção de uma só vez:

_ Meu amor! _ segurei sua mão e me inclinei para beijá-la.

Ela levantou o braço, tocou o meu peito e fez uma careta. Afundou seu rosto no travesseiro e se afastou de mim:

_Quem é você?

Li Mendi

Cap 56: Enquanto você dormia (Jeni)

Nuvens brancas. Paz. Sensação de ausência física. Silêncio e calma. A alma era apenas um estado de espírito sem ação material nenhuma que a revestisse.

Aos poucos, senti o levantar do meu diafragma e o ar enchendo os pulmões como se eu nascesse outra vez. Minhas pálpebras tremeram e um fecho estreito de luz horizontal apareceu, depois, se ampliou e eu abri completamente os olhos.

_Minha filha! Ela acordou! _ ouvi uma voz ao meu lado.

Fechei novamente os olhos, sentindo que a luz me irritava as vistas.

_Enfermeira, enfermeira, ela acordou!

Abri as pálpebras com esforço e vi um rosto acima do meu.

_Filha, você pode nos ouvir?

_Posso... _ respondi, sentindo a voz sair pela primeira vez baixa e rouca da minha boca.

_É um milagre!

Meus dedos foram apertados por uma mão fria. Estava ainda muito fraca, como se eu fosse um corpo em câmera lenta, movendo-se em *slow motion*.

_Jeniffer... _ ouvi uma voz masculina. _Está nos ouvindo bem? Consegue falar?

Olhei-o. Agora conseguia distinguir mais claramente os detalhes da imagem antes embaçada e esfumaçada. Era um homem de jaleco branco e camisa azul por dentro. Tinha o cabelo grisalho caindo na testa. Sorriu.

Oi... respondi.

_Estamos felizes de ter você aqui de volta! Sua mãe está ao seu lado.

Virei meu rosto para ela e tomei consciência de sua presença.

_O que faz aqui? _ perguntei, franzindo minha testa e sentindo a pele do meu rosto esticar com o movimento.

Ela tinha ido embora de casa. Por que voltara agora?

_Eu vim ficar ao seu lado, minha querida. _ sorriu e acariciou o meu cabelo, enquanto sua mão não se soltava da minha.

_Por que eu estou aqui...?

Ela olhou-me por alguns segundos, como quem não entende a pergunta e depois procurou os olhos do doutor do outro lado da cama para pedir ajuda.

_Jeniffer, qual a última coisa de que você lembra? _ o homem perguntou-me.

_Não sei... _ fechei os olhos, aquele esforço me deixava ainda mais cansada.

_Tente pensar em uma imagem, qualquer coisa. _ pediu ele.

_Eu estou em casa e meu padrasto saiu para trabalhar como sempre... _ respondi, lentamente.

_Claro. _ ele aceitou aquelas poucas imagens como respostas. _ Não precisa forçar, querida, aos poucos tudo vai voltar à sua mente.

_Mas o que aconteceu comigo para eu estar no hospital? _ perguntei, pois queria uma resposta para meu estado.

_Você se lembra do Ruan? _ minha mãe tentou ajudar.

_Não... Quem é Ruan? _ fiz uma careta. _ Por que todo esse suspense?

_Jeniffer, você vai ter todas as explicações que quiser, mas só quando estiver mais forte para lidar com as situações. _ o médico me garantiu. _ Agora eu vou fazer alguns testes com você e quero que me responda o que sente.

_ ... _ não disse nada de volta. Estava terrivelmente confusa, como se minha cabeça fosse uma caixa com cacos de vidros que estivessem sendo chacoalhados.

_Você sente o quê? _ perguntou-me.

_Que está fazendo cócegas no meu pé. _ respondi com um sorriso. _ Apertando o meu dedão... Agora, o dedo mindinho.

_Que maravilha! _ ele vibrou em comemoração.

_Consegue levantar o seu braço? _ pediu.

_Sim... _ levantei-o, mas estava fraca para sustentá-lo no ar por muito tempo.

_Ótimo! _ ele sorriu e fez anotações na sua prancheta. _ Eu vou falar em particular com a sua mãe e depois ela ficará com você.

Eles se afastaram e eu ainda me senti sonolenta, com a cabeça pesada. Vi de canto de olho ambos conversando do outro lado do vidro que separava o quarto do corredor. Vez por outra,

minha mãe olhava para mim e depois para o médico. Por que eles tinham um semblante de gravidade?

Minha mãe fechou a porta do quarto atrás de si sorrindo e puxou um banco para sentar-se ao meu lado.

_Mãe, você voltou?

_Voltei quando soube que você estava assim...

_E o meu padrasto, cadê? Ele sabe que estou aqui?

_Há muitas coisas que aconteceram enquanto você dormia.

_Vocês brigaram outra vez?

_Podemos falar só de você?

_É o que mais quero. Quanto tempo estou dormindo?

_Na prática, três semanas.

Hum... três semanas. repeti.

_Em teoria, um ano e meio. _ acrescentou ela, meneando a cabeça para o lado.

_Um ano e meio! _ senti um estado de pânico.

_Está tudo bem... _ ela apertou minha mão com força e a beijou.

Olhei para os meus dedos da mão esquerda e vi uma aliança.

_O que é isso? O que aconteceu nessas três semanas? Eu casei?

_Casou.

_Quê? Como? Eu ainda estou no colégio!

_Não, você já está na faculdade. _ ela corrigiu.

_Ai, meu Deus, eu não lembro de nada... _ senti vontade de chorar.

_Hei, hei, meu amor, está tudo bem, a mamãe está contigo. _ ela me abraçou e eu fiquei com as mãos no ar. Ela tinha voltado depois de tantos anos e eu nem conseguia digerir a situação ainda. Ao mesmo tempo, era a única pessoa de quem lembrava claramente e me sentia segura por isso. Deixei aos poucos minhas mãos repousarem em suas costas. _ Você vai lembrar de tudo, mas só aos poucos.

_Então, eu não lembro o que aconteceu de um ano e meio para cá?

_É. _ respondeu.

_E o que foi que se passou nesse tempo?

_Você se casou e... está grávida.

_Ãnh? O quê? _ quase gritei e senti meu coração acelerar. _ Não pode ser!

_Calma, querida, você vai ficar bem!

_Não, não, não posso estar grávida! _ olhei para minha barriga e vi uma pequena elevação no

lençol. _ Nãããããão!

Aquilo não era uma doença que iria passar! Era uma criança dentro de mim e me assustava. Eu me sentia no corpo de outra pessoa, vivendo uma vida que não era minha.

_O seu marido é legal. Já pedi para avisarem que você acordou.

_Eu não quero ver. Eu não quero filho. Eu não...

Ouvimos um bip do aparelho ao meu lado e dois enfermeiros entraram no quarto às pressas.

_O que vocês fizeram comigo?! Por que estão brincando assim? Isso não se faz...

Minha mãe levou a mão à boca para não chorar e se afastou, dando passagem aos homens vestidos de branco. O médico voltou a entrar no quarto, olhou para minha mãe em repreensão e depois se inclinou sobre mim.

_ Está tudo bem, querida, tudo bem. Você vai se sentir sonolenta e vai relaxar, ok?

O enfermeiro voltou com uma vasilha de metal prateada e tirou de dentro uma seringa. Injetou-a no fio preso no meu pulso.

Novamente, a sonolência aumentou e eu relaxei. Podia ouvir e sentir tudo ao meu redor, mas meu corpo ficou sem receber ordens do meu cérebro. Respirei profundamente. Fiquei neste estado por uns quinze minutos. Depois, vi minha mãe, mais uma vez, quieta ao meu lado.

Eu não poderia estar grávida ou casada se nem ao menos tinha me apaixonado de verdade por ninguém. Era uma situação completamente ilógica e sem sentido.

Reclamei de dores nas costas e eles me colocaram sentada. Repousei as mãos sobre a cama e tentei não olhar para a minha barriga. Afastei o pensamento de que estivesse carregando uma criança no ventre.

Vi um homem atrás do vidro do quarto chegar. Ele tinha o cabelo raspado e era bem forte. Seus músculos apareciam na camiseta sem mangas. Vestia uma calça jeans preta. Abriu a porta e caminhou na minha direção.

Ele deve ser o meu marido! Seria o tal Ruan de quem minha mãe perguntara? Foi a conclusão mais rápida a que cheguei quando ele me chamou de *seu amor*.

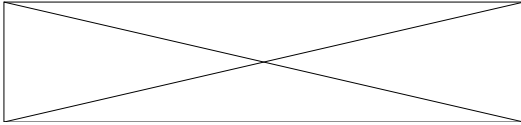
Aquilo me deixou assustada. Não o conhecia, como poderia querer me beijar! Afastei meu rosto, queria correr de medo.

_Quem é você?

Li Mendi

25/10/07

Cap 57: Recomeçar a amar (Ruan)



Olhei para o rosto de Jeni e achei, por uns segundos, que ela estivesse me desconhecendo, mas não podia ser isso. Nós nos amávamos, éramos casados e estávamos esperando a chegada do nosso filho!

_Que isso?... _ sorri e balancei a cabeça para os lados. _ Está brincando comigo, minha querida?

_Por favor, não me beije. _ ela pediu quando cheguei mais perto para lhe fazer carinho. Disse isso quase como quem olha alguém que está prestes a atacá-la.

_Ruan? _ ouvi a voz de Elisa atrás de mim. Se ela tinha algo a ver com isso, era bom mesmo que estivessemos no hospital, porque eu ia perder a razão e esganá-la!

_O que está acontecendo aqui? _ perguntei, agora com a voz irritada.

Ela bebeu a água que trazia no copo e depois olhou para Jeni, fez carinho no rosto da filha e sorriu. Era real a cena que eu estava enxergando ou precisava ser medicado contra alucinações?

_Nós vamos conversar um pouco ali fora e depois voltamos para ficar com você, minha querida. Tudo bem? _ beijou-lhe a testa. _ Vem comigo, Ruan.

Eu continuei parado onde estava, olhando para Jeni na esperança de entender que brincadeira de mau gosto era aquela que as duas faziam comigo. Será que algum programa resolveu colocar uma câmera escondida e, por trás desta, uma platéia dava gargalhadas da pegadinha?

_Ruan? _ Elisa chamou-me mais uma vez da porta.

Eu coloquei as mãos na cintura, depois respirei fundo. Cocei a barba rala no queixo e decidi segui-la. Paramos na sala de espera.

_Eu quero uma ótima explicação para isso.

_Ruan... Você vai ter que ser forte... _ Elisa colocou a mão no meu braço.

_Não me toque! _ afastei-me eletrizado por aquele contato, tinha nojo daquela mulher. Ela supostamente envenenara Jeni contra mim. _ O que você falou para Jeni?

_Ruan, quer um pouco de água? Se acalme, as pessoas estão olhando... _ ela olhou discretamente para os lados.

_Eu não me importo que olhem! E quem é você para dizer isso? Já falou para o mundo inteiro nossa história. Não duvido que até os sultões do Oriente Médio já saibam, nem que

algum escritor já tenha começado a escrever um *best seller* sobre o caso...

_Ruan, posso falar?!

_... _ parei e a olhei de lado, disposto a ouvir algo coerente que elucidasse aquilo.

_Ela não se lembra de nada.

_Quê?!

_Pode ser que se lembre... que se lembre...um dia. Mas, por enquanto, só se recorda de um pouco antes de ter te conhecido. Ela não sabe quem você é.

_Quem eu sou? _ ri. _ Eu sou o marido dela, eu sou o pai do filho que ela está esperando...
_ comecei a enumerar, apontando para os dedos. _ ... Eu arrisquei a minha vida para salvá-la.

_Eu sei! Mas ela não lembra! Ela não lembra! _ foi enfática.

Eu senti que o mundo começava a girar e o rosto das pessoas ficaram embaçados. Precisava de ar. Caminhei para a porta do hospital.

_Sua esposa acordou?

_Como ela está?

_A criança sobreviveu?

Um batalhão de repórteres de plantão dispararam flashes sobre mim e direcionaram seus microfones, gravadores e celulares para a minha boca.

_Gente, ela está bem. _ Elisa apareceu e se incluiu no círculo da imprensa.

Aproveitei para fugir deles e pedi para a recepcionista que chamasse o médico de Jeni. Ela pegou o telefone e fez uma ligação. Depois, anunciou que ele me esperava.

_Obrigado.

Quando entrei na sala do médico, ele já percebera pela minha inquietude que eu tinha recebido a notícia.

_Ela vai levar quanto tempo para lembrar de tudo? _ era a pergunta que me martelava.

_Não posso te dar garantias. Mas tenho que lhe dizer que ela é muito sortuda.

_Sortuda? Ela perdeu o passado que tinha comigo...

_Os homens pedem demais de Deus... _ ele riu e balançou a cabeça para os lados. _... Eu não queria lhe dizer para não te tirar as esperanças, mas muitas pessoas saem do coma com seqüelas gravíssimas, sem movimentar os braços e as pernas, perdem visão, a voz, entre outras tantas conseqüências ruins. Sua esposa está com todos os reflexos físicos ótimos. Isso sim é que é um milagre. Eu, como médico, acredito na ciência, mas também sou formado de parte humana e posso dizer que foi um verdadeiro milagre. Sem contar no filho de vocês se desenvolvendo muito bem.

Engoli em seco.

_Ela vai precisar de muito carinho...

Ouvimos alguém bater na porta e o médico disse que podia entrar. Era Elisa.

_Fique à vontade. _ indicou a cadeira ao meu lado. _ Estava justamente falando para seu genro que a Jeniffer vai precisar de muita atenção e afeto.

_Claro, não faltará isso a ela! _ Elisa garantiu.

_É importante que a deixem comandar o processo de lembrança. Não forcem, nem façam perguntas demais. Respondam o que ela perguntar, mas sem pressões, isso poderia bloquear ainda mais os mecanismos de recuperação da memória.

_Faremos isso. _ ela disse e eu só conseguia ficar mudo.

_Hei, meu rapaz... _ ele bateu com a ponta da caneta na mesa para chamar minha atenção. _ Eu tenho uma mulher há quarenta anos e ainda acho que ela não me conhece completamente. _ riu. _ Se Jeni nunca mais vier a se lembrar, conquiste-a outra vez. Você não é o “Don Juan”? _ fez aquela piadinha sem graça.

Eu não ri, olhei-o longamente e não consegui dizer nada.

_Deixe ela ficar com a mãe, ao menos por esses dias.

_Na minha casa? _ perguntei.

_Há algum problema nisso? _ ele estranhou meu questionamento.

Se soubesse o que estava me pedindo, se ao menos estivesse por dentro de todo o terremoto que foi o meu passado com Elisa.

_Eu li os jornais. _ comentou, lendo meu pensamento. _ Acho que agora o que importa para os dois é lutar por Jeniffer.

_É o que nós faremos, não é Ruan? _ Elisa colocou sua mão sobre o meu ombro.

_É. _ disse aquilo com toda a força que arranquei de mim.

Ao sairmos da sala, novamente, fiquei a sós com Elisa.

_Eu sei que não gosta de mim. _ ela introduziu o assunto. _ Nem eu quero invadir a sua privacidade. Não ia me sentir bem com a sua mãe sobre o mesmo teto. Só gostaria que não me privasse de visitá-la.

_Tudo bem. Se é para o bem dela, eu aceito. Mas, gostaria de pedir que fosse no horário em que eu estivesse no trabalho.

_Como preferir. _ sorriu e encolheu os ombros.

_Eu quero vê-la, saí de lá tão bruscamente...

_Lembre-se, não force nada! _ pediu. _ Vou até a casa da minha amiga tomar um banho e comer alguma coisa.

_Certo. _ consenti com a cabeça.

Eu estava receoso de voltar a vê-la dessa vez. Não era a Jeni que estava naquela cama e sim uma mulher que me desconhecia. Isso significava que nossa história tinha sido arrancada do livro da vida bruscamente.

Olhei-a pelo vidro que nos separava. Parecia dormir.

Eu tinha que ter força. Era minha missão agora recomeçar e ensinar a Jeni me amar outra vez. Será possível conquistar duas vezes a mesma mulher?

Girei a maçaneta e o pequeno barulho do ranger das dobradiças a despertou.

_Posso entrar? _ perguntei para que ela não me olhasse com tanto medo.

Não respondeu, continuou acompanhando meus movimentos com os olhos enquanto eu pegava a cadeira para sentar ao seu lado.

_ O que se diz nessas horas? _ ri, nervoso.

_ ... _ sorriu um ensaio de sorriso.

_ É... _ cocei a testa com o polegar, procurei as melhores palavras. _ Imagino que deve ter sido estranho para você acordar casada e grávida.

_ Foi assustador. _ respondeu.

Aquilo doeu de ouvir. Tudo de maravilhoso que vivemos era como um filme de terror para ela?

_ Não liga, eu também estou bem constrangido, sabe? Você me conhece, quero dizer... _ revirei os olhos. _... você me conhecia tão bem e agora eu preciso me reapresentar. Capitão Ruan, às suas ordens. _ estendi a mão.

Ela riu e segurou minha mão. Se eu pudesse lhe dizer que sentir o toque dos seus dedos me dava vontade de agarrá-la e cobri-la de beijos...

_Capitão do quê? _ quis saber.

_Ah! Eu sou militar.

_Hum... _ ela levantou as sobrancelhas.

_Ruan... _ foi à primeira vez que me chamou pelo nome, mas com a solenidade que eu não queria. _ Eu sei que, teoricamente, nós moramos juntos... Mas, onde vou ficar?

_Como assim, meu am..., Jeni?

_Minha mãe me falou que eu não preciso forçar nada, nem ser sua esposa, que não seria justo comig...

_Ela falou isso? _ interrompi-a e franzi a testa, ultrajado.

_É. Achei estranho, porque ela deveria querer que eu ficasse perto de você. Não que eu queira isso, não me entenda mal, mas...

_Jeni, Jeni, ouça. _ fiz um sinal com a mão para me deixar falar. _ Está vendo isso aqui? _ mostrei a aliança a ela. _ É um sinal de que, um dia você, mesmo que não lembre, acreditou em mim. O que vivemos não foi só amor, foi amizade também. Não vou obrigá-la a ser o que era antes de modo algum! Seremos amigos, bons amigos.

_Eu não sei se vou voltar a amá-lo como quer e acabaria eu mesma me cobrando isso.

_Me dê uma chance de tentar?

_Tentar o quê?

_Fazer você me conhecer de novo.

_Eu não tenho outra alternativa, não é? Estou esperando um filho seu.

_Nosso. _ corrigi.

_Sinto-me como em um casamento arranjado que nunca quis e com um homem que me apresentaram no dia da cerimônia! _ ela estava mais agoniada do que eu imaginara.

_É só uma chance, se não quiser, você pode me deixar.

_Como pode me dizer uma coisa dessas?

_É o amor. E o amor faz coisas como as que eu fiz que nem imagina, melhor, nem lembra.

_Desculpe.

_Eu não quero desculpas, só uma chance. _ pedi.

_Podemos tentar. Amigos?

_Amigos. _ acariciei seus dedos. _ Você sabia que tem um batalhão de fotógrafos lá fora?

_É mesmo?

_É. _ ri. _ Vou tentar arrumar um jeito de te tirar daqui sem que te vejam.

_Por favor!

_Quem sabe a gente escape na calada da noite? _ propus.

_Isso. _ sorriu.

Era a minha linda Jeni com seu sorriso rosado e os olhos de quem me desconhecia. Lá no fundo, em algum lugar subterrâneo do seu coração, ainda estavam guardados os escritos de nossa história e eu a ajudaria achar.

Li Mendi

y, come and get it (Jeni)

Ruan pareceu-me bem simpático e divertido ao primeiro contato. Minha mãe disse que ele era um pouco sério demais e uma pessoa dura de se lidar. Eu não entendi porque me passava uma imagem assim daquele homem. Pelo contrário, tentava fazer com que nosso contato fosse amistoso e sem pressões para que eu bancasse sua mulher.

_Vamos sair pela porta dos fundos, ok? _ ele me disse, guiando a cadeira de rodas.

Pelo corredor, Ruan foi cumprimentando as enfermeiras e todos aqueles que conviveram conosco durante o período em que estive no hospital. Achei até simpático da sua parte. Mas, o ponto fraco para atingir o seu mau humor era quando via jornalistas. Foi o que aconteceu assim que um guarda abriu o portão para nós.

_O que eles fazem aqui? _ assustou-se com todos os flashes que foram disparados sobre nós. _Por favor, dêem passagem, ela está precisando se recuperar, por favor, saiam da frente.

_Jeniffer, é verdade que você perdeu a memória? _ uma jornalista perguntou, enquanto Ruan me ajudava a entrar no carro.

_Como eles sabem? _ perguntei enquanto ele ligava o carro.

_Alguém do hospital deve ter mantido eles informados sobre tudo.

_Alguma daquelas pessoas que você cumprimentou antes de sair?

_Quem sabe? Não se pode confiar em todo mundo... _ balançou a cabeça para os lados.

Entramos em uma rua comprida, de casas praticamente iguais umas às outras. Bonitinhas, com telhados vermelhos e fachadas brancas.

_Isso é uma vila?

_Sim. _ respondeu ele. _ Vou te ajudar. _ Ruan me deu a mão para eu sair do carro e a manteve em volta da minha cintura.

_Não se preocupe, eu posso andar perfeitamente. _ disse-lhe.

Um cachorro veio correndo nos receber aos saltos.

_É o nosso cachorro? _ sorri e quis me abaixar para tocá-lo, mas a barriga já grande me atrapalhava um pouco. _ Como se chama?

_Juanito.

_Vocês deram o seu nome ao cachorro?

_Não, é com “J” e não com “R” e quem deu o nome foi você. Por que falou de nós, como se estivesse em terceira pessoa?

_Desculpe... Eu me sinto assim.

_Tudo bem. Vamos entrar. _ ele indicou o caminho.

Uma mulher apareceu na cozinha com o rosto amassado e cara de sono.

_Olá, minha querida, que bom que está de volta. Rezei tantas novenas para isso!

Eu sorri e olhei para Ruan.

_Minha mãe... _ me apresentou.

_Oi!

_Oi. _ ela me abraçou efusivamente.

Pelo visto, eu era muito querida naquela família.

_Eu vou voltar a dormir, vocês precisam de alguma coisa? _ perguntou.

_Não, não. _ Ruan dispensou suas preocupações. _ Vem, Jeni. _ chamou e eu o segui pelo corredor.

_Ruan, me diz uma coisa: quem ficou com meu cachorro?

_O Fred?

_É.

_Você não lembra? _perguntei.

_Para variar... não.

_Aiii, vai começar tudo de novo. Quando eu pensei que já tinha acabado com este assunto...

_Quê?

_Olha, antes que você comece a fazer um escândalo, agora você tem um cachorro e um peixe.

_Cachorro e peixe? Mas o que isso tem a ver com o Fred?

_Eu matei o seu cachorro.

_O quê?!

_Eu disse que não era para gritar!

_Bom, eu acabo de saber que casei com o cara que matou o meu cachorro?

Ruan revirou os olhos e sentou-se na pequena poltrona de canto do quarto. Começou a desamarrar o tênis.

_Foi o seguinte. Como lhe falei, seu padrasto morreu. No dia que eu fui lhe dar a notícia, você desmaiou. Eu pedi para um soldado despistar o cachorro, sei lá, dar um tiro na pata, coisa assim, porque o soldado ia pular o muro...

_Meu Deus, você é um monstro!

_É, você já me disse isso vinte vezes, pode acreditar. _ garantiu-me. _Mas eu não tenho culpa que o cara tenha descarregado no bicho. _ desculpou-se

_Descarregado?! _ sentei-me na cama.

_Olha só, Jeni, eu não queria que tivesse acabado desse jeito. _ Ruan ficou parado na minha frente. _ Eu sei que você está triste agora, como ano passado... _ sua voz ficou abafada por causa da camisa que acabava de tirar, puxando-a pelo pescoço. Com apenas aquele movimento de suspender a camisa, seus músculos se contraíram sobre as costelas e formaram um quadro de curvas e reentrâncias nunca antes vistos por mim fora das revistas das bancas de jornal.

Esqueci o Fred por uns segundos e meus olhos se fixaram naquela barriga definida e o peitoral musculoso. Poucos pêlos, mas que faziam caminhos pelo abdômen, caminhos esses que, de repente, seguiam na contra-mão, viravam rodamosinhos, trilhas. Jeni! Acorda, alouuu, girl?

_... E você gosta muito do Juanito agora, concentre-se nisso! _ continuou a falar o que eu nem mais conseguia prestar atenção. Ele abriu o cinto da calça, puxou o zíper até embaixo e vi sua cueca branca, com um coze de elástico grosso escrito "sexy, come and get it".

Eu virei o rosto para o lado e evitei observá-lo.

_... Por favor, tem como não falar sobre seu cachorro durante mais meio ano? _ pediu.

Novamente o encarei. Ruan segurou o coze e abaixou a calça. Comecei a rir de nervosismo.

_Que foi? _ perguntou.

_Nada! _ controlei o riso. Estava sem saber onde colocar as minhas mãos, cocei a nuca, coloquei-as na cintura e, por fim, cruzei os braços.

Não se preocupe... piscou para mim._... é **tu-do** seu._ Caminhou para o banheiro.

Instintivamente, fui virando a cabeça e seguindo-o com os olhos para vê-lo de costas e que costas eram aquelas?! Jeniiii!

Ele tirou a cueca e vi a marca de queimado da sunga de praia que tinha sido deixada ali para o deleite de poucas, quero dizer, eu ver. Mumurei bem devagar:

_Aiiii, meu Deus!

Ruan deixou a porta do banheiro aberta. Caminhei até lá e fiquei conversando com ele enquanto tomava banho dentro do box de vidro fosco.

Sentei-me na tampa fechada do vaso.

_O que mais eu preciso saber? Você me deu um peixe e um cachorro. E daí?

_Bom, o que mais você quer saber? _ele abriu a porta do box e o vi completamente molhado, sob a ducha do chuveiro. Passou a mão no rosto para se livrar da água e me olhar melhor.

Virei-me para a parede, abruptamente, mas não adiantava fugir, lá estava sua imagem refletida no espelho.

Ora, você gostava de ler meus livros, ouvir música, tem um computador no seu quarto... esfregou o sabonete no corpo.

_Eu tenho um quarto só para mim? _ perguntei.

_Tem! _ Ruan terminou o banho, saiu do box e buscou a toalha pendurada.

_Aaaah! _ gritei e tampei a boca com a mão.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, começou a secar as costas esfregando a toalha em um movimento de vai e vem.

_Pior que tem! Quando você veio morar comigo, fizemos um quarto para você. Minha mãe está dormindo lá agora.

_Ñh... _ engoli em seco.

Ruan continuou secando agora a cabeça, enquanto eu estava bem de frente para ele, na altura respectiva... Isso mesmo, eu não tinha nem voz para falar. Meu cérebro parou!

_Mas, por enquanto, você vai dormir comigo. É melhor, você vive pedindo mil coisas e, estando do meu lado, já ajuda. Fico menos preocupado. Tudo bem para você?

_Tudo... _ levantei as sobrancelhas e franzi a testa. _ Tudo..._ recuperei o fôlego. _... Tudo ó-ti-mo.

Ele caminhou de volta para o quarto e eu fiquei ali. Pa-ra-da, imersa ainda na nuvem quente de fumaça.

_Uauuu! _ balancei a cabeça para os lados e me levantei.

Ruan colocou uma pilha de almofadas e travesseiros e eu perguntei para quê aquilo.

_Para seus pés que ficam sempre inchados. _ informou.

_Hummm... _cocei a nuca. _... Tem como você dormir vestido? _ perguntei, constrangida.

_Eu estou vestido. _ ele deitou-se de bruços.

_Bom, com alguma coisa maior que esses poucos centímetros quadrados de cueca!

Ruan levantou-se batendo o pé e resmungando.

_Que maravilha! _ abriu o guarda-roupa e retirou uma camisa branca. _ Está bom assim? _ caminhou de volta para cama.

_Não tem nenhum shortinho não? _ pedi.

_Aiiiiiiiiiiiiiiii! _ voltou para buscar uma bermuda comprida até o joelho. _ Quer que eu coloque os sapatos também?

_Não, assim está bom.

Ele se jogou de bruços no colchão.

Fiquei olhando para o teto, não conseguia relaxar, nem dormir.

_Que foi? Está estranhando a cama? _ perguntou.

_Basicamente isso... a cama e todo o resto.

_Vem cá... _ ele sentou-se. _... Vire de lado, nesta posição de barriga para cima você faz muito peso sobre a coluna. _ indicou-me como eu deveria ficar. _ ... Agora feche os olhos. _ pediu.

Eu fechei e senti sua respiração próxima ao meu pescoço. Ele puxou os fios do meu cabelo para trás e fez carinho na minha cabeça.

_Tenta relaxar completamente que o sono vem...

De repente, eu não vi mais nada.

Li Mendi

26/10/07

Cap 59: Trégua (Ruan)

_O que nós fazíamos para nos divertir? _ Jeni perguntou, sentada ao meu lado no sofá, ela parecia bem entediada enquanto eu lia meu jornal de domingo depois do almoço.

_Sexo. _ respondi sem tirar os olhos do caderno de esportes.

_Sexo? Sexo o dia todo?

_É. Tem coisa melhor? _ virei a folha e dei uma rápida olhadela em sua cara de assustada. _ Sexo no sofá, na mesa, no tapete, no jardim, na escadinha ali da entrada...

_Eu era uma ninfomaníaca?

_Estou brincando com você!

_Seu... _ arremessou uma almofada na minha cabeça.

_Olha o que fez com o jornal! Amassou! _ agüentei para não rir e tentei parecer bravo.

_Você gosta de brincar com a minha situação, né? Mas se quer saber, eu sou praticamente virgem!

_Praticamente virgem? _ repeti com toda a ironia que consegui. _ Isso é piada, né? Jeni, a única realmente virgem aqui é aquela imagenzinha que temos em cima da estante.

_Ruan! Mas eu não lembro de nada!

_Ah, mas eu lembro! _ dobrei novamente o jornal para ver a situação do ranking do Brasileirão. _
Eu lembro de cada coisa...

_Seu grosso! Seu estúpido! E eu não lembro de nada! _ falou aquilo com prazer no intuito de me provocar. _ Nem meu corpo lembra nada, nadica de nada do seu, nem...

Eu perdi a paciência, larguei o jornal puto da vida agora e me levantei. Jeni fechou a boca e inclinou a cabeça ligeiramente para trás com medo do que eu pudesse lhe fazer.

_Presta atenção, garota... _ apoiei meus punhos fechados sobre o sofá e praticamente encostei meu rosto no dela. _... Eu entendo que você esteja irritada, que não me queira como me queria, só não me provoque porque um homem que está há um mês na seca total pode perder a cabeça, entendeu bem, ou quer que eu faça um desenhinho?

Os olhos delas se encheram de lágrimas e fez uma carinha de quem ia deixar as comportas da represa de Itaipu caírem. Puta que pariu, por que as mulheres usam esse golpe tão baixo, tão sujo, tão sacana?

_Não chora, não chora! _ segurei seu rosto.

_Eu estou tentando, ok? Mas, você não está ajudando, você é um animal! _ gritou comigo e se levantou para sair da sala.

Revirei os olhos. Oh, que ótimo, agora eu era o lobo mal que queria comer a Chapeuzinho Vermelho.

Porra, tá vendo, leitores? Não consigo mais ler, não tem clima! Joguei o jornal de lado e ele caiu na cabeça de Juanito que deu um latido e correu de mim também.

_Jeni... _ cheguei na porta do seu quarto. _... Quer ia a um baile comigo hoje?

_Não... _ falou com a voz abafada pelo travesseiro. _... Não vou te fazer desfilhar com uma baleia gigante.

_Você não é uma “baleia gigante”. _ repeti, tentando imitar sua voz e dei a volta na cama para poder sentar-me ao seu lado. _ É meu filho que está aí... _ toquei a sua barriga.

_Tira a mão daí, enquanto estiver aqui é meu! _ irritou-se.

_Caraca, você é a mesma, a mesmíssima Jeni chata! Está bancando a infantil de novo e você estava progredindo!

_Ruan, eu não gosto de você... _ ela sentou-se na cama e vi que seus olhos estavam vermelhos. _ Eu não gosto de vocêêê... _ gritou a todos pulmões.

_Você só não lembra que gosta. _ consertei falando baixinho, olhando para as minhas mãos.

_Eu não agüento isso mais, não agüento tentar me lembrar só para te fazer feliz, eu quero deixar de ser essa Jeni, só que não dá! _ ela dedilhou os cabelos para trás, alucinada.

_Hei, você não pode se irritar. _ lembrei-me. _ Altera sua pressão, faz mal para o bebê.

_O bebê, o bebê! Você só pensa nessa...

Num impulso tapei sua boca com a minha mão:

_Não ouse falar qualquer palavra contra o meu filho porque ele já está sentindo tudo isso, não merece ouvir também. Você sabia que as crianças recebem tudo que a mãe emana para eles?

Em um instante, eu tive um reflexo. Se Jeni estava tão mal e dizendo que não agüentava a perda de memória, ela poderia ser capaz de uma loucura. Não a deixaria entrar em uma depressão, isso levaria tudo por água abaixo de vez.

_Vamos ajudar um ao outro. Eu te ajudo e você me ajuda, tudo bem? _ tirei minha mão da sua boca e tentei ser o mais amigável possível. _ Que tal a gente sair? Tem um baile no clube, dança de salão. A gente se diverte e...

_Como espera que eu vá vestida? Enrolada nessa cortina?

_É... _ olhei para a cortina. _ Pode ser, você acha que cabe? Parece que vai ficar apertada.

_Aiii, Ruan! _ ela deitou-se de volta no travesseiro.

_Não se preocupe, você já tinha pensado nisso antes. Há dois vestidos de grávida lá no nosso guarda-roupa. Eu prefiro o azul claro.

_É? _ ela pareceu se animar.

Ficou fechado então o pacto de trégua para nos prepararmos para a festa.

Li Mendi

27/10/07

Cap 60: Novo roteiro (Jeni)

Eu não sabia o que me esperava nesse baile, nem que pessoas veria lá ou que tipo de comportamento deveria ter. Tudo era tão novo para mim, mas, no fundo, sentia-me estranhamente como se já estivesse habituada àquela rotina.

Enquanto terminava de prender o meu cabelo na frente do espelho do banheiro, refletia sobre meus sentimentos, cheguei a conclusão de que era porque Ruan estava comigo. Algo dentro de mim o reconhecia como uma corda de segurança que me prende a uma coisa maior e não me deixa cair.

Passei maquiagem no rosto e um pouco de perfume no pescoço abaixo das orelhas. Olhei para os vidros de perfume e me perguntei se eu o havia pego aleatoriamente ou meu reflexo condicionado tinha me feito escolher o que eu mais gostava. Alinhei os frascos e constatei que eu usara era o mais vazio de todos.

_Será que estou conseguindo me lembrar? _ ri feliz por aquela fagulha de esperança, mesmo que tão pequena. Era parte de mim vindo à tona.

A porta do quarto estava fechada, passei pelo corredor e fiquei esperando na sala Ruan terminar de se arrumar. Vi um paletó cinza pendurado nos braços da cadeira da mesa. Aproximei-me e reparei que na altura dos ombros tinham estrelas. Passei os dedos para sentir o relevo delas. Um flash de imagem percorreu minha mente. Fechei os olhos. Vi um lugar com muitas pessoas que falavam alto, parecia uma festa. E apareciam várias dessas estrelas no ombro dos homens.

Abri os olhos e corri para o móvel de fotografias. Procurei em cada porta-retrato.

_Foi no dia do nosso casamento! _ falei exultante, quando encontrei a imagem que viera a memória.

Não pode ser, não pode ser! Eu estava lembrando!

Senti novamente vontade de ir ao banheiro. Voltei até lá e quando cheguei na sala outra vez

Ruan estava de costas para mim, mas já vestido com o paletó cinza da farda. Ele ouviu o barulho dos meus passos e virou-se.

Eu o olhei da ponta dos pés até o alto da cabeça. Estava muito bonito e meu coração disparou. Era eu que sentia aquilo ou a Jeni dele que havia dentro de mim? Não importava, eu já estava sem fôlego.

_Quero que me responda uma coisa. _ pedi. _ É esse o perfume que eu mais uso. _ apontei para o meu pescoço, timidamente.

Ele caminhou na minha direção até parar à minha frente. Não precisava se aproximar mais para sentir o aroma, mas mesmo assim ficou tão perto que sua respiração balançava os poucos fios soltos do meu cabelo.

_Na verdade, você não gosta muito desse. _ riu.

_Não? _ franzi a testa. _Hum... _ fiquei desapontada.

_Sou eu que gosto, por isso usa. Você lembrou?

_Não sei se eu lembrei, mas foi o primeiro que peguei, então pensei que alguém dentro de mim estava certa do que queria e estranhei a reação impulsiva de pegar aquele vidro.

_Eu gosto de acreditar em toda pequena ponta de esperança.

_Eu também. _disse-lhe.

_Vamos?

_Vamos. _ dei dois passos à frente.

_Jeni? _ ele tocou meu braço.

_Hum. _ virei meu rosto para trás.

_Eu... _ não encontrou as palavras que buscava.

_Você...? _ levantei as sobrancelhas.

_Eu queria me desculpar por todas aquelas coisas de hoje à tarde.

_Coisas? _ olhei para os lados e depois voltei a encará-lo, rapidamente. _ Tipo me chamar de chata, infantil e imatura?

_É. _ riu de nervosismo. _ Eu não devia ter feito isso, eu fui indelicado.

_Indelicado, grosso, estúpido, escr...

_Hei!

_Eu estou brincando. _ sorri. _ Esqueça!

Ele sorriu também e me ofereceu o braço.

Quando chegamos à festa, senti os olhares das pessoas se voltarem para nós como se fôssemos o casal popstar esperado.

_É impressão minha ou viramos o foco das atenções? _ falei baixinho, tentando manter o sorriso e retribuir o aceno para aqueles que nos cumprimentavam de longe.

_Eles leram tudo nos jornais.

_Que maravilha... _ continuei sorrindo. _... Me sinto nua agora.

_Vejo que estão bem. _ um senhor aproximou-se de nós e Ruan o cumprimentou efusivamente. Tentei ser o mais cordial possível e troquei dois beijinhos com sua esposa.

Quando eles se afastaram, Ruan riu.

_Acho que ela não vai dormir hoje tentando entender sua atenção.

_Entender o quê?

_Você odeia ela.

_Odeio? _ ri.

_É, uma vez tive que separar você duas porque estavam se estranhando lá fora como quem fosse entrar para o primeiro round de uma luta transmitida via satélite.

_Que gafe! _ ri mais ainda, absolutamente constrangida.

_Essa é a Jeni.

_O quê? _ perguntei, novamente sem entender.

Ruan caminhou para uma área ao ar livre fora do salão, onde algumas mesas vazias ficavam longe do barulho da música e do agito das pessoas.

_Por que eu pareci com ela, quero dizer, comigo agora?

_É estranho... Eu sinto que você, ela, você... _ ele riu.

_Não se preocupe, eu entendi. _ achei graça também.

_Você não lembra, mas tem reações que ela teria. Como agora, se divertindo de umas situações que a Jeni que eu conheci no início não riria. Se você só se lembra até o estágio anterior ao nosso encontro, então, deveria agir só como era antes! A Jeni mais madura e a Jeni inexperiente se alternam. Pareço ver uma peça de teatro com duas personagens que, entre o abrir e fechar das cortinas, assumem o palco separadamente em diferentes atos.

_Eu sinto muitas coisas também. Se você vê um filme que comprou o DVD e tem ainda vontade de rever algumas cenas preferidas, é só aperta o play e ver de novo. Mas a minha memória não traz de volta os bons momentos. É como se eu tivesse uma vida vazia. Não importa o quão ruim é o nosso destino, quantas quedas sofrermos, temos todas elas para lembrar que podemos ser melhores e somos capazes de superar. Eu só levo comigo uma folha em branco.

_Se não conseguir encontrar o seu filme, então use a folha em branco para escrever o roteiro de outro.

_É triste não ter passado.

_É triste quando o passado que se tem não se quer lembrar. _ ele sentou-se.

_Por que diz isso? _ pus os cotovelos sobre a mesa e fiz um ar de quem está disposta a ouvir tudo.

_Se eu contar, você não vai acreditar... _ sorriu envergonhado. _Aliás, tem coisas que e a gente só deveria contar uma vez na vida... _ riu alto de si mesmo. _ ... porque elas demandam muita energia. Eu lembro de todas as suas reações e da raiva que senti de mim. Imagina ver tudo isso novamente no seu rosto agora? Não, vamos mudar de assunto.

_Conta. _ pus a mão sobre seu braço.

Ruan respirou fundo e me olhou como quem me estuda para saber se eu estava preparada para o que ia descobrir.

_ Eu já fui apaixonado por sua mãe.

Eu engoli em seco e tentei não dizer nada. Não teria a reação que ele esperava, me agüentaria. Por mais que no meu interior eu estivesse muito surpresa.

_Na verdade, namoramos. Mas Elisa fez muitas coisas que me machucou.

_Não duvido, ela me deixou e isso posso lembrar claramente.

Ruan contou-me que minha mãe havia tentado convencê-lo de que esperava um filho seu e depois o abortara. Acrescentou que isso o motivara a tentar acabar com a própria vida, mas que o destino o deu mais uma chance. Explicou em detalhes como foi nosso encontro e as brigas que tivemos. Relatou-me também o episódio de Daniel e, finalmente, a nossa briga anterior ao casamento por causa da visita inesperada de minha mãe, que tentou nos separar.

_Vivemos intensamente muita coisa! _ exclamei.

_Muito. A gente se debateu contra o que sentíamos. Era essa a origem de tantas guerras que travamos. Você não sabe do que é capaz!

Ruan me fez rir narrando o episódio em que troquei os ring tones do meu celular e coloquei fotos de homem em seu computador.

_Eu não fiz isso! _ diverti-me.

_Agora é engraçado, mas, no dia, eu fiquei tão irado que quis te esganar! _ gesticulou. _ A gente parecia que ia lutar até um dos dois cair morto como os gladiadores. Mas descobrimos que podíamos usar toda aquele sentimento forte para sermos felizes.

_Se alguém contasse nossa história para mim eu iria achá-la a mais linda que já ouvi.

_E a mais louca também!

_A gente não vive de monotonia. _ disse-lhe.

_Pela primeira vez você não falou em terceira pessoa. _ observou.

Eu sorri e olhei para o lado timidamente.

_Vamos dançar? Viemos aqui para isso. _ sugeriu.

_Com a barriga desse tamanho?

_Que tem? _ ele levantou-se.

_Não! _ segurei sua mão quando ele me puxou. _ Por favor, não quero aquelas pessoas me olhando.

_Você sempre gostou...

_Por favor.

_Tudo bem.

_Podemos dançar aqui, se quiser.

Ele colocou sua mão por trás da minha cintura e eu me senti desajeitada. Rimos os dois até ficarmos sérios novamente.

Enquanto a música nos envolvia, novamente aqueles flashes me vieram à cabeça.

_Está se sentindo bem, Jeni? _ perguntou.

_Não... Só umas coisas que estão passando na minha mente. _ levei a mão à testa.

_O quê? _ não entendeu.

_Eu sinto que já estivemos aqui e essas pessoas... _ eu parecia estar confundindo-me nas próprias palavras.

_Que ótimo! Isso aconteceu mais de uma vez?

_Sim. _ sorri feliz. _ Está funcionando. Ficar perto de você me faz ter sensações.

_Não posso acreditar!

_Mas calma...

_Claro! Nada de grandes expectativas! Quer ir para casa? Já está tarde mesmo.

_Pode ser. _ aceitei.

Quando chegamos, fomos para o quarto trocar de roupa. Sua mãe já tinha ido dormir. Ruan pendurou o paletó da farda cinza no cabide e depois caminhou até a poltrona. Provavelmente, ia começar a tirar os sapatos no seu ritual de se despir.

_Você não tem curiosidade? _ ele perguntou, de repente, virando-se para mim.

_Do que?

_Hum... de saber o que pode sentir quando me beijar?

_Isso seria um tratamento de choque!

Ele riu e balançou a cabeça para os lados.

_Deixa para lá! _ desistiu da idéia.

_Ok, pode ser. _ falei, tentando ser fria. _ Me beije, anda, me beije, eu tenho que sentir alguma coisa. _ pus as mãos na cintura e apertei meus lábios um contra o outro para me preparar. Respirei fundo. _ Quem mal tem nisso? Se eu te conhecesse em um bar, rolasse um clima e eu quisesse te beijar, não precisaria te conhecer, não é verdade? _ comecei a tagarelar enquanto Ruan fechava a porta do quarto. _ Vamos lá, me mostre por que eu me casei com você. Pode começar, anda logo.

Trilha Sonora(Clique aqui)

_Feche os olhos.

_Ãnh... Hum...

_Feche os olhos. _ pediu de novo.

_O que v...

_Feche os olhos. _ repetiu.

Fechar os olhos aumentava meu nervosismo, porque eu não poderia prever os seus movimentos.

Sua presença física aproximou-se de mim e eu senti sua mão delicadamente percorrer o contorno dos meus braços, encostando delicadamente apenas nos pêlos, sem tocar na pele. Depois sua respiração quente no meu pescoço de um lado passou para o outro.

_Não existe mais nada. _ falou baixinho tão perto dos meus lábios que eu já praticamente podia sentir que ia tocar os meus. _ Nem passado, nem futuro, só agora. _ Deixou seu hálito quente sobre minhas pálpebras e a pele das minhas faces. _ Deixe seu corpo leve e solto. _ dedilhou o meu cabelo. _ Permita que sua alma fique livre para se encontrar de novo com a minha. _ sua boca roçou o meu pescoço e me provocou um arrepio, meneei a cabeça para o lado e seu rosto ficou entre meu queixo e o ombro.

Ele contornou o meu corpo girando em torno de mim e afastou meu cabelo para beijar as minhas costas. Abriu o zíper do meu vestido e delicadamente abaixou as alças. Quando novamente ficou diante de mim, eu abri os olhos e me senti a ponto de cometer um impulso de beijá-lo, só precisava de um pequeno gesto seu. Os dois ao mesmo tempo se precipitaram para frente e nossas bocas se fundiram.

Eu queria seus lábios como se tivesse esperado por eles por muito tempo. Senti-os macios e molhados entre os meus. Segurei seu rosto com as minhas duas mãos e parecia já ter feito aquilo desde sempre. Meu corpo o reconhecia e sabia para onde guiar minhas mãos.

Ruan aumentou o ritmo e começamos a ficar ofegantes. Ele caminhou de costas até sentar na cama, inclinei meu rosto e o beijei mais uma vez longamente a boca. Deixei meus dedos percorrer o cabelo espetado da sua nuca.

_Você quer passar para o que vem depois disso... _ ele perguntou, afastando seus lábios dos meus.

_Se eu pudesse parar...

_Eu também não posso mais. _ ele levantou-se e tirou a blusa branca de botões e, antes que pudesse se livrar dela dos seus braços, beijou-me mais uma vez com uma pressa irrompida.

Se eu nunca havia passado por aquela experiência como podia sentir que estava tudo sob controle?

Envolvei meu pescoço com meus braços quando já estávamos sobre a cama e ele me amou com uma busca profunda. A corrente de energia que percorria todo o meu corpo elevou minha temperatura e os flashes de memória se tornaram mais intensos, mas eu não queria interromper nossa união física com palavras.

Com a mesma delicadeza que começamos chegamos ao ápice de olhos fechados e imersos no abstrato do prazer. Até que ficamos sobre a superfície da paz plena e silenciosa.

_Eu estava com muita saudade disso. _ sorriu para mim e acariciou meu rosto admirando-me.

Puxei sua nuca para me beijar mais e eu não quis parar de sentir o contato entre nossos corpos. Eu não lembrava de tudo que vivemos no passado, mas podia inexplicavelmente sentir.

Li Mendi

28/10/07

Cap 61: Eterno conhecimento (Ruan)

Olhei para Jeni sorrindo para mim depois que nos amamos e senti uma imensa alegria no meu coração. Eu não podia exigir mais que aquele momento sublime depois de tantas demonstrações de superação e resistência dela. Não importava que se lembrasse do que vivemos se ao menos

eu poderia receber seu carinho. Senti que seu corpo reconheceu o meu e não fora com menos intensidade que me quis com volúpia. Ela podia até não saber que naqueles poucos momentos de entrega fora a Jeni de sempre, mas eu, sim, era capaz de reconhecer este detalhe.

_Você é lindo... _ ela entrelaçou seus dedos entre os meus e chegou mais para perto sob as cobertas. _ ... Eu quero te contar uma coisa.

_Fala. _ apoiei minha cabeça em uma das mãos e repousei a outra sobre a sua cintura.

_Eu me lembrei de vários momentos nossos agora a pouco. Não sei se a intensidade das sensações físicas provocaram isso.

_Que ótimo. _ beijei-lhe os lábios rapidamente. _ Só espero que tenha sido boas lembranças.

_Sim, foram... ótimas... _ riu.

_Ah, me conta! _ pedi, curioso.

_Conto... ou não conto? _ ela levantou a cabeça e beijou meus lábios. _ Conto... ou demonstro? _ aumentou a intensidade do beijo.

_De sacanagem você lembra né?! _ fiz cócegas e ela riu alto. _ Você é linda demais! _ beijei-lhe o pescoço.

_Ruan. _ ela chamou-me com o mesmo jeito de outrora.

_Hum... _ lambi o lóbulo da sua orelha.

_Que nome demos a nosso filho?

_Ah, isso aí foi uma guerra! Nem quero começar agora...

_Tá! Quais eram as opções?

_Você queria Fernando e eu queria Igor.

_Hum... Será Igor, então. _ decidiu.

_Nossa, fácil assim? _ surpreendi-me.

_Ele tem que ter um nome logo! _ explicou-me. _ Não vamos mais perder tempo com isso.

_Nada de perder tempo. Isso mesmo. _ comecei a abraçá-la como se fôssemos começar tudo de novo e ela deu uma gargalhada.

_Ruan, seu sedentinho, perai! _ deu-me um tapinha no braço. _ Deixa eu te falar uma coisa.

Por que as mulheres falam tanto, meu Deus?!

_Diga... _ sorri, bem humorado.

_Eu vi os cadernos de capa vermelha que tinha escrito para você e comecei a ler.

_Bom, são seus mesmo, não tem problema. _ disse-lhe, sentindo pelo seu tom de voz cerimonioso que estava receosa que eu brigasse com ela.

_São lindos. Eu te conheço como ninguém, hen? Tudo bem que vou precisar lembrar de muita coisa ainda, mas só pelo caderno dá para ver! Você me conhece assim também?

_... _ eu não respondi prontamente, olhei-a com contemplação por mais alguns segundos. _ Aprendi a nunca deixar de querer te conhecer. Quando a gente começa a ler sobre um

determinado assunto, dá aquela empolgação para descobrir todos os detalhes. Mas, conforme chegamos à sensação de ciência plena, tendemos a nos limitar ao que já temos. Satura. No amor, diferente dos estudos acadêmicos, aprendemos a nunca deixar de querer saber mais sobre a pessoa que está ao nosso lado. Muitos casais se separam por isso, por deixarem de investigar o outro e perderem a chance de se depararem com diversas qualidades boas.

_ Gosto tanto de te ouvir falar. _ ela acariciou com o dedão o meu queixo e tocou os meus lábios.
_ Só estar perto de você me faz me sentir tão segura, Ruan.

_ E ter ficado longe durante o período do seqüestro foram os piores dias da minha vida. _ contei-lhe e beijei a sua mão. _ Não posso te perder mais por nada nesse mundo.

_ Um dia eu vou morrer.

_ Não fala isso! _ senti uma dor no peito com aquelas palavras. _ Nun-ca mais repita isso! _ pedi-lhe com meu rosto perto do seu.

_ ... _ ela engoliu em seco e olhou para baixo.

_ Jeni, eu preciso de você quando chegar em casa para sentir que o dia vai terminar bem nos seus braços. Eu preciso te ver tomando café da manhã e debulhando os pães para tirar os miolos.
Ela riu.

_ ... Eu preciso... _ continuei. _ ... te ver deitada no sofá do escritório lendo algum livro, enquanto eu trabalho, só pelo simples prazer de poder te olhar e saber que está perto com a sua presença viva e cheia de energia. Eu preciso te ver sair do banho com pingos de água nos ombros e cheiro de xampu no cabelo molhado e bagunçado. Eu preciso ter alguém para quem voltar quando sair em missão e receber aquele abraço quente e apertado de boas vindas novamente. Eu preciso de alguém que me acorde com um beijo se o despertador falhar e saber o que é uma farda 3d, ou seja, que entenda o meu mundo.

_ Como descobriu que esse alguém era eu? _ perguntou-me com um olhar reflexivo.

_ Quando eu não conseguia ficar longe de você. Quando você começava a brigar comigo e eu só queria te beijar. Quando você fazia tudo errado e eu tinha uma baita paciência para te ensinar. Quanto tinha benevolência com seus contínuos tropeços. Quando eu sabia que você era muito diferente de mim e, mesmo assim, eu queria arriscar te amar. Não tem um marco ao certo, eu, quando me dei conta, já era parte de uma coisa composta por nós dois que não tinha significado se fosse dividida, só existia enquanto unidade. Desculpe, não estou sendo claro... _ ri. _ Eu viajo às vezes.

_ Eu entendi! _ disse-me. _ Deus põe nossas almas em corpos para que não possamos ver quem realmente somos. Imagine que nosso interior tivesse cores. O mau é preto; o mais ou menos mau, cinza; o bom, branco; o engraçado, amarelo; o apaixonado, rosa. Sem os corpos, você poderia andar pela rua e ver a pessoa do jeito que ela é, com a cor correspondente a sua personalidade. Mas, claro que não somos cromáticos por dentro. Mesmo assim, suponha que compomos um código de barras cheio de dados e que, sem a parte física, todos veriam o outro sem máscaras. Os bons ficariam com os bons e se afastariam dos maus. Conseqüentemente, os maus se tornariam piores do que são. Só que nós estamos dentro de nossos corpos e enganamos as pessoas com a nossa aparência. Assim, você pode ao tratar bem uma pessoa ruim, sem que nem imagine, mudar sua vida e sua personalidade má. Ou aquele cara barrigudinho pode ser a pessoa perfeita para uma outra que ame, mas que, se não estivesse escondido atrás daquela pequena pança, seria atacado por várias mulheres ávidas por um cara legal e romântico antes da tal mulher que seria boa para ele.

_ Mas, nesse caso, você teria que ter pessoas capazes de olhar dentro, neste interior de que fala. Isso é difícil hoje em dia. A máquina do capital trabalha para revestir as pessoas em diversas camadas de maquiagem, roupas, jóias, acessórios, carros, como se fosse empilhando sobre o "eu" vários estratos. No fim, aquela essência fica tão, mas tão escondida, que deixa até de ser importante.

_Nunca deixa de ser importante. _ corrigiu. _ Porque, quando a pessoa de fato precisar, ela vai ver que não encontra. Por isso, tantos casais de artistas milionários se separam. O presidente francês Sarkozy acabou de se separar daquela ex-modelo. Se ela só olhasse as camadas de poder de que ele foi acrescentado, não estaria infeliz.

_Verdade. _ concordei. _ Eu, se passasse na rua e te olhasse, ia te achar bonitinha...

_Bonitinha? Bonitinha é feia arrumada! _ consertou.

_Eu ia te achar linda. _ corrigi. _ A mulher mais gostosa de todo o universo já antes vista nas galáxias mais remotas!

_Não precisa também me comparar aos ETs!

_Eu ia admirar sua beleza, mas não ia me aproximar de você. Imagina? Você é um bebê! _envolvi-a com meus braços e lhe beijei o pescoço.

_Mas você bem que gosta do que os “bebês” fazem!

_Engraçadinha! Então, eu ficaria de longe, não cogitaria a possibilidade de te seduzir. Eis que, loucamente, a vida me põe você dentro de casa e acabo descobrindo que preciso mais que tudo de estar ao seu lado.

_Ai, que lindo! _ beijou-me e manteve o sorriso aberto. _ Eu também preciso de você. _ encostou a cabeça junto ao meu peito e fechou os olhos.

Cobri-a com as cobertas e dormimos abraçados.

Li Mendi

29/10/07

Cap 62: Saída de emergência (Jeni)

As pessoas que se consideram importantes para a nossa história exigem que, no mínimo, lembremos delas. Negar-lhes isso é o maior desapontamento que se pode oferecer.

_Como não se lembra de mim, Jeni? A Priscila, sua amiga desde que chegou aqui, passamos tantas coisas juntas e...

Eu fechei a porta de casa e respirei fundo. Indiquei o sofá para que ela se sentasse.

_Me desculpe por eu não ter vindo antes, tive que viajar. Eu fui te visitar no hospital, mas você estava desacordada. Você não pense que eu me esqueci de você, de modo algum, eu...

_Priscila, está tudo bem. _ segurei sua mão. _ Eu não estou pensando nada. Na verdade, eu só quero não me sentir pressionada.

_Claro, desculpe... _ ela fechou os olhos e franziu a testa, percebendo que estava justamente fazendo isso. _ Com o tempo vai vir tudo à tona. Sem pressões. _ ela parou de falar e deu uma risada nervosa. Respirou profundamente suspendendo os ombros e depois os soltou sobre o peso do corpo. _ E como está tudo por aqui? E você e o Ruan? _ balançou meu braço com ar de excitação.

Eu fiquei sem saber o que falar. Ela me considerava, pelo visto, sua amiga mais íntima, enquanto eu parecia só conhecê-la por questão de minutos desde que entrara por aquela porta.

_Bem, bem. _ respondi.

_Bem? _ ela repetiu e me olhou longamente. _ Só tem isso a me dizer?

_Eu estou lembrando aos poucos... _ coloquei as mãos sobre os joelhos e depois estalei os dedos.

_Conta mais em detalhes, boba! _ deu-me um leve empurrão. _ Vocês dois já...

_... _ abaixei a cabeça e ri, timidamente.

_Uau! _ bateu palmas. _ Que ótimo!

Balancei a cabeça para os lados constrangida.

_Foi ótimo. _ disse-lhe.

_Fico feliz por você. Todos vimos como o Ruan ficou maluco. Coitado, dava dó.

_Ele é muito legal. Ontem...

_Continue.

Eu parei para pensar por que tive o impulso de dizer-lhe aquela confissão, mas deixei a razão de lado.

_Ontem, eu lembrei de muitas cenas nossas e, quando ele me beijou, eu esqueci de tudo, parecia estarmos juntos desde sempre.

_Que lindo! _ exclamou, enfaticamente, como a maior torcedora da minha felicidade.

A campainha tocou e eu pedi licença para atender.

_Claro! Vai lá. _ disse ela.

Levantei-me e abri a porta.

_Oi, minha filha! _ Elisa salpicou dois beijos molhados nas minhas bochechas.

_Oi. _ sorri-lhe, respeitosamente, mas sem entusiasmo. Minha opinião sobre ela, depois de tudo que Ruan havia me contado, era outra.

_Eu volto depois. _ Priscila deu-me um abraço e disse que repetiria a visita mais tarde.

Pedi-lhe desculpas e ela disse que não precisava, pois entendia perfeitamente.

_Está melhor? Lembrando-se de tudo? _ foi a primeira coisa que minha mãe me perguntou, já acomodada no sofá.

Tranquei a porta e sentei-me ao seu lado.

_Aos poucos. Tudo ótimo. _ acariciei minha barriga e minha mãe olhou fixamente para ela.

_Vejo que meu neto está se desenvolvendo muito bem. E você, está se arranjando com o pai dele?

_Como nunca. _ respondi, não deixaria que me provocasse mais qualquer dúvida contra Ruan.

_Ora, ora, vemos aqui uma família perfeita.

_Não precisa ser irônica. _ pedi, surpreendendo-a.

_Eu não fui irônica! Longe disso. Como pode pensar...?

_Mãe, eu não sei onde quer chegar. _ interrompi-a.

_Como assim? Sou eu que não estou entendendo. _ fez-se de desentendida.

_Até quando você ficará torcendo que as vidas das pessoas dêem errado para justificar suas frustrações?

_Eu não torço por isso, Jeni. Você está sendo muito injusta comigo.

_Mãe, eu estou feliz. _ disse-lhe. _ Estou bem, tenho um marido incrível, aqui dentro de mim, meu bebê, moro em um lar quente e aconchegante. E você? O que tem a dizer sobre si?

_A vida não foi boa comigo, Jeni.

_Não é verdade. Não culpe a vida. Somos nós que não sabemos aproveitar o que ela tem a nos oferecer, querendo sempre mais e mais.

_Fala isso porque, como disse, tem um marido, um filho, uma casa e um lar.

_Mas você teve o Ruan em suas mãos.

_Não era esse Ruan que você conhece. _ acrescentou.

_Exato, você quis que ele fosse o Ruan de hoje. Não soube esperar para que crescesse e se tornasse maduro. Não lhe deu a chance de te mostrar que era capaz de mudar. Você queria alguém completo naquele momento. Acabou que não ficou nem com uma coisa, nem outra. Pior, você destruiu a vida dele! O cara chegou ao ponto de pensar em acabar consigo mesmo!

_Jeni, você ainda tem muito o que aprender.

_Pode ser que eu ainda tenha muito o que aprender. Mas, certas coisas não precisamos viver para enxergarmos que são certas ou erradas. Você sempre quis algo maior. Conseguiu viver por algum tempo com um homem muito digno que era meu padrasto. E o que fez? Você o abandonou. Por quê? Ele só podia te dar aquele soldo que não era tão alto assim, te prover uma casa simples e uma vida modesta. Era pouco para você porque nunca soube transformar o que tem em algo que te fizesse feliz.

_Eu não gostava tanto dele assim.

_Desculpas, sempre desculpas para si mesma. Você teve a chance de ficar com Ruan pela segunda vez e o que fez? Você o usou, não contou que estava traindo seu marido. Meteu os pés pelas mãos. Nisso tudo, eu só posso chegar a uma conclusão, enquanto ele amadureceu, você parou no tempo ou, quem sabe, regrediu.

_Eu não vim aqui para ouvir esse tipo de coisa.

_A verdade? Poucas pessoas são capazes de nos apontar o melhor caminho. Elas preferem fazer “hum-hum”, “ãnh-hã”, enquanto estamos contando nossos conflitos porque estão fazendo ouvidos surdos e pensando em si mesmas. Está na hora de achar a saída de emergência para se salvar.

_Eu vou tentar pensar nisso.

_Eu não escolhi o Ruan. _ disse-lhe. _ Eu não o procurei para me vingar de você e um dia esfregar minha aliança, meu filho e minha casa na sua cara. Foi uma grande ironia do destino, mas posso dizer que foi o melhor rumo que poderia tomar. Hoje, sou muito feliz porque as poucas lembranças que tenho já me fazem sentir que valeu a pena. Faça alguma coisa valer a pena para você também. Está na hora de parar de incensar a felicidade dos outros. Não podemos colocar a história alheia em um altar e ficar rendendo adorações a uma existência de perfeição idílica. É

uma grande ilusão pensar que não temos problemas. Eu tenho um monte. Eu tive que trancar minha faculdade, vou precisar repetir nas matérias porque não pude concluir. Eu enfrentarei por muito tempo preconceitos de diferença de idade quando estiver com Ruan entre pessoas desconhecidas. Eu preciso enfrentar a saudade dele quando tem que viajar. São mil razões para não achar que é perfeito! Mesmo assim, as pessoas admiram. Só que elas não admiram a ausência de dificuldades, pelo contrário, querem o mesmo para si pela força de superação que temos. Essa força cheia de energia que os invejosos ficam ao redor sugando.

_Eu nunca tive inveja de você. _ tomou o exemplo para si, vestindo a carapuça.

_Não me importa que sentimento guarde por nós, eu só queria que nos deixasse quietos, vivendo nossas vidas. Espero que siga a sua e que seja feliz. Não estou te abandonando como fez comigo um dia. Estou preservando a distância necessária para se manter o mínimo respeito.

_Eu já entendi tudo. _ ela levantou-se e me deu um beijo no topo da cabeça.

Fechei a porta. Ouvi a voz da minha sogra na entrada da sala. Parece que estava ali o tempo todo escutando nossa conversa.

_Eu posso dizer que tenho orgulho da mãe que vai ter o meu neto. _ caminhou até mim e me deu um delicado tapinha no rosto. _ Você é uma gracinha mesmo. Que tal fazermos um café e comermos um pedaço de bolo quentinho que acabei de fazer?

_Eu acho que nós dois vamos gostar muito, não é, filhão? _ acariciei a barriga.

Fomos para a cozinha e eu abri o armário para tirar o pó de café e ajudá-la na preparação do nosso lanche.

_Que caixa é essa? _ perguntei, vendo uma caixa de madeira com um cadeado numerado.

Li Mendi

Cap 63: Tudo de volta ao normal... ou quase tudo (Ruan)

Atendi o telefone celular. Minha mãe sabia que não deveria ligar para o meu trabalho se a coisa não fosse realmente urgente.

_Oi. Fala.

_Ruan, a Jeni não me parece muito bem.

_O que houve?

_Ela achou aquela caixa no armário e perguntou o que era.

A caixa com a arma!

_O que a senhora falou para ela?

_Eu contei que você guardava a arma ali e não sei o que deu nela, saiu da cozinha e foi para o quarto. Começou a revirar as gavetas, o computador, tudo...

_Ela deve ter se lembrado.

_Pode ser, não quis me responder, me pediu para deixa-la sozinha.

_Mãe, eu daqui a pouco chego aí... _ olhei o relógio no pulso. _ O expediente não vai demorar muito para acabar.

_Claro. E o que eu faço enquanto isso?

_Onde ela está agora?

_No quarto, como lhe falei, e está chorando.

_Droga... _ senti-me impotente diante daquela situação.

_Ei, espere, ela entrou no banheiro. Pelo barulho do chuveiro, está tomando banho.

_Não faz nada. Deixe ela quieta que eu vou sair daqui voando.

_Tudo bem. Eu só fiquei preocupada com o bebê, ela não pode ficar nervosa.

_Não pode mesmo! _ concordei e desliguei o telefone.

Se alguma coisa tinha disparado a memória de Jeni, ela certamente devia estar em parafuso. Preparei-me para o pior e cheguei em casa afoito, com o coração na mão de tanta preocupação. Estava também um pouco inseguro de que não ficássemos bem. Ela tinha um humor tão oscilante que nada me surpreendia mais.

Encontrei minha mãe vendo a novela das sete, quando abri a porta da sala.

_Cadê a Jeni? _ deixei a pasta e as chaves do carro na mesa.

_Está lá na varanda dos fundos, sentada.

Eu caminhei pelo corredor, atravessei a cozinha e parei na soleira da porta. Podia vê-la dali na cadeira de balanço feita de fibras de plástico entrelaçadas. Ela gostava de ficar nela desde que a compramos em uma feira. A luz fraca e amarelada da varanda, junto com a quietude e o silêncio da noite só irrompido por um grilo escondido em algum lugar próximo formavam um cenário de quadro antigo, rupestre.

_Jeni? _chamei-a.

Ela assustou-se e virou o rosto para trás, tinha o cabelo molhado e estava com um vestido branco de alças comprido.

_Ruan. _ ela levantou-se e sorriu.

Não entendi nada, pensei que a encontraria em prantos e estava com um brilho diferente nos olhos. Eles cintilavam de emoção, mas uma emoção feliz, exultante.

Correu para mim e me abraçou. Eu, inteiro, era um ponto de interrogação. Afastei seu rosto do meu peito para verificá-lo melhor.

_Eu te amo. _ disse-me. _ Eu te amo. _ sorriu. _ Eu te amo muito. _ repetiu rindo alto e segurando meu rosto com as duas mãos como se há muito tempo não me visse.

_Você lembrou do que faltava.

_Lembrei. _ fez um sinal positivo com a cabeça.

_Jeni, é você agora, completa. _ ri também, me sentindo um bobo, mas um bobo feliz. _ Eu também te amo! _ beijei-a com vontade.

_Ruan, eu te amo duplamente agora por tudo que fez por mim. Me desculpe por não ter lembrado, me desculpe quando te disse que não gostava de você, era mentira...

_Não diz nada. _ silencieei sua boca com meu polegar. _ Não importa, não era verdade, eu sabia. Vem comigo... _ puxei-a pela mão até a sala e chamei minha mãe.

_Que foi?

_Ela se lembrou de tudo, mãe! _ contei-lhe para que não ficasse tão aflita quanto estava ao me ligar. _ Agora é a minha Jeni. _ abracei minha linda garota por trás e beijei-lhe os lábios quando virou o rosto para mim.

_Vocês dois vão ser muito felizes ainda. _ minha mãe tocou no meu queixo e no da Jeni.

_Sempre fomos. _ Jeni disse. _Desde que conheci seu filho maravilhoso que sou feliz. _ ela pôs suas mãos sobre os meus braços que envolviam sua barriga.

_Viu como eu sou ótimo, mãe?

_Não ligue, Jeni, ele é um convencido. _ minha mãe balançou a cabeça para os lados e foi para a cozinha com a desculpa de que ia esquentar o jantar, mas sei que era para me deixar a sós com Jeni.

_Eu quero aproveitar tudo ao seu lado. _ Jeni virou-se de frente para mim e acariciou meu rosto e meu cabelo, sentindo-me pelo tato, queria tocar nos braços, nos ombros para acreditar que era ainda tão real quando o tempo parara na sua memória.

_Eu vou tomar um banho. _ disse-lhe ao ouvido. _ Depois comer alguma coisa porque estou com uma fome de leão e...

Ela riu antes mesmo que eu pudesse terminar.

_... depois o leão aqui vai querer ser muito bem cuidado.

_Tá bom, vai lá leãozinho. _ ela riu.

Eu me enfiei debaixo do chuveiro e me senti exultante de felicidade. Mal podia esperar para curtir o resto da noite ao lado da minha linda e maravilhosa mulher.

_Ruan! _ ouvi um grito aflito de Jeni.

Fechei o chuveiro para parar o barulho da água caindo. Senti os pingos escorrendo pelo meu rosto.

_Ruan! Ruan! _ era a voz da minha mãe agora, surrando a porta. _ A Jeni...

Eu abri a porta do box e me enrolei na toalha assustado.

_O que está acontecendo? _ falei antes de virar a maçaneta da porta.

Li Mendi